

DICIONÁRIO
IMPERFEITO

OPERA
OMNIA

AGVSTINA 

V

Vocação.

Eu tenho só uma [vocação], que é escrever. Usar a palavra, dar-lhe vida, confiar nela para que nela vejam verdades poderosas, como a de sermos destinados a coisas maravilhosas.

Falar no maravilhoso, hoje em dia, é um risco muito grande. Que digo eu? Um risco, não; uma espécie de loucura. Sejamos loucos quando os sensatos falham, e vamos pensando como encarar o maravilhoso.

[in DICIONÁRIO IMPERFEITO *Vocação*, AGUSTINA BESSA-LUÍS]

OPERA OMNIA

GUIMARÃES EDITORES
LISBOA



AGUSTINA 

OPERA
OMNIA

DICIONÁRIO
IMPERFEITO



AGUSTINA
BESSA-LUÍS

[na primeira pessoa]

OPERA OMNIA

DICIONÁRIO
IMPERFEITO



Com o presente volume inicia-se a publicação da *Opera Omnia* de Agustina Bessa-Luís, a que não será alheia uma “estética da incompletude”, como recentemente referiu Aniello Angelo Avella, por ocasião do doutoramento *honoris causa* concedido em Roma à *nossa* escritora pela Universidade “Tor Vergata”.

Os volumes que se lhe seguem constituirão a sua edição *ne varietur*.

DICIONÁRIO
IMPERFEITO



A. Kim '73

AGUSTINA BESSA-LUÍS

DICIONÁRIO IMPERFEITO

Seleção e Organização

MANUEL VIEIRA DA CRUZ

LUÍS ABEL FERREIRA

GUIMARÃES EDITORES

LISBOA

© Agustina Bessa-Luís
© Guimarães Editores, S.A.
Rua da Misericórdia, 68
1200-273 Lisboa
Impresso em Portugal

NOTA EDITORIAL

*¡No la toques ya más,
que así es la rosa!*

JUAN RAMÓN JIMÉNEZ

Este *Dicionário* surgiu de uma ideia de Alberto Luís e de um desafio recente de Paulo Teixeira Pinto e Miguel Freitas da Costa. Para concretizar o projecto, procurámos ideias-chave, figuras, trechos significativos na Obra de Agustina Bessa-Luís; uma vez identificados, foram recortados, agrupados, unidos, recorrendo-se aqui e ali à *colagem* (sobre esta técnica, cf. respectiva entrada neste *Dicionário*); depois de (devida ou indevidamente) rotulados, foram, por fim, ordenados alfabeticamente. O campo de pesquisa – um conjunto de pastas com textos dispersos e ocasionais, abundantes dactiloscritos de várias épocas (artigos, crónicas, alocações, conferências), alguns recortes de jornal – foi bastante limitado, se o considerarmos no imenso quadro da produção da Autora. Limitado, também, por excluir a ficção, que avulta em mais de seis décadas de intensa vida literária e já dera origem a outra antologia (*Aforismos*). Relativamente estreito foi, ainda, o período de prospecção, selecção, organização...

Imperfeito, o presente dicionário poderá – assim esperamos – proporcionar uma iniciação sugestiva à Obra sempre surpreendente de uma das grandes figuras da nossa Literatura; já aos leitores habituais de Agustina decerto não oferecerá surpresa, antes o prazer do reencontro com alguns

dos temas, motivos e ambientes que os cativaram, com o estilo inconfundível, a musicalidade – ou a toada – que evoca Camilo, Dostoievski ou Baltasar Gracián, com a escrita e o pensamento onde se reconhecem os traços do génio.

O mérito, obviamente, não é nosso. Antes de mais, queremos testemunhar o nosso reconhecimento a Alberto Luís. São também credores da nossa gratidão, mas em nada responsáveis pela imperfeição deste trabalho, os primeiros leitores das suas primeiras versões: Ana Cabral da Camara, António Barahona, Diogo Morais Barbosa, João Bigotte Chorão, José Carlos Seabra Pereira, Maria de Guadalupe e Aníbal Vieira da Cruz, Maria Rita Aranha Lobo Xavier, Margarida Palma, Nuno Peres Alves, Rosa M. Vieira da Cruz, Victor Santos Carvalho.

Com o presente volume inicia-se a publicação da «Opera Omnia» de Agustina Bessa-Luís, a que não será alheia uma «estética da incompletude», como recentemente referiu Aniello Angelo Avella, por ocasião do doutoramento *honoris causa* concedido à *nossa* escritora pela Universidade ‘Tor Vergata’, de Roma. Os volumes que se lhe seguem constituirão a sua edição *ne varietur*.

MVC / LAF

DICIONÁRIO
IMPERFEITO

A

Adaptação.

Os observadores estrangeiros maravilham-se de que Portugal resista à crise política e económica com tal poder de adaptação. Há nos Portugueses uma sinceridade para com o imediato que desconcerta o panorama que transcende o imediato. O infinito é o que eu situo – dizem. E assim vivem. Protegidos talvez por essa condição de afecto pelas coisas, pelos seus próprios delitos, que não consideram dramáticos, só ao jeito das necessidades. De resto – quem se apresenta a salvar-nos que não esteja suspeitamente indignado? Os que muito se formalizam muito escondem; os que acusam demasiado privam-se de ser leais consigo próprios. O país não precisa de quem diga o que está errado; precisa de quem saiba o que está certo.

*

Portugal é um dos países com mais poder de adaptação. Resulta isso da influência que tem na sociedade o factor feminino, para quem o homem se destinava a obter uma boa situação. Noventa por cento das viúvas de tipo latino, ao exprimirem a dor da perda do seu companheiro, modelo de pai e de marido, não se esquecem de referir que a sua perda é tanto mais triste quanto ele acabava de obter uma boa situação. No casamento, a mulher era uma funcionária do destino conjugal, encarregada de favorecer o tempo do ganha-pão que era desempenhado pelo homem. Em cinquenta anos as coisas mudaram quase radicalmente. A mulher também está sujeita à prova do ganha-pão e, como o homem em tempos, formula a sua vida a partir duma carreira que tem em vista a boa situação. À medida que se desmoraliza a ideia de que o homem se liberta pelo trabalho e mostra o seu domínio sobre a natureza,

aumenta a necessidade de deixar espaço à mulher como contribuidora nesse espaço imperfeito da existência, que é o trabalho. Dentro de cem ou duzentos anos, a mulher ocupará todos os postos de trabalho que eram uma declaração de honra dos homens. A justiça, a saúde, a educação serão áreas das mulheres e áreas exclusivas. Não creio que o homem deseje trabalhar em conjunto com as mulheres, sobretudo em sistema de igualdade. A igualdade, no seu conceito ético, não tem nada de heróico, e para o homem o princípio heróico da existência continua a ser respeitável.

Aforismos.

O autêntico aforismo não é uma arte – é uma espécie de pastorícia cultural. Não está destinado a divertir nem a chocar as pessoas, mas, acima de tudo, propõe-se transmitir uma orientação. É uma lição, e não o pretexto para uma pirueta.

O aforismo deve ser a última colheita do uso da vida, e não uma impertinência ou uma afronta. Mas acontece que um coração novo encontra na rebelião uma força que se assemelha à sabedoria e que provém do desprendimento das coisas que ele não amou ainda; enquanto que aquele que muito conheceu o mundo, uma vez liberto, encontra-se, além de desamarrado das suas paixões, menos apressado no julgamento. O sábio é o homem que amou tanto a casa em festa como a casa em luto, e o fim e o princípio de todas as coisas. No momento da reflexão, ele pensa que o melhor da terra é não sabermos o futuro que nos está destinado; e, no dia alegre, goza de alegria. Esta condição da alegria não produzirá nunca o falso aforismo, que é apenas um excitante e um divertimento. Goza de alegria o que não encontra no mundo atractivo maior do que a virtude desconhecida.

Agradar.

É extraordinário como nos tornamos violentos quando queremos agradar ao mundo.

Agradar ao mundo resume o comportamento da sociedade nos seus aspectos mais retóricos.

Água.

Chegou o momento em que a própria chuva é menos que uma bênção, é uma condutora mais de doenças relacionadas com a água. As nossas estríduladas cantigas minhotas, originadas na imploração da chuva, perdem o seu significado ritual. E, no entanto, é possível que a pureza da água se torne facultativa, se o homem adquirir uma imunidade conveniente a todos esses micro-organismos patogénicos que se propõem proliferar a despeito de toda a técnica despendida e de todas as campanhas desenvolvidas para os destruir. Resta uma última provocação: a água há-de tornar-se rara. Só nalgum lugar perdido da Irlanda as fadas se banharão com o orvalho, pequenos seres para quem uma tina se constitui num lírio selvagem.

*

A água tornou-se numa droga. Se ferve e lhe mistura o tempero do sal, pula como se o diabo retouçasse dentro. Isto, além de perigoso, é sinistro. A água do caldo, se não querem dizer a água que se bebe, é altamente adicionada de cloro; não sei em que proporções, mas parece coisa explosiva. Os peixes dos tanques fazem-se brancos, ao nadar na água da Companhia. A nós, o que nos acontece, não sei; mas é de supor que vamos perder pigmento e criar uma geração de albinos, o que não é justo para com a tradição mourisca.

A água foi-se degradando e, de salobra e salgada, tornou-se objecto de alquimia. Não sabemos o que bebemos, o que usamos, o que nos corre nas veias, o que compõe setenta e cinco por cento do nosso corpo. Água não é. É uma fórmula, mas diferente daquela que nos liceus consta na sua recordável brevidade. Significa operação de alto risco pedir um copo de água. Por isso tão vertiginosos anúncios ao álcool e a beberagens de toda a espécie. As montras de qualquer pequena mercearia estão cobertas de garrafas e frascos, e botijas de líquidos que têm decerto, por terrível e secreta composição, a água. Não é o *gin* que mata, nem a aguardente de arroz ou de cevada que comete crimes. Não é o sumo de uva que produz a loucura; nem a *tequilla* e o rum que fazem ver elefantes cor-de-rosa. É a água o que ameaça tornar-se um inimigo público, que

nos invade as células e cultiva uma ascite ou um pulmão capazes de competir com a Fonte de Trevi, de Roma, se as nossas entranhas fossem delfins e sereias.

A água envergonha-nos, depois de nos envenenar. Imagino que, além do mais, com isto de purificar a água, a contaminam e sujam. É preciso lembrar aquele que diz que «uma civilização começa a decair a partir do momento em que a Vida se converte na sua única obsessão». Estamos a morrer do que desinfecta e não daquilo que produz a doença.

Agustina por Agustina.

Eu não dou sossego a quem me ouve, não deixo que parem no dia santo, porque ponho pedra firme até na água e projecto na criança de mama, e pingo de azeite na porta perra, e juízo no louco que se faz desentendido e diz: «Isto não é comigo.»

*

Não sou vaidosa. Sou contente, sou feliz e agradecida dos meus dotes de coração, dos meus talentos, da luz dos meus olhos, da saúde física, do vigor moral. Bens momentâneos – bem o sei. Valores falíveis e facilmente dispersos no tempo. Mas é nesta alegria, nesta exaltação vital, que está o meu cântico à vida – humano e, contudo, esplêndido, divino e, contudo, humilde.

*

Eu não sou justa, ajuízo as coisas. Eu e a justiça somos pura coincidência; o facto de isto se repetir faz talvez o prodígio, mas não a certeza.

*

Nunca me senti cansada a descrever o humano, precisamente porque participo de tudo o que é humano. Nunca me senti marcada, em misteriosa contradição com o comum dos outros, nunca experimentei o sentimento de estar à parte, de estar isolada. Eu consigo participar da despreocupação dos momentos vividos, e posso revelá-los pela palavra, sem que eles se alterem e se intensifiquem pela observação.

*

A minha obra é portuguesa, constituída por sentimento e gente portugueses até à medula.

*

Tudo o que eu escrevo se destina a interessar as pessoas na sua própria entidade. Daí, muitas vezes, ela ter um efeito devastador, a obra e a pessoa que a produz. Sobretudo a pessoa, devo dizer. Eu desmarco os outros da rotina, espanto a manada. Depois os efeitos são maravilhosos, combinam com a imortalidade.

*

Se eu não sou poética, apesar de dizerem que sou, cada vez com mais veemência e singular teimosia sei descobrir nas coisas comuns uma directa via que as leva ao coração, que as torna capazes de serem mais doces do que a lírica mais melodiosa.

*

Não quero como assunto nada de extravagante, mesmo com timbre de lírico. Não quero brilhar, nem convencer, coisa que os poetas querem muitas vezes. Quero ser sóbria de palavras, constante de gratidão, verídica de fidelidade para quem confia em mim.

*

Para mim é fácil ser verdadeira quanto à minha insinceridade.

Alma dos lugares.

Cada terra é fechada como uma noz verde, e não se pode alcançar o seu mistério tão simplesmente. Digo isto porque toda a gente pensa que Portugal inteiro é a mesma coisa. Que não há diferenças. Mas há, e muitas. Até o falar é diferente de lugar para lugar. Até o sol aquece menos num ponto da terra que noutra, e a água tem variados sabores nas levadas do Marão, na Serra do Gerês. Só a gente leviana entra numa cidade como Amarante e começa a falar como se fosse íntima e como se soubesse tudo. A alma dos lugares não é superficial, é única e distante. Eu não me atrevia a chegar com um braçado de opiniões, e partir descansada sobre a impressão que deixava ficar. É preciso ser discreto para ser recebido como irmão.

*

O espírito é sensível ao seu carácter nacional, que para a Inglaterra é o carácter puritano, para a França o revolucionário, para a Espanha o duma visão cavalheiresca da existência. A Espanha é o país da Europa onde os princípios que derivam da antiga cavalaria mais perduram ainda.

Amadeo de Souza-Cardoso.

Não me estranha que, do vale de Travanca, tão cercado por nevoeiros, mergulhado numa sensibilidade regional e pouco interessante, saísse um dia Souza-Cardoso para aderir ao *Manifesto Futurista*. Entendeu rapidamente que a carroçaria dum *Bugatti* valia tanto como a *Vénus de Milo*. Possivelmente não era muito brilhante, muito inteligente, muito culto. Mas tinha uma natureza voltada para a acção imediata – um anti-romântico, o contrário dum anémico. O impulso para a conformidade não operava nele de maneira suficiente para que ficasse submetido aos sentimentos da colectividade e aos seus costumes. O que Souza-Cardoso pintou tem menos significado esteticamente do que o movimento que transcendeu uma educação, a tradição, em suma. Era um homem poderoso sem ansiedades místicas ou políticas, pronto a desembaraçar-se do ritual obsessivo da tradição. Provavelmente, quando voltou ao lar e se deixou arrastar pelo «nacionalismo» provinciano, a anemia atingiu-o. Morreu como morriam as parturientes, de pneumónica. Teve decerto a noção das profundas mudanças do seu tempo, e não resistiu a deixar-se integrar nos costumes de grupo, casando, indo a banhos e morrendo duma banal epidemia.

Em geral fala-se da obra de Souza-Cardoso e não dele, como pessoa em busca de novos estados de equilíbrio. Penso nele com emoção, sobretudo se o vejo nesses lugares de nascimento onde eu própria nasci. Tão eventuais e sossegados, onde não parece mexer uma folha sem o precedente doutra folha que mexe. E, de repente, o salto compacto e desmesurado, aquele olhar para o interior de si mesmo como para o estranho mais consumado. Força enorme de avaliar as condições tradicionais em contradição com as condi-

ções actuais. Disso sai a revolução dos costumes, a obra de arte e o delgado fio que nos liga à felicidade.

Amar.

Nós, as mulheres, o que nos faz amar um homem é aparentá-lo com tudo o que amamos – o tempo da crise, da puberdade, da gestação, do enigma; os primeiros rostos, as primeiras carícias, os primeiros medos.

*

O viver multipolar entre o que se ama e o que nos comove, alimenta a vontade de sermos nós próprios sem afectar o amor do próximo.

Amizade.

A melhor prova duma real amizade está em evitar os compromissos entre aqueles que se estimam. Ainda que devendo muito aos que muito me louvam, eu não quero ser-lhes obrigada pela gratidão. Mas sim grata porque estou com eles, devido a circunstâncias que a todos nós agradam e são um laço mais entre nós, sem constituírem um dever. Eu pretendo dizer da amizade o que Diógenes dizia do dinheiro: que ele o reavia dos seus amigos, e não que o pedia. Pois aquilo que os outros têm pelo sentimento comum não se pede, é património comum. Neste caso, a amizade.

*

Quando me sugerem ou pedem para falar dos amigos mortos, pergunto se é justo dar auditório aos sentimentos e ao mistério da convivência humana. Há alguma grosseria em solicitar dos admiradores essa forma de incivilidade que é ter ideias sobre os nossos amigos. A amizade exige a cortesia. Não é como o amor, que, pela sua áurea mudança, se adapta à confiança e ao desembaraço narrativo. A amizade obedece à disciplina, e por isso digo que a cortesia lhe deve muito.

Amor.

O amor é o invisível no habitual.

*

O fenómeno mais herético é o amor. Ele não é bem recebido nem tolerado porque é uma força sem desistência e que não se revoga a si mesma.

*

O amor, em todas as suas confissões, tornou-se um texto verdadeiramente enfadonho, porque se tornou num conteúdo demasiado fictício a que falta a função, ou seja, o desejo e o sentimento. Ao celebrar-se a mística das coisas, perde-se o contacto com o objecto real, o ser humano, em suma.

Andar a pé.

Uma das coisas mais gratas ao estado pensante é o andar a pé no meio da gente. A fácil e sumária realidade que nos é contada através da janela dum automóvel induz-nos a uma depreciação sistemática dos factos. A figura e a imagem das coisas ficam reduzidas à sua percepção; e não entram no recinto próprio da distinção que, essa, é obra do conhecimento.

*

Quando perdemos o gosto da multidão é porque estamos velhos. Quando não achamos graça em andar a pé na rua, por atropelada que ela esteja, e até suja, e até povoada de gente suspeita, então é porque não pertencemos já ao número dos vivos. Isso pode acontecer em idade muito tenra, quando ainda usamos bibe e brincamos com bonecas. Há monstrosinhos de seis anos, que não consentem outra coisa senão o automóvel e crescem no isolamento sumário do seu pequeno privilégio.

Animais.

Eles são a medida da nossa paz com o mundo criado; eles são um dado de consolação porque não mudam para como quem tanto muda como nós, os humanos.

*

O amor dos animais contém muito da desaprovação pelos seres humanos e é próprio dum melindroso estado de revolta que não encontrou a sua linguagem.

Anjos.

Os mais insuspeitos chegam ao seu trono com as mãos a sangrar de tanto vencer precipícios.

Anonimato.

O maravilhoso espaço do anonimato, que não obriga a desgaste banal de energias, pertence ainda ao feminino. Não por muito tempo, se as mulheres insistirem em se incluírem na pedante cópia informe da vida cómoda que é a afectação da virilidade, da técnica e do controlo da natureza.

Aparências.

Não sei o que acontecerá quando formos todos funcionários aureolados pela organização de aparências que acentua a satisfação dos privilégios. A aparência vai tomando conta até da vida privada das pessoas. Não importa ter uma existência nula, desde que se tenha uma aparência de apropriação dos bens de consumo mais altamente valorizados. Há de facto um novo proletariado preparado para passar por emancipação e conquistas do século. As bestas de carga carregam agora com a verdade corrente que é o humanismo em foco – a caricatura do humano e do seu significado.

Aquilino Ribeiro.

Sempre ouvi dizer que a prosa de Aquilino é rebuscada e, por isso, intraduzível. É uma prosa como uma caligrafia, triste na sua escorreita forma e na sua impecabilidade. Eu imagino Aquilino Ribeiro sentado à sua mesa de trabalho, pondo na escrita um primor que o distraia de pensamentos melancólicos e até cruéis. Imagino-o como um homem de grande dignidade, que são os homens que produzem uma obra para não ter que se descrever a si próprios, em voz alta e na praça pública.

O que é intraduzível em Aquilino não são os termos que usa; é a sua realidade como homem e como versão de homem de muitas paixões e de muitas combatividades.

Aristocracia.

Se é realmente o que promete o seu nome, ou seja, o domínio dos melhores, ela é a expressão mais adequada da desigualdade real entre os homens, porque conduz à assimilação dos conteúdos da sabedoria e da justiça, que são valores interiores próprios da ordem aristocrática no sentido puro, e que nunca podem ter como expressão exterior a ostentação dum pedante.

Arquitectura.

O arquitecto é uma espécie de sacerdote no processo da criação evolutiva. Sociedade, natureza, arte e filosofia reúnem-se na consagração dos materiais que servem o homem, como o corpo e o sangue o integram, exprimindo-o como espírito.

Arte.

A arte é, provavelmente, uma experiência inútil; como a «paixão inútil» em que cristaliza o homem. Mas inútil apenas como tragédia de que a humanidade beneficie; porque a arte é a menos trágica das ocupações, porque isso não envolve uma moral objectiva. Mas se todos os artistas da terra parassem durante umas horas, deixassem de produzir uma ideia, um quadro, uma nota de música, fazia-se um deserto extraordinário. Acreditem que os teares paravam, também, e as fábricas; as gares ficavam estranhamente vazias, as mulheres emudeciam. A arte é, no entanto, uma coisa explosiva. Houve, e há decerto em qualquer lugar da terra, pessoas que se dedicam à experiência inútil que é a arte, pessoas como Virgílio, por exemplo, e que sabem que o seu silêncio pode ser mortal. Se os poetas se calassem subitamente e só ficasse no ar o ruído dos motores, porque até o vento se calava no fundo dos vales, penso que até as guerras se iam extinguindo, sem derrota e sem vitória, com a mansidão das coisas estéreis. O laço da ficção, que gera a expectativa, é mais forte do que todas as realidades acumuláveis. Se ele se quebra, o equilíbrio entre os seres sofre grave prejuízo.

Arte comprometida.

A arte não pode ser política, nem sujeição social, nem glosa duma ideia que faz época; nem mesmo pode estar de qualquer forma aliada ao conceito «progresso». É algo mais. É o próprio alento humano para lá da morte de todas as quimeras, da fadiga de todas as perguntas sem solução.

Artes plásticas.

O traço original que o primeiro homem riscou no tecto ou na parede da sua caverna; na abóbada granítica que tinha perto e que, ao acordar, à luz amarela da resina ou do sebo, criava na sua alma mil formas conscientes: o bisonte dobrando o joelho no esforço da corrida, ou o lobo espreguiçando a carcaça famélica. Quem viveu um dia nos casões velhos de férias, onde tudo tinha uma realidade utilizada pela imaginação como um material de transformação, onde as próprias nuvens participavam da aventura que é a arte, como objecto preexistente mas não perfeitas na sua invenção (porque a invenção que sempre se sucede e reanima, essa é a perfeição), sabe o que é a primeira tela, o primeiro quadro. Ele acontece nesse despertar brusco e que avança sobre o tempo, percebendo as coisas como uma colagem no tempo. O olhar ainda vazio do novo dia faz-nos perceber, a partir de fendas e manchas no reboco antigo, uma vibração que é a essência da arte plástica. Rios e campos, astros radiantes, flutuações, fumos, tudo o que não exprime reflexão e que confina com os reflexos, estão lá.

*

O universo psíquico dos homens funciona em camadas sobrepostas, das quais as mais profundas são extremamente perigosas. As belas-artes, quando tomadas como um consumo estético, deixam respirar o sintoma neurótico primitivo, e com ele a experiência da guerra. Há uma brutalidade, pronta a ser admirada, num instrumento de difusão da arte ao qual se retira automaticamente a noção de obra individualmente criada e de competência, e de acordo pessoal com as musas.

Artista.

A grandeza dum espírito está na pluralidade e plenitude da sua sensibilidade. Todo o vasto espírito é sempre um tanto santo e outro tanto demoníaco. Todo o artista exagera ou dilui, aviva ou simplifica.

Árvores.

Famosas em todas as paisagens e em todas as artes, modelos que nunca se queixam. Ai do artista que não pinta árvores! Ele está próximo da loucura. Como Dostoievski, que nunca as contempla nem se lhes refere. Até Benjamin Franklin reparou nas árvores, nem que fosse senão para notar que os objectos pontiagudos repelem e atraem descargas eléctricas. [...] Que é preciso observar as árvores, já nos disse Daniel, que salvou a casta Susana da morte. Pois, ao trocarem os nomes das árvores debaixo das quais ela teria recebido o seu jovem visitante, eles se condenaram. Quem porfia na maldade torna-se cego para a botânica. Esta é a moral da história. Vamos olhar as árvores e moderar o coração para as coisas que nos pedem injustiças.

Automatismo.

Não há automatismo puro, em arte. Os conflitos e as cintilações do inconsciente produzem uma objectividade que parece desdenhar de toda a organização mental. Mas a consciência é a região nobre do automatismo, visto que o inconsciente não tem escrita nem linguagem, excepto a histeria e o seu processo.

Automóvel.

Esquife de pequenos soberanos ambulantes que pretende produzir a alegoria no seu isolamento e na sua proeza veloz.

Autor.

O autor é um sintoma. Ele reflecte as condições políticas e sociais do seu tempo, isso é coisa sabida e repetida constantemente. Desde o pequeno xamã que pinta à luz dum archote o bisonte e a corça,

na parede duma gruta, até à concepção da *Guernica*, nos téticos estertores dum traço eloquente e sagrado, tudo pertence ao mesmo movimento, sintoma da raça humana em crise; exprime o arrepio estranho dos grandes espíritos em rebelião ou submissão, na alteridade da sua experiência.

Autoridade.

O índio brasileiro, o tipo humano menos adaptado a uma civilização autoridade-trabalho, não compreende uma ordem. Compreende apenas a necessidade; a ordem nunca é assimilada, porque a mente não está preparada para a relacionar com a necessidade. Nós deparamos com esse comportamento, já sofisticado, na sociedade evoluída, nos estratos mais jovens da sociedade: a autoridade, mesmo quando apercebida como perfusão da compensação, tornou-se incompreensível. Não é a razão que a subverte, é a mente que a recusa. É isto acontece porque a autoridade não interpreta uma necessidade. A crise cultural tem aí o seu estímulo mais exigente. Simboliza-se uma necessidade, mas não se simboliza uma carência. As sociedades em estado de miserabilismo não possuem, por isso, uma cultura.

B

Barral.

O lugar do Barral era, em tempos idos, a morada de meus bisavós, de quem constava terem sangue inglês nas veias. Daí a pele clara e a melena tirante ao loiro ardente. Mas a minha avó era morena, fina e leve. Eram caseiros de grandes terras, com muitas filhas para casar, das quais poucas conheci, excepto a de Água-Levada, que era a mais nova. Tinha um aspecto poderoso, era grande e com um ar de deusa maia. Pelo menos foi a impressão que me deixou no dia em que a vi pela primeira e última vez, quando morreu a minha avó Justina.

Eu não notava que houvesse entre as pessoas da mesma família sentimentos muito intensos. Isso aconteceu depois com uma chamada à burguesia urbana e um escrúpulo de conhecimento dos próprios actos, sua origem e seu trajecto. Comportavam-se todos como se tivessem em mira fazer uma obra literária; e por isso era necessário anotar tudo e estar informado das consequências. A vida resultava pobre de sentido, devido ao profissionalismo de que era rodeada. Isto foi depois. Eu lembro-me das mulheres da minha família, que se podiam comparar à ama de Medeia. Sentada perto do lume, como elas, a ama falava, tendo decerto o lenço cruzado na boca, como parte duma viseira: «Entre os mortais não deviam formar-se senão amizades moderadas que não atingissem os abismos da alma; e os ternos elos do espírito deveriam ser o bastante frouxos para que se pudessem facilmente desatar ou apertar.»

Vivia-se com uma liberdade casta dessa maneira. Partiam as crianças que se faziam homens e não deixavam grandes solidões atrás delas. Era honroso que a vida os levasse aos seus destinos.

Nem por isso se amavam menos. Digam-no os lugares perlados de lágrimas que mal correram porque a consciência de vazio nunca existia.

O Barral lembra-me essa gente, austera e doce; amigável e distante. Poucos beijos, reverência muita. Ah!, que honesto viver sem demasiada exaltação e perguntas! Vinha um casamenteiro à porta e contava os seus achados: a pérola das noivas com o seu dote bem conversado, e ela nem arisca, nem triste, esperando o marido que Deus lhe designasse. Não dizia «eu amo-o», nem ele a ela. Sorriam um pouco, e a água do tanque, musical e prateada, respondia às suas ilusões; que as tinham, tão inocentes como sensatas, de acordo com o povo inteiro, que os abençoava.

Basilica de São Pedro.

À entrada do museu do Vaticano junta-se um povo garrido e que transpira enquanto espera a hora da entrada. Os muros da cidade do Vaticano levantam-se como falésias em volta do palácio, de que apenas se vêem os telhados; lá está a pequena chaminé cujo fumo branco anuncia a eleição dum novo papa, e pode ser vista da Praça de São Pedro enquanto nos aproximamos da basílica. As colunas elefantinas erguem-se em proporções mais tirânicas que majestosas, e dentro da nave imensa persiste a impressão de peso, de fausto um tanto grotesco, de carência espiritual. É uma igreja pagã, com os seus túmulos monstruosos, rodeados de querubins gigantes, duma cor de pão mal cozido. Poderíamos dançar lá dentro, que ninguém se aperceberia, poderíamos escalar os altos sarcófagos de pór-firo, que isso parecia apenas mais uma perversão da curiosidade. Tudo é vasto, luxuoso e sem grandeza; a própria *Pietà* de Miguel Ângelo parece comunicar-se dessa vulgaridade monumental, e fica quase desconhecida no seu altar, banhada duma luz seráfica e convencional. Canova e Bernini aqui tiveram a consagração que mereciam, esculpindo alegorias e dando largas ao seu fervor académico. Há demasiadas Justiças e Prudências sobre os túmulos, e as possantes mulheres romanas aqui deixaram as suas imagens carnudas e dum esplendor humano que os artistas converteram em modelos

de vacuidade. Reza-se missa num dos altares, um grupo assiste, de pé, com um ar mais surpreendido do que devoto, acrescentando esse privilégio às suas aquisições de viagem. O tabernáculo de bronze dourado brilha; a basílica é uma obra desoladora, onde a alma agitada dum crente não pode deixar de sofrer abalo; denuncia mais o culto dos valores terrenos no seu aglomerado de mármore, do que a vocação da eternidade. Moisés teria atravessado o deserto e nele vagueado durante quarenta anos, para afastar o seu povo de alguma coisa dissolvente e corrosiva como devia ser no Egito a política sacerdotal; e a basílica de São Pedro é do estilo que um condutor de almas não pode deixar de achar impróprio para a casa de Deus, mau grado o esplendor do templo de Jerusalém, exigido pelo espírito niilista dum Eclesiastes. As suas naves parecem abertas aos vendilhões, e as figuras de roupagens arrebatadas pelo vento têm uma atitude de museu. Quando se pode julgar a arte uma coisa do âmbito religioso, é porque essa arte já não é simples obra decorativa. Há algo de recreativo na maneira como as pessoas visitam a igreja de São Pedro – isso é a sua mais deplorável fama, a de satisfazer o amor próprio de quase toda a gente e de aparentar solicitude para com o grosseiro pensamento dos homens. Estamos diante dessa bela praça onde, entre o jorro de duas fontes, se levanta o obelisco que dizem ter sido trazido por Calígula para Roma; essa agulha esbelta, rematada pela cruz romana, tem de súbito um significado melindroso, vagamente sombrio, e que nos impressiona.

Beleza.

Lembro-me de ver, há muitos anos, uma mulher que dava de comer ao filho de três anos, de pé diante duma janela. A criança era formosa, era num dia de Maio? Não sei. Percebia-se o fundo lóbrego duma casa quase vazia; e, num prato, as batatas esboroadas da sua farinha branca, regadas com azeite cru. A delícia desse alimento, o riso da criança que fingia desdém e se lançava dos braços da mãe como se fosse fugir-lhe sem, no entanto, querer deixá-la – isso era tão enorme beleza que ultrapassava qualquer filosofia. O preconceito de que os homens são iguais não era para ali chamado,

tal o estado de união entre a necessidade, a comida, o amor e o seu convívio que parecia eterno.

*

Ouvindo falar de estética, fico inquieta e pergunto-me que mundo virá a ser este, porque as pessoas não se importam assim tanto com a estética. As pessoas querem ser felizes. [...] Penso que, ao contrário do que autoridades muito maiores que a minha possam pensar (e terão razões profundas para pensar assim), a estética no futuro será outra. Não é a estética da imagem, é a estética da construção do ser humano. Sendo bela será um todo, porque constrói a sua própria beleza e não é aquela beleza que se vê, é aquela beleza que se pressente, a beleza que se admira.

Beleza física.

Duma estatura que está no limite para uma mulher parecer soberana sem ser desproporcionada; com uns olhos como só os possuem certos tipos mediterrânicos, que se combinam ao mate da pele dando-lhe uma luz marítima, Maria Helena [Vieira da Silva] era uma jovem de grande sedução. Em geral não se dizem estas coisas dos artistas, daqueles cujo sucesso se cifra nos dons incomuns, do talento, e da arte. Não se diz de Dürer ou de Leonardo, por exemplo; mas foi decerto esse acordo físico, a harmonia dos traços aceite no mais íntimo da graça humana, que fizeram a vontade criadora, que propuseram o idílio com a terra e o mundo todo, que concederam voz à experiência que sempre parte do retrato num lago. Narciso não precisa de Eros para viver; Eros precisa de Narciso para descobrir na vida novos campos de visão, para ser artista, portanto.

Bergman, Ingmar.

Direis que Bergman é um grande no cinema, quase que fotografa em flagrante a natureza e sabe muito das mulheres. Saber muito das mulheres é ser capaz de expulsar delas sete demónios; o resto é não saber nada.

Biografias.

Alguém, não recordo o nome, disse-me que para escrever uma biografia se tinha rodeado de retratos daquela pessoa que ia chamar. Chamar é o termo. É usado nas sessões espíritas para evocar a presença dos mortos. Quando queremos conhecer esse que já não é deste mundo e que deixou uma lenda na sua passagem, ou uma obra de que podemos fazer uso, temos que o chamar.

*

O que tenho como motivo preciso? Os interiores das casas, o vestir, o andar, as palavras, os gatos. É uma provação brilhante que me faz sorrir, sabendo como sou fiel como retratista; quando me falta a imagem, a confissão, invento a verdade. Nem por um momento chego a admitir que pode ser aproximado à verdade um traço que eu descrevo; isso era iludir os meus leitores, fazer um *pastiche* em que a imaginação se prestigia e merece o seu nome. O *pastiche* é uma imaginação delinquente mas apreciada pelo seu lado artesanal; é o *patchwork* no sentido mais engenhoso, mais tributário da mistificação. A maior parte das biografias são *pastiches* duma realidade pessoal que se vai encontrando com os factos casuais. Na verdade, os factos não são importantes numa biografia a não ser como o seu folclore.

Bonnie and Clyde.

Era um filme contra a civilidade pueril e no qual se percebia o descontentamento da nova sociedade consumidora, os menores. A cortesia não era já a saudação feita a Maria pelo anjo Gabriel, mas outra coisa mais espirituosa; menos ritual e mais espirituosa. José Régio indignou-se (foi a única vez que o vi indignado) com essa catástrofe da civilidade. O jovem que era ensinado a não mentir, não se endividar, saber estar à mesa, servir bem o seu amo na intimidade, no trabalho, na corte e na guerra, e além do mais saber guardar segredos, mostrava-se agora completamente outro. Não se tratava propriamente de selvagens; Bonnie e Clyde não eram selvagens mas pessoas que pertenciam ao fundo cultural dum deus enganador ou génio maléfico que decidem duma consciência irres-

ponsável. Isto é o que fez o sucesso do filme, e não a sua história terrorista. Discuti estas coisas com José Régio, e tive a impressão de que nunca poderíamos entender-nos, porque para ele a tentação teria que ficar como tirania, ainda que tirania redentora. Enquanto que Bonnie e Clyde recusavam qualquer tirania, incluindo, bem entendido, a da recuperação e a do bom caminho. A juventude tinha amadurecido para rejeitar a civilidade pueril e o que se pode chamar, ou que Cannetti chama, «as religiões fúnebres». O homem da ideologia insere-se na religião fúnebre, porque ele vive na conspiração duma essência improvável, simplesmente incorruptível pelo seu factor de perfeição inexistente.

Bonnie e Clyde eram corruptíveis, mortais, mas não fúnebres. Era isto que eles queriam dizer, e a geração de 60 compreendeu-os. A civilidade pueril estava no fim.

Botas, Mário.

A última vez que vi Mário Botas tornou-se simbólica. Ele estava sentado num terraço onde ninguém mais estava nesse momento. O comprido cachecol caía até varrer o areal branco e ele olhava a redundante paisagem verde que parecia recortada dum típico quadro da Baviera. Eu pensei logo que, nesse instante, ele atingia o seu aniversário ideal; a beleza, em que tão bem se integrava, descrevia a nostalgia da arte. Nesse momento, Mário significava o precioso lustre da vida que é o facto de a possuir. A arte mesmo não é outra coisa senão o brilho da vida que se possui. Ele voltou-se para nós, e nunca vi um olhar tão esperançado e tão arrebatado do seu próprio conhecimento. Desprovido de toda a angústia; o fardo cívico que nos pesa, a lividez dos pequenos desejos e cuidados, os tímidos contratos de solidão ou de companhia, tudo isso estava riscado do seu rosto. Estava embriagado da vida que o animava e interpretava-a como um compositor faz com a música, renunciando à análise, proposto apenas à infalibilidade do momento.

A arte de Mário Botas padeceu das análises didácticas que nos são impostas desde o berço. Traduz demais o seu pensamento para que a tomemos como sincera. Porque o velho adágio de que «o ho-

mem recebeu o dom da palavra para dissimular os seus pensamentos» tem muito que ver com a arte. A melhor parte da reflexão é muda, e os poetas, os que melhor traduzem essa obrigação de mudez profunda, sabem como obedecer a uma natureza que teme revelar-se. A palavra serve muito mais a resistência à revelação, do que a explicação da vida interior do homem. E a arte também.

Eu olhava para os quadros de Mário Botas, alguns tetricos outros só nebulosos, e achava que ele se defendia de dar limites às coisas. Um barco era um despojo, uma pessoa era uma sombra, ou tudo se abismava numa flora telescópica duma agilidade surpreendente. A transformação habitava todas as coisas duma maneira poderosa, não havia contornos, nem idades. Havia só a influência de forças em contacto precário com o todo. Não retratava a individualidade dum objecto, porque nem mesmo chegava a nomeá-lo na sua pintura. O que chamamos velhice não existia. Penso que a sua morte significou uma forma de fugir à transformação. Só isso. Doutro modo, aquela doçura radiante do jovem que se voltou para nós no terraço, deixando arrastar o cachecol no chão como uma serpente domesticada, não tinha sentido.

Brasil.

O Brasil, que os Portugueses amam pela facilidade de não terem que o averiguar, pois a mesma linguagem parece sempre um modo de incorporação, é um extraordinário lugar de pesquisa no sentido de que ninguém pode avaliar seja o que for sem conhecer a sua transmutação e sem conhecer os efeitos da dissociação. É um erro pensar que as pessoas se conhecem porque falam a mesma língua. O mais provável é que as pessoas que falam a mesma língua resistam a ter a mesma identidade; porque, enfim, os mais belos caminhos são os mais longos de percorrer. Quero dizer que nenhum povo parte do fácil para qualquer objectivo que implique a sua sobrevivência.

*

Sendo simples o laço que nos liga, a nós, Portugueses e Brasileiros, laço fácil de desatar porque não nos movem obrigações nem

obediências, no entanto permanecemos ligados por muito mais do que pelos fios do interesse e a rede de memórias.

*

Ser português no Brasil é tão natural como ser papa em Avinhão; o que quer dizer que tem os seus quês e, às vezes, suas embirrações. Mas tudo com boas maneiras e sentimento de família.

Brinde.

Toda a cultura dum povo tem de caber no brinde dum banquete. Essa ideia clássica do brinde, que pode atravessar todos os estados das diferentes culturas, desde o seu apogeu à sua decadência, conserva a sua frescura musical. O brinde procede da elegia, e esta tem a sua raiz na palavra cana ou flauta. Os antigos poetas elegíacos eram flautistas; o seu conteúdo é extremamente variável e o seu fundo é neutro. Assim, a cultura, como essa primitiva música de Pã, tem que ser dúctil e persistente ao mesmo tempo. Nela se perde o tom triste e o próprio som da flauta se evapora. Designa o estado de espírito da natureza inteira de que o homem participa.

Burocrata.

Um burocrata – quem o não conhece? Ultimamente tem-se agravado no tom e nas maneiras. O cliente é o inimigo, e em tudo lho fazem perceber. Demoram-lhe o atendimento, assuntam coisas de família com o camarada, deixam ver que desprezam qualquer protesto. E isto vai de afogadilho com a liberdade que se inventou. Como se ser livre fosse moer a gente com um poder mesquinho, como é todo o poder sem razão e sem afecto; sem experiência de trato; sem gosto por servir, que é amar cuidadoso. Que é liberdade, em suma.

C

Caçador.

[Era um] fino entendedor dos homens como creio que são todos os caçadores. Porque a arte da caça, entre contemplativa e ágil de sentidos, é própria ao que perscruta a natureza, e dela faz parte o coração humano, perplexo como o é a presa no seu brejo.

Cães.

O meu cão [era] um *caniche* meio vadio, de feitio tão atravessado como a raça. Mordeu toda a gente em casa e na vila; havia mesmo a profissão a meio-tempo do que se dizia mordido pelo meu cão e que pedia indemnização e acabava num contrato modesto. Outras vezes prendiam-no para o dar por desaparecido e receberem alvíssaras. Era o bicho mais briguento e caprichoso que já vi, e, nas noites de lua, entrava nos lameirais do rio como Popeia nos banhos de leite; ou refocilava nas carcaças das gaiivotas, com expansões de riso homérico, eu que o diga.

*

A Ilse [Losa] tinha um cão *basset* que engordou e reluzia como barro de Bisalhães. Esperava-me à porta, no Campo Alegre, e tinha um ar um pouco depreciativo. Pensei sempre que me achava tola. Nunca me ladrou, nem abanou a cauda quando me via. Acho que não dignava informar-se a meu respeito, porque nem sequer farejava os meus sapatos. Os gordos, em geral, são confiantes e não fazem muitas perguntas. Sentava-se na sala, ouvia um pouco as nossas conversas, e depois ia-se embora. Era um céptico com boas maneiras, o que é bastante raro.

Camilo Castelo Branco.

Folgam as pessoas em fazer infelizes. Porque cuidar que os outros se amotinam contra as desgraças com um franco riso desafiador, isso enche-as de temor. Os homens que riem, não digo os que fazem rir, são os mais odiados. Eles não são disponíveis nem para a sedução nem o medo, o que é o mesmo que dizer que não dão à sociedade oportunidades. O mundo não resiste ao riso. Os picos do Himalaia vinham abaixo se uma gargalhada os acomesse; perante a solidão das neves, o riso pareceria uma apóstrofe ao sublime que não passa dum medo com estilo.

Para suportar Camilo Castelo Branco como cidadão e como escritor, usou-se tudo que está em iminência no coração e na inteligência: usou-se a piedade, o humor e a razão prática. Mas ele resiste a tudo. É um homem livre e fantasioso. Pessoas assim acabam mal e deixam às vezes uma obra que se pode imitar, mas que não serve senão para o recordar mais ainda naquilo que se não copia: o génio. [...]

A inteligência é devastadora se não se mover dificilmente no meio da cândida estupidez. O homem destrói-se à força de segregar da sua lucidez toda a idiotia que, afinal, protege mais do que arruína. [Camilo] achou o mundo vulnerável, a cultura uma fraude, e o intelectual um depravado. E riu-se. Este riso, nascido como um escudo, para invalidar a força do seu desencanto perante a vulgaridade dos homens, esse riso surtiu efeito enquanto a juventude o justificou. Depois tornou-se numa má consciência, e a sociedade não lhe perdoou. [...]

Camilo mente igualmente, mas mente pelo riso. O riso é o seu viático, a sua asa protectora. Só pode sentir afinidade com os que se riem como ele; com os que quebram a solenidade dum facto e aceitam nisso a blasfémia, com uma sonora gargalhada. [...]

Não devemos lamentá-lo nem suar para o fazer barão e dar-lhe nome de infeliz. «Um homem atribulado tem dispensa de gramática e de senso-comum» – diz. Ora, Camilo nunca esteve nessa situação. Se um dia chegasse aos cubículos do convento de São Francisco do Monte, não seria para pensar nas misérias da vida, mas

para rir a valer. Ele gostava de rir. É uma forma de lirismo despropositado onde a mediocridade se cultiva dizendo «coisas circunspectas entre tolos». Quando ele diz que a felicidade existe só na esperança, não está a lamentar-se; está a descobrir o lugar do riso, onde toma estado e escolhe profissão. Este é Camilo. A não ser que ele me desminta.

Camões, Luís Vaz de.

Não sou dos que morrem de amores por Camões. Decerto não era dos que iam esperar a nau *Fé* que chegou a Lisboa em Abril de 1570, trazendo o poeta de volta à pátria; pronto à inspiração que a opinião pública oferece aos estrangeirados sem lhes pedir lisura nem constância. Mas Camões é o grande vate que o país merece, sem que nisto haja interpretação duvidosa. Às vezes, um só verso descobre nele engenho tamanho que a gratidão nos embarga a voz. E por isso a memória mesquinha lhe é poupada; e tem para sempre coroa de louros e pena honrosa.

*

Camões foi um soldado e possivelmente o filho dum burguês. «Foi minha ama uma fera», diz. Talvez se criasse na cidade de Leão, que é preciso entender-lhe as velhaquices do siso. Um maragato, descendente de ferreiro ou mestre de armas. Teve uma educação antiquada e clássica, e de crer que com padres, ainda ligados à mística do romance de cavalaria e à inofensiva pieguice sentimental que lhes é própria. A falsa erudição, a ênfase e o gosto duvidoso, são apanágio duma cultura que encerra as suas portas para dar lugar ao género picaresco que depressa se torna o romance nacional, o tradutor duma realidade viva e truculenta. O homem sem fé, movido por golpes do azar, é uma caricatura do pequeno aventureiro que na guerra se enobrece ou enriquece, ou adquire apenas experiência; o seu pai convencido é inspector de farinhas, e o seu tio desejado o banqueiro que presta fiança ao Imperador que, por sua vez, faz suar ao contribuinte o dinheiro para pagar o pré dos seus soldados.

É estranho como o pícaro que extravasa da vida de Camões não esteja presente em nenhuma das suas obras. É um homem extrema-

mente chegado ao poder, comprometido, digamos. Assim se explica que morra em grande abatimento e miséria; porque é provável que com o desastre do Reino perca ele a tença e os amigos. A corte agia dividida, e Camões não estava, decerto, ao abrigo da mocidade que se chamou «a chacotada» do rei. Pícaros e irreverentes que a História, por breve tempo, consente num trono.

Em Alcácer-Quibir, a cultura dos grandes sentimentos e grossa jactância parece esvair-se para sempre. Começa em toda a parte a sátira que descreve ruínas, superstições, bebedeiras e vãos prazeres, toda a aventura incerta e selvagem dos homens de guerra, do foro e da Igreja. Mas, em Portugal, o pícaro não se conhece; a «apagada e vil tristeza» – tudo o que resta dessa profecia implícita num sono lento que é *Os Lusíadas*. Camões termina com uma fina advertência, decerto nunca ouvida pelo rei: «Não se aprende, Senhor, na fantasia.» E depois: «Mas eu que falo, humilde, baixo e rude, de vós não conhecido nem sonhado?» Não é natural que D. Sebastião, criado em boa escola de erudição, ignorasse Luís Vaz de Camões, ou que este lhe atribuísse esse enfado. Pelo que os últimos versos d’*Os Lusíadas* podem ser desculpa de tão longo secretariado. Coisa apócrifa com que se salva a reputação sem ofender o estilo. Os pícaros são abundantes em ambiguidades, e muitas artes. Mas também é certo que um poeta morre devagar no desleixo dos seus contemporâneos.

*

Foi o narrador maior desse desengastar duma coroa cravejada de muitas honras e profecias. Em todo *Os Lusíadas* há um sublime fastio, um contemplar de vazio sem remédio: «Este povo, que é meu, por quem derramo as lágrimas que em vão caídas vejo, que assaz de mal lhe quero, pois que o amo.» São as palavras de Vénus que, enigmática, diz: «Quero-lhe querer mal: será guardado.» O desprezo pela beleza ela perdoa e protege-o porque em amar se consola. Esta é a lógica da essência camonianiana. Um estar algo arrefecido de ingratidão perante o povo amado; e um trocar amor por desdém tão longo que ainda hoje, velhacos e rudes, nós o sentimos e praticamos.

*

Sempre ouvi que era o espantinho dos estudantes. Com um olho fechado e outro aberto, a coroa de loureiro na cabeça, a gola de canutilho e as mangas golpeadas, parecia erguer-se na seara das letras como se estivesse metido num varal de feijoeiros; e, em volta, crocitavam corvos, caídos dos eucaliptos com tal força de inércia, os voantes colados ao corpo, e um cheiro de excremento na pele cinzenta.

Por acaso, eu fui poupada ao ódio lapidar pelo Camões. Tinha dez ou onze anos, e «as grandes» procuravam-me para que eu dividisse as orações do primeiro canto. *Os Lusíadas* tornaram-se para mim um breviário seco, mas apaixonante; era como a mala do prestidigitador, com os seus mistérios calcados lá dentro e que se abriam em mágicas e em caprichos. Para mim o Camões não era um poeta; era um malabarista do sujeito e do predicado. Quanto mais recosia as dobras dos versos em que os ocultava, mais eu gostava de os encontrar, gritando *uh!*, e mil picardias assim. Nunca fomos portanto senão companheiros de jogatina: ele nas tabernas a rimar obras de encomenda, eu no colégio, a ouvir as botinas das freiras e saber nelas distinguir o solfejo e a matemática. Inimigos – nunca. Mas houve gerações que se queixavam daquela maneira travessa de fazer versos. Achavam-no gongórico e bizantino. Não era. Nem talvez pobre, lacaio dos Linhares, recadeiro de infantas, sacristão nas faltas, ou moço de água-mãos. O idioma, ao cheirá-lo nos livros de *Amadis* e outros, pareceu-lhe como as espécies da Índia: cinamomo e pimenta preta, gengibre e açafrão. Usou-o com profusão e aquele amor da dissipação que fez a sua desgraça. Mas usou-o com uma certa ansiedade também; porque os génios cometem o excesso e parecem alquimistas; só quando são droguistas é que sabem traduzir o excesso em banalidade.

Candidato político.

A democracia é um estado de espírito, muito mais do que uma forma de governar. Só em casos efémeros e turbulentos ela é entregue ao povo soberano; mas, como virtude cívica, é uma maneira de estabelecer o contraponto necessário entre o poder e as suas

imaginações perigosas. Governa-se cada vez mais com créditos (créditos financeiros, morais, intelectuais) e muito pouco com resoluções. Perante as constatações nucleares e económicas de que as grandes potências têm a disponibilidade, a capacidade para decidir dos «países evocados» é muito pequena. Resta decerto a réplica à má fortuna dos dirigentes, essa má fortuna que, quando é real e profunda, toca todos os homens e faz com que eles tenham então acesso à resolução.

O certo é que, em época que visa mais uma estabilidade de relações do que uma política muito detalhada no sentido ideológico, o candidato se nos afigura uma pessoa de confiança já experimentada e não vazia da nossa convivência. Em democracia, a convivência equivale à escolha. Ela é o melhor aliciante dos contratos e a conversão dos hereges, porque a persistência altera o risco e faz com que ele pareça prática fácil.

Todavia, nada mais detestável do que salpicar uma personalidade carismática com uma constelação de fantasmas políticos, qualquer que seja o seu mérito e prerrogativa. O candidato quer-se destacado da turba de porta-vozes sem grande significação senão a de produzir a impressão dum bloco indissociável. O erro das coligações (e os povos com vocação política aborrecem as coligações justamente por isso) é que agrupam não só tendências mas personalidades vitais, e assim produzem um impasse de opinião. O candidato deve, pois, sobressair no azul nítido do horizonte, e não na ombreira dos personagens tensos e apoloéticos que o autorizam. Mas ninguém ouve estas coisas; com o que ficam restritas ao enriquecimento duma cultura, em vez de esclarecerem, no conjunto das considerações, a dúvida humana e os seus efeitos longos de suportar.

Candongueiras.

Acontece às vezes que nos enganamos e que, em vez do *Sud* para Paris, tomamos a camioneta da candonga para Vigo ou para Andorra. E então é aguentar de modo flutuante aquela sociedade narcísica que nos rodeia; pelo menos trinta e duas mulheres prestáveis

e gloriosas, com dez filhos pequenos que mais parecem estrepes de videira com motetes torcidos e que cham, gritam, olham sombriamente as caras das suas vizinhas, que lhes devolvem *mueca* e mau jeito.

A mãe corre a dar emenda, ameaça, promete torturas ignominiosas, e logo se debruça para a companheira, abrindo-se em confissões e projectos de lucro. São as candongueiras da Rua Escura e de Espinho, que se encontram na fria manhã para varejar os mercados de Vigo. Nos aventais marsupiais levam a nota amarrotada em tal profusão que se lhes ouve o ranger do papel como entranhas bancárias. São enormes, com olho sedicioso e um gosto zelota pela anarquia; mas, no fundo, têm um regime severo, de contas, palpites, obediência terna às obrigações da espécie. Viajam em tumulto, como se, em vez de ir carregar a provisão de bananas verdes e bacalhau escamudo, fossem cercar Porriño e Tuy. O revisor tem dificuldade em impor a ordem, e pede, com voz composta e acetinada, onde vibram tiranias concretas, que não envergonhem a agência, que sejam pacatas, corteses, mansas, e que cantem o fado.

Hão-de trazer tudo o que lhes couber nas sacas, no seio, nas meias até; e aquele bojo imenso da camioneta será cheio de embrulhos, caixas, pacotes, tudo empilhado até que não caiba mais um pau de chocolate, mais um caramelo de café, mais nada. E dentro é a cripta de Tutankamon antes de pilhada. Acumulam-se riquezas, desde a colcha de casal até à batedeira eléctrica; desde o albaricoque até à uva passa. Algumas viajam com bilhetes de identidade emprestados e, dum pulo, descem com os filhos, parecem obedecer a uma estratégia guerrilheira; vão simplesmente pela linha do comboio, esquivam a aduana, metem pés ao caminho até tocar solo galego, e tudo isto lestras, eficazes, com uma espécie de ingénua criminalidade que as faz merecedoras de melhores objectivos, como se outro reino fosse seu direito e não aquela promiscuidade da candonga, seu ganha-pão e seu *far niente*. As artes para passar aos direitos os seus fardos de bolacha davam para pintar uma *Gioconda* de corpo inteiro. Discutem e pagam devagar, como num Alcácer-Quibir

de derrotas esmiuçadas e lentas. Estão duas horas a discutir cem escudos; depois tiram trinta contos da algibeira, e pagam, entre risota e lamúria, maldizendo os maridos que não trabalham, os filhos que ficam caro, a vida que é desenganada e pouca. Sofrem de bronquite asmática, de artroses; e Rosinha está rouca, o fado não lhe sai límpido e chorado.

Está acabado mais um dia de candonga, a camioneta baloiça, range, tosse; parece um grande bicho fossilizado que se animou e corre pelas paredes do universo enquanto os grandes caçadores dormem, as lanças encostadas nas estrelas mortas.

A candonga aí vai pela estrada onde, à luz dos faróis, a flor das mimosas brilha como gotas de ouro; um ramo toca nos vidros, e as mulheres têm a noção perfeita e doce de que um segredo lhes foi sugerido. O dia correu bem, as mulheres tiveram maneiras e até não carregaram demasiado o «armazém», como elas dizem, numerando mentalmente os seus pacotões de chouriço galego e de maracotão almibarado.

– Para outra vez, tirem-me esses aventais. Isso é o relaxo da companhia. Estou farto de ouvir repreensões.

Elas consentem. Mas da próxima vez lá estarão com os mandis onde guardam pesetas e francos, com os filhos pequenos e o propósito louco de corromper as finanças com o riso imenso, que lhes sai das entranhas, como se fosse um absurdo poema da identidade humana. A candonga é a linguagem afectuosa, a alucinação do desejo antiquíssimo de troca, de relação simétrica entre pessoas. Também é um crime, parece. Não posso perder-me em detalhes.

Carta de Pascoaes.

O mais novo de todos os meus livros é o *Mundo Fechado*. É limpo de intenções, como as crianças. É doce de encontros, como os que as crianças têm com uma ave que caiu do ninho. [...] Foi um livro airoso e profético. Anunciava uma carreira, conhecia já o seu destino.

*

Foi assim o caso: quando escrevi o meu primeiro livro, mandei-o, como é de praxe, aos escritores mais famosos da nossa literatura – Aquilino, Ferreira de Castro, Torga e Pascoaes. Eu não punha em dúvida que me responderiam e que deviam positivamente acolher-me com espanto, com gratidão, com um olhar ofuscado. Outra coisa era impensável. Se contestassem com qualquer espécie de evasiva, não engolia o bilhete, como Marx fez quando o director do *Almanaque das Musas* lhe recusou os versos, mas a minha fúria não seria menor. No entanto, eu não esperava envolver-me num sentimento muito profundo, que não era ressentimento nem cólera, porque Pascoaes, ele só, não me respondeu. Considerava-o um Orfeu das névoas, um capitão que perdeu a nave lá pelas alturas da serra onde dizem que andou o mar em tempos pré-históricos. Na Aboboreira encontram-se conchas marinhas entre as giestas que são florestais, com um descarnado pregado no vento. Fiquei triste; a minha tristeza é tão terminante que ultrapassa a desilusão, para exigir justiça ao absurdo. Guardei para com Pascoaes essa tristeza rente ao coração, cavilosa e imóvel.

Já eu estava no Porto, tinham passado cinco anos, Pascoaes morrera. Quando ele morreu, cheguei a querer-lhe mal, porque deixara o mundo sem contar comigo; um homem justo não pode morrer sem responder aos que se aproximam dele. Eu tinha que admitir que Pascoaes não era justo. E uma noite, durante uma conversa com amigos que desandou em polémica sobre a resistência da verdade às nossas interrogações, que a morte suspende para sempre, eu disse:

«Nunca mais posso saber se Pascoaes era o que eu julgava.» E repeti: «Nunca mais.» Era numa pequena sala onde o fumo se fazia denso; vinha da rua o barulho dos eléctricos, e às vezes uma faísca azul, à altura das janelas, estrelava. Uma noite do Porto, húmida e sem vento. Alguém me disse:

«Ninguém deixa na terra uma imagem falsa. A harmonia de tudo depende disso.»

Eu repeti: «Não, nunca mais», com aquele fervor frio que consola o próprio ferimento de que nada podemos contra as realidades.

Ó poeta, onde está o grande dia a que te recolheste? O vão espectro, onde és desmaiada estrela? «Nunca mais» – disse eu. Talvez um fio de água procure a sua nuvem; mas o homem não vence a terra que o sepulta. «Nunca mais» – eu disse. E no umbral fiquei um pouco, silenciosa. A gola negra rodeava-me o pescoço como a plumagem de uma ave negra. Então ouviu-se o telefone, de mistura com o nocturno debandar dos eléctricos e suas campainhas, e os travões soltos, e o guincho das rodas nos carris. Era a Maria José, a sobrinha de Pascoaes. Perguntou por mim, que não me conhecia. Há três anos que guardava uma carta do poeta para me entregar; nunca mais encontrara o destino essa carta escrita já perto do fim da vida. Livros, Pascoaes já não os lia; subiam em rimas pelo sobrado do seu solar fantasmal; não lhes abria as folhas, não lhes tocava com o olhar os nomes e os autores. Todavia, lera o *Mundo Fechado*. «Peço-lhe perdão, de joelhos» – dizia em letra roxa, uma letra cansada, de exangue rosto. – «O ser humano, porque é vivo, é indefinido perante as coisas mortas ou simplesmente animadas» – dizia. Eu senti um arrepio, toldaram-se-me os olhos. A tristeza que levava mudou-se em dor, que ainda escuto. Nunca mais a perco como companhia. «Nunca mais» – disse eu; era eu que estava adormecida e não podia ouvir o silêncio que se ajusta à flor mais musical; não sei de ninguém que tal surpresa conheça, agora ou em tempos passados. Assim, os versos de Pascoaes se tornaram repentinamente claros: «Quando meu coração parar desfeito em sombra, na profunda sepultura, e o meu ser, já fantástico e perfeito, vaguar entre o infinito e a terra dura; [...] quando eu for para mim minha esperança, meu próprio amor jamais anoitecido...» A dúvida da criatura viva obscurece o amor desse eleito que é o homem morto. Eu manchara a esperança que no divino se consumava, e por isso ele me trouxera aquela mensagem. Na cadeira de veludo inclinei a fronte, nessa cadeira que ainda tenho, do mesmo veludo gasto; «seja isto a nossa despedida, poeta que na confusão deixas a minha alma. Nunca mais em mim creio. Nunca mais» – disse eu. E de mim duvido, sobretudo se a realidade, como o dia, convida à certeza das acesas verdades que deliram.

*

Porto, 2 de Dezembro de 1953

Exma. Senhora

Chegou às minhas mãos há poucos dias a carta que o seu ilustre Tio, Teixeira de Pascoaes, me tinha escrito. Venho agradecer-lhe a si a gentilíssima maneira como me comunicou a existência dessa carta tão bela e inestimável. De certo pelo telefone lhe pareci fria e incompreensiva, tanto é certo que a notícia mais admirável ou estranha me deixa impassível à superfície. Mas eu desde logo senti o que havia de precioso nesse legado tornado mais especial ainda pela morte.

Perdoe-me se o meu longo silêncio lhe deu ocasião para me julgar ingrata ou grosseira. Às vezes, de facto, sou ambas as coisas; mas sei redimir-me com rigor. As nossas faltas têm apenas um sentido, que é o de nos elevar pela expiação; são portanto indispensáveis ao nosso progresso moral. É pois de coração mais sincero, com mais veemência e convicção que me dirijo a si só agora. Podia ter-lhe agradecido há muito tempo. Mas só agora compreendo quanto lhe estou grata.

Com os meus cordiais cumprimentos, creia-me ao seu dispor em tudo quanto possa ser da minha parte testemunho de amizade.

Maria Agustina Bessa-Luís

Cartas de amor.

O que são cartas de amor? Um nada, de diferentes ausências; um tocar a resistência das ilusões presentes, para as tornar realidades perdidas. Os poetas sabem escrever assim, mas não é amor, nem conclusão – pois ao amor se chama conclusão e não é. Também as cartas de Abelardo e Heloísa são textos falsos e literatura bem acabada. Pensando bem, as *Cartas [Portuguesas]* parecem obra duma mulher, e fica entendido que o são. Se alguém já se lembrou disso, teve olho mais fino do que era preciso para ver Mértola do pátio de Beja, ou da portaria, ou da janela de vinte e oito caixilhos gravada por Massard, na edição de Dorat. Quem senão uma mulher tem aquele modo imaginário de paixões descontentes e traídas? Quem se queixa assim para entreter, não desgostos, mas monotonias? Quem vê com tanto ardor desesperos, quando eles são tristes e não sabem expandir-se? Decerto uma mulher que

muito se enganou em terapêuticas da desordem e se fez letrada para não dar em calamidade. Por muito escândalo que houvesse nos conventos e as sorores usassem arminhos como regalo das mãos friorentas, e um sem número de luxos e fantasias, isso de ir espaiar para o balcão, só uma marechala de França o podia contar nas suas *soirées* com chocolate e sorvetes. O convento da Conceição, em Beja, tem balcão manuelino onde a Elvira de D. João podia ouvir serenatas; mas Mariana, bebendo os ventos de Palmela e de Serpa, não é provável que lá aparecesse, nem que fosse para arrelentar o gaspacho, ou embrulhar «morgados» em papel franjado. E que trabalhadeira deram estas *Cartas!* Que tintas da china correram por elas; que penas de ganso se esgarçaram; que areia comeu a tinta e que leitores choraram, doutores opinaram, pensadores se desmiolaram! E eu aqui a tomar a peito redacção semelhante: «*Je suis persuadée que je trouverais peut-être, en ce pays, un amant plus fidèle et mieux fait.*» É de crer. A respeito, não constam cartas de amor, o que é bom sintoma – o de que Mariana foi feliz. O que nos alegra a todos, ingratos que somos com dramas caprichados.

Casamento.

O casamento traz uma partilha. Um casamento subsiste num delgadíssimo ponto de equilíbrio, de maneira que não se pode dizer que é exactamente amor, mas há, tem que haver, um estado de generosidade muito grande, sem intervenção da psicologia. [...] Eu acho que é muito difícil conhecer uma pessoa com quem se vive muito próximo, porque há um fenómeno de desfocagem, porque se está tão próximo não há uma perspectiva para conhecer, só para amar.

Casanova.

Quem leu as suas memórias e até a narrativa da sua evasão dos cárceres de Veneza ficou com a impressão de que se trata dum farzante, dum descarado bastante engenhoso que «mente tão pouco que até diz mal dele próprio». Casanova nem sequer era, ao que

ele confessa, um italiano dos quatro costados, pois se dizia descendente de espanhóis. Daí a similitude com o seu mestre de aventuras galantes, D. João Tenório, este mais cerebral e tão assediado ao parentesco de meio mundo, que em Portugal se dizia ter nascido. E Casanova, se não era português de nação, era-o de paladar, pois gostava de bacalhau da Terra Nova. [...] O capítulo das suas memórias sobre a portuguesa Paulina, filha dum nobre perseguido pelo Marquês de Pombal, deixa entrever a índole de Casanova, um homem de prazeres ligeiros, e não um homem de opiniões políticas. Ele censura aos Portugueses terem deixado morrer de fome o seu maior poeta. Não sabia que os deixavam morrer todos assim, sem fazer distinção entre os grandes e os pequenos.

Se há alguém atencioso com as fraquezas das mulheres, é Casanova. Não as deprava, interessa-se pela curiosidade que elas lhe dispensam; sabe que elas são atraídas pelo seu gênio egocêntrico e livre, e, se as esquece, é porque de algum modo as amou. Só é constante o que envolve a infelicidade ou os seus receios.

O que torna D. João um protótipo tão preferido de grandes autores, desde Byron a Pushkin, o que o faz aliciante é a sua formidável alegria de viver, o seu voto a Eros, que se opõe ao voto a Thanatos, a morte. A morte domina a maior parte das ações dos homens. Alguém que a exorcize representa ao mesmo tempo um estímulo e uma ameaça. Quando uma época instaura o tédio como senhor absoluto e o instaura como desejo-fantoches, mecanismo artificial da vontade de viver, aparecem esses paradigmas loucos de furor contra o bicarbonato moralizante. Não são divinos, como Zeus, que era um Casanova de melhores recursos, ainda que sem melhores razões.

Casas.

Sempre gostei de casas. Ou porque as habitava e enfrentava nelas a minúcia dos dias, seus ócios e suas eventualidades; ou porque eram enigmas, como os dos castelos memoráveis de Babilónia, guardados por um leão neurasténico. Em menina, acamando com gripe ou com sarampo, lá vinha um tempo de recolhimento

propício aos livros. De um ainda me lembro em que havia muitas casas, umas lacustres, outras isabelinas ou mouras. E eu recriava para mim o viver das gentes que as tinham habitado, flamengas de toucas frisadas, romanas patrocinadoras das artes olhando o espectáculo do mundo através de um monóculo de esmeralda.

Habitar foi sempre uma maneira íntima de aborrecer a sociedade. As casas foram mais belas quando o teatro exterior repugnava, quando as ideias sobre o homem eram cínicas ou desconfiadas. A casa era o belvedere, o asilo reforçado contra as insídias e as conjuras do convívio estranho. Nelas se prorrogava a mudança dos tempos, se ensinava a respeitar tradições, nem sempre porque fossem excelentes, mas sobretudo porque elas poupavam o espírito a civilidades novas.

*

Espécie de tugúrio sentimental, com um ventre de pedra saliente e janelas de caixilhos trémulos. A laranja azedou nas laranjeiras, as ervas crescem com uma beatitude selvagem. Provavelmente o Quinto Império ainda vem longe, e é preciso viver. Há de facto um apetite que não é bucólico pelas nossas terras, e isso data dos primeiros avanços no projecto da CEE. Ou porque pretendem revender com ganho, ou porque tencionam explorar a situação produzindo com menos ilusão e mais confiança; e meios que a justifiquem. Discretamente, o país está a receber uma porção de famílias guerreiras nesta coisa de lavoura. «Voltamos às origens» – dizem. Vêm de diversos pontos da Europa e são movidas por uma disciplina interior que não se pode chamar espírito emigrante. Não procedem por aventura, pois demonstram um método e uma aptidão que têm qualquer coisa de marcial. Não sei se confiam nos lucros de que a terra é avara; ou se apenas se movem por instinto catastrófico, como as baleias que vão morrer em praias distantes. Francamente, não sei.

As nossas belas casas latinas, mediterrânicas, franco-lusas, estão a morrer. Já antes estavam a cair, com os seus oratórios a saque e onde dormiam cães perdigueiros. O turismo de habitação é precária solução, porque afinal não oferece diversões nem sequer estru-

turas complementares; quem quiser comer um ovo frito tem que fazer amigos na vizinhança ou gastar em gasolina o que custa caviar russo. Tudo é tão absurdo e negligente! Os Ingleses sabiam como viver bem, aproveitando os recursos da região, sobretudo as aldeias do Norte que se parecem um pouco com certos pontos da Irlanda e onde se podiam comprar artigos baratos. Agora a Chanel não vem cá, em segredo, para levar lãs artesanais. Tudo custa ridiculamente caro. Há um sentido rudimentar da oportunidade que funciona como se fosse uma regra económica; sem qualquer ideia sobre as condições da competição, sem qualquer plano para vencer o mercado de elite. Em dez anos o mercado internacional transformou-se radicalmente. O luxo popularizou-se a tal ponto, ou antes, a obra de qualidade, que não há lugar para os curiosos e os inaptos. O artesanato tem que desaparecer, porque entrou no campo fabril um tipo de maquinaria mais inventiva e perfeita do que a mão humana.

CEE (Comunidade Económica Europeia).

Acho que muito dessa excitação brevemente será desiludida. Fui das pessoas que menos se entusiasmaram, e até o manifestei, até o escrevi. Há muita gente, não sei até se não uma maioria da nossa gente, que vai sofrer com isso, que vai sofrer nos seus pequenos empreendimentos, na sua rotina, na sua inábil maneira de viver, despreocupada e pobremmente. Nós vamos ficar sujeitos a uma disciplina de ferro, por isso entendo que só aqueles que são crianças hoje é que a vão aguentar. Agora o que isso representa terá, depois, talvez, a sua compensação, porque o sentido de cidadão será mais amplo, as obrigações transformam-se e o provincianismo de certa maneira vai ser banido, pelo menos relegado...

Celibato.

Numa das vezes em que se falava do celibato, eu disse muito sinceramente, muito graciosamente, até, que se eu fosse homem não me casava. Não compreendo como é que os padres tendo um privilégio de renunciar ao casamento ainda fazem disso um pro-

blema. De facto, não se proíbe o casamento a um homem, simplesmente ele tem de escolher. Se tem uma vocação em que implica mística, que não tem nada que ver com fanatismo, evidentemente que a sexualidade fica em segundo lugar, como fica também, muitas vezes, na vida de um leigo. A concentração do espírito que exige forças de acompanhamento do próprio corpo ficam resolvidas nesse desejo de perfeição e de companhia de toda uma comunidade. Esse é um valor que penso estar acima de outro valor, porque o lugar do padre é um lugar sempre paternal, mas num sentido mais vasto. Como é que ele pode comparar a paternidade familiar, com aquela paternidade que é de toda uma comunidade, de todo o mundo, no fim de contas? Acho que são esses valores que foram muito diminuídos com um sentido errado de liberdade. Hoje as pessoas entendem que faço o que eu quero e ninguém tem nada com isso. As coisas não são assim. Todos nós sabemos, no fundo, com uma certa contrariedade, com um certo desgosto, que a nossa liberdade tem limites e o limite começa, justamente, nesse sentido que se dá às nossas preferências: à preferência de ter o ministério que ultrapassa um outro. O ministério do casal é um ministério consagrado pela Igreja e hoje retiraram, totalmente, o valor do sacramento e portanto ele é traído a qualquer momento. Por isso entendem que o sacramento da Ordem também pode ser traído. Acho que aquilo que existe de sacramental na vida humana e que existe também fora dos corredores da Igreja (a lealdade para com os outros, que nos obriga a uma renúncia...), isso é a base de uma civilização e é para isso que nós temos que concorrer. O futuro da Igreja é, realmente, o futuro da nossa civilização, temos que o encarar dessa maneira. Portanto, eu considero esse problema do celibato não um problema menor, mas um problema para ser entendido em profundidade.

Cepticismo.

Acontece-me averiguar por que nós, os Portugueses, temos pouco de místico; antes andamos sempre confortados por uma hóstia de cepticismo, que não é traço de carácter — é sentido da realidade.

Cidadão urbano.

O cidadão urbano – quase que não há outros – tornou-se calado, sombrio e sem expectativa. Está demasiado sobrecarregado de dúvidas para se comover com as próprias paixões.

Cidade.

Depois da última guerra, tornou-se difícil encontrar dimensão humana numa cidade. Paris fez-se espinhosa de trânsito, aguçada de proibições e acorrentada ao *stress*. E a Roma campestre, com os seus túmulos e pedras divididas onde se descalçava um sapato e se comia um punhado de *fràgole*, cresceu, cobriu-se de vidros e caixilharia de alumínio. O barro das suas ruínas reflecte menos o rosa do sol poente, do que a carroçaria dos automóveis. Toda a gente se apressa cada vez mais; para chegar a tempo, para obter uma entrevista, para comprar ou vender alguma coisa, para desesperar também. Vive-se numa cidade como num presídio – desconhecendo-a e, de alguma maneira, deliberando libertarmo-nos dela.

Ciência.

Contradição fascinante da sociedade moderna: promovendo-se a repartição dos bens, tanto das nações como dos indivíduos, não se consideram parte integrante desses bens as descobertas da ciência. O campo da investigação científica deveria cair sob a responsabilidade duma cidade universal que legislasse a respeito da força dos bens humanos e a massa total do progresso.

Cimeiras diplomáticas.

Porque se fazem? Qual o sentido desses encontros com paralelos programas de antemão redigidos para o insucesso? Evidentemente que ninguém espera obter benefícios e acordos espectaculares só porque alguns mensageiros aparentam boa disposição para falar doutra coisa, do tempo, das flores e das férias em lugares aconselháveis. Alguém já exprimiu a ideia de que só interessam os acordos dos pensamentos reservados. É por isso que é preciso método e esforço e, sobretudo, é preciso empenhamento moral na situação

criada. Há um preconceito histórico a respeitar, há uma personalidade cívica e regional a compreender; mas, acima de tudo, tem que haver desafecção do ser contrário que todos somos perante o outro. O processo de aproximação entre os povos, como entre os indivíduos, está enraizado nos processos vitais. Os Gregos, que conheciam como ninguém o sentimento da linguagem, empregavam uma expressão que quer dizer estar junto, estar em convívio, pertencer a um acordo vivo, o que inclui simpatia e unidade. Não pode haver debate sem haver um profundo contrato preestabelecido na natureza humana que apela à coincidência das opiniões. O mundo do pensamento em geral obscurece esse mundo da clara actividade para encontrar o bem.

Duma maneira um tanto bufa, direi que no campo da diplomacia as pessoas cortejam-se e não se amam. Isto é fatídico para o entendimento das nações. Em diplomacia não se usam palavras-símbolo; usam-se palavras permitidas por um composto de representação verdadeiramente alucinante se o fôssemos descrever.

Cinema.

Não sou boa pessoa na crítica de cinema. Desde tenra idade, ninguém, entre amigas pequenas, me pedia opinião sobre fitas e actores. Porque diziam: «Tanto rigor põe na opinião, que nos tira o gosto e a ilusão.» É muito certo. Só que a ilusão para mim é sagrada. E se o cinema não a promete ou a desanuvia, ou até descontrola, não é cinema. É só um espectáculo para burgueses, desses que consomem tempo e dinheiro e não atormentam nem completam. A grande linha sádica do moderno cinema, sobretudo do de Fassbinder, já na tradição de Stroheim, acentua o tormento infligido ao espectador como uma forma de resposta ao apelo da plateia. Esta está exposta e indefesa, esperando que se estabeleça a aliança entre o problema interior da assembleia minoritária que é, de resto, um povo inteiro.

Civilização.

Há três maneiras de viver uma civilização: com as convicções partidárias, com o julgamento dinâmico do homem livre, ou com

os impulsos do coração. Todas elas podem ser honrosas ou infames; depende da inspiração que sofrem umas das outras. Pois nada é completamente necessário senão na medida em que depende duma outra realidade.

*

O ser civilizado é uma aberração. É perverso.

Coimbra.

Se há um principado do Foro, em que dominam os Palácios da Justiça, há também os seus lugares santos, como Coimbra e a Universidade; onde se aprende a usar de agilidade de espírito, a mesma que há-de precipitar os homens no sofrimento, um dia. Coimbra e a Cabala não são coisas indispostas uma com a outra. A cidade tem ainda algo de rigoroso e extraordinário. Algo que tem a ver com um direito de fazer mal a um inimigo, quando com ele nos deparamos. Pois o que é a razão senão um prazer que favorece liberdades nobres, uma delas a réplica aguda e maliciosa, adequada aos malefícios e às traições? Coimbra é uma terra profunda, como dizem que a Lacónia era, «região cavada, rodeada de montanhas, escarpada, difícil de invadir por um inimigo». É assim que eu me figuro Coimbra e sempre a vi; ainda com a ponte de madeira sobre o rio, e ela rangia lugubrememente; parecia ir desmoronar-se, fazendo com que as pombas, pousadas na cabeça do Mata-Frades, se levantassem em brusco lance, de pedras arremessadas.

Eu via Coimbra como um troço medieval, suculento para quem ama a História. Como sou pouco arquivista, pouco inclinada aos sintomas da verdade retida em papéis, não percorri Coimbra com olhos abismados; não caí de amores pelas suas pedras e os seus costumes, se bem que as baladas me tomavam dum céptico estofo, parecido à saudade. Ainda ninguém disse que a saudade é cepticismo arrependido; eu digo-o, com algum rubor, voltando o rosto, que se não vejam incógnitas melancolias e justas combinações de humor e desconfiança.

Do que era belo, em Coimbra, ficou memória de que dou testemunho: as flores de tília e seu cheiro exangue, em frente ao Jardim

Botânico. E, neste, a Vitória Régia, boiando como uma balsa, que só mais tarde vi iguais nos igarapés do Amazonas, enormes como jangadas a que só faltasse vela e jangadeiro. Era um silêncio clássico, o do jardim; podia ouvir-se Vivaldi, sem ele soar; como as lágrimas de Gaia, que caíam sem que ela chorasse.

O Botânico tinha a forma inglesa que inclui o silêncio, forma de quadro traçado na paisagem e não passeio público. As pessoas eram indesejáveis. Só algum estudante, em vésperas de exame, a capa rojando o chão de areia, era ali adequado. E, com ele, um formoso pesar, que é o do estudo sem ilusão, sem qualquer meio de ser proscrito. Um estudante é um habitante do purgatório que se purifica por meio de leituras horríveis, semelhantes a torturas. Tão diferentes são das cortesias palavras que a imaginação eleva em honra do amor! No entanto, Coimbra conhece-as ainda, porque a juventude a povoa.

A glória, primazia da língua mais do que dos grandes feitos, anda misturada ao coração dos jovens. Mesmo que eles se destinem a profissões mecânicas, a ganhar dinheiro e engordar prudentemente, a glória os toca, de passagem, em Coimbra que se encontra na esfera das estrelas, pelo que entendo, mas não com o entendimento a que chamamos sabedoria.

Havia, na pracinha junto ao Jardim da Manga, laranjas de Sevilha, embrulhadas em papel de seda. Eu pensava que os califas as mandavam. Coisa para pensar, assim como muitas outras, em Coimbra, ao calor de Agosto, em que se ofende o sol de lhe chamar cruel. Sol iracundo e supremo, como um califa, pai dos lentes.

Coincidências.

Não sou desses espíritos esotéricos que por aí andam, assombrados de todas as coincidências e tornando-as em coisas completamente desleais para o homem.

Coisas humanas.

A propósito de coisas humanas, não vale a pena senão dizer algo que as immortalize. Que as corrompa divinamente.

Colagem.

No seu sentido técnico, a «colagem» aplica-se como um meio de substituir a soldadura de materiais, permitindo-lhes não perder uma grande parte das suas qualidades. É um método que, depois da II Guerra Mundial, encontrou grande expansão. Abolindo rebites e parafusos, a colagem permite uma maior resistência aos choques e tem papel importante na absorção de vibrações e dos ruídos. No comportamento político, a colagem tem sido adoptada exactamente com os mesmos fins. Consegue-se a ligação de superfícies lisas sem alterar a estrutura profunda dos caracteres humanos e culturais.

Existe também a colagem como clarificação das bebidas alcoólicas, da gelatina ou do sangue. Para obter a mistura da colagem, fustiga-se e agita-se esta com vivacidade, juntando sal.

A minha colagem ao imediato histórico relaciona-se com estas praxes da tecnologia, ultimamente muito aperfeiçoadas e vencedoras.

Cólera.

Liberta o coração para razões que prolongam o desejo de viver. Quem não se encoleriza acaba por pedir socorro por meio de doenças, obsessões e livros de viagens.

Comemorações.

Ele achava que os Portugueses comemoram demasiado. «É o país dos aniversários» – disse, suspirando. Uma vez, ao voltar de Sintra, a carruagem caiu numa berma e os dois foram projectados para fora. O senhor [...], um ano depois, ao lembrar-se do facto, quis comemorar, com um jantar, o acontecimento. «Só consegui fazer o dia mais comprido.» Mas esse procedimento não tem cura, abençoados que somos para nos aborrecermos sem motivo. Por pura praxe.

Comodismo.

Sou uma pessoa pacata, comodista. Uma pessoa comodista nunca pode ser perversa, a não ser na imaginação. Sou capaz de

todas as composições que a natureza humana permite. Daí à acção vai uma distância muito longa.

Competição.

A competição é só civilizadora enquanto estímulo; como pretexto de abater a concorrência, é uma contribuição para a barbárie.

Computadores.

Decifra-se depressa o circuito do computador, e, por isso, pessoas consideradas com coeficiente de inteligência abaixo do normal são empregadas com êxito na manipulação dos computadores.

Conferências.

Durante muito tempo eu não realizei conferências. Parecia-me desleal que uma pessoa estudasse um assunto, devagar, com o recurso duma biblioteca bem fornecida, e depois convidasse o público para ouvir o que ele próprio poderia saber sem sair da sua casa, da sua poltrona, da mesa habitual do café.

As conferências são a maneira de inspirar aos outros uma quantidade de sentimentos quase hostis mas açucarados pela letargia especial de quem se aborrece numa assembleia culta.

Mas passou a preocupar-me pela razão seguinte: a voz é um material plástico; modela o espaço vivido em comum e é capaz de criar uma obra nesse mesmo espaço como se a voz fosse um Fídias ou um Rodin. A voz tem, mais do que a palavra escrita, o poder de animar um público; de fazê-lo contribuir com a emoção partilhada, muito mais do que fazê-lo imaginar com a ajuda da meditação solitária.

A conferência, por isso mesmo, pode ser a mais bela mediação do génio. Mediação, compadrio, inter-vontade, acção mista e pluri-fecunda. Nós, os Europeus, quer dizer, sobretudo os que integramos a civilização romano-cristã, devido à importância atribuída à palavra impressa, fomos deixando cair em desuso a arte oratória, que teve, como todos sabemos, grande autoridade como forma de cultura. E, na nossa época, a inflação dos *mass-media* dá por

acabado o oferecimento da voz humana. O que resta é um simples registo que a pode modelar até à saturação, que a pode fazer chegar até aos confins da terra, mas que, de algum modo, lhe retira a sua nobreza e a sua maravilha.

A conferência é, por consequência, uma vasta esplanada onde se recorta a surpresa da personalidade humana; permite ao público a expectativa que só a presença física descreve. Tem, do teatro, a competência gestual; tem, da arte coreográfica, a proporção; tem, do folclore, inclusivamente, a metáfora; e tem, por fim, a recompensa ou a reclamação imediatas que importam a tudo o que é uma proposta e um facto.

Confissão.

A confissão é uma prática que, de certo modo, legitima a culpa através da absolvição. Escrever um livro deriva dum espírito de afirmação da dignidade humana em que a culpa participa activamente. As regras para os confessores, como para um leitor do livro, mostravam a compreensão pelas situações concretas a que o indivíduo pudesse ser chamado. A confissão não era um acto humilhante, mas um reconhecimento da liberdade da pessoa.

Conservadorismo.

Em certo aspecto, sou o que se chama «conservadora». No que se refere a um enraizamento que constitui o melhor da minha cultura. Não me fixo a costumes nem a lugares; sintetizo certa função da esperança de vida nessa inabalável aliança com a terra e as coisas. Há uma maneira de viver qualquer antecipação, mental ou física, que é sobretudo uma forma de mundanismo e provocação à liderança. Eu detesto o revolucionarismo mundano, que preza o efeito mais do que a sua viabilidade e o seu direito. Sabemos que toda a afirmação que não é servida por um direito acaba por justificar a tirania.

Consumo.

Em breve aparecerá uma elite que reivindique a produção e o trabalho, e uma multidão que é obrigada a usufruir o lazer e o luxo.

Os consumidores serão escravos sofisticados; e um núcleo de grandes desistentes da propriedade governará o mundo.

Alguém está a compreender que a propriedade, como uma bagagem demasiado embaraçosa, impede os movimentos, convida a que se perca o apetite e o comboio.

Contracultura.

Triunfou na medida em que hoje ninguém está obrigado a ler os grandes livros. Ninguém tem muitas razões para isso e pode dizê-lo muito claramente. [...] Mas haverá sempre quem os leia. Do mesmo modo que os Russos, quando fecharam as igrejas e diziam que a religião era o ópio do povo, ressalvavam: haverá sempre pessoas religiosas, haverá sempre crentes. Haverá sempre os leitores dos Gregos. Haverá sempre quem, numa frase, encontre um extraordinário prazer: ao ler um verso espantoso e ao saber o que é preciso para chegar a esse estado poético. Mas isso não envergonha os outros. Os outros têm, inclusivamente, a sua maneira de procurar o divertimento numa leitura que não é essa leitura, evidentemente.

Contradição.

Quando uma sociedade aceita o significado de alguma coisa, a dúvida instala-se imediatamente; porque a sociedade compreende que toda a tentativa de reduzir as coisas a uma discriminação implica um erro. Dizem. Por isso, no domínio da política ou no domínio religioso, depois dos primeiros esclarecimentos e configurações que conduzem a uma norma, surge a contradição como medida que estabiliza a função da consciência. Isto resulta em surpresa para a maior parte dos dirigentes, uns mais inefáveis do que outros; e eles costumam incluir no número das suas decepções o que é afinal um comportamento saudável dos povos.

Convencimento.

Um dia encontrei um pai ufano do amor dos seus filhos. Respirava satisfação pelo respeito que eles lhe demonstravam, pela disciplina clássica que era o clima do seu lar. E disse-me: «Não

faço nada para isso.» Era um homem elegante e rico, com sucesso nos negócios, novo ainda. O carisma do justo parecia envolvê-lo, e eu disse: «Não há vantagem em admirá-lo, porque é perfeito. Ser dócil ao que nos assombra não tem nada de sério. É uma fatalidade.» Acho que o convencimento daquele pai caiu por terra.

Conversa (de *chacha*).

Chacha ou *niñera* era a antiga criada de meninos, e ela costumava contar histórias de lobos e de ladrões. Na sala de brunir, enquanto espevitava o ferro, abrindo-o para soprar a cinza, ela ia narrando o conto do almocreve devorado pelas feras, ou do vendeiro que fazia morcelas com o sangue dos viajantes; o avental branco, preso no peito com dois alfinetes de ama, tinha uma nódoa de ferrugem. Sexo, morte, degolação dos inocentes, lá estava tudo na «conversa de chacha». E nós ouvíamos com adamantino espanto, sorrindo para afugentar o terror, mas conduzidos pelo terror, a justa noção ontológica. O crepitar das brasas dava um timbre de saltinho breve no espaço, que não era já o quarto de brunir, com tabuleiros onde se alinhavam as camisas, com os punhos no peito em atitude de repouso. Era um cenário aberto, com figuras que pulsavam, não corriam; e ficavam pelo tempo fora paradas, no seu fantástico equilíbrio sobre um eixo enfim descoberto no invisível cruzamento de muitos fios.

Cores.

Verde e azul eram as cores combinadas em certos trajos-alfaiate dos anos imediatos ao cubismo. O azul era uma cor da juventude; a cor da cólera, por mal que pareça dizê-lo. Não é o vermelho que é a cor do arrebatamento, mas o azul. A época mais deslumbrante de Picasso foi chamada «azul»; a de Vieira da Silva também. Esse azul traduz um vigor concordante com o melhor das aptidões humanas.

Corridas de touros.

Na corrida havia provavelmente esse antigo carácter, anti-progressista, de império sobre a matéria. Hoje existe um aproveita-

mento da matéria, um reino político que tudo absorve e que exige em tudo objectividade.

Um povo como o nosso está muito longe de sentir-se à-vontade com noções assim. É um povo que representa um esplêndido terreno para estudo, para autores de romances, mas que está unicamente disposto a usar uma cultura frívola e ornamental estranha a uma civilização. A corrida é um exemplo dessa cultura que deixou de parecer indelével; elevou-se à ênfase polémica, passando pelo carácter do que é grotesco, despertando a comiseração. A corrida foi uma espécie de justa de califas, um treino para manter os guerreiros em forma, no tempo em que as suas razias eram um ganha-pão e a guerra um ofício. Vivia-se do saque, como hoje se vive dum emprego público. Matava-se o touro à punhalada, como ainda há pouco se matava em Reguengos de Monsaraz e não sei se noutros lugares. O touro era o embate com o inimigo em toda a sua violência, era um modelo do perigo que estava sempre na ordem do dia. Mas já Boabdil devia preferir os banhos quentes à arena sangrenta. A Espanha cristã herdou, ainda como uma cultura que as cortes mouras lhe ofereciam com a sua poesia e a sua matemática, essa festa bélica, muito bela, muito sensual, e que foi retratando uma forma de decadência. Em Portugal, atingiu o auge com o marialvismo, uma cumplicidade de homens que de certa maneira exorcizam a besta gregária para se coroarem senhores. Mas, em democracia, a corrida não tem sentido.

*

A corrida é uma festa de morte. A mais sincera, a mais inquietante por isso mesmo. A civilização tem que bani-la, porque se distanciou demasiado desse estilo de massacre. [...] É a morte do homem que profundamente se espera; é a sua imolação que se deseja. Um toureiro a quem a multidão pede que abata o touro não pode fazer outra coisa senão obedecer; se não, está perdido. Uma vez, um desses toureiritos, que viajam pelas estradas de Castela e que se iniciam numa praça de aldeia improvisada com carroças, confessou: «A diferença entre o homem e o touro é que em manada o homem assusta e o touro não.» Ele conhecia o arrepio

que provoca esse uivo que sobe das bancadas, um brado antigo, de incitamento que mal vela uma ameaça.

Corrupção.

A corrupção é quase o acabamento duma forma de vida, um ideal sofisticado.

*

O que temo mais na vida é a corrupção. No aspecto do bem-estar. Toda a minha vida é marcada por pequenas e ao mesmo tempo grandes opções e grandes atritos... e até certa altura fui considerada uma escritora do ódio, era uma constante das críticas. Mas não era ódio, era antes uma certa reserva em relação a uma facilidade. Quando me surge uma facilidade tenho de parar para a enfrentar, e tenho de guardar uma margem de liberdade, e portanto de antipatia em relação a essa facilidade. Não quer dizer que, como todos nós, não tenha uma propensão enorme para aquilo que é fácil, por aquilo que é agradável na vida, seja a fortuna, seja toda a espécie de bem-estar. Mas é isso que eu mais temo. Acho por exemplo que uma grande fortuna, uma grande celebridade, é terrível para um criador. E nós vivemos cada vez mais nessa espécie de permissão da corrupção. Hoje já não há praticamente barreiras entre um comportamento ou outro.

Costumes.

O que se passa ao nível dos costumes com estudantes adolescentes e pré-adolescentes é o bastante para escandalizar o profeta Elias; como se sabe, foi um santo homem que, por alguma razão, os jovens vaiavam. Que fez ele? Fez com que acudisse um bando de ursos que devoraram os meninos. Moral da histórica: as florestas não são seguras quando os profetas andam perto.

O que acontece é que há na idade juvenil um tempo muito relacionado com a loucura. Uma espécie de devastadora explosão da vontade que faz do manso um carrasco e do pudico um libertino. Em certas raças, esse período em que a natureza selecciona os seus melhores elementos deu origem a ritos extremamente cruéis.

Cozinheira.

Veio a época em que, para dispersar o fumo do incenso do meu queima-perfumes, me chamaram cozinheira. Quanta verdade na honrosa calúnia! Para mim, a prosa limpa tem tanto de saboroso como o sável defumado, que é segredo de tanoeiros em que entra o espírito do vinho. E se soubésseis do sal a delicada sombra, a flor da salsa de umbela de jade claro; o espumoso fragor da tortilha francesa que cai na frigideira; o rim *sauté* e a trufa negra com moscatel e Grand-Marnier; e sobre o guardanapo, em letra de iluminura, a poesia de Goethe, *Mesa Franca*, anacreôntica medida – então saberíeis escrever. Porque o elemento da prosa é o tempo e o sol, que até faz brilhar as cascas das cebolas.

Crédito externo.

Esta família portuguesa que nós somos vive cada vez mais na disponibilidade do segredo de Estado. Assim, está informada do empréstimo de trezentos milhões de dólares que nos foi oficialmente concedido. Esta tremenda soma, que evita decerto tremendos embaraços sócio-económicos à Nação, vai criar no espírito do povo português aquilo que já nele está como cultura neo-expansiva: um desprendimento das responsabilidades e uma euforia surda de aproveitar de todos os meios de falsa ou leal riqueza. Estas «*délicatesses incommodes*» dos empréstimos são inevitáveis entre países pobres e ricos. Mas as grandes dívidas ameaçam corromper, enquanto que as pequenas dívidas estimulam a vontade de delas nos libertarmos. Quando as nossas energias são precárias para o esforço que seria aconselhável, então pactuamos com a servidão. Seria preciso um Infante Santo para cavar na horta de Lazeraque, como exemplo de cativo. Mas tudo são pagãos em festins e debandadas.

Criação.

Na verdadeira criação existe uma unidade em que tudo é sujeito ao processo harmónico da suspensão, do recuo e do avanço, isto

em impulsos extraordinariamente adequados a um ponto de vista ilimitado.

O estado de criação corresponde a um estado de solidão, e veremos porquê. A solidão é o pressentimento duma nova realidade. O homem está em oposição não agressiva com o mundo exterior, com o fito de se abster do que o reflecte a ele próprio. Ele tem que desligar-se de si próprio – e o mundo exterior é uma acumulação da sua própria imagem – para atingir a liberdade do seu ser – a única via para a criação. Aquele que vive na incapacidade de abstrair do mundo como conhecimento rotineiro é como uma criança, sem independência e sem verdadeira identidade. O seu comportamento será maquinal, pois vive estreitamente ligado à sua esfera, cumprindo actos que não são os seus, negando a contradição consigo mesmo através da quebra de sobriedade. Aí, o entusiasmo abandona-o, justamente quando pensa ter atingido o ponto mais alto do entusiasmo e ser portanto um criador.

O criador nunca está abstraído de si próprio, ainda que se despersonalize, que viva em união formal com tudo o que determina a vida. O que talvez se propõe aqui debater é se o criador, que em liberdade cria um mundo em que tudo tem parte essencial, é de facto o vestígio fulgurante da reciprocidade humana. No inconsciente colectivo a palavra criação está relacionada com salvação. E o criador concentra com toda a precisão os interesses do inconsciente colectivo. Salvação é o seu interesse mais eminente. A narrativa da criação do mundo refere-se a uma ordenação que tem por fim abolir o caos. O caos não era o mal em si mesmo, mas a ausência de objecto. A criação define o objecto e, através dele, ascende ao infinito.

No inconsciente colectivo existe o sentimento original de que a vida tem que ter acesso ao infinito. Quando tal sentimento se encontra remetido a uma simples ideia de felicidade ou de ideal, é porque a criação é necessária. Orientamo-nos para formas supremas de criação que possivelmente prescindem da linguagem; que são puras realizações do inconsciente colectivo e uma imensa acessibilidade ao conteúdo da mente humana. A criação não é mais a

chamada às emoções através de símbolos, símbolos que foram o engenhoso meio de tornar o pressentimento inteligível. Assistimos agora a uma certa desautorização da linguagem. As pessoas sabem que forte medida do entusiasmo não corresponde à medida de criação original. O que é original e salvador começa por parecer absurdo.

Criação do mundo é governo do mundo. Criação envolve uma ética, assim como governo envolve uma ética. Administração, visa uma cultura encarada como um bem a repartir... Antes de a administração duma sociedade se conduzir como agente duma cultura, um governo tem que existir como função criadora. A criação não actua nos moldes da eficiência hereditária, materializada num campo executivo; nem se encarna num conjunto de meios técnicos que interpretam o poder sem, no entanto, o representarem no histórico-imaginário. E, todavia, muitos dos que se debruçam sobre o tema da criação são arrastados para um automatismo dinâmico que os destina à cera branda da administração. Os conteúdos do inconsciente aparecem, no entanto, na fase espectacular administrativa, nos seus congressos, nas suas mesas redondas, na espécie de circum-ambulação ritual que é o apanágio do homem de gabinete actual. O eu isolado executa um percurso em que está alinhada uma totalidade de seres humanos ligados por um destino comum. Mas o sentimento original da unidade decompõe-se, sujeito à dependência de inúmeros detalhes que são o próprio carácter físico do horizonte administrativo.

A correspondência das afinidades e a doutrina da simpatia universal só subsistem agora através do mito para-científico e da descoberta da psicologia do inconsciente. São estes novos rumos da criação, ou simples suportes da curiosidade? É difícil saber. Tudo o que está oculto não é forçosamente uma razão honrosa.

Criador.

Não é jamais um moralista. Ele ama as descobertas, não se deixa abater pelo que o espectáculo da vida pode ter de depressivo; pelo contrário, o sentido do seu próprio limite no tempo é uma espécie de imunidade que o leva a não deixar nada por verificar,

nada por vingar da afronta da superficialidade em que as coisas se generalizam.

*

Parece-me que, com o crescente domínio da técnica, com os fáceis recursos do turismo intelectual, desaparece o tipo criador, mais próximo do lunático do que do grande organizador de fachadas culturais; mais perto da renúncia do que da glória missionária.

Crianças.

Vivemos ainda num mundo concebido com propósitos muito rústicos: para lograr sucesso, tendo como única visão da realidade um entendimento material das coisas. As cidades crescem de maneira anárquica e perversa, a criança não tem nela um lugar bem definido. Procura-se satisfazer os pais, que são uma maioria sugestiva, mas as crianças ficam um pouco reféns do Estado-Nação, que as guarda para um dia trocar por uma produção que consumirá vertiginosamente as suas energias, dando-lhes a ilusão de que o seu processo físico, mental e moral foi cumprido.

A criança que é despojada da sua riqueza de convivencialidade incrementa a frustração do adulto de amanhã.

*

Uma pessoa infeliz não pode obter bom resultado com crianças. A infelicidade é um desequilíbrio na balança da sabedoria; a criança percebe isso rapidamente e reage de maneira convivencial, isto é, tomando a infelicidade do adulto como uma prova de inabilidade e de ignorância.

*

Em Portugal há actualmente uma perfeita improvisação do destino. Todos se contradizem, mas ninguém entra em conflito. De facto, não há nenhum desejo de luta. As pessoas confraternizam com o irremediável, mais do que estão divididas nas ideias. Isto, quanto aos adultos. Mas as crianças, os adolescentes, são outro território; um território que não aceitará intrusos, como nós todos, a gente vinda duma civilização litigiosa, uma civilização de impropérios, e que parece completamente desinteressada dos seus efeitos.

Os meninos troçam e apontam para nós. Cuidado em não ceder à tentação de os massacrar, como sempre sucede.

Criar.

«Os judeus pedem milagres, os gregos pretendem a sabedoria.» Nada melhor do que estas palavras de São Paulo, palavras evidentemente dum romano, ainda que transfigurado pela pressão do seu caso, o seu espinho, como ele lhe chamou. Sem este espinho, a vontade criadora, continuaremos a pedir milagres e a encher-nos de sabedoria. O espírito que cria uma obra ou que a projecta, é um espinho na carne; é um combate formidável que só muito palidamente nos é sugerido nos grande teatros da turbulência humana. Criar é, ao mesmo tempo, obediência e revolta. Tem dois sexos, a aparência e as condições. É austero prazer e alegria corajosa; é uma arte curativa e é uma lei dinâmica.

Crise.

Ninguém quer perder os hábitos que endividam mas que são agradáveis de viver. Suportam-se os impostos e suporta-se a incerteza, que é o sintoma mais flagrante da crise. Porque a crise é um factor de mobilidade.

O que é a crise, senão uma intensificação da dúvida? A crise é uma espécie de refúgio das sociedades evoluídas. Não se pode viver sem crise; ela permite um desafio constante a todas as formações de poder demasiado legalizadas. Não se pode continuar a usar a linguagem moralizante de vencer a crise, porque ela é necessária como estabilizador do Estado e daquilo que o favorece – que é o equívoco. Decerto não veremos mais as multidões a aclamar um regime político, porque as multidões agora dissimulam-se nos seus detalhes; transposta a fase revolucionária, que não é bela porque permite que a estupidez se generalize como um contraponto da dignidade humana; transposta a política partidária, que implica a desmoralização do exército e a contaminação da justiça, e a instauração duma cultura de tese; surge um humor contra o Estado, um desprezo de massa a respeito de tudo o que a governa. A popu-

lação diverte-se com a imagem daquilo que a reduziu a uma utilidade. Enquanto esta ideia persistir, como uma vingança da civilização que se consuma numa irritabilidade crítica, a crise é uma forma de organização, de modelo duma época.

Crueldade.

A sensibilidade extrema vai muitas vezes a par com a crueldade mais refinada.

É preciso não confundir com a crueldade do torcionário. A crueldade pode ser revelação duma verdade para que a pessoa não está preparada nem disposta a aceitar como verdade, e isso então pode ser considerado como crueldade. Se disser a uma criança: não existe Pai Natal, isso pode ser uma crueldade, sem dúvida, contudo é uma verdade; a criança terá que ela própria ir descobrindo que não existe, e então nessa altura acha que houve um cinismo da parte daqueles que lhe inculcaram a ideia de que o Pai Natal trazia as prendas, etc. Quando a criança reconhece que isso não é verdade, ela acha que os adultos foram cínicos em dizer-lhe uma coisa de que ela forçosamente ia aperceber-se, dentro dos limites da aceitação.

Culpa.

Os homens têm necessidade da culpa porque ela funciona como um excitante para criar. Têm que criar as excitações da culpa. Têm que ser criminosos. É tão simples como isso. [...] Por isso é que a participação da mulher na vida da sociedade é importantíssima. A mulher não é culpada. A mulher é uma criadora por natureza. A mulher é. Os homens procuram a culpa porque nela encontram uma espécie de incentivo para a criação. Se o mundo fosse só das mulheres, ainda estávamos na idade da pedra. A mulher não tem necessidade de evoluir.

Cultura.

Vivemos o fim duma civilização em que a ostentação significava ainda uma forma de promessa de qualquer protecção paternal. A cultura era uma dessas superficiais fantasias que escondem

a vista doutros produtos mais primitivos e que na sombra dardejaram ameaçadoramente – armas de guerra, naturalmente. Os homens agrupavam-se em volta das suas virtudes e de valores que podiam acumular para melhor se defenderem do exterior.

*

Não é possível definir uma cultura sem extrair as consequências duma personalidade social até a transformar na musa popular. Quando o carácter dum povo é superficial e delicado, nunca o Édipo será um tema favorito para ele. Sófocles era querido dos deuses e dos homens, embora as suas obras fossem inquietantes e não houvesse nelas nenhuma amabilidade, mas o seu assunto estranho, o seu idioma complexo, dirigia-se a um auditório hábil que se sentia à vontade perante aquele ardor sanguinário. No entanto, Sófocles era a personificação da doçura e da serenidade. A sua musa, ao interpretar o povo, tomava o carácter pessimista e trágico desse mesmo povo.

Se imitássemos Sófocles para imprimir na nossa cultura a terrível marca da culpa e do castigo, o que acontecia era que isso nunca chegaria a ser mensagem duma cultura, mas algo de falso e incoerente. A arte faz-se pelo caminho que leva da natureza à cultura.

Há dois aspectos da cultura que tendem a diferenciar-se cada vez mais: a cultura como sinceridade grandiosa que engloba a sabedoria e o carácter capazes de fundar a crítica da época; e a cultura hedonista, voltada para a satisfação imediata e que se inclui na técnica da informação colectiva, com a estandardização do sensacional através duma linguagem sintética, seja visual, sonora ou gráfica. Mas essa especulação sobre o fundo arcaico do homem, especulação que se dirige às pulsões mais elementares, com incidência especial sobre a sexualidade e a violência, existe em todas as formas de cultura.

Daí não apurarmos se a cultura é um fenómeno apenas de torção, de desvio das realidades da vida animal cuja interpretação e reinterpretação sucessiva constituem toda a ordem cultural que nos é possível aperfeiçoar e imaginar.

Compreende-se, posto isto, que a cultura, como cânone crítico e como estética, venha um dia a desaparecer. Como várias formas

de cultura já desapareceram – tais como a retórica, a composição rítmica, o pensamento filosófico, a tragédia heróica e a poesia elegíaca.

As mais antigas expressões da cultura estavam dependentes do ânimo meditativo e da reflexão perante a experiência vivida. Se voltarmos os olhos para a paisagem cultural da Europa, constatamos quanto estão atrofiadas as funções da reflexão e da meditação. Toda a cultura bíblica, com todos os seus poemas épicos ou religiosos-morais, está impregnada dum conteúdo vivido; a solidão do pastor e do eremita convidava ao próprio princípio da elegia, com preferência pela brevidade da sentença e pelo sentimento pessoal. As circunstâncias dionisíacas que produziram a tragédia grega, a visão do milagre que envolve o horror e o prazer foram transfiguradas pela cultura medieval no conceito apolíneo da existência. Atingiu-se um ponto máximo da vivência lírica ao divisar de novo as proibições irracionais que rodeiam a vida do homem; mas, já, seguindo um processo anímico anterior ao facto. O trágico em Shakespeare consuma esse processo que é de certa maneira uma revolução na cultura: as premissas do drama interessam mais do que a sua conclusão.

Quer isto dizer que um povo evoluíra desde uma simplicidade participante em direcção a uma complexidade actuante. A reflexão não é já oracular, é científica. O sentido do destino, do obscuro, do acontecer no tempo, alterou-se profundamente. A justiça poética a que a cultura tantas vezes alude foi substituída pelo direito, auxiliado de perto pela pedagogia.

*

Se a mulher recuperar o carácter fluido da sua actividade social, muitas coisas mudam na sociedade. A cultura estável patrocinada pelo Estado está em desacordo com a cultura flutuante que as mulheres representam; nesta cultura, cada uma das unidades de fraca importância perante o maquiavelismo urbano ordena-se numa força poderosa de solidariedade.

Cultura Portuguesa.

O mundo não nos deve nada culturalmente, porque não houve ênfase, nem excesso, nem teatralidade na nossa História. Deve-nos costumes e uma certa brisa da civilização que é a sensibilidade e a compaixão. A teoria da compaixão parece adaptar-se à índole dos Portugueses. Um espírito lânguido e corajoso para suportar os outros, que é muito mais do que amar os outros. Sobretudo, os Portugueses conhecem o sentimento de orfandade como a base legítima de todos os sentimentos. A civilização está profundamente ancorada nesse sentimento em que a culpa sofre toda a espécie de transformações. O português tem, como ninguém, a noção da simultaneidade da culpa e da reconciliação. A sua cultura é pobre, mas o seu movimento civilizador é importante.

*

Destinados a representar uma cultura menor (menor pela limitada implantação do nosso paralelo cultural), está provado que não podemos resolver o isolamento senão com o discurso «mal-intencionado» do génio; só ele vai buscar à própria marginalidade a força da proposta.

Passou irremediavelmente o tempo da confortável mediocridade. A pimenta da Índia e o ouro do Brasil cobriam enfaticamente a nossa indolência criadora. Agora, não é a tanger as musas camonianas nos saraus provincianos que nos situamos na arena cultural do mundo.

Cumplicidade.

Eu hoje sou profundamente aceite na sociedade portuguesa na medida em que sou profundamente cúmplice dela. Cúmplice das pessoas. [...] Cúmplice na medida em que as entendo e faço parte delas. Por um fenómeno de mimetismo, pode-se dizer. [...] Mais do que pelas ideias ou até do que pelo engenho dos livros. Há uma enorme quantidade de pessoas que me lêem pouquíssimo – ou que não me lêem de todo – e, contudo, fazem parte de mim e eu delas. Sem dúvida nenhuma. Quando eu morrer vou

fazer imensa falta, nessa medida. Essa cumplicidade desaparece. E ela é necessária à vida humana. As pessoas sabem que nada de mal acontece a um povo em que essa cumplicidade está viva e é permanente...

fazer imensa falta, nessa medida. Essa cumplicidade desaparece. E ela é necessária à vida humana. As pessoas sabem que nada de mal acontece a um povo em que essa cumplicidade está viva e é permanente...

D

Dandies.

Há uma cumplicidade de toda uma sociedade com esse tipo de criatura. Algo que se ajusta à face íntima das pessoas, cuja consciência de apatia desperta nesse deleite do crime e, de certo modo, lhe dá guarida. «Enganar um tolo é uma empresa digna dum homem de espírito» – diz Casanova. Isto que se toma por homem de espírito é o desfrutador, que às vezes assume a atitude do vigarista no uso do direito de lesar os outros. É um comediante sobretudo.

Casanova era um *dandy* com punhos de renda. Os *dandies* de hoje usam *jeans* deslavados, mas têm a mesma divisa: «nem remorso, nem piedade». Sem dúvida que a divisa dum *dandy* não é tanto a sua inspiração, como o compromisso com toda uma época nos seus aspectos mais autorizados. Não se escrevem memórias proibidas sem que isso obedeça ao dinamismo exigido por toda a comunidade; há uma segurança reforçada no crime que denuncia a paixão. Paixão de iludir, quase sempre; paixão de atingir, pela mistificação, o direito à exceção, ao tipo magnífico e aplaudido.

Se Casanova teve um fim melancólico, poupou os seus leitores de o saber. Deu por findas as suas memórias quando chegou ao limite de poder fazer rir. Foi nisto que ele levou vantagem sobre os moralistas; e o que o torna para a posteridade, se não simpático, pelo menos nada sinistro.

Decadência.

Ao mesmo tempo que desdenhamos da vida eterna, queremos eternizar-nos. A doença aterra-nos, porque já não somos mais um corpo entregue aos golpes do destino, ou julgamos que o não

somos. O nosso sangue empalideceu, perdemos a força da decisão, a hesitação tornou-se uma espécie de compadrio entre os povos. O nosso tempo quer arranjos e não grandes obras. Os pensamentos são tímidos e vulgares.

*

Quando um império inicia a sua decadência, é certo que tudo contribui para ela, até os seus grandes homens. Portugal chegou ao ponto em que tanto a corrupção como a virtude são igualmente consentidos e reprovados. Há uma superabundância de razões que se opõem a uma razão dinâmica, talvez impossível de refazer. Mas a lucidez tem sempre algo de mórbido que a torna impura. É por isso que, quando nos oferecem uma solução apocalíptica, duvidamos e construímos os nossos baluartes em volta do ócio ponderador.

Decepção.

É espantoso como se mente tão descaradamente para manter uma reputação carismática – os homens viris, as mulheres sedutoras. Estes moldes enfáticos servem para que a decepção se instale na nossa mente, a decepção que é o estigma da decadência, assim como a literatura. Não há literatura sem decepção. Assim, quando as pessoas reflectem sobre o que as faz chorar, estão a produzir literatura.

Decoração.

Hoje as casas apresentam-se, e sempre assim foi, como uma imagem da época que se vive. Espaços cheios de manchas solares são carregados dum barroquismo em que se julga retratar solidez e conforto, mas que representa apenas receio da nudez implacável das almas. Dizia Le Corbusier que alguns mapas lhe bastavam para decorar uma casa. Ele vaticinou o declínio do móvel, o seu desaparecimento. O homem tornou-se outra vez nómada, não precisa senão de poucos trastes de ocasião, possivelmente belos, mas não absorventes. Viaja, convive, elege amigos em continentes diferentes, e em breve a sua herança de toda a propriedade não terá

somos. O nosso sangue empalideceu, perdemos a força da decisão, a hesitação tornou-se uma espécie de compadrio entre os povos. O nosso tempo quer arranjos e não grandes obras. Os pensamentos são tímidos e vulgares.

*

Quando um império inicia a sua decadência, é certo que tudo contribui para ela, até os seus grandes homens. Portugal chegou ao ponto em que tanto a corrupção como a virtude são igualmente consentidos e reprovados. Há uma superabundância de razões que se opõem a uma razão dinâmica, talvez impossível de refazer. Mas a lucidez tem sempre algo de mórbido que a torna impura. É por isso que, quando nos oferecem uma solução apocalíptica, duvidamos e construímos os nossos baluartes em volta do ócio ponderador.

Decepção.

É espantoso como se mente tão descaradamente para manter uma reputação carismática – os homens viris, as mulheres sedutoras. Estes moldes enfáticos servem para que a decepção se instale na nossa mente, a decepção que é o estigma da decadência, assim como a literatura. Não há literatura sem decepção. Assim, quando as pessoas reflectem sobre o que as faz chorar, estão a produzir literatura.

Decoração.

Hoje as casas apresentam-se, e sempre assim foi, como uma imagem da época que se vive. Espaços cheios de manchas solares são carregados dum barroquismo em que se julga retratar solidez e conforto, mas que representa apenas receio da nudez implacável das almas. Dizia Le Corbusier que alguns mapas lhe bastavam para decorar uma casa. Ele vaticinou o declínio do móvel, o seu desaparecimento. O homem tornou-se outra vez nómada, não precisa senão de poucos trastes de ocasião, possivelmente belos, mas não absorventes. Viaja, convive, elege amigos em continentes diferentes, e em breve a sua herança de toda a propriedade não terá

mais significado para ninguém. Essa paixão angustiada de reunir objectos, de os trazer quase ao nível dum cultura doméstica, parece testemunhar o último laço dum hábito que se perde; um hábito que é uma fatuidade porque já não pode ser história.

A decadência da decoração, a inflação do lar-mostruário nota-se no facto de ele ser cada vez mais feminino. Ainda que imaginado pelo homem esse mesmo lar, com os seus *livings*, a cozinha-laboratório, as varandas-solários, depressa a casa aparece complicada de estilos Pompadour ou Império, de recantos em que se conjuga o conventual e o palaciano, de resíduos de velhos arcanos, de glosários de costumes, de retórica do gosto, de dandismo antiquado. E a simulação, o calão do requinte denuncia-se nessas casas inanimadas que se fazem proibitivas ao estar quotidiano, ao movimento de uma criança, ao silêncio das horas em que o homem se acompanha a si mesmo, não como inibição e castigo, mas como felicidade genial.

Decoro.

O decoro é uma forma de preservar o segredo. Aquela cortesã chamada Farineia, que na Grécia era muito escandalosa, é julgada pelo tribunal. E o juiz pergunta-lhe: «Tem alguma coisa a dizer para sua defesa?» E ela tira a túnica e aparece absolutamente nua. Foi o bastante: era tão perfeita e tão bela que o decoro não tinha aí nada a ver. O decoro é introduzido na sociedade para velar os defeitos de cada pessoa. O decoro aparece porque há um modelo e há a necessidade de se parecer àquele. Há imensas mulheres que se parecem umas às outras; parecem-se porquê? Porque há um modelo. E, nessa medida em que elas se aproximam, o decoro vai desaparecendo.

Democracia.

Hoje, fala-se imensamente de democracia. Eu acho que não deve haver dez pessoas que saibam o que é democracia, nem acredito que sejam capazes de a viver. Acho que teríamos que começar por aí. No fundo é um estado de civilização muito apurado. Mas,

nessa definição, cabem todas as tropelias e todas as insânias e todas as mediocridades.

*

Aquilo que podemos chamar desgraça dos dirigentes é a sua desconexão com a massa popular. A democracia acaba em fachada sonsa de uma pequena festa oligárquica; os partidos, produzidos por uma composição de afinidades e sentimentos de grupo restrito, decidem sem a intervenção do povo nas circunstâncias geralmente limitadas a campanhas irreais; campanhas de conteúdo aparentemente cívico e tutelar, como sejam alianças, intervenções e processos persecutórios, internos ou externos, destinados a coroar um valor superlativo do governante. A descolonização foi um desses processos, a entrada na CEE é outro, e assim por diante.

Tudo o que o homem da rua e o burguês resignado podem fazer é conceder a sua confiança ao candidato que – sabe-o muito bem e não isento de azedume – não escolheu. O que explica em parte a renovação dos mandatos, que tão monotonamente se sucediam em tempos não distantes, foi sobretudo essa moderação das populações que têm como forma de se terem por inteiradas a familiaridade com o candidato. Aquele que primeiramente parecia mal calhado no lugar, e a quem não pouparam a praxe da prova do caloiro que foi sempre, nas comunidades democráticas, como nas estudantis e religiosas, o exercício de competência, acaba por ganhar um direito – o que corresponde à escolha. Por isso é sempre difícil fazer aceitar um candidato novo; o candidato já conhecido tem uma vantagem inegável sobre qualquer outro. O seu carisma pessoal, que transborda para além das suas vicissitudes e limitações, enche o horizonte do eleitor. [...] Nós sabemos que o nosso papel como eleitores é precário.

Democracia americana.

Dizem, eu ouço às vezes, que a democracia americana tem a ingrata condição de ser fácil pretexto de aventureiros; com ela um *gangster* pode chegar a presidente, e um cantor de *blues* pode arrançar mais votos do que um caudilho. Mas Lincoln, exemplo dessa

ligeira arte de obter promoções, paga as dívidas da democracia ao senso comum; e deixa que os eleitos, às vezes, nos consolem, por serem os bons, e usarem merecidamente o seu chapéu branco.

Democracia ateniense.

Uma democracia como a ateniense era um governo nas mãos do seu primeiro cidadão, um homem eminente pelo seu talento, mas que hoje teria maiores dificuldades para influir nos outros cidadãos, porque o talento se tornou menos valorizável como uma superioridade. Péricles mantinha a população da cidade sob o jugo do seu prestígio; e o que aconteceu quando ele morreu foi que, para desafiarem a memória da sua insubstituibilidade, se lançaram em expedições que logo fracassaram e em trágicas embaixadas. Não tiveram nelas êxito, porque as ditava uma veleidade de poder e não uma ideia prática em perspectiva.

Demografia.

Nunca houve nenhuma era de transformação sem que ela correspondesse a uma explosão demográfica. O equilíbrio das relações das sociedades humanas era quebrado, e isso dava motivo a novas formas de organização. Organização caracterizada sempre por uma administração executiva e o campo do ócio ponderador que assegurava aos membros do governo tempo para reflectirem sobre o essencial. Não pode haver um governo responsável sem que ele seja munido desse ócio invulnerável a toda a leviandade, e que é indispensável para se pensarem os assuntos de primeira importância, que são aqueles que visam um objectivo sem atrair e desencadear um conflito.

Demorar.

«Longos dias têm cem anos.» Assim me diziam quando se tratava de protelar um assunto, de o fazer amadurecer na lânguida separação do inadiável. E os longos dias passavam, carregados de justo sentimento pelas coisas que devíamos fazer de maneira lesta e durável. Às vezes, não se faziam nunca. Outros planos, mudanças,

resistências, vazios súbitos do coração, que é quem nos comanda o trabalho e a fantasia. «Longos dias têm cem anos.» Era uma admoestação e uma ironia para o preguiçoso inveterado que num século acha tempo adequado para os seus projectos e a combinação laboriosa que os acabe.

Desafectação.

Ser uma espécie de máquina registadora das paixões humanas não desagrade a nenhum criador. É uma espécie de filosofia do trabalho que não interfere com o nível da pessoa, isso de dominar um assunto com razão saudável e franca.

Descobertas.

O que fez do português algo diferente dum colonizador foi a sua imaginação moral. Quer dizer: o português, na era das Descobertas, tinha recebido já uma forte elaboração da sabedoria tradicional. Sabia que nada é durável sobre a terra e que, sobretudo, o êxito duma empresa não é uma evidência – é uma ficção. As palavras de D. João de Castro «mal com os homens por amor d’el-Rei e mal com el-Rei por amor dos homens» explicam o sentimento de alma fictícia que há em toda a excursão no território dos outros. Onde há uma originalidade alheia a defender, tanto como uma história própria a ter em conta.

Desgoverno.

Há povos para os quais tudo é uma ordem; outros que tudo tomam como contrário à razão. Quando o presidente Walter Scheel se lançou em boa corrida pela floresta de Venusberg, para dar exemplo do «*Trimm dich*» («equilibra-te»), vinte milhões de pessoas seguiram-no, mal precatadas de esfoladelas e entorses ou acidentes cardíacos, que não foram poucos. As clínicas encheram-se com gente que se tinha excedido em ser saudável. Nós, os Portugueses, se um governo inteiro desandasse a correr por matas e clareiras, comprávamos tremoços e um boné para ir assistir. As tromboses queremos-las caseiras, por arrelias de contas malparadas ou por-

que abusamos de toucinho e tabaco loiro. A quarta vaga que acomete os Europeus, a da saúde, não vai decerto causar-nos grande impressão. Ainda estamos a braços com a vaga do automóvel e a da paródia. Confundimos as datas antes de fixar os hábitos. Total: nada nos governa, como disse o romano, que, por acaso, era general.

Mas também há limites. Alguma coisa é possível obedecer sem que nos caíam os parentes na lama. Quem diz parentes, diz a redundância histórica de sacudir Castela e Junot. Podemos ser mais ajuizados na rebeldia, sem cair em obstinações fatigantes.

Ser rebelde requer ponderação e algum espírito, desse que se esfria com entusiasmos iluminados. É uma tarefa simples e digna de ser incluída nos trabalhos de Hércules. É coisa que vive da análise das situações de todos os dias, mais do que das datas memoráveis; é sermos capazes de nos comovermos quando outros preenchem papéis; é uma questão de harmonia interior, de paz com as nossas forças, sejam elas medíocres e desoladas. Bem vedes, ó Portugueses, que a força não se adquire estando alegre, experimentando rir quando temos tristezas que remediar; respirando ar puro, apanha-se uma constipação, mais depressa do que nos convencemos de que a vida é bela. Não é gastando o salário que ficamos convencidos de ser ricos! Ajuda apenas a dispersar certo terror visionário em que se inclui a morte.

Desmassificação.

Uma pessoa que viaja em condições habituais, numa carruagem cuja trepidação lhe é familiar, é vítima de um descarrilamento. Ao ver-se envolvida na confusão das bagagens que rolaram e da excitação do acontecimento em geral, no seu foro íntimo só admite uma coisa: que o acidente passe, que tudo volte à normalidade e que ela possa outra vez tomar o seu comboio a hora certa, gozando do seu lugar predilecto e moderando o sol que a incomoda com um toque na cortina de sarja. É certo que, por um momento, a tecnosfera em que a sua vida estaria calibrada desapareceu; sem que o admitisse, esse viajante sentiu-se, entre o terror e a indignação, bastante aliviado. Aquele prestigioso nível de vida de que apro-

veita, mercê dos mercados expansionistas, por uma fracção de segundo estilhaçou-se na sua mente. Deixou de ser o modelo da era industrial que se apoia em três artigos de fé: que a natureza é um objecto a submeter, que há uma lei imanente que se pronuncia pelos povos poderosos, e que caminhamos para um mundo melhor. Naquele instante em que o chão lhe fugiu debaixo dos pés, ele adoptou uma atitude faquirista, isto é: procurou na imobilidade uma espécie de sucesso neutro com o mundo que o rodeia, mundo que não é mais nem o trilho seguro, nem a paisagem conhecida, nem o seu caro sistema indústriocultural encravado no reaccionarismo de esquerda e de direita. Quando começou a reagir, verificando o estado dos seus bens e até, como consumidor moderado, se o seu jornal estava ainda no bolso do impermeável e o guarda-chuva no cabide, deu conta dum fenómeno surpreendente: tinha-se operado uma profunda prova de desmassificação.

Desperdício.

Uma tentação imediata do nosso tempo é o desperdício. Não é só resultado duma invenção constante da oferta que leva ao apetite do consumo, como é, sobretudo, uma forma de aristocracia técnica. O tecnocrata, novo aristocrata da inteligência artificial, dos números e dos computadores, propõe uma sociedade de dissipação. Propõe-na na medida em que favorece os métodos de maior rendimento e a rapina dos recursos naturais. As hormonas que fazem crescer uma vitela em três meses, as árvores que dão fruto três vezes por ano, tudo obriga a natureza a render mais. Para quê? Para que os alimentos se amontoem nas lixeiras e os desperdícios de cozinha ou de vestuário sirvam afinal para descrever o *bluff* da produtividade.

Diabo.

«É inteligente como o diabo.» Não me sobressalte; apenas me deu para tomar a sério aquela observação, o que não deixa de ser uma forma de sobressalto. Para determinar o carácter que concerne à inteligência, é preciso conduzir um motivo de ordem teoló-

gica. E o diabo é ainda, no consenso popular, aquilo que melhor exprime a impressão do carácter na alma humana e que produz uma semelhança com a sabedoria. Noutro estrato mais puritano, a sabedoria é de natureza divina, assim como o sucesso. Mas para o homem simples a inteligência é o carácter que contém uma forma de ser, ainda que não seja actuante. O diabo é sempre, em todas as situações, o que ele deve ser, independentemente da sua actividade como tal. É muito mais inteligível do que a natureza angélica, porque esta fica associada sempre à figura corporal. Ser inteligente como o diabo é um cumprimento e uma responsabilidade. Sobretudo, alguém inteligente como o diabo nunca se esconde atrás do seu papel, não desempenha a profissão de juiz acreditando que as leis tudo definem e que bastam para contornar a realidade. Todas as pessoas ligadas ao seu papel na sociedade sofrem duma insegurança particular, a de saberem que todo o cargo oferece desculpas à realidade, mas não é a solução para ela. O homem tem que saber que as situações de conflito são de facto inabordáveis pelo lado do cargo que se exerce; é preciso ter a capacidade de não recorrer ao cargo refugiando-se nele para iludir a angústia. Na medida em que a sociedade vai criando uma falsa segurança apoiada no cargo e na sua especialização, vai também produzindo o pensamento maquinal e sem originalidade. Ser inteligente como o diabo é completamente outra coisa. Começa porque o diabo não tem uma profissão definida. É inteligível mas não é definível. A burocracia gigantesca das nossas sociedades de massa não o inclui nos seus quadros e nos seus computadores. Mas ele é o único que não se satisfaz com o seu papel, é o único carácter responsável no vasto mundo das instituições. É, acima de tudo, capaz de se ocupar mais das emoções, do que dos átomos.

Diálogo.

Constantemente deparamos com o conselho de dialogar. O diálogo está hoje para o homem moderno como o falar de flores estava para o salão do século XIX. Entretinha o vazio e não comprometia ninguém. Era o ruído das palavras o que impedia o trajecto das

ideias, em geral mais furtivas e rastejantes e que não entram no diálogo. O diálogo não é absolutamente nada senão barulho de vozes. Nele não há gritos nem vociferações. Dialogar é subordinar os sentimentos autênticos de cada um; pôr cobro às impressões e aos riscos que eles acarretam. «Aberto ao diálogo» – dizemos de alguém franco e generoso de espírito. Não é generoso quem dialoga; em geral é só falador, e capaz de proferir tantas palavras por minuto; de maneira maquinalmente sincera, porque a sinceridade é uma coisa que tem muito de adulação. Quer digamos grandes verdades ou grandes mentiras, o sentido é sempre o de adular. É isto o mais temível no diálogo – a adulação que ele contém e que dele transborda.

O diálogo é um risco para quem nele participa. Há sempre quem escuta e quem se faz ouvir, e a adulação intervém sempre em ambos os casos: o mais fraco de argumentos e de artes adula pela submissão; o mais seguro de talentos seduz pela inteligência e pela ganância que nela há. Nunca vi ninguém inteligente que não fosse ambicioso e, por isso, inquietante. A inteligência é um produto de uma experiência motivada pela ambição. Portanto, precavei-vos dos inteligentes e fechai os ouvidos aos que comandam o diálogo.

Se vos falarem em diálogo, afastai-vos logo. Ide pescar robalo para o paredão da Foz, ou ensinar um sobrinho a andar de bicicleta. Melhor do que dialogar é plantar alfaces e couve-nabiça; o resultado é saudável, e não nos desilude. Pode também ser que o senhor do diálogo não vos desiluda. Mas aí começam os trabalhos.

Diálogo / Difamação.

Dialogar tornou-se um estribilho presente em todos os lugares e situações. Mas o diálogo nunca teve, como hoje tem, o significado de difamação. Duas pessoas não travam conhecimento ou progridem numa conversa senão para difamar alguém; a cultura tornou-se difamatória, inconciliável com a compaixão que é um sopro divino capaz de nos fazer sobrevoar «a fábrica ancestral do Éden», cumprindo um novo itinerário.

Difamação.

Se olhamos as nossas cidades, em que as árvores são talhadas «à francesa», ou onde elas são simplesmente abatidas para dar lugar a uma amplidão problemática (a via pública desimpedida e rasa significa a proibição da palestra, a renúncia da luta pela existência simbolizada na palestra pública), imaginamos imediatamente a pobreza duma cultura entregue aos rigores dos elementos. E sobretudo desprovida da constante materna, a compaixão. O que resta é o circuito das informações, o bater cadenciado no ferro e na madeira, ruído estridente que nos comove primeiro e acaba por desesperar. A difamação cobre todo o espaço convivente e deixa uma clareira à nossa volta, de extrema fragilidade.

Dissimulação.

As mais belas civilizações tiveram um rápido declínio, exactamente porque elas foram demasiado longe na dissimulação.

Doença.

A doença toca-nos a alma e tem um peso novo de indignação infantil. Porque nós, membros duma época extravagante e sem maturidade, não sabemos que fazer com a nossa piedade. O amor, na verdade, soa a falso; e a consagração do sentimento chega a sufocar o reino da sensibilidade espontânea.

*

A importância que a doença toma na vida de uma sociedade e das pessoas é uma forma de terror que lhes é imposta, que as pessoas compreendem bem e que acabam por incorporar profundamente. As pessoas, hoje, vivem oitenta por cento da sua vida em torno da doença.

*

Dentro de poucos anos o mundo será um imenso hospital sem possibilidades de atendimento, sem recursos para ser gerido convenientemente. As pessoas, aprendendo o medo como uma lei social, vão dedicar-se à doença como não se dedicam ao amigo e aos parentes.

Doidas.

O português, incorrigível em ser pequeno para que a morte o não descubra cedo, tem, no entanto, uma arrogância especial que desmente isso mesmo. Não é feitio, é tática, o mostrar-se de pouco valor.

Vejo às vezes como se comportam as mulheres quando voltam a casa, ao fim da tarde. Falam de coisas mínimas e consoladoras de tão ajuizadas: do amor casto, da aldeia mal sacudida dos sapatos, de doenças, ao desafio. Ninguém quer ser senão coitado. Contam as mazelas e as operações de barriga aberta, com um orgulho afronoso. E nos olhos duros encontra-se a violência obscura de impressionar quem ouve. São mulheres arrasadas de humilhações, mais do que de trabalho; ou o trabalho nunca deixou de ser senão espaço morto e sem honra.

Um dia, diante de mim, iam duas mulheres, uma quase velha, outra também. De idades diferentes, mas tão aproximadas na aridez dos desejos e dos proveitos deles, que acertavam ambas pela desilusão cinzenta e o frio da mortalha. E, todavia, num ponto tentavam não naufragar: o das recordações. Dizia uma, que tinha cara de medalha e porta-bandeira: «Levo os pequenos comigo, mas não sabem cortar erva e têm medo de tudo. A lareira ainda me sabe bem, e o caldo de hortas com paladar a ferro. Agora, no empapar da vinha, aquilo é bonito. Mas muito longe.»

Descortinava-se no seu olhar a vaidade desse pingo de terra onde a avó arrastava a saia encardida. A outra percebia que tratava com uma proprietária, fez-se mais confidencial e segura; falou das suas doenças, dores várias, casos fenomenais, remédios caros. Frequentava as Caixas como esplanadas e óperas. Sabia o nome dos doutores, os tiques deles, o carácter das enfermeiras. A inveja brilhou um instante na cara da sua vizinha. Um odiozinho fino ondeou sobre as suas cabeças. «São doidas» – pensei. «As leis não se podem fazer para gente sensata. São formidavelmente doidas e sabem isso muito bem.» Pedi licença e saí. Elas olharam para mim com uma fina indiferença, uma delas disse: «Vá à sua vidinha...», com um requinte extraordinário, porque tinha entendido tudo – que

eu as achava doidas, que elas sabiam que o eram, e que isso pertencia à rotina irreal das suas vidas. Se eu o declarasse, encravava todo o sistema de compensações e a aura de relação humana em que o mundo se equilibra. [...] O autocarro arrancou, não as vi mais. Por sinal, eu tinha-me enganado na carreira, mas tomei um ar desprendido e ligeiro de quem conhece o chão que pisa.

«É doida...» – vi que diziam os meninos que jogavam a bola contra a folha dum portão. Não sei como o descobriram. Em geral, passo despercebida.

Dor.

O sofrimento é alguma coisa ainda enigmática; nas sociedades primitivas funcionava como uma forma de impedir ao indivíduo toda a alienação. Certos ritos de iniciação podem ser encarados como uma maneira de cortar o acesso à interioridade, à imaginação. A dor, realidade pura, dispunha o homem no seu terreno natural; o prazer não podia mais afectá-lo profundamente, nem a ambição, nem a esperança sequer.

Dostoievski, Fiódor.

Corro estas páginas famosas, carregadas duma dor universal mas na qual pesa essa solidão especial da neve que nos parece a nós carrasco branco. A galeria dos seus personagens, sobretudo os das primeiras obras, encontrados nas esquinas, nas tabernas, nos quatinhos alugados de São Petersburgo, está como que petrificada pelo frio, enroupada em capotes rotos, em xailes delidos, em blusas que o vento sacode. Cocheiros, cortesãs, velhos funcionários, parecem trazer do frio essa sensibilidade culpada, esse grito que não é queixa, é apenas interrogação, ou mística, ou duma pagã revolta pelo absurdo sofrimento das pobres gentes. Mas o que não se ausculta nesses oitenta milhões de almas do tempo dostoievskiano é a vocação migratória. «O russo mais branco – diz o escritor –, quando entra na Europa, torna-se vermelho.» Tal se revela a fome específica dos dias felizes que são a pátria. Ninguém como Dostoievski nos dá essa realidade da terra russa, com a sua solidão

frenética, confissões em que tudo se diz e tudo se cala; em que se suspende com lágrimas a palavra essencial, e com um crime o último abraço fraterno.

Droga.

Nas medidas, deficientes ou nulas, que são tomadas a respeito da droga há, desta vez, uma simultaneidade com o que se passa em muitos outros países: é que não podem conduzir a quaisquer resultados. O próprio significado da droga é o de criar um campo intocável. Para o drogado, o conceito de visão, de objecto, é constantemente iludido. Ele mesmo não controla os efeitos, e as imagens provocadas não estão sujeitas a qualquer representação. Assim, certa repetição narcísica do indivíduo não será interceptada. A droga instaura o equívoco e acaba de vez com o conflito das vontades.

Trata-se do sintoma duma sociedade onde tudo o que parecia insolúvel se inscreveu como transitório. Quando a única maneira de encarar o insolúvel é observá-lo como tal. Um certo desespero intransigente não afecta a estrutura do complexo humano.

Em primeiro lugar, a beleza não é realmente nada de reverencial. Há tempos, assisti a um programa sobre a droga, na televisão; lá estava aquele recurso da linguagem caricatural do pedagogo, que fazia alusão à beleza da jovem drogada. «És bela, portanto porque degradar-te?» A verdade é que o conceito de degradação estava nesse princípio do poder da beleza, da sua combatividade potencial. A dimensão absoluta do ódio responde desde logo à exigência dessa plenitude.

A gente nova de certo modo compreende que a maneira de se opor a fortíssimas perversões culturais é criar uma situação que não seja substituto de nada. A droga é uma barreira a toda a instrumentalização da linguagem. Por sua vez presta-se a ser a representação teatral duma consciência que não passa de doméstica. O que de facto procura é a intangibilidade, como problema.

A droga tende a refutar o sentido das coisas, das imagens. Estabelece o equívoco ininterruptamente. O último diálogo do drogado com a sociedade vai inscrever-se no ódio, que é um narcisismo

impassível. Assim, ainda no programa de que falei, sobre a droga, a última palavra era proferida pelo moralista; ele conferia ao drogado a liberdade para morrer, mas via nessa liberdade apenas uma condescendência da sociedade. Um pacto odioso resultava disso. A liberdade actuava como desastre, perfídia, nesse caso. Isso não é possível. A liberdade não é um estratagema, seja para o que for; é uma trajectória do espírito humano.

Parece que a moral é um princípio farmacêutico e mais nada; quer dizer que, como com tudo o mais, a sociedade pretende fazer a droga algo de funcional, com o seu binómio enfermo-enfermeiro e a garantia que daí advém, de que a moral social fica salvaguardada. Mas a droga não é percorível no tempo. É uma teologia fretada no caos. Para a resolver é talvez preciso entender a sua nudez, a sua ausência de motivos capazes de serem assumidos. Ela não se situa no dualismo doença-saúde; não se trata mesmo duma experiência. É antes uma espécie de denominação, de círculo feito em volta de algo que não é explorável.

A droga, como a delinquência que dela advém, é uma recusa da fantasia e de todos os seus logros; não se pode combater, porque está ligada à interrogação da sobrevivência. Um dia desaparecerá, decerto sem deixar de ser constante na profunda realidade humana: que é a de que não somos bons, nem eternos.

E

Economia.

Maria Helena [Vieira da Silva] é meticulosa, verídica, no sentido económico do termo. É nisto que eu me identifico com Maria Helena: neste respeito devido à matéria, que em mim vai até ao preceito firme de não desperdiçar o mínimo papel, de praticar uma caligrafia miúda e certa, porque assim o dispêndio de energia é menor. Também Vieira da Silva pinta as suas pequenas manchas de tinta para evitar (diz ela) que o óleo estale com o tempo, pois, como é sabido, as grandes superfícies são mais vulneráveis. Não se trata só disso, mas sobretudo duma informação económica que dirige e inspira todos os gestos. Viver é dispensar a todas as coisas uma veneração oblíqua, que procede como se elas fossem deuses e parte da nossa liberdade face ao divino.

Educação.

Hoje em dia é comum tomar como princípio educativo a dispersão de todas as dúvidas da auto-observação. Tudo se consome como espectáculo, não podendo ser conhecido como matéria profunda. Fica-se no domínio do egoísmo, que assume o papel do Bem e do Belo para deixar afastado o mundo inquietante dos pensamentos reservados. Uma complacência rodeia então tudo quanto se prende com o mundo do ensino e da simples diversão humana. O maior dos escândalos ao nível da divulgação de conhecimentos é insignificante se distrai a pessoa desse profundo ermo onde não entra o pensamento. No mais fundo da natureza humana e no mais alto da sua condição, nada é possível comunicar. É por isso que a educação resta uma obra de egoísmo, um vaguear entre silêncios inóspitos.

A educação dum criança, dum homem, nada é sem essa noção estranha de compromisso com a névoa total que torna imprecisos os nossos gestos. Demasiado escrúpulo corrompe o sentimento, e a educação, desde o princípio do mundo, é a invenção do sentimento.

*

Uma coisa parece importante, e é com certeza: se queremos tirar do atoleiro em que está uma geração inteira, de gente potencialmente digna de aproveitamento, temos que tomar a educação não como uma verba mais, mas como um princípio de vida, e uma sensibilidade pátria. Primeiro, a educação é um meio de criar amigos difíceis, que são mais tarde os melhores cidadãos. Os mestres têm que ser competentes para terem autoridade, e não fúteis julgando que aliciam assim quem não tem tempo a perder com cultura nem sequer com exemplos. Os jovens, a quem a cultura se dirige como uma deusa opiniosa, que os deixa sempre mal, gostam dum ensino extremado, obrigatório e não hipócrita. O que é sacrifício é para ser encarado como tal, e não como uma alínea do comportamento em que tudo são generalidades.

Educação familiar.

Os tempos são terrivelmente desarticulados nas relações adulto-criança. O humor afectivo estava ligado à aptidão de aprender, e a mãe que ensinava a fiar e a cozinhar à sua filha comunicava-lhe ao mesmo tempo o sentido exemplar da história. O acesso ao mundo dos adultos era mais fácil, em geral o filho continuava a profissão paterna e convivia com o pai em interessada composição de afecto e aprendizagem. Mas hoje a realidade social é diferente: pais e filhos vivem afectados na sua unidade de temperamento e de mestre-discípulo. A educação familiar desaparece, irreversivelmente, mercê das ausências prolongadas e habituais que rompem o carácter afectivo da mesma educação. Isso é mal substituído pelo brinquedo inoportuno e o livro de histórias decorativo que, em geral, não se adapta ao sentimento de falta, de abandono no meio dum mundo exigente e estranho. O herói cósmico, munido

de poderes destrutivos excepcionais, representa, na banda desenhada, uma identificação com a «seriedade» que é estar só com o seu ideal da personalidade. Mas isto são contos largos, da criança e não para crianças.

*

O problema da educação é hoje muito diferente do que era dantes. O centro de autoridade tornou-se instável, depende da sensibilidade do grupo parental. As séries televisivas, fundadas no ideal da ficção novelística – mãe-modelo e filhos com problemas – tocam muito por alto essa realidade que é o espírito de família extraviado. O que estruturou o espírito de família através dos séculos foi a necessidade coloquial ou de simples mística patrimonial. A herança produzia o registo sentimental, depois de constituir o motivo agregador. A seita, o partido, o bando juvenil, com as afinidades de ideias e de preferências, tomaram o lugar da família fechada na sua dinâmica competitiva numa sociedade carecida de segurança pessoal. Hoje, a casa tende a tornar-se um lugar aberto à ordem jurídica e espiritual, mas não vinculado a deveres que dissimulam pretextos de subordinação. É muito delicado esclarecer estes factos porque, na verdade, quando numa família se observam essas «provisões» de tirania, fazendo os filhos exigentes e os pais sacrificados, está a dar-se um fenómeno coerente, de intercâmbio de poderes submisso-dominadores que, no fim de contas, contribuem para o equilíbrio das relações. Há sempre um pequeno Maquiavel no velho fundo do coração humano. Sem as tentativas de suborno, sujeição e dependência, acho que o mundo patriarcal seria muito vazio. De resto, o efeito algo cómico da distância provocado pelas idades diferentes dá a tudo uma certa moderação, um certo ritmo favorável ao entendimento. Eu não acredito na revolta dos jovens. Eles são só vingativos no que se refere à sedução, à promiscuidade de objectivos sensuais. Não tentemos amar os filhos além do nosso reino biológico – como uma parte de nós que legamos ao mundo desde o momento do nascimento. São outra pessoa, e não há amor mais divino do que admitir isso.

Educação sexual.

Fala-se de sexo como da colheita do chá em Tabriz, para usar linguagem do Eça. Mas do desejo ninguém fala. O desejo é tímido porque nasce do impreciso e da ambiguidade. Todos os programas escolares que versam a educação sexual são duma perfeita boçalidade. O homem não se explica pelo que nele se regista, mas sobretudo pelo que nele se contempla. O desejo escapa à prática. É um espírito, e, portanto, volátil. No olhar nublado dum adolescente vereis que ele entende isso, e se cala.

Egoísmos.

Os pequenos egoísmos nacionais não são o que constrói uma obra; mas fazem-na compatível com a prosperidade duma Nação.

Eleições.

Todas as vezes que termina uma época de eleições e se levanta uma nova constelação de dirigentes, eu lembro-me de umas palavras consideráveis: «Todo o poder é triste.» De novo, os frágeis elos da esperança ameaçam quebrar-se, sobretudo para aqueles que já muito os usaram. Os trabalhos requeridos são mesquinhos: rever contas e fazer cálculos impiedosos. Os olhares das raposas do Governo cruzam-se com menos brilho e irritação, porque, na verdade, os invernos da crise estão mais frios. As coisas irreparáveis segredam com as coisas com que é preciso ceder. A Administração marca os seus homens e tira-lhes o sorriso em que a Nação apostou o melhor do seu fracasso, que é o optimismo dos pobres.

Agora tudo recomeça: verificam-se as contas, desde a tinta ao cartaz. Paga-se aos desenhistas e aos operadores de som. Um aborrecimento mortal desce desses muros em que depressa envelhece a persuasão. Esperam-nos as magras alegrias da alta do ouro e até da incerteza.

No fim de tudo, é o cidadão de mau-humor quem vota. Mas vota com o que lhe resta de obediência, e não de desconfiança. Vota com amizade, respeito, resignação, e portanto com uma liberdade acanhada.

Depois de tudo isto, pergunto se vamos continuar a abandonar o que nos divide e a escolher só o que se nos assemelha. O que não impede que a imaginação ajude um pouco e se deseje. Tudo menos a misantropia, que dá razão ao tirano.

Eleitor.

Não há soluções milagrosas para nada, até porque o milagre não opera no sentido de melhorar as coisas, mas de as tornar simplesmente mais vulneráveis. Se tudo se resolvesse rapidamente, produzia-se um descontentamento obsessivo, porque ninguém está preparado para ceder da sua vontade de nada fazer. Quando se tratou de pôr em relevo a célebre aventura miraculosa de São Dinis, primeiro bispo de Paris que, decapitado, andou ainda um largo trajecto para escolher o lugar da sua sepultura, Madame du Deffand disse: «Só o primeiro passo é que custa...» Disse isto com a irreverência da era das Luzes, mas, de facto, atingiu uma verdade muito profunda. As pessoas são como mortos que se recusam a andar e têm para isso um belo pretexto – o de estarem mortas. Tomarem a própria cabeça nas mãos e irem com ela procurar um sítio ideal para ficarem enterrados é a imagem do eleitor comum. Está literalmente decapitado e tem que agir, dar o primeiro passo, que é o que custa, para chegar à meta absurda, a da cova em que se há-de precipitar. Não se convence o eleitor se ele não tiver a determinação de São Dinis e a razão misteriosa que o moveu. Que lhe importava ser enterrado num lugar ou noutro? Pessoalmente acho que a área onde construíram a sua abadia não é a mais indicada. Ainda hoje não se percorre o caminho até lá facilmente tendo a cabeça em cima dos ombros. Foi um milagre, mas um milagre duvidoso, porque foi mais proeza do que faculdade do pensamento. Andou com a cabeça nas mãos, o que quer dizer que o movimento dispensava a cabeça e o que importava era chegar à meta.

Elite cultural.

A elite cultural tende a desaparecer graças aos efeitos da inflação e dos impostos. Os antigos grupos chamados ociosos, capazes

de usar a sua independência económica para efeitos de crescimento intelectual, de que um país beneficia, não são mais considerados como classe indispensável. Nem só de empresários vive o homem. Um corpo de pessoas instruídas, cujo pão seja assegurado por um certo respeito fiscal, para não falar da simpatia dos mecenados, não pode ser desvalorizado e até olhado com má vontade.

Emancipação.

A agressividade da mulher, em todos os ramos, profissionais e familiares, tornou-se mais presente sob o título da emancipação. Eu não acredito na mulher emancipada, porque essa emancipação é um modelo de adulto de composição sádica. Os pais autoritários e as confrarias de elite que visam o ideal da virilidade não estão mais em uso. Mas, na realidade, só estiveram em uso enquanto as mulheres protegiam essa imagem. A típica educação autoritária do pai deixava espaço a uma influência mais ampla da mulher, como mãe e como companheira. Ao atenuar-se a autoridade geradora de angústia, a autoridade paterna, a criança recebe uma personalidade múltipla: deixa de resistir e deixa de amar. A autoridade, bem ou mal empregue, erradamente ou não manifestada, desencadeia a hostilidade e favorece os planos de criação que vão ser postos em prática pela vida fora. A mãe, que alimentava a esperança como consciência crítica, por mais apagada que ela fosse, dava à criança uma definição de amor, pois o amor é uma consciência crítica que se sublima.

*

O ponto essencial da famosa opressão da mulher inclui perigosas definições. Uma delas é esta: a política de igualdade entre os sexos não existe; ou, uma vez obtida, a ilusão, em que o homem regista todo o fenómeno da civilização, atrofia-se e põe em risco toda a ordem social, económica e cultural. É um facto tremendo nesta exótica confabulação das mulheres, «vítimas do fascismo do quotidiano».

A verdade é que os homens têm medo. Mais do que das confrontações atómicas, dos furacões, dos terremotos, do cancro do

pâncreas; têm medo desta revolução vingativa e indiscreta que vai minando a sua segurança moral, o seu direito de excepção, a liquidez da fantasia de Ícaro e Prometeu. A mulher, na realidade, não quer provar nada; quer apenas eliminar o homem do seu quotidiano. Talvez se trate de um projecto antiquíssimo que envolve a própria saturação da violência – arrebatando ao homem a credulidade, da obra, do erro e até dos seus deuses. Mas a mulher, emancipada só pela vingança, conduz o mundo a uma descoberta inquietante, que é esta: foi a sua inferioridade, assumida ou unicamente sofrida, que permitiu ao homem a consciência de culpa e, com isto, todo o método para criar, pensar e agir.

Emigrantes.

Aquele que emigra é como o que vai ao fundo dos abismos onde nem a morte chega sem medo, para daí trazer uma imagem amada, a imagem da terra em que se criou. Passa-se muito fora de Portugal para que Portugal seja mais nosso.

*

Tenho que recordar as palavras de meu pai, que foi um deles. Palavras e pensamentos colhidos no fio duma história amarga, e por isso nada tocadas de expansão ou lirismo de viajante. Nesse tempo, pese ao drama com que se queira honrar o emigrante de hoje, saíam de suas casas crianças de doze anos, sem mais tutela do que um parente no Brasil que o punha de moço de mandados em loja de azeite ou restaurante de *portuga*. Levavam na mente o afago triste da mãe e a ruína duma família que se empenhara em questões de águas, mau regime de bens e heranças perdidas. Acabavam ali os dias felizes. Como é difícil dizer isto de mais eloquente maneira: os dias felizes eram os que só lembram em tempo muito apertado de sombras e trabalhos. Uma criança sozinha no Rio, ainda estremunhada das manhãs de aldeia, brancas dum nevoeiro que sobe dos tenros caminhos de águas tornadas, é alguma coisa de apertar o coração. E, no entanto, um pouco por inocência dos pais e obrigação de chamar fortuna, iam nesses barcos morosos, sem o atrevimento de estar inquietos, ou doridos, receber o

baptismo de pátria estranha e tendo como única protecção um clima favorável. Porque é doce compensação para os pobres um cálido tempo em terra própria ou estrangeira.

Emigrar.

Às vezes penso em emigrar. É uma tendência fatal dos Portugueses que se manifesta desde o primeiro bocejo; só que um é de fome e outro de puro aborrecimento: um sugere-o a contracção do estômago onde se digerem côdeas e couve galega; outro, a mente em que se arrefecem pensamentos e suas consolações. Por isso, por esta inclinação movediça, a nossa cultura é estrangeirada; não se recorre ao sabor pátrio, de tanto que ele se traduz em humilhação e impedimento. Mas vai eu, em tentação de romper com muitas amizades, que em serem inimigas me dariam mais proveito, estabeleço planos tão bem gizados que, a traduzirem estratégia guerreira, já tinha por camaradas Aníbal e Alexandre. Todavia, há sempre um nada que me assombra e imobiliza. Não é o respeito por coisas famosas, a História e os grandes cá da terra. São coisas pequenas, devoradoras da paz se as temos por distantes: um dia de chuva na Primavera, com aqueles campos acima do Ave, crivados de malmequer amarelo, desse de que se faziam colares, com cheiro ácido, de botica. [...] Às vezes penso, é certo, em emigrar. Entre os que se entendem há demasiada claridade. E preferimos incertezas vulgares a tácitas indiscrições, de gente vizinha e, no geral, amiga. Mas depois mudamos de ideia.

Empresários.

Hoje em dia o sector opulento, que é quase unicamente integrado pelos empresários, só ele tem a posição de homens livres. Aos artistas e aos pensadores resta, na maioria dos casos, o recurso a serem integrados no funcionalismo público para salvaguardarem uma relativa decência económica. O empresário não está preparado para se pronunciar como director intelectual da sociedade; a sua filosofia de vida é incoerente e, muitas vezes, suspeita. Deixará uma herança datada, mas não uma obra confidencial para as futu-

ras gerações que irão propagá-la e, com tal, merecer no mundo o seu êxito moral face aos outros povos.

Ensino.

Quando alguém se entrega ao ofício de ensinar, com uma fé conspícua e soberana, acreditem que a desilusão vive nele, como as ondinas num lago, como no elemento que as criou.

Epistolografia.

Já em tempos José Régio se surpreendia de eu não ter um largo lote de admiradores conversantes e não fosse um pouco a vara de castigo dos carteiros. Mas ele próprio me escrevia pouco; e deixava a sua arte epistolar para as gratas almas que, se não o compreendiam, acentuavam o narcisismo que há em confessar sentimentos e propor ideias, pelo menos no papel. Conviver por escrito é uma forma de ruína mental.

Erasmus de Roterdão.

E aqui está um retrato de Erasmo, por Metsys. É um homem de espírito. São estes talvez os modelos mais ingratos, porque são os mais variáveis, os mais mistificadores, os mais esquisitos; enquanto que o orgulho ou a força, a cupidez ou o sentimento mais sobre-humano, podem ser fixados com uma pincelada que acentue, que descubra ou que interprete, um homem de espírito torna-se difícil de ver e de seguir desprevenidamente. Nestes lábios finos, onde vagueia a ironia e a sensibilidade do crítico, há uma espécie de diabólica propensão para iludir e para converter em poeira a própria lisonja. Não é um cortesão nem um filósofo. Compreende o mundo no seu aspecto de constante devaneio em volta duma obscura verdade, e não se pode deixar de atribuir a este homem sagaz e eminente a única obra que parece quadrar-lhe bem: o *Elogio da Loucura*. O excelente senhor de Montaigne, recusando-se a precipitar os acontecimentos e vivendo com inalterável cordura a sua época, não pode igualar-se a esta figura de Erasmo, que leva a prudência ao extremo de a fazer saltitar sobre o poço da verdade.

Não é com certeza sem razão que Lutero lhe censura a sua tibieza, mas também Erasmo jamais demonstrou qualquer vontade de compromisso, e não entende que a sua palavra seja importante para qualquer dos partidos – ou católico ou reformista. O mundo é uma grande praça onde cada um grita e se contorce ao acaso e agarra o seu vizinho pela goela, para o fazer rodopiar igualmente e soltar imprecações ou *laudamus*. Erasmo não é desses. Está farto de imperadores que esbulham os povos, farto dos catedráticos de Bolonha que escrevem ininterruptas teses de direito, farto das brigas religiosas e da ênfase dos artistas. Aqui está ele, pálido, com o seu olhar fino e a vaga melancolia que lhe curva os ombros; o seu semblante está cheio dum humor cansado que chega quase à impertinência. Ele escreve, mas as folhas do livro estão em branco – e isto é talvez o sarcasmo da sua vida de pensador, a quem as actividades humanas não parecem coisa respeitável. Há outros livros numa estante e uma tesoura pendurada ao lado. A minúcia flamenga fez-se aqui alegórica e quis ainda representar possivelmente a agudeza dum estilo muitas vezes repreendido pelo próprio sentimento da sua banalidade. Contra o madeiramento da parede, recorta-se a fina gola de marta. É um homem abastado este Erasmo, a quem Carlos V compensa largamente, não na intenção de pagar serviços, mas de mostrar magnificência. Foram sempre as letras e as artes o meio de que os poderosos se serviram para chamar a simpatia da sociedade através da classe mais anárquica e mais dissolvente, que é a dos intelectuais. Onde está um político de génio, não digo um revolucionário, está também um criador de favoritos entre a gente ingrata, os homens de espírito. No tempo em que Brueghel desenha os seus proibidos cartões que põem a nu as crueldades do invasor espanhol, Erasmo escreve lisonjas e sátiras habilíssimas, talvez como aquele diálogo sobre as duas mortes, sem despertar a malevolência dos príncipes. Os seus lábios fecham-se num sorriso descrente, o olhar é ao mesmo tempo triste e cheio de desprezo. Os ducados do imperador não podem apagar esta ironia; com o seu escuro fato de veludo apertado pela fivela

de prata, ele parece inscrever no livro da glória o nome dos grandes – e as folhas continuam vazias, imaculadas, intactas.

Escândalos.

O escândalo já não é escândalo. Com grande desespero dos *media*, o escândalo já não é escândalo. Quando dizem que Portugal está deprimido por causa dos escândalos que se têm avolumado, eu penso: não está nada.

*

O escândalo sexual, tão aproveitado para mover as opiniões, também está demasiado usado e não obtém os resultados esperados. [...] Porque há um limite para o ódio como há para o amor. Exagerar pode produzir uma lesão na personalidade que resulte em decepção profunda. E, nesse caso, a massa não reage e opta pela expectativa, o que atrasa todos os efeitos pretendidos.

Esclarecer.

Neste verão sufocante e austero na sua velha regra de ser realmente um verão solar, leio Baltazar Gracián, que recomendo àqueles que usam de jogo descoberto. «Aquele que esclarece tudo expõe-se à censura; e se não tem sucesso é duplamente infeliz.» Pelo que se depreende que aquilo que se toma por risco fácil, tudo confessar e declarar, não é senão imprudência. O público não estima as informações demasiado francas; não vê nisso utilidade, porque fica a braços com a sua própria insignificância para corrigir as coisas; e não acha prazer em ser confrontado com a verdade, porque ela lhe não permite o *suspense* que, afinal, promove a veneração devida a cada caso real. As explicações devem ser dadas reservando o mérito de cada um para concluir a novidade que elas encerram e esperar a solução sem se comprometer no êxito das causas.

Escolher.

O que vemos escrito e explorado nos jornais não se dirige às autênticas preocupações humanas. Dirige-se à incapacidade de deliberação das pessoas. Porque em dez milhões de pessoas há uma

imensidade de gente que julga escolher, e um mínimo que delibera. Porquê? Porque essa grande massa de indivíduos não está convencida das suas opiniões nem tem vontade além da sua política doméstica.

Escrever.

Custa tanto escrever um bom livro como um mau livro; mas só merece respeito a Arte que é em nós uma imposição, um destino, um fogo inconsumível de espírito, ainda que a obra, relativa à nossa exigência, nos pareça medíocre.

Escrever / Humildade.

Chegamos a um tempo em que parecer-se louco é uma forma de distinção, as coisas honestas não têm crédito algum e as próprias letras tornaram-se uma espécie de ira. O homem vingá-se de si mesmo em tudo o que faz e, especialmente, em tudo o que escreve. Todavia, escrever é, ainda hoje, a única maneira de nos acomodarmos às coisas humildes. Nada há de tão humilde como a palavra, se é sincera. Porque a sinceridade não se afasta nunca duma ciência natural que não espera paga nem se presta à emulação. A criação literária, como toda a criação, é assunto sujeito à vaidade. Por isso não se eleva das suas impaciências.

Escrever / Ideia.

O escritor, desde os seus começos, tem que obedecer a uma ideia, que é a mesma pela vida fora. Não se desvia dela um passo; ela tiraniza-o, e obriga-o a tentar sempre a arte de a exprimir, cada vez mais calibrada pela sua própria consciência e mais instituída no seu estilo. Por isso, trinta anos de vida literária são um só dia. E um dia de trabalho é igual à eternidade das nossas tentativas para o mundo especial de todos os tempos.

Escrever / Inutilidade.

Escrever bem não é uma inovação. Tem uma razão de ser desproporcionada às necessidades de base, mas presta serviços absolutamente fora de qualquer investimento ao nível do *laser*, por

exemplo. Admitamos que não basta o humor e o talento para nos defendermos dessa poderosa mecânica que é o exílio a que as pessoas se condenam umas às outras. Admitamos. Mas «para que serve isto»? E continuamos a escrever.

Escrever / Vocação.

Em todas as vocações há descoberta; depois emprego e a seguir mestria. Quem quiser dizer palavras, não as escreva. A escrita é para quem deseja produzir memória e ser cuidadoso da sua eternidade. A língua portuguesa é a escada com que se chega às longas viagens da nossa identidade. Quer dizer: do coração colectivo da terra em que nascemos.

Escritor moderno.

O escritor moderno é um estado civil, uma soma de papéis de identidade, um indivíduo em constante acto de repúdio frente ao homem.

Escritores sul-americanos.

Eu sempre amei os escritores sul-americanos. Admiro neles o espírito florido e anti-heróico, que se integra na natureza para despertar para o reino deste mundo. [...] Os escritores de Sud-América têm como suporte da imaginação a obscura lenda e a realidade tão estranha quanto a lenda. Estão no princípio da tempestade e no eixo de forças desconhecidas. Não são símbolos, são pessoas.

Espanha.

Que é a Espanha para nós, vizinhos dum litoral que nos está no sangue mais do que qualquer outro parentesco de fronteiras? O mar é o tema da nossa epopeia, a alma do português é visionária do mar, mesmo quando prisioneiro da terra, mesmo quando oculto ao seu impulso. Mas para nós o que significa a Espanha? Que laços nos são indicados pela História e que nós tenhamos como preferidos ou inúteis? Que animosidades subsistem e que afectos consentimos mais do que a qualquer outra raça e nação? O portu-

guês é, como nacionalista, descrente; como patriota é cumpridor, mas sem ilusões; como homem é, ao mesmo tempo, fraterno e inimigo – isto faz com que tenha subsistido como povo. A Espanha é um caso à parte na consciência do português, que vive a evadir-se das suas próprias convicções, que tem como excessiva paisagem o mar; a Espanha fixa o português à sua península, ela é a terra com a sua obstinação, a sua mística tão alta como profana, com o seu cândido «*hay que vivir*».

*

Logo que saio da fronteira e ponho o pé em Espanha, particularmente em Castela, torno-me insolentíssima. De maneira que eu compreendo que, quando o D. Sebastião fez a sua viagem para falar com Filipe II e levava duzentos ou trezentos cavaleiros, que se deixavam roubar na praça pública para se divertirem com a vulgaridade de os acharem tolos, eu acho que isso é profundamente português. O contacto com um povo como é o espanhol, que é muito mais directo, muito mais definido como carácter, mas que tem um sentido, não tanto protector, mas de tutela, sinto que respondo com essa tremendíssima vaidade, que é não admitir qualquer espécie de juízo sobre o que é o português. É uma coisa que se desencadeia em mim. Às vezes, há situações graciosíssimas, coisas que acontecem. Eu transformo um acontecimento mínimo num caso em que toda a cidade é envolvida, e depois desenvolvem uma agressividade que tem de se ignorar e que tem de passar por uma alquimia muito complicada, para não parecer agressividade, mas continua a ser agressividade. Mas então desenvolvem toda a espécie de simpatia, de convites, para que não se pense. Mas, no fundo, continua a ser aquilo que eu quero provar que seja.

Essência das coisas.

A essência das coisas não está na filosofia, nem na política, nem em qualquer função intelectual. Está na reciprocidade do inconsciente que não encadeia só o que é humano, mas até o que é apenas vegetal ou inerte.

Estado-espectáculo.

Vivemos, sim, num Estado-espectáculo. A prodigiosa facilidade de deslocação convence os homens a uma mobilidade que afecta forçosamente o eixo das suas vidas. A meditação dos problemas é constantemente transferida para motivos que os desfiguram. É como se esses encontros entre soberanos e dirigentes aumentasse a importância dos objectivos. Nós sabemos que quando se aumenta a grandeza dum bem a obter, podemos diminuir as oportunidades de o conseguir. Por isso todas essas viagens, reuniões aparatosas, encontros aparentemente dinâmicos, conversas, que se traduzem por êxitos, senão fabulosos, pelos menos envolvidos em esperança mistério. Mas o que resta de tudo isso no coração do comum das pessoas? Enfado e melancolia quanto à identificação com essa aristocracia ambulatória para quem a liberdade é uma graça traduzida no Estado-espectáculo. A liberdade que, no geral, se enlaça na rede obscura das grandes paixões e que confina raramente com as altas virtudes humanas. O gosto da liberdade tem que ser promovido nos povos com a vista dos benefícios que ela instaura na sociedade. O Estado-espectáculo está longe de oferecer qualquer espécie de auxílio nesse sentido. Pretende apenas transmitir um conceito de grandeza tão efabuladora como eram as fitas e os pasamanes no traje de Luís XIV.

Estilo.

O importante é não perder o estilo, e, se possível, não perder o dinheiro também. Porque o estilo sem dinheiro é uma infiltração do mau gosto.

Estradas.

A estrada é, antes de tudo, civilidade; tem que ser construída para o uso das pessoas e para efeitos duma economia. A estrada romana é ainda hoje modelo de mecanismo social. Levava não só os poetas até Brindisi, como as mercadorias aos portos, e, mais ainda, a imaginação até aos confins da memória. Não serviam, como se julga hoje, para criar intimidade entre os povos.

Estrangeiros.

Ser estrangeiro em Portugal, e talvez no resto da Europa, é merecer um tratamento cauteloso e pouco profundo. Não se aprofunda a alma nem o talento dum estrangeiro. Não se imagina nada sobre ele, desconhece-se e não se ama.

Evolucionismo.

A Natureza é desassossegada. Desta vez é uma lauta informação que nos afirma que a baleia era um mamífero dos lodaçais do Nilo, talvez um dos famosos cães caçadores de peixe, que ladram e bebem ao mesmo tempo das águas sombrias. Nesse caso, a metamorfose não deu azo a melhoramento algum; não se pode dizer que a baleia de bossas se parece a uma borboleta.

Mas porque se mudam os cães do Nilo em baleias cinzentas? A natureza não tem espírito prático; tem só uma função económica de ajustador de contas com o acaso. Se o meio ambiente é piscícola, então renuncia-se à zona pélvica e crescem barbatanas em vez de pés. Dá-me que pensar se o homem criou alma porque não se adapta. Se não é uma criatura rebelde ao mando do ambiente e, portanto, uma criatura falhada.

Europa.

A Europa está vencida por uma imensa amargura. Em vão lhe traçam um futuro auspicioso, ela não aguentará nenhum género de felicidade que lhe prometam, porque tudo lhe parecem boatos e não verdades sinceras e úteis.

*

A Europa parece-me que está preocupada com a obrigação de ser boa. É de temer que se prontifique a fazer da bondade uma carreira, porque então caímos num fanatismo qualquer.

*

Lembro-me do tema dum congresso a que assisti: o destino da Europa. Pelas tardes calmosas de Verão, reuniam-se poetas e pensadores num castelo campestre para debater esse tema acabrunhante. As cigarras cantavam, a alfazema floria nos campos, no

café da aldeia bebia-se vinho fresco com o maior despudor perante os presságios devastadores. O castelo tinha uma aura maléfica; a rainha dos ciganos, expulsa de lá com a sua tribo, deixara desenhados nas paredes sinais cabalísticos de muito mau agouro. Houve crimes, azares, desgraças várias. E a Europa inteira estava a ser condenada avidamente entre as sonolências das sextas frustradas, pelos professores e os poetas. Uma velha dama vinha todos os dias da aldeia, pontualmente interessada naquele horário de apocalipse. A sua artrose dava-lhe um parecer ponderado, judicioso. Andava devagar, olhava com inteligência que subscrevia um reumatismo controlado. «A Europa desmorona-se» – dizia, como se degustasse um gole de curaçu ou beneditino. Era lírico e era aborrecido.

Europeus.

Possivelmente, todos nós, nas terras da Europa, nos parecemos. Temos uma sensibilidade comum perante a vida e as suas mudanças. O que mais nos agrada é inventariar as coisas do progresso para não nos iludirmos com ele. Mas, acima de tudo, amamos tudo aquilo que afinal não está na agenda da celebridade. Amamos os quatro favores da pobreza, que são: o humor, o vínculo ao quotidiano, o respeito pela morte e por tudo que a pode atrasar ou activar. E amamos os caminhos da terra que percorremos sem descanso, mesmo quando somos obrigados a um ofício sedentário.

Exemplos.

Na nossa sociedade, que se entende por permissiva, não há afinal homens exemplares. Há só leis que substituem o exemplo; há só alíneas morais que estão em vez dos actos reais e da sua humanidade.

Expectativas.

Em geral, o melhor das nossas expectativas não se apoia em nada de concreto e de real; acordamos de manhã com a sensação de que é o dia da revelação, da prova de que somos necessários

para qualquer empresa importante. Isso dá-nos alegria e desafina o nosso sentimento de culpa. Mas não resulta de nada, nem sequer da nossa ficha clínica.

Experiência.

Não sei em que ribeiras nos movemos, mas a verdade é que há uma patética noção de que tudo hoje pertence à experiência: a arte e o amor, a religião e a política. A dessacralização de todos os actos da nossa vida, de todas as funções, resulta de que damos à experiência um lugar primordial. Mas a experiência é apenas uma disciplina de esperança, e não apenas uma realização temporária do nosso esforço.

Explicações.

Nenhum artista – eu digo até que nenhuma pessoa – se deve explicar demais. Isso só contribui para que as perguntas se façam, em avalanche; e o concerto musical da palavra fique um pouco apagado e até um pouco triste. Porque a tristeza nasce do facto de sermos interrompidos, sabem muito bem que é assim. Os comentários à obra dum grande artista não passam de vaidosas maneiras de o interromper.

Extraterritorialidade.

Profissional e politicamente, a minha carreira converge para uma certa extraterritorialidade; nem capitalista nem proletária, pensava instalar-me no campo da teoria e progredir quanto à capacidade de teorizar. Explicar os factos aos burgueses e a verdade ao povo compete à posição intermédia do intelectual, que, não sendo patrão nem operário, ocupa um lugar exterior quanto às forças em confronto.

Extravagância.

Que a extravagância não seja nada de prático é o que se acredita e se divulga. Mas, na verdade, trata-se duma virtude pela qual o homem prático, o autêntico, dará todo o sangue das suas veias.

F

Factos.

A mim impressiona-me muito mais aquilo que contribui para a proposta dum dilema, do que o conceito que se faz dos factos. O carácter equívoco dos factos, isso eu detesto.

Falar de Arte.

O homem que jaz num sono feito de ausência é apenas um homem; o que acentua a vigília com outra vigília, que é a exaltação da realidade que o rodeia, esse é o artista. Em geral, tão ocupada estou com as minhas capacidades e produções, que tudo o mais encaro com aversão. Mas quem pode falar de arte senão os que aceitam os seus manifestos – outro artista, portanto? Quando se nos depara um traço num papel, ou uma fina aguada, primeiro classificamos os meios e a expressão: se é tinta da China ou se o escorrer da água azul não criou uma espessura vitrosa. Mas depois vemos que há uma terceira natureza, surgida do meio e da expressão da obra: é a poesia, modo indefectível do conhecimento.

Bem, e o que é a poesia? Tudo o que pode abolir a desconfiança, isso é poesia. Não é encantamento ou engenho; não é, sobretudo, magia. Não foi com magia que Orfeu deteve as feras e as tornou inofensivas. Foi com a poesia, modo de exaurir a desconfiança. Toda a obra de arte funciona dentro do único sistema que a destina ao conhecimento. Sistema que envolve a afectividade do escândalo algumas vezes, e que provoca contradição, e que está impregnado da acção indirecta da poesia. Os desenhos que temos aqui, vamos vê-los abstraindo dos nossos hábitos de pensamento e dedicando-lhes esse efeito do despertar, na nossa infância, quando um traço

podia bem ser uma forma de fazer tréguas, e viver. Em arte, é preferível não compreender, a compreender por covardia. Para muita gente honesta, este género de pintura continua a ser «snobismo da loucura» ou «exibicionismo». Lembremos só que nos limites de cada um começa, provavelmente, o infinito.

Falsos profetas.

Debaixo da bandeira da igualdade, todo o insensato e o pequeno porno-esteticista tem uma palavra a dizer. A sabedoria, fatalmente conselho de raros, está reduzida a uma alínea gasta e intraduzível. A tela gigantesca dos nossos costumes admite tudo com essa leviandade triunfal que se chama liberdade de expressão e coisas assim. Os profetas começam a mover-se. Descem dos morros, ligeiramente inseguros e, no entanto, contaminados duma certeza violenta: a de que Babilónia principia a ceder, e o fragor da sua trepidação em busca dum novo centro de gravidade se ouve.

Fama.

Não há mal em não ter muita importância. Todo o calendário do comportamento humano está traçado para mentirmos a respeito dos nossos desejos e dos nossos humores. O homem não quer ser famoso; quando o é, isso resultou da sua harmonia com as suas aptidões e as necessidades colectivas. Mas é coisa que não se força, que não se ordena, apesar de as leis do *marketing* dizerem o contrário.

Família.

A família mudou e todo aquele envolvimento que fazia parte da casa familiar, tanto nos meios menos abundantes como naqueles que eram a família burguesa, se perdeu e eu acho que isso era muito mais genuíno do que a família nuclear de hoje – pai, mãe e um reduzido número de filhos. Os atritos não encontram aquela atmosfera mais diversa, que absorvia as paixões, que lhes dava uma transcendência. Agora, sustentar essa família, no aspecto social e moral, é mais difícil, senão injustificado.

*

Parece que vão mal as coisas para o casal, seja como instituição, seja como contrato benévolo dos egoísmos naturais. A família está em crise – dizem. Mas tanta barafunda porque as pessoas se tornaram infelizes e perderam a sua boa disposição reaccionária!

O certo é que as pessoas se comprometeram demasiado em temer as consequências de tudo – do tabaco, da poluição, do sexo, dos livros de bolso, da bomba atómica e da moeda iene. Toda a gente está absorvida com coisas que não lhe dizem respeito. Optou-se por uma responsabilidade contemplativa, e todos dizem iguais tolices sobre a juventude, o casamento, ecologia e genética. No fundo, o bom egoísmo paradisíaco esfuma-se. Aquelas tréguas do coração, à beira do Eufrates, vendo correr a água sempre diferente, não são mais possíveis quase para ninguém. Tudo se observa, calcula, reprime e exprime, compara e prevê, e se abafa com falsas atitudes úteis. O ser humano é de certa maneira restrito a uma ordem egoísta e, se quiserem, até vil e negativa. Mas é assim que a felicidade humana se equilibra e tem oportunidade. Tudo se depaupera quando se subtiliza; quando a pessoa se define, degrada-se para toda a verdadeira experiência.

O amor vive do seu próprio egocentrismo, da sua alegria um pouco ácida e vertiginosa. Se o casal se propõe compreensão, no sentido diplomático e oratório, está no caminho de se estorvar mutuamente. E o amor, com irónica impertinência, afasta-se.

Digamos que o casal se tornou impessoal à força duma atitude inteligente. Ele racionaliza a alma e o ventre, e até a divagação egoísta do sentimento que julga partilhar e que é importante em si mesmo e na simetria universal do indivíduo. A face do amor é para nós o espelho das coisas, e esse espelho em nós se principia. O casal estilizou as suas afinidades para racionalizar o amor. Por sua vez, os filhos exigem a reparação dos seus prejuízos como hóspedes das obsessões familiares de que são positivamente eliminados; e entram numa engrenagem de compensações mais ou menos insinceras e portanto desastrosas.

Tornou-se muito corrente afirmar que o casal não pode durar senão por períodos de aliança relativamente breves; que a sua

harmonia depende da expectativa intelectual em que se instala e que se desdobra. Mas, para além da sua viabilidade social e terapêutica, o casal é um organismo duma simplicidade impressionante. «Duma abissal simplicidade» – diria um autor de que me lembro agora. Há na estrutura do casal toda a profunda seriedade do egoísmo, junto à profunda mística da benevolência. Uma benevolência que não é sentimental nem moralista nem psicológica. Anda perto do sentido teológico de benevolência. É uma memória sereníssima do génio do amor vindo do princípio do mundo, munido do princípio do mundo mais.

Fantasma do Porto.

Se eu tivesse que destruir o Porto (com um ligeiro sopro, deses que despem as árvores e arpejam a água dos tanques), construí-lo logo em memórias e em perdões variados. Figuras antigas, que eu quase esqueci, vinham depositar nas minhas mãos os seus tesouros de insolência e amor a ela vinculado. É muito difícil visitar os vivos. Muito difícil. Direi que do Porto tive a experiência mais molesta e nobre que nos pode acontecer: a experiência de um fantasma. Uma noite, no jardim, iluminado pelo branco clarão da luz pública, que aparecia por cima do muro como uma lua adreçada, saiu da sebe de hidrângeas uma pessoa de estatura pequena, vestida gravemente de azul escuro. Acompanhou-me durante alguns segundos, e depois apagou-se como um desenho duma folha de papel. Não inspirava medo, mas só uma impressão delicada, como se, ao materializar-se, cometesse um delito dedicado à terra que já abandonara. Ele disse: «Alguém entrou no jardim.» Mas sabia que não era gente viva. E, no entanto, algo das suas faculdades era-me familiar; uma inteligência de renúncia que já não era deste mundo, e, ao mesmo tempo, uma espécie de súplica que interpretei como uma chamada.

Desde aí o Porto tornou-se para mim mais do que um lugar, mais do que uma cidade acidentada e escura. Era um passeio de amigos abandonados ao secreto desgosto de ter perdido a ocasião da confiança, o tempo da festa que é a sinceridade mútua. O Porto

pareceu-me um campo de sombras incompletas na confiança e na partilha. Por muito precária que seja a minha interpretação do Porto, ela é animada pela impressão profunda dos seus meios para reconhecer o bem e o mal – meios extintos numa sólida abdicação da fé nos homens.

Talvez me engane. Talvez isto tudo seja efeito do nevoeiro que cria imagens e estados de espírito; além de dar às flores um suor de prata. Talvez. Mas sempre que vejo perto a multidão de conhecidos, a massa inquietante de gente conhecida, parece-me que eles vão morrer sem confissão. Não confessam jamais o amor nem o ódio; nem os gostos simples, nem os gostos ousados. Nem a heroidade, nem a ternura do que é vão – da vida, em suma. E, um dia, entram num jardim, graças ao esforço imortal dos que repetem a forma humana, e acompanham uma pessoa viva durante dois segundos, pedindo atenção.

O Porto, cidade em que os fantasmas convivem com certo instante predestinado, é o preferido, sem cálculo e até sem paixão. Eu amo-o de modo um pouco perverso, como se ama a verdade. Hei-de ser um fantasma do Porto em tempo próprio, combatendo a minha imaterialidade para me aproximar das pessoas e dar-lhes a minha fé mal cumprida. Como eles fazem comigo, os fantasmas do Porto. Que tremenda forma de amor é exprimir-se humanamente quando o humano se abandonou para sempre! Como retribuir senão entregando ao mundo essa forma de conselho que dos espaços traz a sua melancolia? Como?

Farrapeira.

É no Porto, cerca das praças e dos jardins, este remoto lugar onde passa a farrapeira, uma mulher de luto; que não é de tempo nenhum. Eu, da janela, perguntei-lhe: «Compra jornais?» Uma pergunta sensata, sem conflito; e, no entanto, foi como um dardo no coração dela, ferido talvez por muitos receios, por intermináveis sofrimentos, por cansaços, por razões que é preciso suportar e fingir que são humanas. É isto o que é o maior delito: atribuir-nos o dever de sermos razoáveis, compreensivos, justos; de responder

discretamente, de ter reacções prudentes e agradáveis. A farrapeira disse-me: «Compro, negoceio e até roubo, se quiser.» Foi como se dissesse isto; eu não podia pedir-lhe contas. Honestamente, eu não podia impor-lhe uma outra atitude. Em nome de quê? Da minha janela do primeiro andar? Da minha inteligência divagadora? Das minhas leituras do *Fausto* e de *Zaratustra*? Ela era o mundo todo, com o seu fardo, o seu luto, a alma bem lavada com leis, ordens e preceitos, mas uma alma fechada, cheia de recusa, factor de perturbação, se quiserem, mas a alma dela, com uma dignidade imortal.

Ri-me, primeiro. Depois fui caindo numa tristeza desprovida de reflexão até. Quando reflectimos, é porque procuramos uma saída, porque observamos um campo de combate; mas há situações sem combate, a existência é um estado de choque, mais do que um estado de luta. Assim vivemos. Do cimo dos seus cargos falam os conselheiros, perfeitamente conscientes do que é preciso fazer, mas imobilizados pela imensa e difusa presença da farrapeira, que ali está, com um fardo inútil, prestes a responder a uma pergunta inútil. «Compro» – disse ela. Mas não queria dizer isso. Ninguém talvez queira responder conforme o que lhe é perguntado. As pessoas estão suspensas de grandes silêncios que parecem precauções e não são.

Fatalismo.

Quando alcunham o português de fatalista, iludem-se com essa passividade que não é outra coisa senão um cálculo que substitui o instinto. Nem sempre é estar perdido andar à deriva. A revolução passiva não é só uma forma de actualidade política, é sobretudo uma forma de actualidade humana.

Fazer história.

Quem faz a História de um país pertence-lhe para sempre, não pode ser repudiado por ele, não pode ser chamado um estranho.

Fé.

O europeu fragilizou-se à custa de desprezar o arcano que era morada da fé dos homens. Nenhuma estratégia substituiu a fé. Era a compreensão que agia como arma e anulando os conteúdos psíquicos do interlocutor. Era a resignação que criava um campo asséptico onde o sucesso não podia produzir a culpa. Compreensão e resignação desapareceram.

Feiras.

As feiras acompanham os nossos costumes, sagrando-os naquilo que eles têm preferido. Esse contorno medieval das feiras, com a sua charla de turcos e cristãos, deixa-nos no tempo de Marco Polo e Fernão Mendes Pinto, o que melhor condiz com a nossa graça e simpatia.

As feiras não se alimentam só de compradores e de negociantes; querem dizer movimento das gentes e discurso dos seus desejos insatisfeitos. Morre uma vaca ao lavrador, ele sai para a feira contar penas e prejuízos. Casa-se a filha, todo o concelho tem que saber e dar opinião; escolhe-se um vereador, recebe-se um dentista na área municipal, o padre é camarada ou mau vizinho, tudo a feira espalha como cinzas e folhas verdes. A feira é um pregão e um sino. Além de ser companhia de lázaros e fantasia de pequenos.

Felicidade.

Há um ideal infantil da felicidade. É o ideal que leva as pessoas a tomar como obrigação serem felizes e para isso cometerem acções e darem passos que lhes satisfaçam de maneira constante as suas necessidades. O movimento de imigração para a cidade ou para lugares mais estranhos conduz geralmente ao fracasso se a personalidade não tem forças para se adaptar ao meio ambiente. Às vezes amassam uma fortuna, mas o ideal daquela felicidade obrigatória não é atingido.

Ora, não é obrigatório ser-se feliz. Os homens produzidos em laboratórios ficam isentos do esquema de simpatia e antipatia que recai sobre a criança desde a sua concepção. Se os pais se detestam, mesmo temporariamente ou durante breves impulsos de carácter

egoísta, a criança recebe essas vagas de repulsa que mais tarde se manifestam em reacções e sensações espontâneas perturbadoras da sociedade. Por um lado, há, da parte dos pais que suportam os deveres de educação e sustento duma criança, uma propensão agressiva; tentam reagir contra esses sentimentos conduzindo-se com maior generosidade, comprando prendas e procurando ocultar uma culpabilidade que, por si mesma, já é obscura porque inconsciente. Mas a criança sente a angústia da culpabilidade dos pais, e por isso responde despertando em si a desconfiança original que prevaleceu, durante milénios, nas relações humanas. A desconfiança produz um complexo de pobreza, assim como a confiança desenvolve uma aptidão da riqueza. A desconfiança pressupõe a falta de desejo e de curiosidade, de tentação normal. A tentação, que pode ser um desafio laborioso em relação aos nossos predicados, transforma-se em simples agressão ou provocação da adversidade. Na maior parte dos casos de delinquência há a intenção de fracassar, e não de triunfar.

Em geral o homem, na sua maturidade cívica e intelectual, não tem interesse em triunfar. Por isso é tão fácil organizar uma comunidade relativamente obediente, manter um sistema e distribuir funções. Se as suas tendências agressivas são equilibradas pelo impulso libidinal (digamos o prazer de viver), o triunfo social torna-se bastante secundário; a vaidade e a inveja são remetidas a um estado de simples passividade irónica. Também isto dá origem a uma culpabilidade, e o indivíduo manifesta um desprezo inteligente por tudo o que pode ser um estímulo. Quanto mais orgulhoso é da sua independência face ao triunfo, da sua projecção libidinal, mais amesquinha os grandes temas históricos e sociais. Daí que o português diga mal dele próprio com tanto luxo de humor, com tanto engenho e tanta fantasia. Está demasiado convencido de si próprio para o confessar. Humilha-se para derivar.

Férias.

As férias são uma coisa do passado. Não me lembro de ter férias pelo menos desde que se inventou a agricultura, desde Caim,

aproximadamente. Noutros tempos eu ia para uma praia fedorenta de algas secas, também com alguns narcisos nas dunas, e gostava assim-assim.

Em vez de férias, faço viagens – que não é a mesma coisa.

As férias eram lentas, duravam meses, eram uma sucessão de longos dias decorridos em diversos estados de alegria. Um objecto de alegria era diferente de outro, e por isso a alegria era diferente. Não era a mesma coisa ir ao cinema, entrar numa gincana, comer um gelado, ler um livro de aventuras ou de amor. Nada se confundia, a natureza de cada paixão (encontrar a circunstância perdida desde as férias passadas podia significar paixão) era explicada como a natureza da pessoa, o facto que nos afectava era observado, e posto em causa, e feito motivo de confiança e diálogo. Os amigos eram diferentemente reconhecidos, multiplicadas as espécies de simpatia ou de desagrado que cabiam num longo dia de férias. Os mestres deixavam de ter o mesmo poder sobre as nossas vidas; tornavam-se inofensivos, vestidos «à paisana», como cobras a que arrancassem o dente do veneno. De repente, notava-se se eram pobres ou se não sabiam falar com mulheres novas, e se coravam porque eram tímidos, e remediados. Durante o ano inteiro tinham-nos humilhado, catalogado, numerado, impondo-nos notas boas e más, medalhas e castigos, tudo um pouco ao acaso, conforme o regime da impaciência, o estilo da disciplina. Tinham-se rido de nós – há? Tinham pensado mal dos nossos pensamentos, dos nossos corações, da nossa virtude – há? Não basta ter a experiência, é preciso avaliar a parte de ignorância que a experiência deixa à deriva.

Os professores, como estavam fora das nossas vidas, agora que em vez da bata vestíamos o fato de banho! Eram estranhos, sabiam mesmo que o eram, e tratavam-nos com uma espécie de adulação perniciosa, um caloroso apelo à nossa identidade de estranhos, que nós éramos também. As espias, desempregadas, caídas na mísera condição sem expediente de mães de família, já não as temíamos. «Bom dia, Dona Albina, estupor mentiroso!» – dizíamos, entre dentes. As férias davam para tudo. Amor de mil rostos,

ódio de mil artes e maneiras. Um dia era como novecentos anos e ainda chegava para ler Wenceslau de Moraes, que era já um sintoma de estar de bem com a nossa consciência e fazermos uma coisa completamente por capricho, uma coisa para o «quadro de honra» e que nos dava de repente a impressão de que as férias duravam demais. Mas, ao outro dia, recomeçava-se, e os projectos, como um ramo de flores, desfolhavam-se um a um, já chegada a hora da viagem – que não era nada parecida com as férias. E nunca há-de ser.

Ferreira de Castro.

Um pessimismo heróico era o que melhor o definia. Usava a pena para mostrar a miséria e a cobardia dos seres humanos, às vezes compensadas por uma luxúria quase lírica. Mas o que se mantinha à flor da razão era um sentimento de a vida ser desperdiçada em vão, sem amor, sem respeito e singela oração para com a beleza da terra.

Fidalgos.

O fidalgo do século XVIII era ainda enxertado no barão provinciano, sem livros, sem gosto e sem viagens. A sua vida, afeiçoada ao quotidiano, não ia além duma visita ao Paço, e o resto passava-se na estrebaria a arbitrar uma luta entre palafreiros, ou nas touradas. Quando quis precaver-se dum absolutismo prejudicial, encontrou-se com poucos recursos, porque não era de uma luta de classes que se tratava; era de uma briga de parentes.

Fiesta.

Balzac disse que há três coisas belas de ver: um veleiro no mar, um cavalo a galope, uma mulher a dançar; alguém acrescentou que havia uma quarta: uma saída dos touros da Plaza Mayor de Salamanca. Não disse a corrida, mas o fim da festa, com as carruagens abertas e dentro as mulheres com mantilhas brancas e os xailes bordados. E aquele riso suspenso ainda da coragem que inspira desejo e simpatia um pouco tutelar. Os toureiros são pessoas simpáticas

porque dependem do capricho da sorte. Eles personificam aqueles heróis mitológicos cuja glória ou cuja desgraça estavam à mercê da compreensão dos deuses – que não existiam para compreender, visto que tudo conheciam. Nesse tempo, um homem em face do seu destino era um espectáculo fascinante. Mas agora não é. Ele tornou-se um valor social que engloba o acontecimento e que o dirige. O azar já não tem o nome de Moira, já não representa uma fatalidade reverencial. «Erro humano» – diz-se quando chocam dois comboios; quando chocam o touro e o toureiro, consideramos que há aí um erro da colectividade. Tudo o que nessa luta havia de expansão, originalidade, individualismo, já não subsiste mais.

Fim.

O que resta é sempre o princípio feliz de alguma coisa.

Fitas.

A televisão, que punha um certo empenho em produzir programas para uma gente recatada, que é a que vive em lugares de adro e fontanário, arrepiou caminho. Pôs uns filmes completamente sulfurosos e, ainda por cima, de graça pobre e arte duvidosa. Eu penso há muito tempo que alguns filmes da TV são prenda de detergentes ou então se incluem nas esmolas da Cáritas. Doutro modo não se explica. Quando me irrita, riem-se as pessoas de meias-letras, dando em resposta que as parabólicas vão mudar os costumes, que tanto duraram. O que me aborrece não é a moral, que é outra desde o tempo em que Berta fiava. É andarem no mundo os filósofos e os pensantes, por ver andar os outros.

Florbela Espanca.

Criatura rara pelo talento, apaixonou-se por ela a fortuna que inveja os que ama e, por isso, os recompensa com adversidades maiores que ao comum dos mortais.

Florbela foi infeliz com razões para a felicidade. Mas isso vem de que os rouxinóis só de noite cantam bem, e se comovem com o silêncio e com a ameaça dele.

Folclore.

Que nos falta, a nós cidadãos, para compreender as exigências do momento que as tradições não resolvem? A verdade é que a roda da carroça já não serve, e a roda automóvel se tornou parte do nosso quotidiano. Resta, no entanto, uma angústia ilimitada face aos problemas a resolver, e por isso a religião das tradições se torna tão veemente. Instaure-se um culto do passado, comemore-se até o mais pequeno nefelibata ou o traje típico; fazem-se exaustivas escavações para retirar das entranhas da terra objectos míseros que se expõem como tesouros. Que me desculpem os amadores de detritos, que não são propriamente os descobridores dos túmulos de Atreus. Mas é que tudo isso me consome a paciência. Quando é que deixamos de prestar atenção aos modelos que as gerações anteriores nos mostram? As culturas e subculturas precedentes têm a sua importância. Mas não é a solicitude pelas tradições que nos tira de apuros.

Menos comemorações e folclore; menos ideal da personalidade, e mais frutos. Menos museus e mais bens materiais que nós transportemos às costas como tudo o que se herda e transmite, mas que sirva de enriquecimento comum e que nos liberte para as soluções adequadas. Em Portugal, andamos ceguinhos de todo. Dispersamos-nos com os conhecimentos do passado e perdemos-nos das palavras do Evangelho, aquelas da parábola dos talentos. Em que o eu funciona mais do que o ideal do eu; em que todos têm algo que produzir partindo dos seus dotes e fortuna de jeito, inteligência e vontade.

Aqui, no Norte, a gente é muito ligada às suas tradições, mas, ao mesmo tempo, sabe que elas são uma função e não um limite. Influenciam, relacionam, mas não personificam, essas decantadas tradições.

Folhetim.

Teve muita importância. Uma criança de seis anos, como eu, era defendida de ler os livros com mais categoria, que era preciso procurar. O jornal vinha todos os dias ter a casa com essa succulenta intriga. O espantoso é que depois discutia-os com a minha mãe! E a minha mãe discutia aquilo como se eu tivesse a idade dela! [...] Gostava imenso dessas histórias, ainda hoje gosto. Os sucedâneos

são as biografias a que chamam folhetinescas. Têm o testemunho de muita gente, muitas vezes contraditório. Temos que adivinhar o que se quis dizer. E eu sigo, até na televisão.

Foz do Douro.

A crónica da Foz não me pertence fazê-la; só conheço o traço maquinal que abre a porta e pergunta quem é; a sala comum nunca a frequentei. Andei no Passeio de Carreiros nas noites de Verão, como quem anda no salão aberto aos forasteiros por deferência, mas não por gosto. O Porto e os portuenses eram um pouco a catadupa da gente dos negócios, que descalça os sapatos e, sem os largar da mão, faz um pequeno ensaio de vida saudável e que a Natureza repele fazendo-os ridículos. Ainda hoje são ridículos os amadores do ar livre que fazem da Foz um lugar público. Justamente, a Foz nunca foi um lugar público. As suas demarcações, desde Nevogilde ao Castelo, desde o Veludo ao Passeio Alegre, estão cheias de surpresas, de pequenos enganos para invasores, de paliçadas e reservas. A Foz Velha é completamente habitada por um espírito original, em que o tempo tem uma atenuada influência. Gente minuciosa no trabalho, mas não sacrificada por ele. Conivente, habitual, com gostos um pouco fantásticos, como o gosto musical ou do teatro, como o de falar do passado e ouvir os amigos.

Sempre me pareceu que a Foz era romanesca mas indecisa no desfecho das suas histórias. O espírito do inacabado, que eu atribuo a todos os bons portugueses, paira aqui com mais integridade e complacência. Não se vive caricaturalmente (e por isso Camilo nunca fez um dos seus danados romances na Foz), vive-se com certa resistência ao mito da finalidade. Daí um ligeiro acento *snob* até nas pessoas mais modestas.

Eu nunca atravessei de lés-a-lés o chamado Passeio Alegre. Achara-o denso e florestal, próprio para se rodar um filme de caçadores africanos, como o *Trader Horn* ou outro assim. Aquela fila de palmeiras alimentava uma imaginação coerente com a simbologia de Além-Mar. E toda a Foz possui um clima emocional muito próprio. Lá não acontece o caso do dia, é o único lugar onde a

estranheza tem lugar. Enquanto numa casa do Porto, numa rua do Porto, se comete um crime, por insolúvel que seja, o mistério não se desencadeia. A Foz tem mistério, fantasmas até, casos persistentes na sua assombração; casos-reliquia, crimes súbitos que ficam suspensos na sua própria intriga, como um fio de cabelo cortado que baloiça ao vento.

O Porto manobra a cólera e o perdão com lentidão e sem fantasia. Não se precipita, escolhe o momento, fica imune à instabilidade. A Foz é instável e, por isso, mais romanescas. Os seus recantos, praticetas, ladeiras onde bolem as sombras, recordam sempre a solidão que qualquer de nós conhece como um amigo. Forasteira que sou na Foz, compreendo nela a orientação pelas estrelas que são os seus poetas, ou gente mais efémera mas conversadora como um livro. Sem a memória dos contemplativos do lugar público, os que se sentam num banco para olhar, comparar e prever, nós, os escritores, éramos mais pobres. Não há bairros, há comunidade; não há reservas de sofrimento ou aldeamentos de bem-estar exclusivo. Aqui tudo é ainda contas dum mesmo rosário. Por isso a Foz tem uma proporção humana muito especial.

Fracasso.

Na experiência humana não há unidade, tudo são esforços inéditos; só que muito frequentemente o fracasso os torna iguais entre si.

Franciscanismo.

Eu vi os restos dos primeiros conventos franciscanos, perto de Spoleto; as celas eram feitas de vimes e de terra, como faziam as casas os camponeses. Amassavam a lama com as mãos, teciam um estafe de canas, e tinham pronto o convento, numa ravina, às vezes com tocas naturais na pedra onde iam rezar os frades, ou fazer penitência. A vida era tão difícil que essa regra franciscana não parecia senão dar-lhe apoio, integrar-se na severa condição da Natureza. Hoje achamos mórbido e fanático todo esse curso de humilhação voluntária; mas não sabemos mais o que era ter de

sobreviver com um punhado de farinha e algumas ervas. O povo vivia assim. Os forais da época, que estipulavam às vezes meio ovo como paga ao senhor das terras, dizem quanto a escassez era uma praga difícil de debelar. O franciscanismo apareceu como uma assistência social directa; instalou-se nos burgos, entrou no clima campesino e no lar operário; derramou-se pela fazenda burguesa, penetrou na praça comercial. Levou uma consciência nova dos problemas, até à reitoria, até à câmara, até ao paço. Até aí havia o teólogo e o exegeta. Debatiam-se os dogmas nos concílios, atalhava-se a heresia com complicadas teses. Cuidava-se do artigo de fé e do poder do clero. Francisco trouxe o pobre para a sociedade e recuperou Cristo no pobre. E fê-lo sem revolta, com uma sinceridade que subverte a revolta; que a torna menos soberana do que a realidade sofrida. Não disse: «Pobres, uni-vos.» Mas disse a todos: «Tornai-vos pobres.» Amai o dever de ser pobre, e não a confrontação e a luta.

E também ele sabia lutar. Era um guerreiro. Francisco era um guerreiro, de génio lúcido que é o que ganha as grandes batalhas. A sua vida não foi uma renúncia, foi uma glória, uma avançada permanente, um esforço genial para entrar no tempo, na imponderabilidade do pobre. O pobre não tem atmosfera, flutua, quebra pernas e braços contra pequenos obstáculos nos quais ninguém mais choca. Mas, sabendo qual a sua condição, sente a leveza do seu mísero corpo, e nenhum fardo o pode oprimir.

*

A regra franciscana era tão poética que dela só podia subsistir o perfume. Era alegre, pois proibia acompanhar o jejum com a expressão mortificada; era sábia, pois se desviava das letras; era grande, porque prevenia contra o vício da vontade própria. Não foi feita para servir os homens, e por isso levantou tumulto e fez nascer as dissidências. É mais fácil à natureza humana acometer as coisas que exigem heroísmo, do que confiar naquelas que a mantêm na virtude sem penas e na modéstia sem exemplo. O que parece faltar à conduta de São Francisco de Assis é o fervor exemplar e a intenção de prestigiar a sua fé. Essa é a melhor santidade, esse

é o único acto de amor. Decerto que isso derruba montanhas e se propaga com o vento, o sol e as aves, porque os peregrinos de Assis têm quase todos um sorriso mudo e cheio de paz, mesmo quando as lágrimas brotam dos seus olhos e os soluços espaçados de algum se ouvem na cripta onde crepitam as luzes.

Fraqueza.

Já me chamaram insidiosa. E sou; como os galileus eram nos tempos em que a força os bania e a lei os atemorizava. Diz-se em linguagem refinada que o terrorismo é a guerra dos fracos. Parece que também é a única que tem probabilidades, numa época em que aparentemente ser fraco paralisa a censura e absolve o desespero.

Os fracos são a isca dos insatisfeitos; contra eles se obstinam os chamados grandes deste mundo. Neles vêm a sua face desgastada, o seu dente abalado, a sua garra quebrada. E esperam com um golpe de misericórdia acabar a afronta de os terem por destino.

Quando a fraqueza se tornou um culto, depois dos Gregos ou muito antes disso, foi-se gerando uma perturbação na alma das pessoas: simulando proteger e amar os míseros, criavam as condições ideais para os perder. Quem inclina a frente inventa o carrasco. Isto é mais profundo que a simples razão humana.

Fraternidade.

Nada mais difícil neste mundo do que perceber da fraternidade humana. Somos livres para ajuizar, mas não somos livres para decidir o afecto que nos é prometido. Isso, ou o merecemos, ou não. A fraternidade é uma causa boa, mas também é a mais intocável das esperanças até parecer a mais intangível das ilusões. É um mistério da vontade, e não uma proposta da inteligência.

Freud, Sigmund.

Denuncia que desistiu de entender as mulheres quando, na correspondência com Ana, a trata «carinhosamente» de *minha velha*. Está completamente derrotado e sente essa humilhação tentando partilhá-la, como faz sempre. A grande atitude de Freud é judaico-

-cristã: confia mais no afecto do conflito, do que até na inteligência. E é assim que ele chega a ser popular entre as mulheres. Porque o sucesso de Freud e da psicanálise em geral é feito pelas mulheres. Só elas podiam desafiar essa inquisição larvada, esse contrato tácito entre a confissão e a fogueira, essa devoção sensível de combater o amor próprio. Trata-se duma religião imperfeita, como as mulheres entendem; uma religião que purgue a sensibilidade mas que não destrua as paixões.

Frivolidade.

A frivolidade é também uma forma de hipocrisia porque as pessoas não são aquilo. A pessoa, quanto mais frívola nos parece, mais esconde a sua natureza profunda.

Fronteiras.

Muito distanciados estaremos de qualquer abolição de fronteiras. De homem para homem, de lar para lar, há uma fronteira; repetem-se, entre dois conterrâneos, as competições e os zelos, como de pátria para pátria, continente para continente, mundo para mundo. Fraternidade humana é uma aspiração idealista e sem possível realidade. Mas o respeito mútuo entre os homens – isto pode ter, um dia, aceitação absoluta. Todas as doutrinas que tendem a apelar unicamente para o elemento positivo do homem, o lado bom, são falíveis. É do equilíbrio de todos os elementos que pode resultar uma perfeição humana, no sentido paradoxal da perfeição humana.

Funcionário.

A indecisão e a falta de ideias próprias são, como toda a gente sabe, a melhor recomendação para se ser funcionário, aquele que passa por homem prático e é afinal o homem menos prático do mundo. Resta, como exemplo de homem activo e útil, o original, mais propriamente, o romancista.

Futebol.

O mundial de futebol, que eu raramente segui e contemplei com atenção, implica a neurose colectiva que inventa o homem constantemente. Se não fosse por estes espectáculos, em que o indivíduo é assobiado, escarnecido, vaiado, aplaudido e abandonado pela multidão, não se mantinha a consciência do mundo que nos cerca; e onde seríamos apenas um ser relativo sem a curiosidade assustadora que faz de nós uma surpresa, ia a dizer divina. E digo: uma surpresa divina. O medíocre transforma-se em herói; resolve-se no furioso trabalho do peito, dos ombros, dos pés. O homem resigna do seu mandato realista, abandona o seu sofrimento quase servil, vinculado ao lado romântico do sofrimento, e muda de natureza. Nalguns minutos percorre uma vida. O relvado é o mundo inteiro: vencê-lo representa um inferno de dor, de combate, de decepção. O jogador sente-se demasiado pequeno para si próprio; mas o orgulho corre ao lado dele, levanta-o da sua humilhação, das suas quedas, dos seus erros. O fantástico acode à sua mente; a multidão admite o fantástico e sequestra o homem no rectângulo do jogo para que ele opere o fantástico.

*

Nos momentos de incerteza, tudo o que nos era indiferente parece tomar uma importância desmedida. Aquilo a que não prestávamos atenção acentua-se perante o nosso espírito como um caso histórico, messiânico e de perfil tutelar. O carácter «selvagem» vem à superfície e o material real é modelado conforme a forma matricial, quer dizer, como fachada cultural.

Assim o modo como vemos e aplaudimos o futebol, cujos campeonatos se vão alargando e ganhando um público até aqui inerte ou simplesmente apagado. Não havia a grande parada dos craques, a jogada oracular sobre a futura vedeta, o empenho negocial entre clubes e apoderados; não havia sequer o esplendor na relva que se fez digno do génio jardineiro de Le Nôtre. A plantação e entretenimento dos estádios de futebol é quase tudo o que nos resta de sensibilidade paisagística. A sua conservação é obra de grande capitalização; o gosto, o requinte, a fina modulação da verdura, o corte

e o aparamento, a escolha das espécies, a aparelhagem sofisticada dos rolos e das tesouras, as misturas de adubos, a dosagem das regas, o diagnóstico do engenheiro que estuda a adaptação da grama e o perigo das cizânias e dos joios, do trevo miúdo e da cebolinha parasita, tudo isso nos faz sonhar. O esplendor na relva é calculado até ao mínimo pormenor; o tapete campal é administrado como o Banco de Inglaterra – confundindo-se o desejo de poder com a efectividade das pequenas funções.

E eu – no meio de tudo isto? Não fico parada, não amuo com o sucesso de bilheteiras, não vou ao ponto de me incomodar com as entrevistas pedidas aos jogadores célebres, com as somas ganhas por eles, com os prémios que recebem pelos golos marcados, com os milhões que circulam desde as bancadas aos clubes, com o rendimento das chuteiras e das camisolas anunciadas por um astro ou com o sinete do seu nome. Tudo isso é justo; porque todo o real simboliza. O real precipita-se na forma mítica que pode muito bem ser a rede com o seu guarda de luvas pretas pronto a mergulhar num salto vertiginoso sobre a matriz do sentido das coisas, que não tem discurso, mas sim compromisso da sintaxe e da cena.

De resto, há nos jogos humanos a intenção de interpretar a harmonia que se imagina existir entre o corpo e o espírito. Os Gregos, criadores das Olimpíadas, quiseram exactamente com isso expurgar da inclinação à violência o espírito demasiado especializado da sua cultura. A domesticação do homem tem como tremenda expiação a crueldade. Ao lançar-se nos estádios em grandes riscos de aventura e uma espécie de religiosidade competitiva, a fantasmática selvagem é posta em causa, em equilíbrio com a psicose da civilização. Ultimamente o investimento na magia dos jogadores em acordo com o público acentua-se. Os gritos são mais rugidores; há um recital de autoctonia dentro dos campos de futebol, onde as leis são diferentes das leis exteriores. A agressão, às vezes, é brutal, a invasão do recinto dos jogos faz-se como se fosse a invasão dum território inimigo onde a figura plástica da reconciliação e do fundador da cidade, que é o árbitro, é cercada e anulada, assim como o seu discurso razoável. Prevalece a corrente solar e pagã;

assim como o próprio estádio representa, na sua configuração circular, a colectividade dos jovens iniciados nos ritos de passagem, é interdita ao espaço exterior onde a personalidade é subordinada à integração, à política, à lei pragmática dos antepassados. O Estádio é a incorporação simbólica que rejeita a repressão, a dialéctica imóvel da colectividade que está presente na bancada, fora do campo, ou do circuito, ou do ringue. E quando há nessa força descomunal da regra aceite, e sobretudo fabricada, uma tensão da incerteza, a multidão vibra com o jogo, que é o homem iniciado, a juventude ainda livre e sem lacunas, sem rupturas com a originalidade, mas já presenciada, convocada.

Aqui está como eu assisto a um desafio de futebol. Com algum cinismo, porque o progresso na intelectualidade não é o progresso na verdade. E ver rolar uma bola é a melhor maneira de não tomar partido, sem negligência dos factos.

G

Galanteria.

Eram galantes os tempos mais rudes do que estes, porque o coração precisa de finezas quando se empenha em rumos dolorosos. «Quem é galante, todo o ano está de bom humor», diz D. Francisco Manuel de Melo. Acho que sim; porque não há melhor desprezo da sorte impura, do que mostrar-lhe agrado na tristeza e na esperança também.

No tempo em que a cidade tinha corte no Terreiro do Paço, época acabrunhada, se não medida por desesperos, que a Pátria não prometia ser fecunda em salvadores dela, costumavam as damas vir às janelas para ver quem passava. Fidalgo que as notasse não podia arredar pé, ficando submetido pela presença delas; só quando se retiravam podia ele seguir caminho.

É de supor que a cortesia mandava serem pouco vistas as damas; e, se vistas, pouco demoradas. Só o bastante para se distinguirem os penteados com plumas e aljôfar; e os decotes com cruces de oiro em que fazer penitências parecia decerto prémio desejado.

Nesse tempo a galanteria era forma de usura do amor. Moderador do desejo; toque de mistério nas intenções; aviso às facilidades das paixões. Todos galanteavam, solteiros e casados. Mas com tal discrição que parecia apenas serem padrinhos de pecados, e não seus pais e avós.

Garbo, Greta.

Greta Garbo foi o último mito absoluto duma civilização. Se é certo que cada geração vive no absoluto, como se a História chegasse ao fim com a sua consciência e o seu modelo de pensa-

mento e de experiência, esse absoluto tem que ter um rosto. [...] Ela trouxe ao panorama feminino a sensibilidade do seu próprio Eros não maldito, mas desapontado. A Divina concorreu para a História da mulher com o grande enigma do desapontamento. Não é uma inimiga dos homens, é uma razão que os põe em causa.

Garrett, Almeida.

Garrett foi um nome de adopção, que depois tomou ainda mais brilhante engaste com o título de visconde que lhe foi atribuído por cargos públicos que exerceu e méritos literários do nosso conhecimento.

Homem de variados talentos e que os Portugueses algumas ocasiões escarneceram para não ter que o temer. Foi genial num país que não consome o génio como consome bifes de cebolada. Acha-o menos ao seu paladar e dedica-lhe uma desconfiança que é a inveja metida a bom senso.

Garrett foi um extravagante no meio de pomposos. E um sedutor numa terra em que só havia amadores e não amantes. Possivelmente foi mais competente no discurso teatral, mesmo quando era deputado, do que convincente na poesia de romanceiro. Era desses homens que merecem estar sempre apaixonados, para que as Letras o façam sangrar e o coração espirre tinta de escrever.

Genealogia.

Um amigo meu, mau como as cobras, dizia que os meus livros eram genealogia. Eu acrescento alguma coisa a isto, dizendo que a genealogia se inclui na paixão humana; ela é, possivelmente, o indício de novas experiências e fortunas. Em todos nós, mesmo sem sermos cronistas, historiadores ou confortáveis narradores de romances de família, se encontra o direito ao movimento regressivo, o desejo de coincidência que se projecta nos séculos, o desejo de arrancar ao esquecimento a verdade que nos permite o estado normal de trabalhar e de amar.

Génio.

O génio, que é a síntese da pessoa comum, que não se revela sem o patrocínio do mediador, deixa no espaço que ocupou em vida uma auréola do inacabado. É curioso observar que os artistas menores quase sempre deixam um rasto de testemunhos considerável. Enquanto que os indivíduos como Shakespeare, Camões ou Cervantes, Homero e Virgílio, ficam submersos numa bruma misteriosa. Isto acontece decerto porque se trata de pessoas saturninas, inclinadas à solidão e que se repudiam a fácil intimidade. «Estou sempre só e não falo com ninguém» – diz Miguel Ângelo.

Génio português.

O menos conhecido e o mais subtil do génio português é esse jeito histriónico em permanente actuação. Não uma inclinação dramática, não a tendência à exibição; mas o natural como gesto de teatro puro. O natural é a mais fina interpretação do teatral.

Glória.

A glória, sobretudo a glória fácil, sempre me pareceu a parte vil do mérito, e não fiz nada para a atrair. Nem pela afabilidade, nem sequer por simples provocação da recompensa. Quando a obra nos ocupa, desleixa-se a carreira. Também é certo que sou muito orgulhosa, considero isto um defeito extremamente nocivo, e a obscuridade tem servido para o corrigir. E não vou deixar que isso se modifique.

Gostos.

Um dos grandes factores do diálogo nos restaurantes e em todos os espaços gregários, é a discussão sobre os gostos, embora se saiba que não se discutem. Vendo bem as coisas, os gostos são um morbo cultural que justifica o tempo perdido em discuti-los. Vive-se muito de desinteligências menores, e por isso é que se alimentam cismas, birras, contrariações e fronteiras de todos os tipos. Os Portugueses não são muito caricatos nisso de odiar e aborrecer; talvez porque onde outros povos têm barreiras entre estado e costumes

extremamente sádicos entre principados, nós temos passagens de nível. Melhor assim.

Governo.

É necessário fazer com que se atenuem nas multidões a noção de serem isoladas da grandeza, de serem apenas interventoras na ordem das coisas por uma espécie de quebra de interdições, e de revolta. As sociedades humanas estão destinadas a uma expansão que não represente só uma defesa, um circuito morto em volta das suas verdadeiras potências criadoras. Que seja, acima de tudo, não uma união neutral de vontades, mas uma esplêndida animação de vontades. O protótipo, o chefe das exéquias, está em franco desaparecimento em todo o mundo, e temporariamente substituído por juntas militares, porque, naturalmente, elas ainda representam um mito de domínio que parece melhor não modificar. Porém, a modificação deu-se. O homem é mais do que o seu discurso: é a liberdade que merece ao nível da sua criatividade, e não das suas inibições ou dos halos que as representam.

Governantes.

No fundo, agradece-se que não haja grandes governantes; eles trazem a ordem, portanto a proibição de escolha a uma consciência em estado de profunda reprovação. Um governante iluminado causa mais males do que duzentos que estejam pouco empenhados na felicidade humana.

Grandeza.

A grandeza sempre nos estorvou. Não a noção de grandeza, mas a sua interferência no quotidiano. Da nossa educação excluímos a demasia, quer onde ela tem fronteira com o ridículo, quer onde se confunde com o divino. Isto significa, no fim de contas, que a educação não é para nós uma coisa séria, na medida em que toda a educação é um desaproveitamento da realidade. Talvez porque a iludimos continuamente, somos pouco atingidos pela angús-

tia. A excepção não é o estado ideal do português, mas antes uma subtil vulgaridade.

Gratidão.

A gratidão é o amor da glória mais entranhado; «por amor de mim o faço, e a minha glória a ninguém a darei». Por amor da glória contemos em nós tudo o que não é generosidade e calamos o conhecimento da perfídia alheia. Na gratidão buscamos forças para desarmar os caluniadores. Disse-me um cruel amigo: «Proteger um artista é subsidiar um monstro.» Disse isto porque não tinha a glória da gratidão com ele, porque andava por caminhos da cólera. O homem de glória tudo vence com a gratidão, que tudo ama.

*

A gratidão é uma experiência subjectiva, como a fé. É mesmo um acto de fé que a substância do ser humano nunca pode mudar. Nela não há incerteza; é feita de pertinência. A gratidão é o que há de menos efémero na nossa vida. Por ela, somos provavelmente menos livres, mas também menos sós. Isto é bom.

Guarda-chuvas.

A chuva copiosa descreve no ar um agudo fio de prumo. Como sempre que entro em terra estranha, evito interessar-me depressa pelas coisas e os lugares. Ponho-os a distância; porque não lhes quero perder a objectiva porção de matéria que, sendo livre de meus sentimentos, é ela em carácter e em força, só ela, sem cronista, sem amigo em missão de cultura. Depois escolho uma estratégia: lenta, anónima, um rosto sem identidade, provinciano; como alguém que vai ao dentista à cidade e espera o penúltimo ónibus. O meu gosto de trazer guarda-chuva acusa essa precaução de quem, na fantasia, pretende ignorar-se. Uma freira de boa casa nunca saía sem guarda-chuva; nem o homem de negócios, ou o barbeiro, que era uma personagem oracular. O guarda-chuva é um *daimon*, um espírito de trato, uma espécie de intérprete. Chamberlain usava guarda-chuva – o que, em circunstâncias

bélicas, o tornava particularmente irritante e até *snob*. Era uma insolência espantosamente aristocrática, porque era a timidez sem causas, o símbolo do desinteresse mais profundo.

Guerra.

É apetecível. Não me venham dizer que a guerra é obra de generais e de caudilhos. A multidão sabe perfeitamente que vai para uma orgia.

*

Quando se atinge um grau de abstracção insuportável – o que acontece quando as instituições tentam significar a salvação, tanto organizando o reino dos céus como a república terrestre – acontece a catástrofe: a guerra, a acção imputável ao homem e que se situa numa realidade vital, ainda que alucinante.

As guerras não surgem por motivos económicos ou passionais. É uma atitude de indivíduos abandonados à razão, incluindo a razão do seu mundo interior isolada do mundo exterior.

*

Os povos em busca de originalidade não existem; existem os funcionários da inteligência que julgam ir ao encontro das aspirações dos povos dando-lhes uma dimensão excepcional. Porém, o que acontece é uma evolução extremamente ritmada e na qual a única experiência desmedida é a guerra. A natureza profunda do homem ama essa experiência perturbadora, e é para conservar a paz que não devemos ocultar, com falsos recursos espirituais, as primitivas tendências sempre prestes a manifestarem-se.

*

Eu disse que Portugal não era povo de guerreiros – e não é. Longe está o espírito lusitano do impulso germano, rumo à glória das batalhas; longe, também, da guerreira exaltação dos Normandos. Não é povo de guerras, mas de rebeliões. Hordas conduzidas por cérebros ensimesmados nas próprias ambições ou nos próprios sonhos; recontros, escaramuças, surtidas – mas não guerras, no sentido épico da palavra. O ideal da guerra, como o ideal da paz, do comércio e da burocracia, existe na textura intrínseca

de cada raça. Isto não renega o que, na história de cada país, pode haver de grandioso e de muito belo, personagens e lances eternos, sempre repetidos no eterno ciclo da vida.

Guerra do Ultramar.

Conforme as pessoas que a discutissem, ou era um assunto incômodo ou doloroso. Mas, como em todas as guerras, havia uma superfície fraudulenta, onde se cruzam as evidências puras do dever patriota que, em dado momento da História, não são senão hipocrisias ideais; porque quando a sinceridade se torna difícil é preciso substituí-la pela cumplicidade nas falsas virtudes.

H

Hegemonia.

Parece incontestável que as nações tendem para uma uniformidade, o que neutralizará toda a possibilidade de qualquer bloco histórico dominante. Nesse tempo, uma vez completadas as condições de hegemonia entre os povos, uma só classe se levantará para conquistar o poder através doutra galáxia. Não se dirá então classe exploradora, mas sim a plenitude da desumanização que corresponde à carreira das massas e à direcção do seu inconsciente.

Hiroshima.

Eu senti que se começava um mundo diferente, que aquilo marcava realmente uma nova etapa. Eu não sabia dizer como, mas foi perfeitamente um sentimento de angústia imensa que eu tive nessa altura. Não pensando sequer nas circunstâncias, porque nós não tínhamos acesso a esse acontecimento como um espectáculo. Hoje é uma coisa que se faz muito; é o acontecimento dramático como um espectáculo, e é uma forma de o banalizar. Foi um acontecimento como facto histórico, como facto de um poder que se tinha agigantado de uma maneira tão desmedida que me deu a impressão de que, com toda a minha capacidade e apetite e vontade de intervenção quase, digamos, mágica, como na juventude se pode entender o que é a nossa intervenção no mundo, que ficava em causa. Havia toda essa força brutal que punha em causa toda a categoria do espírito. Essa foi das maiores emoções da minha vida.

História.

Assistimos hoje a duas correntes de comportamento: dum lado, estão os que servem à angústia os lances da História mais predominante com o fito de animar o tédio das convicções e derrotar o clima de humilhação que se instaurou na sociedade portuguesa. Doutro lado, estão os canibais do facto didáctico. Eles não poupam os heróis nem os santos, porque se lhes atravessam no caminho tão acidentado dos novos, para quem Portugal, quer queiramos ou não, é da sua responsabilidade. Os grandes mortos estorvam quando a civilização é uma questão de ter o seu espaço próprio, da sua derrocada própria, e não do seu sistema.

Homem.

Para se remeter ao extraordinário, o homem tem que criar a sua própria solidão repartida com os outros homens. A sociedade terá muito a lucrar com a ampliação do doméstico, com rotinas de confiança e que sejam da responsabilidade da mulher: a escola, a produção e o jogo das actividades sociais. A mulher tem um talento especial para explicar o finito. Quando o homem descobrir tudo, quando for senhor duma natureza magnífica, não saberá o que fazer. Mergulhado nos seus pensamentos, ele seria duplamente feliz mas trágico, porque não saberia que fazer com tantas riquezas. É aí que a mulher entra em cena. O finito não a impressiona porque não precisa de deliberação para começar seja o que for. Ela concebe a vida como um passatempo, e é por isso que ele está em união com a vida; não lhe pede explicações para depois decidir. É humilde como a criança, activa como a criança. A força do homem está na dúvida: ele pensa que nem tudo é possível a Deus. A força da mulher está na modéstia da sua fé: ela crê que a Deus tudo é possível. Este homem e esta mulher prevalecem e, num instante de perplexidade, encontram-se e talvez se amem. À maneira idílica ou à maneira guerreira. O mundo aproveita de não haver pessoas sábias e de tudo estar sujeito um pouco ao acaso, seja obra de homens ou de mulheres. «Se o homem fosse tão sábio ao ponto de poder esconder a sua própria loucura, ele estaria em

condições de tornar toda a gente doida.» É uma imagem do mundo acabado. Saberá a mulher o que fazer dele?

Homem de Deus.

O homem de Deus é menino pela confiança e é adulto pelo reconhecimento da paz do coração.

Homem ocidental.

O homem do Ocidente foi sempre mal visto até nos mais pobres aduares norte-africanos, com o seu egoísmo vulgar, a sua risada, a sua falta de intimidade religiosa. E é ele ainda que move a hostilidade do persa tradicionalista e que dispõe duma força política considerável para lá dos motins de rua e dos cabecilhas da táctica emocional. Ele odeia o anglo-saxão fazedor de contratos; odeia a sua cultura dinâmica, a sua música violenta, as suas ideias quase só artificiosas e corruptoras.

Honras.

Não é bom recusarmos as que nos oferecem, porque podia parecer que as desprezamos ou que as não merecemos. Ambos os casos tinham que pôr em dúvida a sociedade que tais honras criou e o critério da escolha para elas representadas. As honras vãs não me deslumbram. Só as que me obrigam me parecem honrosas.

Honras fúnebres.

Agradecida por não evitar honrar os Portugueses, quando por tantos eles são caluniados. O que eles prezam, pois ser muito louvado embrutece.

Metido em brios, o senhor Vincent de Langlade, que é guia erudito do Père Lachaise, acabou por desfiar a história toda. Na realidade, o que está no túmulo de Filinto, em Paris, não são os seus ossos, mas o direito à perpetuidade; ou seja, uma forma de eternidade. A Lei Malraux proibiu que os túmulos perpétuos do Père Lachaise fossem em qualquer caso vendidos ou desapossados. O cemitério tornou-se um monumento às vezes em estado silví-

cola, é verdade. O túmulo de Filinto, como o do seu protector que aí o mandou sepultar, está em ruínas. Para isso o senhor de Langlade pede providências. Mas que fazer? Que eu mande a minha mulher-a-dias, com balde e piaçaba, limpar o mármore da tumba, avivando os latins coevos, trançando as eras com mão acrisolada, não é muito de admitir. E quem conserta a cancela ferrugenta da última morada do senhor d'Aupia, o Mecenas inumado porta com porta? Vincent de Langlade é explícito: o túmulo de Filinto está na quadragésima terceira divisão, número 72, primeira linha, frente. É o quinto, a partir da quadragésima quinta divisão, no Chemin des Anglais. Não creio que a senhora Margarida da Pasteleira desse com ele, assim à primeira. Porque Vincent de Langlade pode estar lá e não estar. Os guias são cadentes, mudam de lugar com rapidez vertiginosa, têm um doutorado de fogos fátuos que não se acredita.

Eu folgo que Filinto esteja em solo pátrio e que haja um senhor de Langlade no cemitério do Alto de São João para avançar com a topografia da sua sepultura. Também pode acontecer que ninguém saiba onde pairam agora os restos de Filinto depois de devolvidos à terra-mãe. É coisa nossa esquecer com indolência o que tramamos com ímpeto. [...]

Pelo que, o caso de Filinto Elísio se torna neutro e difuso, tomando foros de extrema elegância a sua tumba vazia no Père Lachaise. Como quem tem morada em Paris e não a goza, com singular fastio de alma, assim Filinto dorme na terra materna que lhe foi ingrata mas para sempre convidativa. Numa noite de Natal, estava ele de saudades cansado e visionava a festa lá da pátria; com açafates de verga pintada derrubando na mesa os bolos caseiros, os namoros da missa do galo, as bocas besuntadas da ceia cantando os hinos. Enquanto que o «insípido Filinto no seu sótão», donde abalaram os amores travessos, sonha com os lugares de Lisboa tão amada. Assim o deixo; não sentado na beira do túmulo que um límpido mecenas, e não outro dos que ele satirizou, lhe ofereceu em perpetuidade; mas debruçado nas colinas da cidade que chamou Elísea, por ser memória do paraíso. Estende os olhos, não pelo rumo

cego do tristonho futuro, mas por um rio de barcas e vapores que parecem armada de amigos que ele mereceu e cultivou.

Acho que está reabilitada a honra dos coveiros, e a nossa. Conceda-se a Légion d'Honneur ao senhor de Langlade; que é bem empregada. Tenham na terra os guias dos cemitérios diplomas e finuras, e lá no céu Filinto «odes de Horácio e trouxas de ovos».

Humanidade.

Não compete ao Estado tomar o ascendente sobre a importância do eu, que, esse sim, analisa e inova e competentemente se atreve para dar lugar, progressivamente, à humanidade adulta e sábia. Mas a humanidade está muito longe de ser adulta. Necesita dos preconceitos como de compostos de farmácia que poupem a sua susceptibilidade à realidade demasiado temerária.

Humildade.

Humilde é a pessoa que não afasta de si a crença do Infinito, a realidade das suas pequenas pegadas na vida – e não aquela que se desmerece, que insulta o seu corpo e a sua alma, que se enfurece contra si mesma. Aceitar a sua humilhação é consentir na humilhação do seu próprio Deus.

Humor.

O humor é, nas pessoas, um elemento terrivelmente desconhecido. Pode unir um povo inteiro como o não fazem os costumes e a própria língua.

I

Ideias.

Como artista, tenho que crer que não há ideias irrefutáveis. A Inteligência sempre se contradiz. O homem de espírito é um eterno devir, a negação das ideias irremovíveis. Se eu julgasse as minhas ideias nítidas e categóricas, faria testamento delas, e, depois, deitar-me-ia entre círios, para morrer.

Idiotia.

O saber precisa de ser visto com a idiotia que ele próprio comporta, com o jogo de certezas que uma época tem por inevitáveis mas não por permanente. Um mundo sem idiotas é um mundo saturado de falsa dignidade.

Igreja.

A Igreja teve uma força enorme, no aspecto cultural. A Idade Média, que foi tão denegrada e tão marcada por uma espécie de perseguição alheia à realidade, foi uma altíssima força espiritual e com pessoas de uma qualidade e de uma distinção extraordinária. Evidentemente que todo o aparato da burguesia que se impôs no regime feudal, ele vinha munido dessa necessidade e dessa vontade de destruir essa força espiritual que representou o monacado medieval. E partiram do seguinte princípio: não há necessidade de orar, não há necessidade da existência do padre solitário, do padre que pensa, do padre que vive em contemplação. O que interessa é a vida dialogante e a perspectiva social. Eu acho que as sociedades, de certa maneira, foram separadas da energia anímica que foi essa força contemplativa do homem que medita. Tudo se tornou,

por força dessa burguesia ascendente e materialista, até aos nossos dias, demasiado convivente, demasiado exteriorizado. Não sei até que ponto uma força que a Igreja representou até certa altura se perdeu. E ainda não se reencontrou. Mas isso é possível que venha de muito longe. [...] Mas a humanização de Deus criou um isolamento maior no Homem em vez de criar um estado de aliança. Acho que as religiões que situam Deus no seu lugar próprio, no seu céu, que o homem cria para o seu Deus, são aquelas que têm uma maior coerência, uma aliança maior entre si. A perfeição tem que existir fora do homem. Desde que o homem se compromete à perfeição começa a deteriorar-se como homem e começa a pisar um terreno fácil para a neurose.

*

No geral, os escritores têm uma má reputação, porque os consideram, quase sempre, desviados do espírito da Igreja, ou desviados da Igreja e não absolutamente no seu espírito. Isso acontece, sem dúvida. Experiências demasiado intensas quanto às razões do mundo, fazem com que muitas vezes um espírito criado na Igreja se abandone a essas mesmas razões. Eu quero explicar que nasci, fui criada e educada dentro da Igreja Católica Romana. Vivi dez anos em convivência profunda com a Igreja. Foram padres e freiras que me orientaram e criaram uma personalidade que é ainda hoje a minha, quer na fé, quer quanto à sensibilidade e generosidade; tudo o que coroa os princípios imutáveis da Igreja, aqueles que hão-de ser sempre a realidade para a qual todos nós estamos voltados e que são o futuro da Igreja.

Igrejas.

Eu entro regularmente nas igrejas. Não para favorecer um culto, mas para surpreender a realidade que é quase só idiomática nos homens. Por isso as igrejas estão cheias de imagens que riem e que choram; de flores, luzes, símbolos, coisas que brilham, um perfume basto, um recado morto e singular nas suas absides. Respeita-se a realidade na reverência que se faz ao mistério.

Iluminação.

Via-se Madrid iluminada na profusão de luzes que as cidades gastam e que Teilhard de Chardin considerava pura perda de energia. Pois para simular que a noite é radiosa se inventa nela o dia, que custa mais caro do que a luz dos olhos.

Imagem.

A leitura responsabiliza muito menos que a palestra; e esta menos do que a imagem.

Na imagem aparece a lógica do conteúdo com mais intensidade. Na leitura, a lógica da forma proporcional apresenta-se em tons mais baços. Desse modo, o espectáculo visual tem que ser produzido em moldes adequados, porque é preciso, ao tocar um assunto determinado, tocar a generalidade da sua essência mais depressa do que a generalidade lógica do mesmo assunto.

Imaginação.

Só se pode sentir a evidência das coisas até um certo ponto: além disso, ou nos rebaixamos ou nos aproximamos do sentimento superior que nos liberta. De facto, o verdadeiro estado de liberdade é o de ultrapassar a imaginação.

Imobilidade.

Na escola florentina, vemos que, na coreografia das personagens, desde os véus das ninfas de Botticelli, até ao seu equilíbrio certo, há a tendência para a imobilidade. A perfeita atitude humana é a dessa quieta nobreza do gesto, a segura atitude que se apoia num eixo imaginário. Quem conhece o processo do *ballet* sabe que ele é a busca desse eixo ideal que permite ao corpo humano o máximo de imobilidade, como uma espécie de candura da física, pura matemática do movimento.

Incerteza.

Cresceu no mundo um mal-estar feito de prudência demasiada. Como se não fôssemos irmãos, nem sequer contemporâneos.

Como se o fracasso e a dificuldade não se compartilhassem, ou declará-los trouxesse desonra aos homens. Todavia sabemos todos, ou devíamos saber, que o prodígio de uma civilização pode ser suspenso pelo mais imprevisto movimento.

De repente o mundo recua um século, e o fanatismo técnico desconcerta-se. Apesar dos acordos e das promessas, paira uma estupefacção que está para além do litígio. As pessoas começam a acreditar que foi posta em movimento uma engrenagem que ninguém ainda consegue sequer interrogar. Agora o mundo sofre dum excesso de estruturas que já não se aplicarão mais. O discurso soa vazio, porque nele não está contido o pensamento de que se precisa. A autoridade reconsidera os seus poderes, e só na lealdade encontra impulso para a decisão. Os salários sobem, o dinheiro diminui. Somos protegidos por leis, mas elas não coincidem com os acontecimentos. Somos satisfeitos, e carecemos de experiência para a insatisfação. E o tempo, tão fugidio sempre, agora sobra. Coisa fantástica e sem precedente! Aonde vão buscar o tempo os que param desde madrugada diante dos depósitos da gasolina ou nas paragens dos transportes públicos? Há um sintoma novo de certa solidariedade entre o passageiro do autocarro e o condutor; há menos pressa, presta-se uma informação de melhor vontade. À tardinha, recolhem as aves às árvores da praça; as plumas, finas e cinzentas, e os excrementos, caem sobre as pessoas que esperam. Há um pouco de riso e protesto. Assim nos tratam os pardais, no decoro dos seus horários que não se alteraram. Agora temos tempo para compreender até os poetas: «Os pássaros lançam aos teus olhos as figuras sucessivas.» Passam, voam, agrupam-se tão densamente que as suas penas desprendem-se e caem nos nossos cabelos. Um rapaz diz: «Com licença» – e retira uma pluma ou uma folha que caiu na cabeça do seu vizinho. É lento o respirar e o olhar as coisas. E quando pára um táxi, e o assaltam três ou quatro ansiosos, os outros têm um olhar como quem segue um jogo; e os vencidos retiram-se discretos e quase perto de apertarem as mãos.

A incerteza tem também qualquer coisa de protector. Do começo dos tempos vem uma espécie de sentimento afim a todos os

homens que atenua o vasto campo das contradições, as numerosas subidas dos caminhos que algures se encontram e se separam. «Segues morosamente a curva margem do lago» – diz ainda o poeta. A curva margem do tempo.

Incoerências.

O português sente-se à vontade com o que não entende; na realidade, está sempre mais perto de nomear os mitos do que os meteorologistas ou o presidente da câmara. Se as tempestades destruíam as colheitas e as vacas abortavam, era certo que havia culpado na aldeia. Em geral uma pessoa de mau parecer, coxa ou enfezada e que enriquecera depressa. Era expulso da terra e tudo voltava à normalidade. A sociedade não admite incoerências.

Incredulidade.

Eu penso que há uma espécie de fanatismo nos grandes incrédulos. É bem certo que se nasce desiludido e que nos tornamos místicos de alguma coisa, em geral pela força da desilusão, que é o fraco dos Portugueses.

Inês de Castro (túmulo de).

Inês, na sua jacente realeza, era despertada de longe em longe pelo passo discreto dos seus visitantes. Olhavam-na com ternura: «Pobre mulher, tem cara de noviça e colo de garça.» Os olhos abertos pareciam toldados de poeira; nas perfeitas naves de circunspeção fradesca passava-se como um intruso, sem demorar, tocando com os dedos a água benta das pias. E do silêncio desprendia-se como que o perpetuado encontro dos esposos mortos, naquele dialogar sem palavras, entre hostil e doce, que é próprio dos que coabitam.

Depois, pouco a pouco, cresceu o número dos que vinham admirar Inês aflorando a almofada onde descansa a cabeça, imaginando a cor da sua pele de mármore gasto. O mosteiro encheu-se dum arento arrastar de pés, encheu-se de vozes descuidadas e desse passo de turista que tem algo de moço que se extravia num recado. Dos olhos de Inês voou a poeira, eram grandes olhos azu-

lados, manchados pela *morriña* das veigas galegas. O seu rosto parecia agora banal, um pouco balofo, de mulher intriguista e glutona; ela parecia mesmo aguçar o ouvido para o barulho da praça, pondo na comissura do lábio um jeito de curiosidade vulgar, de insólita, promíscua ressurreição. Começava-se a reparar naquele atrevido esgar sob a serenidade da morte. As raparigas achavam-lhe qualquer coisa de desonesto, de perguntador, próprio de quem estima ouvir mentiras e divertir-se com trocadilhos. E alguém disse, um dia: «É como se tivesse morrido por tomar veneno...» A lenda desmoronava-se não se sabe por que revelação insidiosa. Inês levantava-se do seu túmulo com uma precipitação agastada, e não tinha o porte duma rainha executada. Parecia, sim, ter sucumbido antes a uma peçonha ministrada no caldo ou no manjar torrado; tinha o aspecto rígido duma ave embalsamada. Quem a viu no seu cadeiral vermelho, a coroa de ouro cingindo-lhe a cabeça, estranhou a sua compostura. O rei olhava distraidamente o rolar das lágrimas dos círios. Roía as unhas e estava cansado da longa cerimónia que mandara realizar. Roía as unhas distraidamente. O abismo, a loucura dessa desafronta, fazia corar os fidalgos do reino; tremiam de cólera e de desprezo, de olhos baixos; liam, a meia voz, para esquecer a ira, o nome dos abades sepultados sob as lajes, os nomes dos doadores e das donas virtuosas.

Isto corria na imaginação da gente quando devassava o sossego de Inês. Ela oferecia a sua confidência, como se o escrúpulo do silêncio se manifestasse no despudor do imaginar. A lenda movia-se como uma serpente retalhada, movia-se em todos os sentidos e já não era possível refazê-la. E Inês corria perigo de vida; agora, sim, estava prestes a morrer às mãos do ministério do quotidiano.

Alcobaça está toda ela num catafalco de frutas vermelhas, de cetim de loiças onde se desenha Inês e as suas damas; correm os galgos azuis de roda dos pratazes para aletria, correm e não se cansam. As brancas pedras esboroam-se com recato, a rainha morta é sepultada outra vez, sem cantochão e sem marcha de velas. O seu rosto modesto e grave cai num honroso esquecimento, que é esse o doce fruto dos seus amores.

Infância.

A infância vive a realidade da única maneira honesta, que é tomando-a como uma fantasia. Não tentem explicar o mundo a uma criança, que ela saberá despistar as provas oferecidas. Não lhe interessam provas, mas sim mistérios. Os adultos desempenham o papel de desmancha-prazeres: porque vigiam, porque ensinam, porque desprezam a imaturidade.

*

O português, que leva com ele o tempo de infância como uma religião, vive em qualquer lado em boa paz. Porque o importante é para ele essa memória dos dias felizes que, em qualquer idade e fortuna, não se repetem mais. Ter a infância ao alcance, com a prístina leitura da descoberta, dos primeiros risos, dos primeiros mistérios, é ter a bênção que ninguém pode retirar-lhe; nem os maiores infortúnios, nem os fracassos maiores. Se não fosse a memória dos dias felizes, os pequenos marçanos e os pequenos vagabundos que se alimentavam dos restos de peixe dos pescadores e dormiam na praia, os cabelos brancos de areia e os punhos fechados num sono de criança, não suportariam a solidão. A fome e os maus tratos suportavam, mas não sem esse penhor dos dias felizes que era para o emigrante do Minho uma espécie de vantagem sobre a terra inteira.

O milagre da infância, que é poder tudo, pela recusa da realidade mais radiante. Como no caso de Mozart e Maria Antonieta, prometendo-se em casamento com seriedade tremenda. «Tu, e nenhum outro» – diz a princesa. E não se sabe que ecos leva essa promessa dominante, para que denuncie a fatalidade em passos tão incontidos até aos degraus dum cadafalso.

Os dias felizes do jardim tirolês de Schönbrunn ou dos campos onde cresce o malmequer bravo numa aldeia de Portugal, são cenário idêntico para a criança que vai começar a viver contratos, separações, experiências. A princesa de treze anos, de olhos que ardem com um calor menos nobre do que seria para desejar; ou o emigrante transido no seu casibeque de botões de osso, ambos levam os dias felizes na sua bagagem e, com isso, são reis em qual-

quer lugar do mundo. Mesmo quando a onda gigantesca da História os submerge, ou voltam despidos de esperança aos lugares banais que mal reconhecem no retrato que deles levaram mas que não alteram a doce premonição dos dias felizes.

Inimigo.

Não é difícil o sucesso político se tivermos em conta que é uma área pouco cobiçada e onde não há adversários muito convictos. Mas, para isso, mais do que agradar, é preciso ter o dom da infalibilidade que faz parte do sentido de grupo e que actua sempre em conformidade com o grupo, as suas aspirações e capacidades. Sempre que se acentua uma debilidade política, acentua-se também o recurso a um inimigo. Durante muito tempo bastava despertar o anti-semitismo, que fazia, e faz, parte das tradições populares, para encontrar saída para o ressentimento que tem raízes diversas na natureza humana. Napoleão viu claramente que era um sinal de fraqueza perseguir os judeus e que isso não era politicamente sábio. Mas a sabedoria não floresce nas situações de facto com as quais é preciso especular e raramente abrir ao *élan* da virtude humana, realidade que se tem quase por ilegal.

Insignificantismo.

Aquilo para que hoje todos os jovens são criados: um grande destino. Um grande destino ou, no fim de contas, um grande sofrimento, não é? Porque esse destino, chega a certa altura, tem um tecto e não vão mais além daquilo. Começa, então, o psiquiatra a ter a sua função. Dizia um médico famoso que, dentro de alguns anos, se irá ao médico para tratar a doença do insignificantismo.

Insinceridade.

[Dizem] mal de tudo com uma insinceridade genial. Os Portugueses são a gente mais insincera que há. Por isso são raramente grandes artistas.

Instantes.

Não temais pela minha sinceridade quando falo de mim, se vos disser que o melhor das minhas memórias são instantes e não horas nem dias.

Insultos.

Pode-se não recordar os insultos; mas guarda-se deles um amargo de experiência, feia como uma cicatriz. E isto envelhece a alma, torna-a ruínosa e inútil.

Integração.

A integração ameaça noventa por cento dos artistas, das mulheres e dos negros. Os outros creio que ficarão irredutíveis, originais, na sua selva onde tudo acontece e não obedece à estratégia empresarial. A mulher que escape ao fenómeno da integração será aquela musa das más intenções, de cabelos compridos e mãos rapaces, que inspira desprezo e desejo e coisas assim. Não sentirá a responsabilidade ética e política, nem o frio gume das instituições sobre a sua alma libertada. Não faz questão de ter alma, e o Papa emitirá mesmo uma encíclica para esses cinco por cento da mulher não integrada, associal e ligeiramente delinquente; como o artista, que atrás das barricadas de 68 percebeu que quando o Banco Agrícola pendura Rubens nas suas agências é porque alguma coisa está mal: ou Rubens, ou o crédito, ou os computadores culturais.

Intelectual.

Para mim, um exemplo do que deve ser um intelectual é aquele que, desde o princípio da sua vocação, se apercebe, nebulosamente, de que o mundo não pode ser compreendido unicamente pelo intelecto, pelos dons do espírito. Há também os dons do coração, que não são menos importantes. O coração pressente e afirma sempre o conjunto dos acontecimentos vividos, não tem deles um entendimento discriminante. É o que acontece com Salomão, que aos doze anos percebe que, ao sentar-se tão jovem no trono de

David, não saberá governar o povo eleito sem que Deus lhe testemunhe a sua benevolência; por isso lhe pede um coração sábio e inteligente, para discernir o bem e o mal.

Intelectuais.

Os intelectuais que se reuniam ali possuíam uma espécie de diligência que é própria dum estado de pobreza. Há uma necessidade em coisas do espírito que a todos nós começa a tornar peritos em conviver. Não se trata duma ideia ou duma tática; mas duma certa função perante a realidade europeia onde a Bíblia se usou como inspiração do sentimento e da razão durante muito tempo; foi a arquitrave duma cultura, agora mal sustenta a formação lapidar dum folclore mais. Não sei se são os salmos e os provérbios o que nos falta; em todo o caso, este é um assunto que tem que converter o uso da liberdade em reflexão.

Os pensadores andam, como nas Cortes de Aldeia, cabisbaixos e nostálgicos; andam no exílio da sua verdadeira pátria, que é o coração de todo o mundo. Parece que uma barbárie nova toma lugar à mesa dos contratos e que há mais armas do que consolação; e mais precauções do que verdades. É já tempo de conversarmos estas coisas, não unicamente entre doutores e poetas. Todos podemos apelar para a clareza e descobrir uma linguagem que, além de justa, seja desejada.

Toda a espécie de homens inteligentes se encontra para decidir da paz e da guerra; e a nós, os letrados, resta-nos a prática de dar ornamento às razões itinerantes, mas, se fazemos uso doutras, chamam-nos loucos. E, no entanto, há um louco dever que é prova de prudência: é importante que nos organizemos, não para pintar a amizade com os efeitos das ideologias, mas para derramar sal na verdade da terra. Sem isso, o que parece aritmética e música não passa de confusão e ruído. [...] Naquela noite de vento desabrido, eu pensava: a tradição do intelectual, como muitas outras, tem que apagar-se definitivamente. Essa luz que ofusca e não aclara as coisas, esse protector de relíquias ilustres, esse título, essa fama, essa carreira, devem esquecer-se. [...] É preciso – pensei – que os

amigos de todas as nações descubram a maneira de entendimento sem que a honra sofra sobressaltos. Com certeza que há recursos na terra para se viver nela sem ser como intrusos; é a nossa morada, não o nosso cativeiro. Muito se fala em horrores porque decerto somos horrendos. Faz-se durar o espanto das coisas tremendas, porque decerto queremos intimidar. A salvação não está, porém, no temor, mas na confiança. A cultura usava enternecer os corações e fazer chorar a multidão. Agora experimenta levar as curiosidades a representarem paixões. De uma e outra maneira se isolam as pessoas dos seus verdadeiros riscos e necessidades.

A nós, intelectuais, pobres sem segurança, porque a nossa pobreza não compete ao Estado nem interessa ao burguês, apresenta-se uma ocasião extraordinária de operar; não na luz violenta que pretende deslumbrar, mas na obscuridade, fora do tráfego das influências e das declarações oficiais. Os povos sabem o que amam e o que odeiam, porque há neles um fino ouvido que os guia e que não confunde o tumulto dos tempos com o sentido dos acontecimentos. Sabem mas não reflectem. Só a reflexão se expande; ela é o executivo do saber. Escritores e pensadores têm a seu cargo essa relação indispensável entre o conselho muitas vezes ameaçado dos povos – ameaçado mesmo quando eles desfrutam de liberdade – e a sua medida de legalização. Literatura e civilização; literatura e política são para os governantes uma só coisa. Mas o que são para o comum das pessoas, sempre tímidas quando se trata duma conversação despojada de valor prático na sua aparência? O pensamento não pode corresponder a uma vã agitação que acorde estratégias mais ou menos aliciantes. É algo de quotidiano, de inteligente como coisa vivida. Não conforme o realismo político, mas conforme a realidade humana. O saber existe no sentido comum como que prisioneiro; é precisa a imaginação para o libertar.

É no desígnio de nos situarmos nessa sinceridade da imaginação, que dispensa a denominação de virtuosa – uma sinceridade necessária e não imposta – que nós exigimos o acontecimento chamado transformação. [...] Eu pensei na violência que ao longo dos tempos foi sendo exercida sobre o homem de espírito. Cha-

maram-lhe ilustre para o segregar da própria exactidão; intitularam-no superior, para o sacrificar a uma espécie de mediocridade que é um certo espírito de poder. Espírito de poder que corrompeu tudo e todos, substituindo esse profundo estado de liberdade que é o único dinamismo que actua até sobre os acidentes de qualquer escravidão. Penso que desejamos retomar o nosso lugar entre os que sabem, para poder reflectir a inteligência tanto contemporânea como de sempre. E os que sabem não são os profetas nem os que deles falam; são os que têm por convicção o acto de viver.

Espanha e Portugal, viseira da Europa que descobre um rosto possivelmente desconhecido até agora, desenharam um novo risco que nunca foi anunciado: o duma perplexidade lenta que desintegra a própria desordem. Esta perplexidade resume a crise. Perante ela temos responsabilidades. Não confundir com um estilo.

Inteligência.

Eu acho que não há inteligência sem coração. A inteligência é um dom, é-nos concedida, mas o coração tem que a suportar humildemente, senão é perfeitamente votado às trevas. Quando Deus dá a inteligência a Salomão é porque ele é um menino bom de seu natural, porque reconhece nele a bondade. E essa bondade é o que nós chamamos coração, toda essa capacidade de fazer da inteligência a purificação dos nossos defeitos. A inteligência produz horrores. É natural do amante a mobilidade, e quem ama a vida tudo quer transformar. Renunciar a esta vontade não é deste mundo.

Inteligência nacional.

À medida que a angústia aumenta numa sociedade, vemos que os cargos estranhos são criados. Aparece um sem número de profissões e de ocupações paralelas que absorvem a consciência e a maturação efectiva. Portugal é, de certa maneira, um campo de ensaio onde se testa o progresso da tendência a ser-se mais consciente. Por um lado, a maturação afectiva que depende da força

moral personalizada e não projectada pelo preconceito da organização social. Por outro, a soberania duma *razão* ainda fundada no direito que foi notabilizado pelas evidências fictícias e as ideologias em função de poder. Tudo isto exige muito mais que simples pensamentos estereotipados ou convenções nulas que operam estatutos deficientes. A sociedade não funciona como tal, pois os modelos de comportamento recíproco entre indivíduos ou grupos estão completamente desarmados do seu comportamento normativo. No caso português, é flagrante: o passado parece-nos mais fácil viragem do que admitirmos conceitos novos e um empenhamento da alma colectiva noutros caminhos e instituições. É pena. Onde estão os mágicos do meu país estranho que não vêm magicar? Deitando às ortigas a angústia de culpabilidade que nos está a roer a pele, o osso e os vícios. Pelo que o diabo deserta, e a inteligência emigrará com ele.

Inteligência política.

A inteligência política nasce do bem-estar; por isso se desenvolveu no Ocidente com tanta celeridade quando a sociedade de consumo se instalou e ditou as suas leis. Não se trata duma inteligência a quem o saber interessa, mas a quem os contratos modelam. De facto, não é necessária; é só impertinente, ou furtiva.

Inteligibilidade.

Eu esforço-me por escrever coisas adequadas ao nosso tempo; reconhece-se que elas são apropriadas ao nosso tempo e não a outro qualquer, porque à terceira leitura uma pessoa de mediana inteligência pode compreendê-las.

*

Há muito de inchada autoridade na maneira como se valoriza a literatura actual portuguesa. Parece que o chão nos falta debaixo dos pés, e tomamos como ramo e âncora o que não passa de sombra e vento. Quando se diz que eu sou ilegível, coincide com inúmeros avaliadores dos meus livros, entre os quais se incluem profissões respeitáveis como a do meu açougueiro, que no entanto me admira.

Porque há uma admiração menos preconceituosa do que a da inteligência e que actua além do princípio da referência. As pessoas simples sabem que a civilização não é feita sobre emoções.

Intermediários.

Não era possível ver mais nada do que algarismos, conluios sombrios com negociantes de vinho, que chegavam todos os anos com o ar manhoso e chicaneiro. Os intermediários eram mais fabulosos, contavam histórias, sabiam agradar. Eu devo cinquenta por cento da suspeita da minha vocação aos intermediários, gente com humor, com olho esperto para a carteira dos compradores, cheia de notas, rebentada pelo uso. Também eu digo que o mundo é belo e as pessoas são interessantes; quando há cães enraivecidos atrás das portas e os senhores da fazenda são desconfiados e duma insolência fria, de quem tem por eles a razão e o mercado. Não tinham. Às vezes vendiam mal e o comprador também não tirava ganho. Só o compadre das falas se saía bem. Em geral tinha amigas e um anel grosso no dedo. E uma gravata que parecia um lagarto dissecado.

Intimidade.

A intimidade excessiva desencadeia a hostilidade. Um povo emigrante, como é o hebreu, sabe-o bem. Emigra-se para buscar fortuna, mas, sobretudo, para fugir à sociabilidade que cria dependências e cadeias pesadas.

*

Sucedem-se os Governos e os dirigentes, e tudo parece desenvolver-se como numa cena prolongada, porém desprovida de intriga. Pode-se dizer que toda a gente usa dum comportamento determinado referente às situações, mas que é vazio de experiência. Isto caracteriza o mal-estar da sociedade moderna: um receio profundo em imaginar relações sociais comprometedoras e apaixonantes. Assim, a atitude de recuo, de falsa serenidade e de acomodatória filosofia surgem como uma aparência de civilidade, de maturidade e de amplitude mental. Não nos enganemos. A intimidade com

os factos e as pessoas, mercê duma opinião conservadora muito acentuada no século XIX, é considerada um factor de desequilíbrio, uma tirania insondável mesmo à luz crepitante da psicologia. Essa desconfiança da intimidade prevaleceu no meio urbano burguês até criar um desejo de compensação, a necessidade de contacto, de transformações sociais.

Temos presente uma vida social desprovida de conteúdo, de geografia pública, mais exactamente. A imagem ideal da cidade habitada com imaginação seria aquela onde fosse possível uma aliança com os outros sem, no entanto, predominar o interesse na sua intimidade. Um panorama humano despersonalizado no seu mais alto sentido, em que o ser humano fosse ao mesmo tempo um gestor intransigente dos seus interesses e simultaneamente desafectado das pressões de grupos que substituem a relação de intimidade, até aos nossos dias vivida com idolatria e mascarada de sentimento.

Não pode haver verdadeiro contacto humano sem expansão e diversidade de interesses; sem que os nossos gostos e projectos se transformem em experiência social. Vemos como o medo da anarquia urbana contribui para a mesquinha personalidade das instituições, representada às vezes nos mais directos governantes. A vida baliza-se e as preocupações imediatas predominam como uma espécie de ênfase da realidade. Cada um pensa em si próprio, na maneira de manter a imagem social da abundância e da intimidade claustral, com os seus cigarros, o seu automóvel e os seus antidepressivos. Mas persiste uma sensação de perseguição e de dúvida. Uma tirania obscura pesa sobre a sociedade personalizada.

Inveja.

Há uma atitude que altera a coesão interior da comunidade: é a atitude invejosa. A proibição de invejar o próximo é um preceito salientado na terceira parte do Decálogo. Não se trata unicamente duma proposta ética, destinada a modelar as aspirações e ambições do coração humano; trata-se de produzir uma atitude de homem para homem que proteja o tecido social. A solidez inter-

na duma sociedade depende do conjunto da situação histórica em que a opressão e a inveja acarretam consequências fatais. A opressão não é o maior dos perigos para o conjunto dessa solidariedade que deve existir na fórmula de vida dos povos. A opressão explica-se e descreve-se pelo conflito que provoca. Tem um espaço onde não pode ser registada, tem uma articulação inconfundível. Mas a inveja tem um procedimento de persistência passiva. Devora o corpo da comunidade sem parecer tocar-lhe.

Inverno.

De repente, era Inverno; escurecia cedo outra vez, os vendedores de castanhas apareciam e o fumo dos pequenos assadores espalhava-se no ar húmido, ar de cidade à noite, quando toda a gente sabe que tem um lar e o procura. Os jornais eram capazes de ter razão e traziam folhetins completamente conforme os meus gostos: *Sem Família* ou *Lucrecia Bórgia*. E os manequins das montras abriam a estação com os modelos que pareciam sempre algo reprováveis, mas irresistíveis – isso eram.

J

Jean-Paul Richter.

Precursor dos românticos alemães, é o maior prodígio de todos os tempos, e não me falem de Goethe nem de Dante sequer. Não foi do capote de Gogol que saiu tudo, mas da cabeleira de Jean-Paul. Lê-lo produz um choque que vai até ao ciúme mais negro por todos aqueles que o possam ler também.

Não se deve falar muito de quem tanto nos agrada. Porquê? Também não se deve explicar o que tanto nos interessa. Há coisas que só se legam aos outros em regime testamentário, e Jean-Paul é assim. Quando vejo um turista berlinês, penso que ele não conhece Jean-Paul, e isso alegra-me. Ignorar a «escala de Richter» parece-me natural; faz parte do idiotismo a que cada ser humano tem direito. É uma espécie de enternecedora paz que só o vazio do espírito concede. Jean-Paul está situado no centro do Paraíso, comendo maçãs assadas com a mesma respeitabilidade com que escreve, de pé no seu *bureau*, livros inesgotáveis. Não o preocupava distinguir a sua alta inspiração duma boa fritada de cogumelos. A criação não tem limites.

Imagino-o solitário e doméstico, roliço e satisfeito, com bom feitio e um carácter cheio de abismos, saltos, lacunas e borboletas insidiosas, como as que entram à noite na sala e voam contra os vidros, cegamente. Ele sabia que é raro aquele que sabe perceber alguma coisa dum carácter. «Da religião e de si próprio não se deve dizer mal nem bem» – escreveu Jean-Paul. Não se louva o que se respeita, nem se diminui o que nos eleva. [...] Se, depois disto, vão ler Jean-Paul, nunca me perdoarei.

Jogos.

Eu detesto o jogo, todos os jogos. Detesto-os porque não são instrumentos de precisão, como a bússola.

Jogos florais.

Os jogos florais foram sempre a minha debilidade. Na juventude eu era concorrente muito fiel; talvez pelo que há de ritmo dum jogo nesses certames, parecia-me apaixonante desafiar um júri, influir no seu critério e gosto, perceber-lhe os fracos e as sinuosidades, convertê-lo num aliado. Não era o mero concurso literário que me interessava, com o seu convite e glória local, com o seu pequeno lucro formal. Era sobretudo o comando de uma situação de facto, as obras que eu desconhecia e que eu tinha que abolir, sem rivalidade, só pela simples autoridade da minha obra.

Jogos Olímpicos.

O que tornou famosos os Jogos Olímpicos [da Antiguidade], se não havia *mass-media* nem *records* impressionantes? Era decerto aquela consagração do homem na sua unidade física e intelectual. Era preciso ser um cidadão já munido da confiança da cidade, um herói na sua expressão não tutelar mas dinâmica, para poder competir em Olímpia. O circo foi o lugar dos prodígios acelerados pelo treino e pela brutal sede de ganhar. O estádio foi o lugar da eficácia moral e do nobre uso das faculdades humanas. Agora os Jogos são um pouco a mistura de ambas as coisas, com propensão para se situarem num ponto desinteressante: aquele que nos conduz à saturação e a um declínio.

Jornais.

O jornal é a fala do próximo, é a imagem, a condição do trabalho humano, das suas preocupações, dos seus vícios, dos seus medos, das suas culpas. Se o jornal não circula, a anestesia agrava-se, o ruído de fundo da cidade e da terra inteira apaga-se como uma bolha de ar que rebenta. As coisas comuns, que alimentam os nossos sonhos, e o nosso corpo, ficariam emparedadas em lugares

exóticos, que são o nada, o desconhecido, o fim do mundo. O espanto, a ira, a simpatia, o humor, ficariam nos cofres do esquecimento.

Jornalismo.

«Para o jornalista, tudo o que é provável é verdade.» Trata-se dum axioma estupendo, como tudo o que Balzac inventa. Refletindo nele, nós percebemos quantas falsidades se explicam e quantas arranhadelas na sensibilidade se resumem a fanfarronices e não a conhecimento dos factos. Em geral, o pequeno jornalista é um profeta da Imprensa no que toca a banalidades, e um imprudente no que se refere a coisas sérias. Quando Balzac refere que a crítica só serve para fazer viver o crítico, isto estende-se a muitas outras tendências do jornalista: o folhetinista, que é o que Camilo fazia nas gazetas do Porto [...]. Eu própria não estou isenta duma soma de articulismos, de recursos à *blague*, de graças adaptáveis, de frequentação do lado mau da imaginação, de ridículos, de fastidiosos conselhos, de discursos convencionais, de condenações fáceis, de birras imbecis, de poesia de barbeiro, de elegâncias chatas, de canibalismo vulgar, de panfletismo «bom cidadão». Quando não sou nada disso, sou assunto para jornais, mas não sou jornalista.

*

O jornalista que não é um puro-sangue não passa dum personagem. Não é um ambicioso, como eu não sou. Escrever é para ele (neste caso para mim) a sua fortuna, o seu lar, o seu poder, o seu posto, o seu prazer, a sua alma. Balzac diz que este género de jornalista possui uma espécie de vontade brutal e de capacidade teatral que não se encontra em mais ninguém. Esta espécie de jornalista, que é provavelmente a minha (e se é provável, é verdade), tem algo de chefe, de especulador, de merceeiro e de mastim espiritual. É isto que me fará, provavelmente, sempre provavelmente, conselheira de Estado, porteira da glória, picadeira de ponto da celebridade, tudo isso à altura da nobre missão de informar e de criar beleza, como se diz.

*

Dum modo geral, os jornalistas não se definem como guardas-avanzados da civilização. Têm vergonha de se representar como tal, ou, se o fazem, é exibindo simpatias generosas ou deslumbrantes indignações, mas nunca pelo seu lado intriguista que é o prodígio da sua casta. A intriga é a moral da História, que tem que ter alguma.

Felizmente eu encontro-me situada nessa casta. Portugal, como a França, no dizer de Balzac, é colossal até nas suas misérias, até nos seus erros.

E quem ilumina tudo isso é o jornalista.

*

Só numa coisa estou em falta com os deveres do jornalista: quando aparece um livro dum amigo meu, não descubro nele encantadoras novidades e ideias ousadas. Em geral não descubro nada. Será porque não deixei o Porto definitivamente e ainda me costumo sentar à sombra dos castanheiros do Gólgota, como uma doméstica com sorte e uma castelã com tranças? É provável, e mais que certo.

José do Telhado.

Tão mal ou bem escolhido como legenda negra da região, era um desses portugueses pacatos, metidos consigo, que só se decidem a fazer face à sua personalidade mais ingrata quando se apropriam da noção de tragédia; quando percebem que entre eles e a realidade há um desafio. Não por espírito de revolta, não por exibição ou necessidade de pão e fantasia. Homens, se em deuses não se tornam, a fama querem como um culto que é parte dos deuses. Não se é ladrão por cobiça unicamente; também por desapontamento e por danação que é resposta à mediocridade. Cumprem um destino com uma espécie de orgulho que incorpora o risco e o espanto juntos. Amarante é um pólo desse enigma humano que tanto pode abrir-se para revelar um quadrilheiro, como um poeta, como um jurista. «A minha índole de caçador, ou animal feroz» – diz Pascoaes.

Jovens prodígios.

Entende-se que os homens, mais do que as mulheres, se iludam com certa índole prestável dos jovens, imitadores de competência, mas não mais do que isso. Os homens que caminham já encosta abaixo, numa vida de muitas tropeções e desenganos, atrevem-se a amar a sua continuação no discípulo recém-chegado. Admiravelmente mentem a si mesmos. Se batesse à minha porta um prodígio desses (que não é provável, porque só aos homens procuram e tomam como motivo de lisonja), dizia-lhe que fosse coleccionar musgos ou borboletas, que é ofício de vaidosos e inteligência de heróis domésticos. O chamado herbário absorvia muitas mazelas de carácter em adolescentes invejosos.

Juramento.

Infelizmente, a força do juramento já não tem a mesma exemplaridade. [...] Assim, na vida cívica, o que regula o comportamento quotidiano do cidadão é o juramento. Jura-se fidelidade conjugal, jura-se respeito à bandeira, jura-se cumprir com um cargo, com a lei, com os princípios dum regime, com a liberdade, com a Constituição, com os laços indissolúveis do baptismo cristão. Mas nada disso pesa no comportamento das pessoas que aprenderam a arte dos Gregos, de que o cinismo faz parte. «É preciso distrair as crianças com brinquedos e os homens com juramentos» – disse Lisandro, um general que venceu uma guerra. Vencer uma guerra é sempre uma forma de alimentar perjúrios.

Tem o homem de hoje a impressão de que venceu uma guerra? A guerra da fome, da ignorância, do obscurantismo? É possível que isso lhe dê um sentimento fácil de praticar o perjúrio. Mas não basta vencer seja o que for; é preciso provar que assim foi e avaliar as consequências.

Juramento, da palavra sacramento, é uma maneira de fazer incidir sobre um facto que depende da lealdade dum grupo uma chama de entendimento e de extravagância, no sentido de perseverança. Visto que o homem é vário, tanto como a mulher.

Juventude.

É muito difícil que se encare a juventude com serenidade; os velhos não são pacíficos. Mas a solicitude para com as novas gerações é sempre a marca duma civilização superior. Por enquanto a vitória não pertence a ninguém mais senão ao sofrimento; por isso é inútil censurar a juventude. Veremos como serão os jovens arrastados no círculo da inteligência que se vai fechando para não restar mais nenhuma hipótese senão a guerra.

*

Os jovens têm sempre razão. Mas tem-se exagerado e adulado a sua possibilidade de operação, a ponto de os situarem numa área de acção que só podem abordar por meio do conflito campal, uma vez que não estão munidos da resistência às agressões psíquicas do ambiente.

*

Neste país em que tantas tradições foram irremediavelmente derrubadas, em todos os campos vão surgir observadores que não estejam contaminados pelos antigos vícios do bem e do mal. É preciso uma pureza que não seja inocente; uma pureza do nosso tempo, de quem perdoa o exílio do Paraíso e exige outro feito à sua responsabilidade. Os jovens vão ser marcados por uma experiência tremenda, que é a de ignorar a memória, auxílio doce do sentimento criador. É do nada que vão partir; do nada doutrinal, económico e histórico.

K

Kierkegaard, Sören.

Foi [um] homem extraordinário, sofrendo do mal de «ter sido um génio numa cidade de província». As cóleras que ateou, sopradas pela inveja e pela ordem estabelecida, só foram comparáveis ao prazer de as desafiar.

Os amores com Regina Olsen, a admiração turbulenta pelo pai, patriarca terrível adaptado à imagem bíblica, funcionaram como febres em que se descobre a vitalidade e se enfrenta a morte com a vocação maior do homem que é a da mesma morte.

Nobre alma, mau cidadão, eficaz no erro e na verdade.

L

Lamúrias.

O queixume, a miserabilidade, tornou-se um factor político. Como os Estados não podem ser fortes, têm que ser lamurientos. Procuram ir além da virtude mediana e do limitado horror que é normal sentir perante as catástrofes grandes ou pequenas.

Lavoura.

Eu sabia que havia uma coisa que era particularmente cansativa: havia na família, sempre houve, essa ligação à terra, havia sempre umas propriedades mais ou menos mal administradas e que não produziam e que eram fonte de aborrecimentos, e a crise da lavoura era uma coisa que me acompanhou desde que nasci. Sempre ouvi falar na crise da lavoura, e havia sempre um responsável, o Estado. Agora, o factor política não entrava muito, até porque os homens mais interessantes da minha família eram homens que andavam pelo estrangeiro, estavam pouco ligados ao facto político.

Leitores.

Ainda hoje não sei quem é a grande maioria dos meus leitores. Encontro-os por todo o lado. Gente das letras, burgueses um bocadinho complicados a quem a vida desilude e o coração oprime; jovens a quem a heroicidade do talento comove sempre. Acho que são esses.

Leitura.

Para uma divulgação do Livro não falta a máquina impressora e distribuidora que o possa conseguir. Mas para a leitura não chega

o engenho do *marketing* nem mesmo a celebridade do autor. A leitura tornou-se um exercício violento para uma sociedade de computadores e audiovisuais. É o mesmo que a caça, que exigia boa vista e virtudes de atenção e curiosidade.

*

Ler, que pode ser um vício, uma pedantaria ou um hábito, está reduzido a ser uma questão de tempo. Não há tempo para ler, a distância entre a casa e o emprego é cada vez maior, os consultórios só fornecem velhas revistas ou propaganda médica, as gares do metro são mal iluminadas, a leitura não é protegida numa sociedade comprimida entre horas de ponta e telenovelas. A sociedade não se organizou no sentido de fazer do leitor um patrimônio cultural. Aquele que lê modera as leis da imbecilidade que é o mesmo que dizer as leis do mal.

Liberdade.

A liberdade é amada de maneira dramática muitas vezes. Existe, independente dos seus acidentes; domina-nos e não nos elimina. Essa liberdade é o fulcro da experiência, o que nos põe em relação com tudo na vida – direito, moral e natureza.

*

Em geral o homem pretende ser livre e entende como liberdade a falta de todo o impedimento nas suas acções. Elas são, de facto, consequência da nossa liberdade; por isso é que um homem rico fascina. Também repugna. É como aquele corpo de que fala Benjamin Franklin: tem a liberdade de lançar-se no ar, mas não tem a liberdade de não cair. Algo falha na sua liberdade quando ela não foi concebida no sentimento da infalibilidade.

Limites.

Toda a obra escrita é a expressão dum conhecimento limitado. Mas todo o conhecimento limitado está aberto a novas particularidades, até que se apresente a súbita vontade de não ir mais longe.

Limogear.

Há sempre uma vontade inconfessável nos portugueses politizados que se dispõe a limogear os barões de qualquer hemisfério. Limoges foi a cidade para onde foram mandados os oficiais do exército que não se mostraram competentes no activo durante a guerra de 1914. *Limoger* tornou-se significado de desgraçar uma carreira e pôr na reserva alguém que não convém.

Cada país tem o seu Limoges para onde se lançam os que se tornam demasiado em foco e que carregaram com demasiadas culpas e lamentações.

Língua Francesa.

Com isto dos escolares escolherem uma segunda língua como alternativa, o inglês triunfa. O inglês da banda desenhada, dos filmes publicitários e sobretudo do disco, da cassete e do calão culto. O francês fica restrito ao leitor enamorado de Stendhal que, para mais, tem o nome duma linha de cosméticos. Dentro de pouco tempo, essa muleta cultural que foi o francês, depois de ter sido a língua da diplomacia, some-se como uma onda na areia. É pena, porque o francês é ainda um título na hierarquia europeia e do mundo inteiro. Se não falarmos francês, e só lançarmos os guturais sons que se chama o inglês elementar, com que se dizem as cinco ou seis maneiras de pedir auxílio e fechar um negócio, a verdade é que a cultura sofre um colapso.

Em geral, pensa-se em alemão, conversa-se em francês, e em inglês dá-se uma opinião sobre o trânsito ou a navegação. Em português fazem-se versos ou dizem-se palavrões, que é a maneira de o português se comprometer com os acontecimentos. Mas o francês, se o esquecermos, é um desastre. Eu nem nos computadores acredito se não se exprimirem em francês. O francês é uma língua nervosa, inteligente, pronta para o comentário, que é como quem diz: pronta para tudo. Porque é ainda o comentário que faz rolar o mundo, que faz correr a tinta e que convence as pessoas a ter juízo.

Língua Portuguesa.

Escrever na própria língua com que o mundo se abriu para nós é fazer a luz de novo. Damos às palavras novos padrões, fazemos delas sinais para assentar os templos e fechar prisões. A língua portuguesa, ferro de marcar as ideias, como um rebanho solto no campo, deve ser usada como milagre e como sabedoria. Do primeiro tem a iniciação e a sensibilidade; da segunda tem a forma e a aprendizagem. Quem quiser escrever livros conheça o seu buril e a sua goiva e formão. Quem quiser fazer versos tem que pedir ao céu carinhos, e ele os concede como inspirações.

Linguagem.

A linguagem é o recipiente do pensamento. Ela é como que a vestimenta das ideias que, expostas na sua nudez, pode escandalizar ou alterar a face duma sociedade dita estável e movida em acordo das suas instituições. Pode objectar-se que uma tal sociedade não precisa que o refluxo das ideias a perturbe. Em parte isso é assim. Por isso, povos experientes e de enorme capacidade intelectual instituíram a lei como mensagem, pronunciada por intermédio de profetas, o que lhe tirava qualquer mobilidade. Mas toda a mensagem profética está sujeita a interpretações sucessivas. O contexto de conhecimento de cada época pode assim produzir novas decifrações, sendo a linguagem a mesma.

*

A crítica é a moral; se essa moral se volta para o exterior, quase sempre é agressiva; mas sobretudo é reaccionária se não se comporta conforme uma eficácia actual. Por exemplo, a palavra *amor* tornou-se quase um símbolo de mau gosto, porque não está já apoiada por uma qualificação pedagógica. Ou é pedante ou é satírica. Mas na Idade Média tinha um sentido moral, a linguagem dos doutores da Igreja está pateticamente cheia de amor. Como a linguagem de Salomão, que hoje nos parece erótica apenas. E não era isso que ele exprimia. Era uma forma de encorajamento, de guia contra a corrupção do espírito. A condição vital

da palavra *amor* extinguiu-se completamente. O mesmo acontece com a palavra *honra*; com a palavra *luta*.

Linguagem (registo).

Uso muito a linguagem coloquial que antes não usava. No início queremos ser diferentes, ter uma linguagem distinta, uma escrita muito ornamentada, muito barroca... Agora já não. Às vezes ainda me distraio. Mas hoje dou mais tempo às personagens para se exprimirem com a sua linguagem. E para dizerem coisas até proverbiais. Há pouco tempo, na apresentação que fiz do Lobo Antunes, disse-lhe qualquer coisa como: «Ande lá.» Antes era incapaz de dizer ou de escrever isto. Hoje acho que fica bem.

Lisboa.

Intelectualmente, fiquei muito mais ligada a Lisboa, porque *A Sibila* foi lançada em Lisboa. Depois, o editor continuou sempre a ser, até hoje, o mesmo, de maneira que as relações literárias foram com Lisboa, mais do que com o Porto. Havia outra intensidade de contactos, de presenças. De maneira que eu vivia mais em Lisboa. E continua a ser na mesma ainda que, com o tempo, por necessidades do trabalho, eu cultivo mais a vida de isolamento que as pessoas justificam dizendo que é motivado pelo trabalho. Não é tanto o trabalho, o tempo do trabalho, mas o tempo de concentração que produz depois o trabalho.

Essa dispersão, essa inconsistência que eu sentia em Lisboa, de pequena *blague*, pequena alegria, vaidade mundana. Isso existe em toda a parte, existe em Paris, evidentemente, existe em todas as capitais, isso faz parte até do próprio brilho da capital, produz uma certa cintilação.

*

O que me fez vir para Lisboa foi a vocação jornalística. Não se pode ser jornalista no Porto, como não se pode ser profundo em futilidades, que é o que faz a fortuna do fazedor de artigos. As ciências morais e políticas só se exercem bem na capital, seja Paris ou Atenas. O tenor da folha de jornal tem que ser, como eu,

provinciano. Só assim terá o tom virgiliano da écloga pastoril, que combina bem com a diatribe e a coragem parlamentar. Porque o jornalista, como eu, se não é um contralto de esquerda, tem que ter, de vez em quando, uma opinião quase alarmante, uma sabedoria modesta, uma sublime condescendência que pareça reanimar todos os dias os direitos atropelados, todos os dias, da pobre humanidade.

Se eu não viesse para Lisboa, em busca do contrapeso à minha dignidade caseira, ao meu génio caturra e faccioso das belas frases, eu tornava-me num fóssil da dinastia mais snobe que há: o solitário superior. O solitário superior não tem terceira idade, não envelhece ao pé do bule de chá e a abeberar bolachas na xícara. Vive numa constante afirmação de princípios, se é que vive; vive dum certo número de ideias e compraza-se a coleccionar paliteiros de prata ou bonecos da Rosa Ramalho. Enfim, lê o *Telémaco* e rumina o *Fausto*.

Mas um jornalista puro-sangue, como eu, tem que vir para Lisboa.

Literatura.

Eu acho que a literatura é uma forma de mediocridade com implicações fiscais, como qualquer outra mediocridade. Às vezes há surpresas, mas delas nada consta, senão um século depois. Mas para quê continuar? Sou pouco meridional, não gosto de discutir.

Literatura contemporânea.

Quanto a mim, a literatura contemporânea, portuguesa e muitas outras, sofre duma angústia que se liberta através da necessidade de punição. Por isso os autores escrevem cada vez mais brutalmente e entregam-se a verdadeiros delírios de obscenidade para dissimular um sofrimento, na intenção de o situar num campo secundário da vida. Não há poetaastro de província que não fale com veemência das suas fantasias sexuais, que representam traços mnésicos da sua briga da infância com o pai, que era uma pessoa enfadonha até não poder mais. Não há livro que eu tenha lido ultimamente que não manifeste esse carácter de batalha campal

com o pai, a quem se recrimina ser um déspota e com tendências vingativas. Mesmo quando designam Salazar como objecto de repugnância cívica, o que garante logo uma pequena euforia editorial, fazem-no porque ele se parece com o pai da maioria, é um investimento ideal de objecto infantil: em suma, é o chato e não aquele Édipo de que se fala tanto.

Literatura feminina.

Quando se pensa em literatura feminina, não podemos deixar de presenciar um acto histórico que é o de Cristina de Pisano, a primeira mulher a viver das letras. Mas a literatura, longe de ser uma profissão ou um entretenimento, é uma ciência. O espírito que forma com a voz e a palavra uma única coisa, o verbo convertido em mundo, isso é a literatura.

Em geral, a literatura feminina, de que Anaïs Nin é um rematado exemplo, exprime-se por símbolos rudimentares, sem ir além da intermediação com o corpo. É um mecanismo de conversão histórica, e quase só isso. Digamos que é uma maneira de descarregar a tensão emocional.

Temos, porém, que observar o facto de grandes escritores estarem constituídos pelas estações principais da chamada literatura feminina: o fogo e as lágrimas, a reflexão e a culpabilidade. Kafka, Thomas Mann ou Tolstoi, nas articulações mais geniais dos seus textos, são feitos de vontade e poder femininos. O dragão celeste, o coração humano, domina todos os órgãos que designam a batalha da vida. Mas sobre esse sistema que serve o amor e o ódio, que destina a vida e a morte, acima das letras e dos números, há uma substância eterna que não é sangue nem tinta de escrever. No mais elevado sentido, isso é a literatura – o livro, que traduz, de maneira sempre precária, a forma do Universo.

A literatura é uma fisionomia interior. Vemos como as mulheres são dispostas a conservar um rosto, e não a criar um rosto. A literatura tem que criar o rosto; manifestar nele a marca que está no fundo de todos os seres e que é a inteligência. Por isso digo que a literatura é uma ciência, uma ciência encefálica em que a arte da

palavra origina a tão bela cultura externa que os Gregos admiraram. Quanto mais a alma humana estiver distribuída por harmónios laços de pensamento, vontade e paixões, mais a literatura será obra digna dos homens e das mulheres que a fizeram.

Literatura para crianças.

Os escritores para crianças ou são chatos ou corruptores. De resto, só escreve expressamente para crianças quem não sabe fazer outra coisa. Um clássico para crianças, como *A Bela Adormecida*, resulta dum sentimento eufórico, inconfessável, caricaturado para parecer inofensivo. Os melhores livros infantis, procedem da época vitoriana, que era repressiva e tendenciosa como tudo o que é proibido. Uma prova de que não se pensava nas crianças quando se contavam histórias fantásticas, é dizer, quando o príncipe encontra a Bela dormente e se casa com ela: «nessa noite, como ela tinha dormido durante muito tempo, não dormiram nada». E Lewis Carroll não é apreciado pelas crianças, mas pelos «bons garfos» da iguaria de fria imaginação, com a sua dose de crueldade à mistura. A rainha da *Alice* é uma personagem completamente *shocking*, no estilo céptico de Carroll.

Quando a criança está capaz de apreciar um bom livro para crianças, é já adulta. Histórias como *O Pequeno Polegar* e *O Capuchinho Vermelho* interessam profundamente ao que há já de adulto e até *vicioso* na criança, sem que isto seja condenável. Quando muito, desprestigia a carga angélica e estripada da criança para consumo doméstico, que é a área onde a criança tem que ser neutra, banal e até idiota, para não causar complicações, para fazer esquecer a criança mortificada e miserável que perdura na memória dos adultos. Gosto de pensar nas crianças e escrever as histórias delas. Os contos mais recomendados para as crianças foram adaptações dos contos populares que, esses, na sua época áurea, continham o sedativo das misérias da gente comum, pobre e sujeita a toda a sorte de flagelos. Os grandes banquetes, as riquezas maravilhosamente encontradas, os génios auxiliares e as fadas protectoras, eram parte do inconsciente colectivo e produziam compensações

razoáveis no sentimento de humilhação das gentes que só tinham o temor e a submissão por companheiros. As crianças foram o terreno arável desse método compensatório, porque elas continuam a ser desacreditadas habitantes da terra, ora iludidas, ora desprezadas e raramente tratadas com justiça. O exemplo são as ruas onde se pratica uma mendicidade astuciosa e onde uma criança, bela ou disforme, mergulhada num sono artificial como acontece nas histórias, altera o seu caminho de confiança e conhecimento, privada de contacto e de solicitude humana. Depois, os livros para crianças despontam de toda a parte, felizes provas duma irrealidade insuportável. *Oliver Twist* é ainda o livro que eu aconselho a ler e a comparar com os brandos costumes que julgamos cometer, nós Portugueses, e outros. De resto, ninguém se lembra de pedir a um adulto, experimentado nas artes intelectuais, que escreva para atrasados mentais, que é o que são as crianças; pequenas sementes verdes, ainda sem acesso ao pensamento e suas variadas ambições. O que admiramos na grande literatura dita infantil? O humor, a imaginação divagadora, a síntese do cinismo que se chama o imponderável, o sonho, tudo o que é favor do génio e seu resultado, mas que a criança não atinge.

Literatura pós-colonial.

[Há a] ideia de que a literatura das antigas colónias é muito mais interessante do que a das metrópoles. Não é verdade. Portugal é uma antiga colónia romana e não teve benefícios culturais ao nível de Virgílio ou Horácio.

Literatura russa.

Dostoiévski é uma figura protectora e presente durante toda a minha vida. A literatura russa teve, de resto, uma grande influência sobre mim. [...] Porque era mais densa e porque preenche mais o imaginário de cada um. E também porque tem muito a ver com o temperamento português, entre o místico e o extravagante. O português reage à literatura russa talvez como nenhum outro europeu.

Livros.

A palavra escrita é necessária. Necessária, importante e, de facto, quando se quer produzir uma grande homenagem, não é a estátua que vai para o largo, que essa já está desvalorizada. É, realmente, pelo livro. O livro é a afirmação das qualidades da pessoa que atingiu um determinado estatuto. É como quem diz: aqui está a prova de que ela merece essa ascensão que lhe foi proporcionada.

*

Não vamos ignorar que ler os meus livros obriga a uma determinada preparação, cultura, ou conhecimento, e até a um amor pelas coisas que nos rodeiam, porque os meus livros revelam justamente isso, essa espécie de ilusão com o mundo português, com a província, o ser real português.

Os defeitos que se notam neles, defeitos que transbordam da espontaneidade (falta de espírito académico, lirismo fútil e fluência de palavras que despistam os leitores dos elementos inconscientes), são uma prova de insubmissão. A insubmissão pode significar amor, assim como a submissão. A insubmissão, em certas vidas criativas, comporta um sadismo pueril que nunca é completamente extirpado das sociedades, mesmo as mais civilizadas. A confissão espontânea que é o livro de ficção, em geral beneficia desse sadismo pueril. Exerce uma apaixonada agressão sobre o mundo porque se sente motivo de amor. A confissão seduz pelo facto de deixar à margem da submissão um pequeno toque de insubmissão.

Loucura.

Os Americanos descobriram que grande parte dos grandes escritores tinham o seu lado de loucura. Aquilo que se pode chamar loucura; evidentemente há uma loucura que pode ser catalogada pelos médicos e os psiquiatras, aquilo que pode pertencer a toda uma condição humana que será uma desinibição; e há aquela loucura que é resultado de uma hereditariedade – há essa nota de aberração que na obra pode ser muito interessante – mas acho que não vai trazer grande contributo para a descoberta da verdade.

Louvor.

Acabarei como aquele que disse que pouco louvou na vida e se arrepende de não ter louvado ainda menos.

Lucidez.

Demasiada lucidez é culpada num mundo de cegos, que com a cegueira se contemplam sem desastre de maior.

Lugar.

Conhecer de perto o sapateiro que nos deita capas nos sapatos é conhecer todo o arquipélago em que ele se move. A velha sublocadora que sai a horas certas com o seu cão barulhento e saltador; a gente que procura a área dos pequenos mesteres, dos engenhosos, dos que compõem objectos, o bule sem tampa e a carteira sem alça, tem ainda, no burgo portuense, uma memória que ultrapassa as exigências da civilização de massa. Sabe um pouco de tudo, medita, imagina, participa. Por isso, a história do lugar é mais harmoniosa do que a história do mundo.

Lugar-comum.

Não há exemplo duma ideia que, por excelente que seja, se desenvolva ao nível do quotidiano. Sofre de toda a espécie de mutações antes de entrar na carreira do lugar-comum, que é onde acabam todas as grandes ideias. Isto não as diminui, decerto; um lugar-comum tem sempre razão enquanto não é perturbado pela geração doutra ideia. O que acontece no nosso tempo é que há uma divulgação de ideias tão rápida que não podem funcionar como lugares-comuns; e também os lugares-comuns em vigor representam vícios de antigas ideias que não se querem pôr de parte porque são ainda suportes das estruturas sérias que tão bem serviram os homens; serviram-nos não tanto fazendo-os felizes, mas sobretudo alimentando-lhes o conflito.

Luxo.

O luxo não se usa, cria-se. Ele pode ter significado numa simples xícara de chá que se toma em família, e nunca na exibição

estudada da primeira classe. Ele é questão de combinação com os nossos próprios desejos, e não com a provocação deles. Por isso, a forma repetitiva de conceder o luxo através duma soma de serviços bem treinados serve só uma vaga de executivos que circulam pelo mundo dos contratos como por uma pista de provas.

M

Mãe.

Profundamente cumpridora e formal, nas suas relações com os seus filhos, na sua relação com a casa e com o lar, sempre presente e movida do bem-estar material, mas com um certo puritanismo, talvez até um pouco incómodo. Um puritano quer dizer um rebelde que se ignora.

Mansarda.

Todos conhecem as considerações de Bachelard sobre as casas. As casas de três andares, cave e sótão dividido em cacifos e pequenos compartimentos abafados onde decorriam as descobertas da infância. A mansarda, mais exactamente, conforme o ritual inglês, era a *nursery* adiantada. Aí se recolhiam as crianças crescidas, com as suas *misses* e governantas. Aí se entregavam ao maravilhoso dos sonhos proibidos, do pressentir as notícias do sexo como uma aventura tenebrosa e palpitante. As mansardas eram a escola do afecto que um dia se tornava aplicável, sintonizado com uma carreira e as pessoas. Os filhos [...] quietos e dormitando nas mansardas, como pequenos ogres que se vão revelar um dia quando crescerem. Eles vão devorar a juventude dos pais, vão pedir-lhes o vigor dos braços e do coração. Entretanto, as mansardas mantêm-nos à distância; aí crescem e ampliam a forma de intervir na casa inteira. Aí planeiam a conquista do mundo.

Manuscrito.

Cem páginas, a medida de cintura dum manuscrito meu.

Mar.

A navegação está fora de causa no meu imaginário. Um veleiro no mar pode ser uma das três coisas mais belas de ver, conforme a opinião de Balzac, mas eu prefiro uma floresta na Transilvânia. Tem uma cordialidade maternal, um vagido de gente percorre-a; uma floresta é uma outra coisa. De resto, o mar está a perder terreno. Recua e despovoá-se, dentro de mil anos é um deserto de cacto e de bodelha fossilizada. Vamos esperar para ver, e terei muito gosto nisso, acreditem.

*

O mar não é o meu elemento. Se o espírito da quinta-essência ascende através das formas aquáticas, aéreas e ígneas para se purificar progressivamente, por mim ele ficava impuro. E se o Paraíso se encontra debaixo de água, eu não vou para lá. Gosto da terra firme, e seguia mais depressa Marco Polo do que Cristóvão Colombo que, de resto, não gostava do mar.

Como eu há mais gente. Embarcavam pelos cabelos e o mais das vezes estavam bem bebidos quando embarcavam. Só assim o terror do mar era vencido; os marinheiros receavam, mais do que as tempestades, aquela imensa solidão da água, o bater das ondas e o ranger do cavername, e a melancolia gemente do mar.

Mas, há mais: eu aprecio a limitabilidade, ou seja, um direito determinado, circunscrito pela sua própria matéria. No interior do nosso próprio território um direito pode ser limitado de diversas maneiras. Mas, no mar, será que um direito funciona da mesma forma? Não é ele destruído pela noção abstracta do direito, uma vez que não tem limites nem é murado, cingido, demarcado e sujeito a herança? Como podemos dizer «senhores dos mares», se isso implica uma colisão de direitos, ou ajustados às descobertas, ou sancionados pela pirataria, ou convencionados pelas rotas marítimas? A limitabilidade é imponderável no mar. Isto impressiona-me muito.

Depois a origem histórica do mar não me parece real, porque apartar a terra das águas nunca foi obra acabada; há ainda lugares pantanosos em que a separação não se fez, e há areias movediças

e tundras, que já vi no cinema. A água brota e corre de toda a parte, o que dá a ideia de que a terra está embebida, encharcada, empapada em água. Então a separação não foi realizada, e nós próprios somos feitos de água na maioria dos casos. Que eu não; a água não me afecta, não tenho de todo uma natureza linfática; está comprovado por análise de laboratório, perfeitamente idónea.

Maravilhoso.

Em Orvieto, as estátuas nuas de Adão e Eva propunham o concerto perfeito da realidade e do maravilhoso; alguém, Savonarola ou outro, cobrira Adão e Eva com improvisados disfarces da sua nudez. Quando o homem ignorou o maravilhoso, aí suspendeu a aliança com a realidade.

Marcelismo.

Uma prolongada fase de incerteza acaba por gerar um desenlace violento, em contradição com os princípios essenciais do próprio pensamento. A revolução de 25 de Abril, na sua história mais radical, resultou dessa saturação da incerteza que o regime de Marcello Caetano personificou. Não tanto pela sua habilidade inoportuna, a sua falta de tacto psicológico, como pelo aproveitamento duma linha de continuidade incapaz de representar o mundo social da jovem geração.

Massas.

Disciplinar os povos é sempre a ilusão frenética dos grandes revolucionários. Falham continuamente. Não se dominam as energias sociais do mundo senão na medida em que elas tendem a uma rotina que, por sua vez, deixe tranquila a «espontaneidade negativa» do homem. Quer dizer que o estadista exerce influência nas massas, mas não as revela. Pode ser motor duma acção e formular um pensamento que se vai divulgando até se estiolar no exercício comum. Mas fica sempre ineficaz quanto à interpretação da chamada massa passiva que, na realidade, está organizada no sentido inverso do fatalismo.

Materialismo.

Se observarmos os grandes quadros da injustiça universal, vemos como ela resulta da corrupção das convicções e das construções filosóficas que as substituem. Divulgou-se, até quase à saturação, que a verdade só pode verificar-se dentro da existência material. Porém, continua-se a dimensionar o homem em relação ao futuro; ora, futuro e eternidade são a mesma coisa. O homem abdica da realização de Deus mas não chega a desfigurá-la, porque ele próprio só se libera, ou deifica, no tempo como negação, ou seja, o futuro. Só a acção existe; uma acção que se designa no pensamento, é irreal. Esta é ainda a grande causa de mal-estar das pessoas, que, confiando na Razão, se isolam afinal da sua liberdade.

Mecenato.

Todos sabem que Mecenas era um afortunado senhor do tempo de Augusto que gostava de comer alho e de proteger os artistas. O mecenato entrou na História com esse elegante romano de branca cabeleira, e saiu irremediavelmente com o Maio de 68. [...] Seguiu-se um pouco o mecenato caseiro, com os comoventes donativos de bombeiros e de senhoras sentimentais. Mas o artista ria-se da filantropia dum maneira cada vez mais aguda e casquinenta. Até que apareceu o mecenato empresarial, promovido por instituições tocadas dum responsabilidade *sui generis*, vincando sempre a imagem da própria instituição. O mecenato não tem só em vista o auxílio ao artista, mas também, e sobretudo, uma acção directa sobre o ambiente. Tudo é envolvido numa espécie de publicidade afável, desinteressada e extremamente estudada. A maneira como um violinista é lançado nos tempos livres do pessoal dum fábrica de cigarros dá para odiar a música e o tabaco também.

Mas o mecenato de Estado é ainda mais sumptuoso, sobretudo no que toca a países de tradição cultural superior, como a França. Prémios, bolsas de estudo, férias, perfuração de poços nas regiões africanas, compra de terrenos litorais para assegurar a preservação da natureza, nada escapa ao espírito de mecenato. O artista começa

a considerar nesse envolvimento que o encaminha ao lar cultural uma espécie de miséria rósea. Minoria social que ele foi sempre, predisposto à marginalidade, desdenhando toda a integração, ao mesmo tempo sujeito à influência e contribuindo para a modificação da sociedade, ele sente que está a ser normalizado. Por maiores loucuras que faça, borrões que pinte, estrídulos sons que componha, o mecenato de empresa e o mecenato de Estado aplaudem, compram, admiram. Ele perde um pouco a cabeça, usa de toda a sua indústria para escandalizar, escarra nos salões das Fundações, atira-lhes para dentro com retretes, sacos de serapilheira, desperdícios, aventais velhos, caçarolas, um lixo nimbado de sensualidade vingativa. No seu estertor de pequeno burguês integrado, liso de ideias, o artista mexe ainda. O mecenato quer-lo inofensivo, o Estado reconhece-o de utilidade pública, e os bancos deliberam espaldar-lhe o mérito.

Esta valorização da cultura tão descarada, tão arrasante, acaba em breve com o fermento anárquico do pensamento puro da imaginação. A notoriedade é oferecida ao artista com uma vénia que dantes só se destinava aos deuses Lares. Tudo serve para o altar da notoriedade: o barrista na soleira do seu tugúrio, até à filarmónica rangente; até chegar ao criador de novas formas, gnomo da arte para quem se abrem as portas da fama e a bolsa das instituições. Não é uma farsa, é um drama. A integração do artista representa a sua anulação, o fim da sua carreira obsessiva e capaz de influir no ritmo da vida humana. Sem conflito, a sociedade atrofia-se, e resta apenas um árido escombros de nobres intenções, e uma consciência perturbada e sem lucidez. O pechisbeque da cultura não chega para comprar a digna impassibilidade dos sábios; nem a festiva agressão dos artistas e dos inovadores. É um voto que fazemos, não é uma afirmação.

Medicina.

Aparece-nos como uma fonte salvadora não apenas dos nossos males físicos, mas também dos nossos fracassos morais. O médico ajuda-nos a contornar a dor e as decepções. Cresceu o número

das pessoas que sofrem do seu anonimato, de tal maneira o vedetismo paralisa um coração corajoso, o coração com que se ama anonimamente.

*

O médico enfrenta hoje problemas que têm a ver com a moral privada, os costumes, a confiança comunitária. Dentro em pouco, o cartão de saúde substituirá o passaporte e o bilhete de identidade; e representará a forma mais sofisticada de controlar a vida das pessoas e de as confinar a uma história clínica.

Medo.

O medo faz as pessoas extravagantes, mas não as faz originais.

Meliantes.

Eu acho que o meliante se aristocratizou, bem vistas as coisas. Ampliou os seus horizontes e não se satisfaz com cenas de vulgar torcionismo ou chocantes intimidades. Agora aspira ao grande mundo da corrupção, tem amigos bem colocados e casa as filhas com rapazes formados em direito. Usa uma *attaché-case* Samsonite onde guarda um romance de gare e pastilhas aromáticas para o hálito. E, sobretudo, a copiosa informação dá-lhe uma espécie de risco fácil, como se a averiguação dos actos privados dos governantes fosse um acesso ao poder; quando o que acontece é que o poder favorece o escândalo, para ter na mão a identidade moral das pessoas que, ao serem instadas a ser juízes, são movidas a abandonar-se à ambição de baixo estofa que começa por desrespeitar o que se inveja.

Miguéis, José Rodrigues.

Eu conheci mal José Rodrigues Miguéis, acho que toda a gente o conheceu mal. Há vinte anos, ou até mais, ele veio ao Porto e promoveram-lhe uma pequena homenagem. Era um homem delicado que escondia uma espécie de certeza ardente: de que a vida era uma decepção que não valia a pena averiguar profundamente. Tinha ele uma certa aura de exilado, que não aceitava mui-

to bem. Um azedume fino adivinhava-se naquele rosto que podia ser o dum Joyce menos obstinado; convencional no quotidiano, como Joyce, mas desmesurado na exigência inovadora. Porém, Rodrigues Miguéis não teve o vento triestino a abordar-lhe a alma como uma maldição prodigiosa. Viveu em Nova York, não sei se passivamente ou desiludido. Escrevia com rara inteligência, que é uma maneira de escrever que nos embaraça.

Aos brindes (os brindes submissos à sensibilidade e à virtude de ocasião) ele falou. Era, de facto, um orador notável. A fantasia, a insídia nobre, o gosto de contradizer de maneira que parecia generosa, ele demonstrou. Disse, para responder à afectividade demagógica que o rodeava: «Nos rouxinóis não interessa o voo, o que interessa é o canto; e, quando cegos, cantam até melhor.» Um ligeiro gelo creio que correu pelos convivas, pareceu-lhes o herói da festa, de repente, um intruso, com o seu sorriso calmo e o belo rosto impassível. Compreendi que ele nos punha a distância, fauna literária cheia de intenções fraternas e comunitárias. E havia naquilo uma distinção que não deixava de ser o mais fino talhe duma cultura; uma solidão como um rito, como a que se nos depara no *hara-kiri* dos samurais, sem dramatismo, apenas prazer de levar até ao fim a coerência e o estilo. [...] Penso que era um homem sério na sua visão das coisas. Não agia para marcar uma atitude, mas para não iludir o seu compromisso para com a vida. Desatendia o mundo, mas a vida merecia-lhe respeito grande e sentido.

Mimetismo.

Eu tenho uma capacidade, não só em relação ao país como ao mundo inteiro, de mimetismo extraordinário. Chego ao Brasil, sou brasileira, chego à América, só vejo aquilo com que eu tenho a ver, e, portanto, torno-me também uma parte da América. E aqui, dentro do país, se eu for ao Alentejo, tenho um entendimento enorme. Creio que isto é uma coisa bastante recente, recente atendendo a que, no século XII, suponho que o significado de estrangeiro era mesmo um estranho, era aquilo com quem nós não temos nada

que ver, portanto, um inimigo, mesmo. E as coisas, claro, foram mudando, mas eu acho que, mesmo se vivesse no século XII, eu não tinha essa noção do estranho, nem do estrangeiro.

Minorias.

Todas as minorias sociais, os artistas e as próprias mulheres, têm uma inclinação à marginalidade que os torna impróprios para o campo televisivo. As minorias representam uma turbulência de que a sociedade necessita para progredir e sofrer inspiração nova. Mas não se adaptam ao sentido vulgar do espectáculo, que é uma espécie de estimativa do consenso público, e não o retrato das suas frustrações. São do Evangelho segundo São Marcos as palavras: «Não há nada oculto senão para ser descoberto, e não há nada escondido a não ser para ser trazido à luz...» E isto ainda, que é o complemento necessário dessas mesmas palavras: «Ao que tem, lhe será dado, e ao que não tem, mesmo o que possui lhe será tirado.»

A verdade é, pois, medida relativa: a quem a pode ajustar à sua mente, a esse será proveitosa e até aumenta os seus dons, mas quem nada possui, ou pouco tem de coração e força de alma, esse ficará mais pobre com o que lhe é descoberto. [...] Deixem a televisão para discursos que não aflijam nem arrebatem, porque as pessoas em geral não têm vocações nem bélicas nem apaixonadas e não gostam de confundir informação com denúncia da sua personalidade privada.

Mas, ultimamente, um certo fenómeno aparentado com demonismo selvagem (quer dizer: que escapa à ciência, ao progresso e à pedagogia mais elementar) tem vindo a implantar-se e a prosperar. Grupos passionais, munidos de direitos que parecem redentores e são só opressores, insinuam-se e comandam uma sociedade que começa a estar farta de doutores danados e técnicos fuzilantes. Pelo que é bom que entendam antes de se acharem interessantes.

Místicos.

Tenho meditado no misticismo português. Não é que o apagaram do mapa, como uma espécie de vergonha hereditária? Como

se a mística de homens santos fosse igual aos pataratas consolos de apoucados. E nos momentos cruciais da nossa vida gregária houve, é certo, honra admirável dalguns místicos; mas por causas políticas os reduziram ao silêncio; e outros se ficaram modestamente circunscritos à gesta familiar e à fama paroquial. Nada de grande, assombroso e exemplar. Nada.

Moby Dick.

É um dos maiores livros que jamais foram escritos e tem um sabor de loucura que o torna inviolável. Como vamos julgar o carvão que ardeu nas entranhas da terra e contém um brilhante cujo esplendor apenas se adivinha? É longo, absurdo, desmiolado, festivo e infernal. Só Ismael o podia escrever, enquanto vagueava no deserto, proferindo maldições. Só o vento as recebia na sua face de areia branca. Olhai numa tarde de Verão para as dunas inofensivas duma praia, e vereis *Moby Dick*, como se palpitasse de inteligência, prestes a lançar para o alto o seu jorro de água. Assim a viu Melville, uma tarde.

Monólogo.

[Na] pobreza de palavras, no desinteresse em tocar o fundo do conflito comum está o enamoramento do homem contemporâneo, a vontade de colonizar a sua própria terra interior para nela implantar o padrão duma cultura nova – o ilimitado, a embriaguez dos espaços, a solidão interplanetária. O monólogo, em toda a sua expansão lírica, cobre o universo. É porque não se dirige a ninguém, porque não tem uma modulação e uma medida, que ele substitui a criação. O homem toca assim o seu fito primordial – substituir a criação.

Moral.

Portugal enfrenta ao mesmo tempo uma epidemia moral e um contágio moral, que são coisas diferentes. A epidemia moral é produto de causas sociais; o contágio é um efeito de ricochete baseado em motivos individuais, ainda que genéricos. A droga, a

pornografia, a delinquência é uma epidemia moral. Mas o sentimento colectivo de que estamos condenados como nação independente provém dum contágio. O fulcro da inquietação vai contagiando os Portugueses; há-de generalizar-se dentro das forças sociais um desespero que decida compensar pela turbulência as incoerências transmitidas por qualquer funcionário superior que lhes fala, intermediário mental dum cepticismo corrente.

Não são as causas privadas que conduzem aos acidentes desastrosos. São as tendências da colectividade que podem ser designadas num só indivíduo, o que desencadeia o contágio moral. Temos que procurar na carreira de todo um povo a prevenção do fracasso (que porventura lhe é dirigido) em determinados conflitos da civilização.

Morte.

Em todo o grande homem há, como experiência do seu valor que tende ao inacabado, um sentimento de refrear a morte e pô-la a distância. Sabe, porém, que um dia a fidelidade à sua vocação tem de render-se; e não escreverá mais.

*

Os povos muito profundamente marcados pela realidade da morte, os povos trágicos, costumam estar prontos a marchar quando um chefe os chama. O chefe é a imagem da morte recuperada à dissolução e ao medo. Quando Mao mergulhou no rio como quem exhibe um atestado de imortalidade, um prognóstico de formidável aptidão para sobreviver a tudo o que atraiçoa a própria vida nas suas afirmações, ondas de chineses seguiram-no. Na verdade, o que os fascinava era a insaturável presença da morte, senhora das vontades e única força incansável da natureza. O chefe incarna a morte, não o princípio paterno.

Nós não amamos os chefes, não dramatizamos a esse ponto. Somos levianos porque pessimistas, o que requer certa reflexão inconsciente, certa rebeldia insidiosa, de todos os minutos, gravada a fogo no coração. Não morremos nunca, trespassamos a loja; não achamos a morte útil, nem inteligente. Com isto, não podemos ser hábeis em obedecer; para nosso bem e para nosso mal, como

tudo a que nos arriscamos. «Imóvel, ultrapassa os que correm.» Assim pudéssemos dizer dum povo. Mas só dos deuses se costuma falar assim.

Movimento.

Entretanto, nós vemos que a sociedade se tornou tumultuosa e sem coreografia. Todos correm e dizem «não posso viver assim...» quando se trata duma forma sedentária de vida. Ao acabarem as profissões sedentárias – sapateiros, alfaiates, escritores, mulheres de casa – acaba a arte da narrativa. Eles recolhiam a história local, transmitindo-a como folclore; a precisão dos movimentos que se repetem sugere à mente que se confie ao acontecimento na sua minúcia, descobrindo nele o conceito. Ao ponto ligeiro e cadenciado, ao repuxar da estriga na roca, ensalivando o dedo, pondo no espaço um olhar nublado de recordações, correspondia a criação da história, sentenciosa ou burlesca, mas sempre conforme a cultura vivida. Agora, o sedentário desaparece, e até o burocrata, o seu último carácter, dá lugar ao computador, que não usa de imponderável virtuosidade em equilibrar-se entre o ócio e o trabalho, entre o arabesco e o não fazer nada, entre o capricho e a neurastenia.

*

Eu admiro os grandes parados. Em geral são pessoas de grande perspicácia. O movimento produz calor, mas não aguça a inteligência.

Mudança de poder.

Não há regimes sem poder. Quando este começa a perturbar-se, quase sempre por iniciativa dos intelectuais, que são os coveiros de todos os regimes, é sinal de que a linguagem do poder se modificou. O mundo dos *whizz kids*, dos jovens especuladores, vive da segurança política, e não suporta muito tempo a indecisão maioritária. Habilmente, a partir duma sinceridade ética que tenha recursos suficientes para se tornar uma regra popular, vai sendo criada uma frente demagógica, primeiro insinuante, depois intransigente. Daí à nova ortodoxia vai um passo.

Mudar o mundo.

Mudar o mundo é mudar os ponteiros onde se marca o bem e o mal. Não quer dizer pô-los ao contrário, mas dar-lhes andamento certo.

*

Quando eu era criança, ouvia muitas vezes a expressão «querer mudar o mundo», como se fosse coisa de ingenuidade ou de pouco juízo. Mas eu pensava: «Que é isso de mudar o mundo? Porque não se pode fazer?» E parecia-me aventura maravilhosa, tão bela como um tempo de ouro, em que todos fôssemos inteligentes para cada hora do dia. Porque há pessoas que são inteligentes na hora do emprego ou do negócio; na igreja ou no senado, mas não o são nas horas todas da vida. E por isso acontecem as injustiças e as malícias.

*

A vontade de transformar o mundo. Desgraçado do povo que não compreende isso; ele não tem génio. E triste do poeta que não sente assim, porque ele não tem simpatia pela vida. Quem se satisfaz a fazer poemas e a escrever um livro, sem que a generosidade mova a sua inspiração, será apenas um pedante. Pode ter talento, mas não merecerá participar da cultura duma época. O escritor, desde os seus começos, tem que obedecer a uma ideia, que é a mesma pela vida fora. Não se desvia dela um passo; ela tiraniza-o, e obriga-o a tentar sempre a arte de a exprimir, cada vez mais calibrada pela sua própria consciência e mais instituída no seu estilo. Por isso, trinta anos de vida literária são um só dia. E um dia de trabalho é igual à eternidade das nossas tentativas para o mundo especial de todos os tempos.

Mulher.

O homem faz tentativas duma obra, a mulher opera sem necessidade de completar alguma coisa. Ela é um ser completo, princípio e fim, lugar, caso, dispersão do conflito em que a própria morte se descreve, se anuncia.

*

A mulher já não detém o poder imutável que a maternidade lhe conferia, ou está em vias de o perder. É por isso que se alista no tempo da acção, que se torna um soldado da renovação, que adquire o sentido de poder. O diálogo dos sexos consta apenas de superficiais baladas e conselhos; é uma despedida tensa e um pouco furtiva na madrugada silenciosa.

*

A mulher sabe, duma maneira rápida e sem drama, o que é aceitar o mundo: é perder o direito à inocência. Em certos momentos, quando chora sem motivo, arrastada por imagens de felicidade que ela não admira, com a qual não se consola, a mulher percebe quanto é irreal tudo – tanto o que prometem as mudanças, como a fortuna, como a glória.

*

É certo que no comum das mulheres a consciência do eu não se manifesta. Mas na mulher celta, sim. São vulgares as lendas celtas em que há uma mulher adormecida numa densa floresta virgem, expressão e imagem universal da feminilidade, e onde ela espera aquele que a descobrirá e retirará o anel que ela tem no dedo; floresta ou jardim perdido onde vagueia o inconsciente, aquele que recebe a madrugada e a luz do Sol, a senhora da noite que surge apenas para perturbar a sociedade masculina.

Mulher (agressividade).

A agressividade da mulher, na escola e na sociedade em geral, consagra um efeito de virilidade que, na verdade, resulta de ser ferida no seu amor-próprio. Tem que provar, como o homem, alguma coisa que a convença da sua condição magnífica. Não lhe basta florescer, tem que agir. Só que o que parece agressividade competitiva, na mulher, é ainda um efeito do seu terrorismo básico em relação ao prazer. Ela está, mais uma vez, a condenar o prazer, na medida em que o planifica e qualifica como inofensivo. Está visto que esse procedimento cria reacções de ingratidão; o homem recusa o julgamento que o favorece vindo duma mulher, porque isso desautoriza o erro. O erro só tem dignidade como transgressão;

e não como uma forma de reeducação. A mulher que perdoa está fora da condição feminina. Efectivamente, amar não é perdoar; é florescer.

Mulher (amor).

A mulher tem decerto um conhecimento atribulado das tonalidades emocionais, e isso não contribui como moderador da sua vida familiar e profissional. Além do mais, à nostalgia do romantismo junta a correcção burguesa dos espíritos românticos. Ambas as coisas limitam o coração criador e favorecem a decomposição dos ideais práticos, como amar o marido e a sedentariedade do amor em geral.

Muito rapidamente a mulher, que não assumia o carácter da megera antes dos cinquenta anos (em parte devido à ostensiva desonra da sua esterilidade), agora, aos trinta anos é uma carcaça do ideal público; e comporta-se como tal. O cambiante afectivo que as caracteriza, que progride desde o egoísmo a dois, primeira fase do amor, até ao estado durável de solidariedade disponível ainda para o amor – tudo isso degenerou em sexualidade preventiva. Evita-se amar, seguindo-se as linhas poliândricas em que Eros confunde as pistas.

Mulher (condição moderna).

A mulher que não sacrifica mais a sua juventude ao tempo familiar, em que o número de filhos decresce e não é, por assim dizer, uma liturgia da espécie, essa mulher encontra-se seriamente ameaçada no seu equilíbrio. Aos trinta anos pode aparentar vinte e, em geral, está desocupada da sua função maternal. Todos os officios que lhe são propostos são apenas rotineiros e desinteressantes. Conhecem muita gente, trocam ideias, resolvem assuntos públicos, dirigem empresas e vivem livremente. Mas não tarda que reconheçam que estão tão perto de ter enxaquecas como a burguesa do século XIX; só que lhes chamam *stress* e *febre do next*. O seu problema não é o da solidão, mas o da miserabilidade da condição feminina moderna. Tudo parece fascinante, por efeito

convulsivo da propaganda projectada nos écrans, mas revela-se pouco mais do que sofrível. O mundo exige mais do que a média, para dar em troca menos do que é justo.

Mulher (empresária).

A mulher portuguesa teve em pouco tempo que descobrir uma vocação de empresária. Isto contribuiu para a feminilizar mais do que seria pensável nessas circunstâncias; as decisões rápidas exigem controlo das situações e uma soma de experiências que, não estando asseguradas por um currículo, têm que constar da herança profissional, de que o homem, em geral, é detentor. A mulher depende, pois, do homem como empresária, no sentido de ter de observar o seu comportamento e de copiar o seu método comercial e patronal. Isto, longe de a virilizar, descobre nela novas categorias do feminino: a disponibilidade de inteligência comum ao homem, os riscos que incluem o grupo mais vasto e completo do que o da área familiar.

A mulher empresária é, pois, um dilema; uma auxiliadora no terreno da nova mitologia, e um presságio de boa condição para a prosperidade e a paz no mundo. É preciso que crie e produza tendo em vista uma forma educativa da sua intervenção, diferente e mais planetária, a fim de extremar os campos da riqueza e do poder. Não são só as vinculações do capital e do trabalho que ela precisa de fundamentar, como as suas relações com a abundância, mais até do que com o lucro. A mulher empresária tem que ter em vista um mundo melhor, e não somente uma prosperidade de vida baseada em estimativas de produção. O feminino, na história das empresas, não poderá ser a cópia da agressividade do homem e dos seus objectivos quase sempre só intimidantes do adversário. A mulher empresária é um risco para a norma selectiva do tipo vencedor, o que apresenta maiores dividendos e melhores resultados operacionais.

Mulher (felicidade).

Positivamente, a felicidade não foi feita para as mulheres. Daí o mal-estar em que elas porfiam, a fantasia para onde emigram, o

sentimento incompleto de amor e ódio em que se debatem. O mais nobre da existência é a rebeldia; mas, nas mulheres, ela é estorvada por esse curioso movimento de serem hóspedes do Paraíso que lhes foi destinado e de que elas saíram sem muitas lágrimas e suspiros. A mulher ama a desilusão. A felicidade comove-a mas não lhe interessa.

Parece que digo coisas desoladoras, mas são ditas por uma mulher, com ternura generosa que faz a realidade habitável. Da terra, quando ela já era lugar dos homens, nós fizemos um lar onde havia só território místico de aliança e traição. A mulher trouxe a mediocridade, e foi uma dádiva grande; a sociedade humana apoiou-se nela, e as suas estruturas assentam na corrente auxiliadora, mais do que no génio criador. Mediocridade do pequeno trabalho, da assistência e do sacrifício esquecido. A mulher treina-se no sacrifício como uma atleta que sabe que a dor não se vence nunca, mas que é preciso encará-la e vivê-la. Por isso a sua libertação é um sacrifício mais.

Mulher (natureza feminina).

Sou muito pouco participante das ideias feministas, desse provincianismo feminista que existe e que se desenvolve por toda a parte, hoje. [...] A mulher, até pelo seu grande poder de insignificância, é muito menos vulnerável que o homem.

*

Uma das minhas últimas viagens, que me levou aos centros universitários e às assembleias femininas muito aguerridas, fez-me reflectir no papel de terceiro que a mulher em geral tem na sociedade de todos os tempos. Ela não é, como se julga, um eixo ideal na trupe automatizada do processo histórico. A sua realidade mais profunda toca a fascinação da insignificância, aparentada com elementos sexuais, mas sobretudo confiada a uma estrutura psíquica nunca sonhada até aos nossos dias. Na verdade, o *terceiro* é irresistível; e a natureza feminina, no limite do seu significado, tem por si essa arte combinatória que faz dela imprescindível na descoberta dos rios da navegabilidade do grupo humano. Ela nun-

ca é primeiro personagem sujeito a análise diferencial típica; não é comparsa, voz no dueto, submetida a qualquer forma de espécie superior, como aquela que dialoga e a quem as perguntas são dirigidas. Ela é o terceiro: não leme de governo, vela de direcção. É algo de absolutamente mais refinado, ainda mesmo quando se trata de condições culturais muito pobres. Não implica «uma personalidade», e por isso mesmo é algo de adequado à integração, no conjunto, das relações humanas.

Mulher (poder).

Má mistura; torna-as rancorosas e briguentas.

Mulher (prosaísmo).

O que é a prosa, tão atribuída ao viver das mulheres? Elas vivem em parte em trânsito nos seus cuidados, porque entre vivê-los e socorrê-los não têm tempo de sobra. E até têm um pouco de medo de parar muito em meditações, porque, se o fazem, o lume apaga-se, os filhos gritam, a sopa vai por fora. A poesia tem assim que ser a conta-corrente das obrigações que cansam e não inspi-ram. Mas é poesia na mesma.

Mulher (sentir).

Diz-se que pensar e sentir são a mesma coisa para a mulher. Mas o que acontece é que são simultâneos, clarificados por uma espécie de vertigem da realidade, póstuma ao acontecimento. Quando algo acontece, a sua realidade já foi imposta à mulher. O homem confina-se na firmeza do julgamento, porque a realidade é algo que ele adquire, e não algo que tem existência estranha ao homem. Para a mulher, a realidade é a criação paralela que lhe sugere uma ideia geral da criação. Perante a realidade, a mulher exprime-se por meio da piedade cega, da qual até o sentido do humor é banido. Por isso, quando escreve novelas, não desafia a realidade impondo a sua própria liberdade da criação, como faz o homem. Ela apressa-se a reduzir a verdade subjectiva a uma simples fusão com os factos e as pessoas que os produzem; fusão que

resulta duma culpabilidade profunda, porque a mulher é uma solidão criminal; ela vive vertendo lágrimas e expandindo-se em queixumes, porque esconde com isso o desejo de punição no que se refere à sua solidão inveterada, física, e que anula toda a vontade de valor. A gestação, mais do que a maternidade, é o seu elemento natural. Isso proíbe toda a susceptibilidade com respeito à mesma vida; e daí a interpretação da impersonalidade da mulher.

Mulher (solidão).

Também eu assisti a um congresso de mulheres capacitadas dos seus direitos e ouvi esse argumento da solidão como mal necessário da independência feminina. Mas a solidão é sobretudo motivada pela rápida transição da vida familiar à vida profissional e à perda das reacções parentais mal substituídas por outras. Depressa se abandona o lar paterno, se têm filhos, se casa outra vez e se reconhece uma coisa assustadora: as pessoas são dispensáveis como uma chaleira cuja resistência ardeu. É mais fácil adquirir outra do que remediar os estragos para os quais não basta um bocado de fio eléctrico e de habilidade. É preciso piedade e boa dose de alegria amorosa. As mulheres, em geral desviadas da procriação por razões económicas e factores frustrantes, estão muito recalçadas quanto ao estado de alegria amorosa que é a de ver os filhos pequenos à sua volta. Antes que ela se adapte a uma sociedade laboriosa e secreta, onde a criança não tem sentido messiânico mas sim sentido decorativo, passará muito tempo. Ser mulher foi uma invenção maravilhosa; terá de ser uma descoberta ilustre.

*

Não creio que as mulheres tenham problemas de solidão. Estão preparadas para a solidão e, em geral, para toda a espécie de sofrimento; a natureza dotou-as com singulares poderes de resistência, o que os doutos alquimistas diziam ser humor frio e incapaz de maturidade intelectual. Acho mesmo que a solidão é um estado natural da mulher; e por isso todos os movimentos ascéticos que envolviam retiro e culto da experiência espiritual, desde as vestais em Roma até às Damas do Amor Cortês, na Provença,

partiam dum sentimento feminino muito acentuado. Os homens não encaram bem esse protótipo da mulher espiritual, porque ele é o único que recria a independência feminina depois do primeiro Éden. E diz-se primeiro Éden porque, segundo as Escrituras, houve, antes de Eva, uma mulher pura, inteligente e igual ao homem, de grande condição metafísica, porém cruel e sumamente poderosa. Chamava-se Lilith. Em suma, o mito da mulher fatal, que o homem teme e, ao mesmo tempo, pretende conhecer como a sua verdadeira metade.

Mulher (vontade).

A mulher é um ser sem causa. Não projecta, na história das coisas; tem, como as crianças, uma desafecção de domínio, e por isso a sua alma é vaga. É a pretensão do domínio que faz a realidade da alma, que faz com que ele se projecte sobre tudo o que não é ela própria. O que na mulher aparece como ausência de alma é esse desapego da vontade de poder. O espaço como vontade verifica-se nas façanhas dos grandes descobridores e conquistadores, como Spengler explica tão magistralmente. Mas na mulher não existe o sentimento cósmico que designa uma tendência metafísica; a projecção para a distância que começa com o sentido histórico do indivíduo não corresponde à índole feminina. E, no entanto, há nela a possibilidade duma vontade entre as muitas que os orientais definem como sinais de diferentes comportamentos humanos.

Mulher em Lisboa e no Porto.

Lisboa é ainda marialva e consoladora. Os homens não temem tanto as mulheres como parece acontecer no Porto. E não as temem porque nunca esperaram delas senão prazer e as vaidades que o prazer consome. Para o cidadão de Lisboa, a mulher é uma anedota sem riscos; para o do Porto, ela é um perigo com algumas contemplanções.

Se uma mulher é célebre em Lisboa, tomam-na como uma máquina que merece o preço da publicidade. Quando a Fiat quis

lançar o modelo «*Milletré*», contratou Modugno, que cantou o pequeno automóvel como se ele fosse uma mulher. Talvez por isso, não teve sucesso. O comprador, quase sempre um homem, não gosta de viajar com a mulher para toda a parte nem de a apresentar aos amigos. Sente-se ridículo, o que de facto é. Mas, não quer dizer que ele não identifique o carro com a mulher; só que não quer ser descoberto nessa imprudência maquinal.

No Porto, a mulher que se distingue é tratada com cautela. Enquanto que em Lisboa a visão acerca da mulher radica num espírito clerical, e ela é perdoada sem qualquer necessidade de humilhação, no Porto, anticlerical por tradição, a mulher é uma coisa para conversar depois. Depois das coisas sérias, do café, da partida de bilhar e do futebol. A mulher não é desprezada; é só convidada a sair porque causa um certo anuviamento na sã convivência dos homens. Ela sabe muitas coisas e, sobretudo, é incapaz de convicções. Mesmo quando os homens são fanáticos ela é só vingativa.

Multidão.

Já em tempos de Salazar e de Caetano se desenvolveu uma política de governantes preceptores que abandonavam as condições de reflexão, para assegurar a sua popularidade; o princípio do essencial ficava submetido ao improvisado das soluções demasiado servis. Compensava-se uma situação de injustiça sem contudo corrigir um infortúnio público; obedecia-se a múltiplas sugestões e à reivindicação das emergências, ignorando as necessidades reais dum povo. A multidão ia tomando ascendente sobre os concessionários da prosperidade imediata, que parecia a única virtude a contemplar. Quando a prosperidade sofresse uma crise, não restaria mais nenhum ideal do homem feliz a ser entendido. E a multidão, sem outra honra a que aspirar, surgia como um número dispensável na curva demográfica das acções.

N

Nação.

Pensa-se algumas vezes, por um sentimento do justo que não é acompanhado pelo conselho da inteligência, que uma nação pobre não tem representação na esfera económica; mas o certo é que todos os povos da terra comportam uma verdade superior ao Estado que os rege e à vida política que assumiram. O direito duma colectividade nacional não é só fundado na dimensão do seu território e nos recursos que maneja. É sobretudo o resultado dos seus termos suprapolíticos, ou seja, o domínio da sua personalidade. Se esses lhe são negados, então todos os povos, como seres sociais e metafísicos, podem desaparecer. É a pessoa o que representa a generalidade; é a imagem de tudo quanto é digno e representativo duma colectividade, por modesta e simples que seja, o que dá a soma do valor humano a todas as nações.

*

Uma nação não nasce duma ideia. Nasce dum contrato de homens livres que se inspiram nas insubmissões necessárias ao ministério dos povos sobre os seus infortúnios.

Uma nação não nasce de uma ideia nobre, embora esteja preparada para provar a sua nobreza em qualquer conjectura adversa aos seus direitos de justiça.

Naturalidade.

O dilema é este: nós, as mulheres, somos prosaicas, sobretudo quando somos naturais. É próprio daqueles que são delicados e frágeis o serem terra-a-terra, porque isso lhes dá a impressão de esta-

rem mais protegidos. A realidade protege mais do que os sonhos, do que as coisas imaginárias.

Natureza.

Nada, na natureza, sofre; só suporta. Desse modo, a natureza comporta-se politicamente. Será justo imitá-la de vez em quando.

Nobreza.

O autêntico princípio aristocrático anda a par com o espírito da fé. Não importa ser advogado da causa de Deus, mas sim colocar a própria vida na palma das mãos e defender a conduta humana. Assim falou Job, o mais nobre dos homens. Ele não disse: «a fé desapareceu», mas disse: «Oxalá houvesse árbitro entre Deus e o homem, como há entre o homem e o seu próximo.» Ver-se-ia de que lado está a razão – eis a posição vital da fé, uma coragem sem limites.

Norte / Sul.

Eu não creio nada disso do ódio Norte-Sul. Há muito de ênfase lisboeta em falar em ódio, porque as capitais nunca têm ódios, têm esquisitices. Nem havia motivo para ódio entre dois passos de distância. Mal deixamos as margens deste Douro meditabundo, onde o sável se despede fugidio e amargurado, perdida a viagem nupcial, e já estamos com o Tejo pela cinta e começa o Rossio. Num terreno tão pequeno não cabem grandes paixões. Senão, veja-se Camilo: o *Amor de Perdição* é um livro de neuras, manias, desentendimentos, tudo isso que há entre famílias sumamente provincianas em que a paixão parece mais o resultado duma purga, do que dum encontro de almas visionárias. Não há romantismo autêntico, há objectivos; uns querem casar, outros querem mandar. É a história do português médio, incluindo os discursos políticos. As paixões, como o ódio Norte-Sul, precisam de espaço, de montanhas como os Apeninos, de planícies como o vale do Pó, de bosques como a Floresta Negra. Ou cuida que a *Cartuxa de Parma* se escrevia aí em Santos-o-Velho, que era um caminho torto

e pedregoso fora de portas? Lisboa tinha o tamanho dum convento, com saída para o vale de Santo Antão. Dava-se um passo distraído e estava-se a caminho da Índia. O que nos fez descobridores foi essa passada larga. Mas falar de ódio é exageração quando se trata de Lisboa e Porto.

Ninguém é mais do Norte do que eu, que, se for medir o acontecimento genealógico, alcanço até à Escandinávia ou por aí perto. Mas gosto de Lisboa, tão cor-de-rosa e bem educada. O Porto é terra de motins, Lisboa de má-língua, e às vezes, por efeitos da corte, irónica. A ironia do português cristaliza em Lisboa como uma cereja num copo de aperitivo. É ligeira, sensual, somática de muitos séculos de mudanças; uma ironia rápida como a dos Gregos, que depressa captam o absurdo e as mil maneiras de o resumir. Sem Lisboa, nós, os do Norte, ficávamos descalços. Ela é o nosso borzeguim, a nossa pantufa, o nosso chapim de prata. Comprime-nos o calo de muitas jornadas e trabalhos diários, mas quem passa sem a forma do pé um pouco apertada, para julgar-se senhorito e prenda de salão? Sem Lisboa não tínhamos maneiras – embora tivéssemos tudo o resto, religião e dinheiro; e legumes temporãos, carregados de Bruxelas e Lombardia ou Galiza. Não passava por cá o caminho da seda, mas o do trigo é mais que certo. Se os do Porto não dessem o pão para a campanha de Alcácer-Quibir não se fazia a jornada. Foi mau não terem mais desacato e fecharem-se com as tulhas e arcas, como José do Egípto, os do Porto.

Sempre haverá afecto e camaradagem entre Norte e Sul. Porque é que a liga hanseática não se há-de entender com o califado? O pequeno Grão de Milho e o Grande Divã? Eu até gosto do fado, que é uma espécie de canto de Ulisses muito abreviado, o que resta do canto das sereias, que ele mal ouviu.

Notar.

Quase ninguém repara em ninguém. Em parte porque o espaço que nos circunda está cheio de chamadas, de perigos e de júbilos; o ser humano, longe do que se pensa, é o que menos se nota no mundo.

Nova Iorque.

Mostrara-me interessada em partir para Nova Iorque, creio porque me falaram num lugar de leitora. «Há lá muitos filhos de portugueses que precisam de si.» É absurdo, excepto que Nova Iorque sempre me pareceu um lugar impessoal, o auge da impersonalidade, e, por isso, extremamente tentador. Ainda hoje, quando me volto para essa estafada imagem que são os arranha-céus nova-iorquinos, vistos duma janela panorâmica, eu penso na solidão multidimensional que é a cidade americana. [...] Nova Iorque é mesmo o anonimato glorioso para aqueles que, em dado momento, nesta Europa de pequenos caminhos, se encontram demasiado perto das ideias e dos gostos, e dos interesses que nos deviam fazer agir e só nos impedem de discernir correctamente. Porque tudo é demasiado aparentado entre si para que não sejamos de certo modo destruídos pelo acesso ao contrário do nosso próprio ponto de vista. Se eu, nesse tempo, pensei em instalar-me e viver em Nova Iorque, decerto não o fazia para confraternizar com os filhos dos portugueses; nem o meu estado de espírito lhes seria útil.

Nudismo.

O nudismo foi declarado mais afoitamente do que a Revolução dos cravos. Não porque seja confortável, já Mendes Pinto achava que não era; nem elegante, nem natural. É uma espécie de fanatismo, como quando a humanidade é sacudida por qualquer coisa de irracional e insensato, estranho ao mundo familiar, e tenta produzir o exorcismo da degenerescência.

O nudismo é, sem dúvida, um acontecimento supra-pessoal. Não está em causa a falta de preconceitos ou o desafio ao pudor. É algo de mais oportuno, digamos. É uma resposta à irrealdade da sociedade em geral, uma forma de riscar um momento crítico da história com uma afirmação ou negação em que a desenvoltura é sintomática. A nudez como ideal significa a realidade como sentimento. Mas uma realidade euforicamente e messianicamente anunciada na acção imperativa e ao alcance da pessoa comum. Não está em causa o bem e o mal, porque estas são noções afectivas que

criam o equilíbrio entre o eu e o mundo. O que está em causa é a má consciência que se manifesta pela actividade lírica do nudismo, dando-lhe um sentido cívico. É, como diria um filósofo matemático, uma forma de não ladrar às ideias.

Por isso vemos o nudismo (digo o nudismo mediterrânico e não o nórdico, que é uma *nuance* da neurose, assim como o banho em comum do japonês é uma praxe) ser menos suportado pelos homens. Relacionando-o com o sentimento, imediatamente se inibem para a sua prática. O nudismo em Portugal parece anacrónico e não moderno. Como muitas coisas mais.

O

Obra.

Veio até mim uma carta do Verão de 70, em que Maria Helena dizia: «Eu gostava de conhecer o meu universo, ou mundo através de si... Eu não me vejo, só vejo o que me rodeia, quase já não existo. É melhor assim, não existir. Vou ficando cada vez mais junto ao quadro até desaparecer nele de vez.» É a crucificação que toda a obra exige. Algo de lancinante na glória perfeita da crucificação; mas não é preciso dramatizá-la porque é assim; uma atitude serena não é o auge do movimento; e a obra que se obtém pela contradição de todo o nosso excesso não é conflito. Os grandes artistas não vivem em conflito com as suas opções. Tudo neles é vida, violenta, sagrada, e a inspiração depende disso; depois, com metódica certeza, é preciso completar a força inicial com a força da disciplina, sem, contudo, perturbar a criação.

Obscenidade.

O facto de se ter hoje vulgarizado muito a linguagem crua, símbolo de virilidade e de coragem (quando são também as mulheres que se atrevem com blasfémias, injúrias e escolha de epítetos infamantes), faz-nos pensar porque a literatura é hoje habitualmente tão fecunda em situações e discursos obscenos. A sociedade está possivelmente a ser orientada no sentido de proteger demais os seus cidadãos, efectuando uma castração colectiva sob o título de segurança social. A obscenidade retoma os seus direitos para bem do indivíduo socialmente ameaçado na sua originalidade de decisão. A literatura de teor obsceno é a prova de um privilégio: de que o tema da castração é encarado como uma coisa imerecida, e portanto

rejeitada pela força da obscenidade pelos mais imaginosos dos cidadãos, os artistas em geral.

Ocidente / Oriente.

A incoerência instalou-se, pois, na sociedade e tomou aí raízes tão fundas que é difícil extirpá-las sem destruir todo um terreno afectado. As reformas são insuficientes para qualquer coisa que não seja um equilíbrio de despesas com cobertura mais ou menos acintosa do déficit. Resta a estrutura geral da sociedade, que é algo mais do que a sua capacidade de consumo e de produção. É isso que o grande animador do teatro político do nosso tempo, a mentalidade tradicional do Oriente, indiferente a mudanças, possui, e nós não. O que opera na linha metropolitana, na grande nação de cultura dispendiosa e pouco criativa, é um egoísmo hipócrita e timorato. Receia-se perder, não a vida, a fé ou a honra; mas os serviços públicos, máquina cada vez mais gigantesca e que a tele-mática pode inutilizar em poucas horas. Produziu-se uma insegurança nova com a grande explosão da prestação dos serviços. Na realidade, temos de viver dentro dessa insegurança e das suas várias desordens. O persa que, no seu jardim onde se ouvem as fontes e os risos castos das mulheres, preconiza a humilhação do grosseiro e ávido negociante ocidental, está, ele também, colonizado e vendido. Nada tem tanta força como a participação. E desde que se estabelece o laço da resistência, seja a uma ideia, seja a um tipo de sociedade, os jogos desdobram-se num ritmo imparável. Os emires que se fazem fotografar frente a um fundo árido onde se destacam dois cavalos que parecem esculpidos, estão apenas a gozar a efémera doçura dum privilégio, e não a consagrar uma filosofia. O europeu, com a sua maciça noção utilitária, acaba por se repartir com total falta de escrúpulos nos campos vastíssimos do bem e do mal. Cria as leis para produzir um direito; enquanto o homem oriental faz a lei para descrever um dever. Esta incompatibilidade é a mais notória, e seria inabalável se não existisse a participação. Enquanto o Império da China só foi abordável por terra, mercê de viagens perigosas e quase inviáveis, porque a costa marí-

tima, pouco recortada, não era propícia ao abrigo dos barcos, ele manteve-se intacto nos seus regimes – nos seus costumes. O petróleo, que é hoje factor de esmagadora submissão da parte dos seus importadores, é, ao mesmo tempo, causa de alienação para o árabe, que desfruta do mundo europeu com santa desconfiança ainda, mas que depois reconhecerá com adaptável sentimento. O homem atingiu o ponto mais alto do vício, que é a mudança aplicada a triviais condições.

Ocultação.

Em toda a pergunta há uma ociosidade. Quem pergunta, esconde alguma coisa; quem muito fala, esconde o coração dos curiosos e despede-os com entretenimentos de vozes.

Olhar.

A psicologia do olhar está a tomar ascendente sobre a psicologia da mente. À medida que o olhar se apura, se torna capaz de entender num relance as situações e as paisagens humanas com uma matemática impressionante, a palavra perde o seu movimento; tem mais um valor de troca do que um valor de aforro, tal como o dinheiro.

Oliveira, Manoel de.

É um visionário. O seu lado obscuro desconcerta; o seu lado grave converte-se em humor para não ser apercebido. Eu aparento Manoel de Oliveira àqueles poetas saudosos que tivemos; Bernardim foi um deles, outro o cavaleiro Francisco Manuel de Melo. Vou dizer porquê. Porque em todos há mais uma determinação de fazer obra sua, do que voz do mundo.

*

Como um Bergman ou um Dreyer, ficará para sempre um mistério para os seus contemporâneos. Umas vezes é subtil, outras é sarcástico, raramente é amoroso e abandonado a um sentimento terno. Abandona-se à perfeição e nada mais. Há nele um empenho de contradição, o que faz a força da sua obra tão variada, tão inesperada e tão controversa.

Opressão.

A arte de oprimir os povos foi-se modificando. A ambição sofreu grandes alterações. Agora os homens usam de conteúdo cultural, violador de multidões na sua conduta; não é a força do braço nem o nome de família que alimentam o seu prestígio – é antes a energia duma convicção que se imponha pela utilidade que prometem. Essa promoção da causa útil deve, no entanto, ser auxiliada pela fantasia que ultrapassa a medida do vulgar acontecimento. O ditador nunca se limita a exprimir uma vontade sem lhe dar a aparência de ela ser justa. O homem de coração pensa menos em justiça do que em reparação caridosa e fraterna.

Ourique (batalha de).

Dentro dos campos de Ourique deu-se um caso que nunca foi bem explicado. Tendo Afonso sido jurado rei pelos soldados, o que o fazia mais general deles do que príncipe de todos nós, teve por empreitada combater cinco reis mouros; havia-os aos bandos, e eram tão numerosos os califas e os sultões que a Espanha e os Algarves estavam cheios dos seus palácios.

O triunfo era duvidoso em batalha tão desigual. Cinco reis mouros não são cinco réis de gente; é muito mais. Afonso, muito calado com o seu escudo e cota de armas, viu Cristo na cruz, ao levantar os olhos para o lábaro que receava perder. E Cristo disse-lhe que havia de ter vitória sobre os infieis. Afonso não se intimidou com a aparição e falou cara-a-cara com o Senhor:

– Não venhas a mim mostrar-Te, porque eu creio e não preciso de milagres para crer. Mostra-Te aos meus inimigos que, esses sim, precisam de Te conhecer para nos temer a nós.

Esta fala, de tão arrojada, não foi muito do agrado dos catequistas e não se ensinou nas escolas. Eram tempos maravilhosos em que se começava a ser português, e para isso era preciso valor tão grande que os céus o recebiam como medida do homem. Que saudades dessa pátria inventada num milagre que se recusa! O povo miudinho corria ao lado dos grandes pecadores, que eram almas grandes também. Confiavam neles; com lágrimas e com juras,

confiavam neles. Afonso mandou pintar na sua bandeira cinco escudetes azuis, em lembrança dos cinco reis vencidos. Ainda lá estão, reparem bem. Pensar nestas coisas distrai o coração de velhacarias, que foi o que se multiplicou passados tempos, e hoje não há mais lugar na terra para tanta instrução maliciosa.

A memória cativa as coisas num lugar fabuloso, que é onde mora a esperança. Mas é certo que os primeiros passos na ordem prática tinham que ser agigantados, não só pela fábula, que os serviu, também pela coragem que os protegeu. Afonso, que no ardor de vencer se esquece de se submeter ao milagre, é coisa digna de ver e de recordar. Como se lá estivéssemos em carne e osso.

P

Pacifismo.

Detesto os discursos pacifistas. Em geral, eles nada têm de heróico; fazem parte do mecanismo da persuasão que é a agressão confidencial e sem risco. Mas quando queremos detalhar o mapa da responsabilidade encontramos um obstáculo difícil de transpor. Um fino véu de fatalismo cobre os caminhos, e a difamação insinua-se por todos os poros da justiça.

Packard.

Havia anos em que não se faziam férias. As contas andavam em péssimo estado, e a primeira coisa a ser sacrificada eram as férias. O automóvel também; o grande *Packard* verde desaparecia como por efeito de magia, deixando um espaço vazio tal o duma pessoa que morresse. Os faróis enormes, o seu volume poderoso respirando óleo e couro preto, já não nos recebiam ao abrir-se a porta do armazém onde ele estava, entre tonéis. O *Packard* cheirava a vinho velho, como se uma cuba fosse. Acho que se embebedava de noite; tinha um ar estremunhado algumas vezes, e a força do motor em rotativa parecia um soluço de ressaca. A alma do *Packard* enchia a estrada quando ele rolava, aberta a capota cinzenta, quase prometendo velas enfunadas. Nesse Verão memorável, em que o vinho não se vendeu e o milho ficou nas caixas, o *Packard* saiu de casa, quase misteriosamente, deixando uma chave de parafusos esquecida, como um homem deixa o isqueiro e alguns trocos no cinzeiro.

Pacto ibérico.

Quando se fala de pacto ibérico, quando se pretende provavelmente dar às massas a noção criadora duma unificação em pro-

fundidade, esbarra-se com o lado voluntarista do homem real. O aventureirismo e a arbitrariedade do impulso de massa poderiam ser convertidos numa consciência teórica capaz de fundar estados. Esta posição é defendida a favor do «intelectual colectivo», que resgata a massa humana ao encarnar o ajuste duma vontade colectiva com o poder organizado que a justifica.

Todavia, ainda que legítimo este plano, pode achar-se comprometido com a direcção inconsciente das massas, algo que se retrai à educação e que não se relaciona sequer com a sua suposta espontaneidade. A espontaneidade é já uma atitude adoptada, um meio de reconhecer uma sociedade. Mas o homem real é mais abstracto. As relações sociais, as diferentes concepções de vida e a sua instrução mecânica deixam na obscuridade toda uma vontade isenta de vivacidade, mas mais perseverante que qualquer outra. Isenta também da concepção de predestinação, de visão mágica, de confiança passiva. Quando me atribuem uma certa doutrina intimista, baseada no *mágico*, no que não é formulável, no que resulta de correntes isoladas da dialéctica externa do homem, erram efectivamente. A direcção inconsciente de massas não é um sentimento de bloqueio mental, de vaga irresponsabilidade; é o contrário disso. É uma disciplina orgânica, para usar termos que parecem enfáticos e que na circulação duma cultura nacional-popular sempre serão.

O pacto ibérico decerto contraria essa disciplina. Entende-se aqui a disciplina não como um acidente, o acatamento de ordens transmitidas do superior ao subalterno. A disciplina pura é uma das condições da liberdade. Um grupo etário e um povo inteiro sabem sempre que essa disciplina é razão de ser da sua personalidade e da sua liberdade. Mesmo em busca duma hegemonia a todos os títulos desejável, a nível cultural, político e económico, há determinadas ideias que circulam apenas na superfície dos factos.

O pacto ibérico é, pois, um risco para um dos grupos, e portanto em desacordo com uma necessidade histórica civilizada.

Pai.

Na minha vida, era mais um visitante do que uma pessoa que participava na vida familiar. Era uma pessoa que se via pouco, que tinha uma vida um pouco obscura, um passado aventureiro. Viveu muitos anos no Brasil antes de casar. Nunca se falava desses vinte e tal anos que passou no Brasil, anos que foram de aventura e aventura perigosa. Era uma pessoa encantadora, da qual se sabia que havia uma determinada zona a partir da qual começava o mistério. Nunca houve, da minha parte, uma identificação com a figura paterna nem com a figura materna. Fui sempre uma pessoa um pouco desligada desse aspecto obsessivo. Muito interiorizado ou pouco interiorizado, mas a verdade é que isso existe na maioria das pessoas criadas num meio familiar fechado. Talvez não fosse realmente um meio muito fechado. Lembro-me que nunca tive problemas com os meus pais, como quase toda a gente tinha e continua a ter. E quando, aos vinte anos, decidi casar, os meus pais não participaram nem foram, nem ninguém foi, porque não estavam de acordo. Mas eu achei isso naturalíssimo...

Países irmãos.

A palavra autorizada pelo registo interno da personalidade é, entre Espanha e Portugal, a palavra *irmãos*. Palavra-símbolo, mas extremamente perigosa pelo seu gume cortante. No processo vital profundamente vivido por cada um de nós, *irmão* quer dizer *rival*, muito mais do que amigo. O afecto fraterno é mais uma elaboração inteligente do que um impulso projectado desde a infância. Eu creio que os apóstolos de Cristo, nos tempos da sua primeira saída em público, evitaram a palavra irmão; quem a admitiu e divulgou na esfera eclesial foi São Paulo, que era um convertido e, portanto, um homem de razão cujo processo vital se achava interrompido e alheado. Quando um grupo de pessoas se reúnem e se tratam por irmãos nunca podem chegar a entendimento nenhum.

Quando pretendemos reunir o máximo de probabilidades de êxito, num negócio, num tratado, devemos, primeiro que tudo,

prestar atenção às palavras-símbolo. Hoje, na sociedade urbana e altamente técnica, há poucas pessoas capazes disso. Pelo que se vê. [...] Mas, em geral, emprega-se um vocabulário errado e fala-se de fraternidade. Espanha e Portugal, somos indispensáveis, somos únicos, somos incompatíveis com a arbitragem das outras nações até. Mas se pronunciamos a palavra irmãos, está tudo estragado.

Paixões.

«Não me diga que era capaz de matar, que eu não acredito; isso é *coquetterie*» – escreve-me Vieira da Silva. «É preciso apagar a desmesura primeiro do que um incêndio.» Um grego disse isto. Mas Maria Helena lisonjeia-me acreditando que domino tão bem as paixões; ou então deixo-as de parte, como se fossem paramentos de museu, em que ninguém toca. Coisas inabituais, que só usa o alto-clero em dias de festa: o ostensório cravejado de pedras, com raios de ouro; as luvas de seda, com bordados a prata. Isso que nem imaginamos poder usar, porque nos falta o posto e o cargo. Achar que as paixões humanas dependem do cargo, até da época, e que correspondem ao Papa Bórgia ou à família dos Capuletos, parece-me irreal. A magnífica Vitória Colonna, piedosa, amiga dos artistas, quantas vezes teria um olhar devastador ouvindo os mensageiros. E Miguel Ângelo não era por *coquetterie* que chegava a ameaçar Júlio II e a pôr no Inferno os seus inimigos quando pintou a Capela Sistina. A crueldade é um dom, se corresponde a uma denúncia da cobardia no seu todo, mas é um vício se é a consagração da parcialidade. A vingança é uma parcialidade, por exemplo. A desmesura é parcialidade. A grandeza é o todo.

*

A existência do homem adulto não encerra senão monotonia. A paixão não procede das pessoas, mas de algo a que elas têm de obedecer para não cumprirem apenas uma vida sem impulso e sem fantasia. Gogol diz que um plano superior dirige as paixões humanas; diz isso com o despreendimento que lhe era próprio quanto ao destino dos outros; ele era cruel como todos os que sofrem

duma hipersensibilidade. Através do seu riso penetrante alguma coisa de comovedor se percebe. Ele sabe que as bagatelas substituem as obrigações quando no indivíduo se desenvolve a paixão. Donde parte esse frenesi que o homem não escolhe? «O importante não é que nos degrademos, mas que não desagrademos», observa Gogol. É uma visão quase insuportável da realidade, mas a única verdadeira.

Palavras.

Dirá que tudo isto são palavras. É verdade. As palavras não significam nada se não forem recebidas como um eco da vontade de quem as ouve. Em suma, o que significa alguma coisa é a relação que elas estabelecem entre os homens. Um cabo de guerra (e, nele, o sucesso era um preliminar do fracasso a que aspirou sempre) brada para as suas tropas: «Soldados, do alto destas pirâmides quarenta séculos vos contemplam!» Isto não tem sentido; é completamente irreal. Se uma voz se erguesse para dizer: «Estas paredes cobertas de areia contemplam-nos? O que me apetece é ir para casa. Esta tolice já durou o suficiente» – o que acontecia? O que acontecia se o eu infantil se desvanecesse de repente e se tornasse numa consciência aberta, madura e confiante?

*

Se não há homens insubstituíveis, há palavras que são insubstituíveis. Elas, de resto, não exprimem nunca o conflito, mas o seu fantasma; e o fantasma numa realidade está subordinado à escolha estrita das palavras. Aí repousa o estrato da confiança humana.

Pátria.

Eu amo a minha pátria para além dum comovido aldeanismo; amo-a como símbolo de todos os mundos de que somos parte. Acho que ela está reduzida a um cadáver de ideias e de actividades; a notícia política é como uma poeira que não deixa ver a cara das pessoas e as suas verdadeiras expressões, que a planificação socialista não quer entender, e os privilegiados burocratas muito menos. Há um lado de criminoso económico em todo o ser humano, que

acaba sempre por ser visto como um peso morto pelo especialista da administração. Mas o genuíno e atento olhar conhece a matéria verdadeira de que a cultura se faz. Ele respeita no homem a formação da personalidade, que é muito mais do que corresponder a uma ficha produtiva. Penso assim, e não ponho nisto uma visão intelectual. O conceito de intelectual que eu admito corresponde à espontaneidade na acção vivida como força prática, e não como aparelhagem teórica. Se ele cultiva a sua personalidade, não poderá ficar confinado à especialização que os seus dons mais eminentes determinam. Mas para isso tem que conhecer a fundo o seu estado de orfandade, inerente a todo o procedimento humano e que se reflecte no prazer da violência. Os bons sentimentos do intelectual escondem em geral uma violência abstracta mas não menos eficaz, não menos orientada para a destruição. Julgar a realidade exige participar nela. Não sendo assim, o intelectual, progressista ou reaccionário, é parte de um espectáculo inatural, um caldo de sofismas que alimenta a imagem de si próprio como uma sentença narcísica. Acabo assim: o discípulo não pode chamar o mestre pelo nome, o mestre é a verdade. Pode só inclinar-se e saudá-la, mas não da maneira como se saúdam os amigos. A verdade não é um amigo. Até hoje ninguém sabe o que ela é ao certo. Talvez seja uma doença incurável que nos ataca, nos consome e nos basta.

Paz.

A paz não tem figura nem desejo absoluto; viver em paz não é viver: [...] a paz é um absurdo, como a realidade concreta é um absurdo que é preciso recriar para que se torne afecto do homem, obra sua. É para isso que se pinta, que se compõe música, que se faz poesia: para abolir o absurdo.

Paz e Guerra.

Os elementos em que se baseiam os procedimentos dum Estado são apenas dois: a paz e a guerra. A paz consiste na ligação através de pactos; a guerra promove a agressão violenta. Entre estes dois

processos, a política desenvolve-se em esperar, acumular forças, optar pelo jogo duplo ou confiar abertamente num aliado. A Nação que não puder contar com estas condições não será parte na política, e apenas fará uma pequena estratégia financeira a que se mistura a moral de partido. Mas não fará política.

Pequena sabedoria.

Eu sabia pouco de tudo. Ainda hoje sei muito pouco de tudo, o que me causa embaraço quando vejo a tremenda bagagem de conhecimentos que têm as pessoas. Se ouvirmos tudo o que se diz nos autocarros, nas praias, nas repartições, ao fim do dia podíamos escrever uma enciclopédia em vinte volumes e até ter êxito com ela. Não há nada de mais aceitável do que a pequena sabedoria, os amores confessáveis e as histórias de doenças.

Pequenos Príncipes.

Saint-Éxupéry, na tarde em que o avião dele se abateu no deserto, deve ter apanhado uma insolação; pois aquele diálogo com o Pequeno Príncipe é perfeitamente uma burla. Em primeiro lugar, o Príncipezinho estava a rir-se dele. Que pode fazer uma criatura que se move sem hélice e sem asas, senão rir-se dum pobre piloto ao lado dos destroços do seu avião? Disse-lhe: «Desenha-me uma ovelha.» Mas disse isto para ver se ele era obediente. Os Príncipezinhos experimentam sempre o lado fraco dos maiores.

Há pessoas santas, mas não são as crianças em geral. Estas são finas e perscrutadoras; são génios que depois se aproveitam da facilidade de serem humanos e se tornam estúpidas como um adulto qualquer.

Eu reli *O Príncipezinho*, que por aí anda como modelo de literatura infantil e é só um monólogo do guerreiro. Reli e não gostei. Nem aquilo é uma criança e, como ela bem diz, aquilo também não é uma ovelha. Uma criança gosta de coisas possíveis, se não prováveis; gosta da realidade, do facto comprovado.

As crianças preferem a linguagem clara e o mais possível capaz de traduzir factos reais. Mas o que lhes dão são estados de alma que

confinam com a depressão do adulto. Uma grande parte do que os adultos chamam imaginação não passa de pensamentos de frustração.

Cada um dos nossos desejos recria o mundo. São os pensamentos que o destroem. Mas será a vontade do Príncipezinho, ao pedir que lhe desenhem uma ovelha, uma vontade criadora, um desejo de criança? Pode acontecer que não passe dum pensamento, com pele de ovelha.

Perdição.

Madonna é mais do que um título, é uma expedição às regiões da infecundidade. Longe de estarmos perante um espectáculo sensual e excitante. Há nele um acelerar da perdição, por isso parece tão empolgante, tão desvairado. A atroz fusão num destino geral produz nas multidões um desejo incomensurável: o de não procriar mais, o de desencadear um desafio ao género humano – o ódio à espécie.

Não vamos equivoicar-nos. A tremenda apoteose de Madonna, o seu triunfo no palco, a perigosidade do ruído por ela provocado, não estão na linha da sexualidade primitiva. Pode ela despir-se em público e receber como troféu milhares de calcinhas e doutras prendas interiores. Isto não significa declaração dos instintos vitais. A partir de certo grau de solidão as multidões tornam-se rebeldes ao amor. Esses jovens, aparentemente arrebatados por Madonna e suas liberdades cénicas, estão mais perto de renegar a mulher do que de a desejar. Madonna não é um estímulo sexual, é o seu contrário, uma justificação para o desprezo que os homens preferem ao amor.

Perfume.

Os perfumes decerto foram inventados quando o sentido de odor se atrofiou. As pessoas passaram a procurar um estimulante ou um derivante para as suas inibições ou os seus actos. Quando o jogo dos sentidos definha, surge o cálculo. O perfume nasceu dum cálculo perante uma crise aritmética: atrair e confiar nos sinais de persuasão, ou então usar uma linguagem que substitua esses sinais e os anule até.

Perguntas.

Às vezes, as perguntas são faladas e não escritas. Não deixam vestígios; e essas são parte da minha vida de todos os dias, não se situam expressamente no canteiro literário, mais enfadonho se é apenas uma articulação do corpo social e não batimento do seu coração.

Mesmo sem aprendermos, sabemos que todo o cerimonial exclui a pergunta. Não se interroga o rei no seu trono, o general na parada, o Deus na sua glória. Emudecemos pelo efeito desse campo de forças que é o patriarcado estranho às relações plurais em que a pergunta se inventa. Mas a pessoa que ocupa na sociedade o lugar de terceiro nas relações humanas (como, por exemplo, o poeta favorito, o cantor preferido, o político certo na conjuntura histórica), isso é algo de diferente. Sem o interrogarmos directamente, somos levados um pouco pela sua mão. Ele é uma espécie de regulador da sensualidade colectiva; adivinha o que é uma fortificação de pudores na alma da gente, e permite que se guarde a liberdade da consciência.

Perigo.

De facto, foi a guerra, ou as guerras do nosso século, o que excitou este novo sentimentalismo, o sentimentalismo do perigo. O cinema e a literatura dão disso testemunho. Não é a morte consumada, não é a consciência do crime o que é encarado. É a histeria da força através do perigo. Um perigo intelectualizado, divinizado, submetido a uma caracterização insidiosa, simultaneamente leviana e convencedora. A religiosidade do perigo, eis o que se encoraja; a arte narrativa burguesa, que dispõe agora de mais vastos meios de expressão, tem nesse tema o melhor da sua confirmação.

*

Também a Revolução Portuguesa se crismou no dogma do perigo. Tudo parece tremendamente inquietante, não pelo antagonismo das ideias, mas por uma grandiosa iminência do que pode suceder. As pessoas não se interrogam e também não se confiam à crítica. A palavra perdeu a sua extraordinária dignidade romana

de retirar à coragem o que nela há de bárbaro. O homem já não se alia num comum sofrimento; treme num perigo comum. Poluição, doença, ciência atômica, ovnis, arrefecimento do Sol, droga, delinquência, Pacto do Atlântico, Pacto de Varsóvia, Pacto de Helsínquia, Russos, Chineses, raptos, inflação, custo de vida, fome no mundo, petróleo, inundações, greves, desvalorização da moeda e a tragédia do *Titanic*. Um personagem à Gogol pergunta a um amigo: «E aconteceu-te alguma coisa?» Ele responde: «Não, mas podia ter acontecido.» Entretanto, demonstra simpatia pela morte e reclama porque o café não está bem quente. O que o impressiona não é o que o atinge. A tragédia verdadeira não é uma coisa cénica, está na linha oposta desse estado de apreensão que exige recompensa e que, em geral, nos leva longe na vida.

Personagens.

Eu gostaria que as minhas personagens não tivessem nome, que corresse pela minha pena como um delgado fio suspenso do orbe.

Personalidade do momento.

A rapidez que as pessoas imprimem às suas vidas faz com que simplifiquem a realidade e fabriquem o que se chama a «personalidade do momento». Sobretudo nos políticos e homens à escala governativa, isso exprime-se por manifestações impulsivas, peculiares a cada hora, vinculadas às situações proteiformes. A história coerente em que a memória intervém assiduamente fica muito indefinida, pois os momentos isolados dominam o campo de acção. A própria anedota privada que enriquece a memória de si mesmo, das crises, dos afectos e do desenvolvimento humano, é extremamente pobre e sem relevância.

Pessoa, Fernando.

O sucesso da obra de Fernando Pessoa radica-se no vazio afectivo que a caracteriza. Não que fosse um homem destituído de desejos e considerandos que os perfilham. Mas está, como toda

uma geração que o lê, ferido de certa irrealidade quanto ao amor, que começa pela admiração de si próprio, pela honra de ter nascido de mãe real e certa.

Um dia, uma mulher que o conheceu, no meio dos seus contemporâneos mais festivos e fazedores de *blagues*, disse-me: «Eu não gostava dele. Era sem graça.» O retrato que Almada traçou explica um pouco esse lado taciturno, severo mesmo, asceta quase. «Amo com o olhar, e não com a fantasia.» Não tem fantasmas a enriquecer-lhe o comportamento; a alma monótona que ele supõe em toda a gente é assim porque ele a não pode interessar e comover. O amor não é função. É exactamente o que Pessoa não concebe: o viver com outra alma que não seja a dele. Pois que é amar senão inventar-se a gente noutros gostos e vontades? Perder o sentimento de existir e ser com delícia a condição de outro, com seus erros que nos convencem mais do que a perfeição?

Pessoa anónima.

É inquietante pensar que andam pelo mundo criaturas às vezes ignoradas mas que têm um poder enorme sobre as outras e, sem o seu saber, conduzem os acontecimentos mais devastadores da humanidade: as suas guerras, as suas convulsões que produzem a alteração do mapa da Terra. Não são pessoas mais em evidência, os chefes de qualquer Estado e os condutores dos povos, os profetas, os filósofos, que contribuem para as grandes mudanças. É essa pessoa anónima, que se introduz como um vírus no labirinto das relações pautadas pelas leis e pelos costumes, quem decide, quem executa, quem delibera quase só pela escura matéria que é a força do desejo.

Pessoa comum.

Uma vez, estando na praça do peixe, o peixeiro, que era uma pessoa muito viva – e eu sou péssima para contas, fui sempre, o que me inferiorizava mais era dizerem-me que a matemática é a ciência que está mais perto de Deus, e eu sentia-me a uma distância dele que me vexava imenso... – Mas, como ia dizendo, per-

guntei quanto era, ele disse: «É tanto», e eu estava, enfim, a fazer as minhas contas muito lentamente, e ele escreveu numa lousa e perguntou: «Sabe ler?» Mas não o disse por malícia, nem por agressão. Aquilo saiu-lhe naturalmente. Fiquei feliz, ao concluir que não tenho realmente a cara de uma intelectual. Sou uma pessoa tão comum, que até se lhe pode fazer esta pergunta.

Pessoas.

Gosto das pessoas como elas são e dá-me imenso prazer – cada vez mais – ser agradável e gostar de quem não vale grande coisa. De outra forma sentir-me-ia muito só neste mundo.

Piedade.

Uma pessoa dificilmente se civiliza. Dizia em Paris um motorista de táxi, ao recusar-se a transportar uma inválida: «A piedade tem o cu de ouro.» Queria dizer que o coração brando é próprio do que não sofre riscos. Esta é a voz do sangue do homem que, entretanto, mesmo quando ignorante, é um literato da civilização. Sem a piedade, mesmo correndo o perigo de ser defraudada, o mundo é apenas uma região de comércio e de insolência histórica. O que pode reconciliar o poder com o espírito é talvez essa qualidade educadora que parte da piedade. Não a piedade que é posta à prova perante um caso degradante ou triste; mais do que isso – uma piedade constante, que abarque a nudez da vida, com os seus erros e muitas das suas virtudes inatacáveis. Uma piedade que tem relação com a cordialidade desesperada, espécie de insubmissão perfeita.

Plágios.

Parte da originalidade dum escritor depende das fontes dos seus plágios. É preciso dominá-las bem para poder usá-las da maneira mais convincente.

Pobreza.

«Os pobres são suspeitos», disse não sei quem, talvez Pascal. É essa a sua maior infelicidade. Porque há sempre um bocado de pão para

uma fome; um tamanco para um pé dorido, uma cama de palha num pardieiro. Mas para a suspeita que o pobre levanta não há esmola que baste nem justiça que se invente, nem lei que se escreva.

Poder.

Em todos os grandes vencedores e nos que amam o poder encontra-se a seriedade que se explica por uma sobriedade de desejos. A aspiração mata o desejo. E a aspiração é um dos pontos cardeais do poder.

*

Quando eu falo da vontade de poder na mulher, é uma vontade de poder que não tem a vocação da consumação. Uma vontade de poder que é capaz de penetrar a teia de uma sociedade organizada, mas no fundo a mulher não domina porque não quer dominar, porque há uma espécie de vitalismo desmaterializado. E então vem o problema da mística feminina. Eu considero que há uma vocação mística na mulher que, através dos tempos, foi desviada com habilidade pela condição masculina.

Poesia.

A poesia, não acredito que seja esse estado nervoso tão doente e agitado. Alguns poetas parece que lhes arrancam os dentes ou deliraram numa meditação assombrosa com coisas que nos descrevem o amor e a morte, mas não sabemos se se lhes parecem. A poesia, vou dizer-vos o que é: eu tinha uma avó velhíssima, de quase cem anos, que perdera já a memória do presente. Não reconhecia as filhas, que a não deixavam nunca só e a serviam continuamente. Não reconhecia os lugares da casa, a porta chapeada de zinco que abria para o caminho, a outra porta pequena que abria para o quinteiro. Mas, às vezes (eu fixo-me numa ou duas em que assisti a isso), ficava atenta à chuva que caía, e ordenava, levantando a mão tão branca e ociosa, ela que trabalhara tanto a amassar a farinha e carregara tantas abadas de legumes e de feijão, e carregara ao peito os filhos também. Ela disse, olhando pela janela a eira inundada: «Vem ali o teu pai e não tem casaco. Leva-lhe um casaco

para que a chuva o não molhe.» Era uma cena que ela reproduzia fielmente passados mais de quarenta anos, e isso era poesia.

*

A melhor impressão que a poesia nos pode dar é esta: ficar de coração vagabundo, deixando a vareja estalar na janela as asas grossas, e não dar por isso, como um cão surdo.

Poeta.

O que é um poeta, afinal? Uma intacta opressão da alma. A doutrina das confissões, em que repousa toda a moral judia-cristã e toda a civilização europeia, passa à margem do poeta. Ele nada tem a ver, na verdade, com o conteúdo reprimido; não chora porque teme, não suspira porque deseja. Desejo e temor também são para ele túmulos vazios. Acontece que vivem na unidade da sua espécie e suplicam, pelo favor da sua inspiração, não serem divididos pela interpretação analítica. No que devem ser ouvidos. E o silêncio cair no seu regaço até ao fim dos séculos.

*

É um predador. Quando diz rosa quer dizer sangue, e quando diz luar significa a pista do caçador. «Nomear é dominar.» Por isso, as assembleias de fiéis ouvem embevecidas, e, se a poesia produz o efeito duma armadilha, cheia de inúmeros laços, covas, cercos, finos caminhos onde a presa pode avançar, então a glória é certa e a imortalidade está assegurada.

*

Não há como um humorista para ser poeta; delicioso e autêntico poeta. Em geral não gosto daqueles poetas a quem, como dizia Nietzsche, a dor faz cacarejar como as galinhas. Nos autênticos poetas, o humor é prova duma desilusão profunda. Algo que, por ser subtil, não tem nome, nem aspecto. É uma sombra da dor, mas não é dor.

*

Se há alguém que não se interessa pelos poetas, são as mulheres. As paixões que as palavras desencadeiam, isso as mulheres recebem no código que a poesia contém.

Polémica.

Existirá sempre o prazer do macabro, o prazer de cheirar mal. Gostos rasteiros e sem inédito – simplesmente humanos. Eu sigo o meu caminho, de certo modo combativo, mas não destruidor. Os amadores da luta que se recostem de novo nos seus balcões de livraria, nas suas mesas de café. Os que auguram em mim um apóstolado artístico aderente aos seus próprios ideais egoístas – hão-de descreer e votar-me ao silêncio. Não tenho estofo de ídolo para multidões.

*

Desencadear a torpeza duma alma humana, recrear-se com a sua exibição de crueldade e de fúria, mover-lhe as paixões, a chicotadas, servindo o gáudio da multidão, nunca poderá representar heroicidade.

Política cultural.

A cultura nunca poderá ser um factor estratégico de mudança. Se é estratégia, não é cultura. Faz-se apelo à cultura como estratégia de mudança, tentando resolver a condição perturbadora do homem culto, munido de culpabilidade inconsciente, ou simplesmente isento da culpabilidade pelo sofrimento. Isso não é possível. A cultura não se enquadra na totalidade política. Há um grave mal-entendido quanto a isso. A cultura não significa o conforto da neutralidade, a irónica graduação da expectativa, a ginástica do não-compromisso. Significa um enraizamento em si mesmo, que conserva no homem a faculdade de julgar. Não é contrária à acção, mas é condição necessária para que a acção seja serena e útil, e não impaciente e desordenada. Não se trata de racismo espiritual; não se trata da pretensão de existir à parte da história política do mundo. É a intenção absolutamente necessária de ser livre, face aos acontecimentos, qualquer que seja a lógica que os liga. A cultura é o que identifica um povo com a sua finalidade.

Politização.

Politizar sem primeiro instruir provoca a intervenção do mais grosseiro rosto dos desejos humanos. Aparece a cupidez e a insolência, e por aí adiante.

Pomba.

O artista de sucesso começa, em geral, por se fazer querido, mesmo à custa duma certa dose de repugnâncias que inspira. Picasso é um exemplo típico. Ele usa de métodos inteligentes para se fazer adoptar, explora a anedota através dum número de contratos com o poder – que tem diferentes maneiras de se introduzir na sociedade: ou pelo impacto da imaginação, que envolve o doméstico e o casual, ou pelo pronunciamento político. A *Pomba*, de Picasso, tem mais favor no século do que até a «Ave da grande solidão», de Braque. Porque a paz é uma espécie de mandala absolutamente irrecusável; exerce a tirania sintética dos programas de massa e, sobretudo, beneficia das velhas e poderosas identificações cristãs. A *Pomba* do Espírito Santo, a *Pomba* de Noé portadora do ramo de oliveira, está viva no inconsciente colectivo e pode adaptar-se com êxito a outras versões, sociais e telúricas.

Pombal (Marquês de).

O Marquês era um comediante nato, como todos os verdadeiros tiranos. Não deixava de ser igual a toda a gente para ganhar a confiança de quem temia. Porque o Marquês temia tudo o que o podia embaraçar e despromover. Evitava as tentações, não se deixava corromper, e não há maior prova de temor do que esse. O mando é virtuoso e a crueldade costuma ser sensata. [...]

Pombal, não o considero um realista mas um racionalista abstracto, desses que causam mais males do que benefícios num povo para quem a superstição é ainda uma forma de equívoco que escapa ao sentido histórico. A vida dos povos está mais assente nos seus equívocos do que nas suas crenças.

Pombal foi um homem do aparelho maçónico. Ainda que digam que o terramoto foi a sua oportunidade e a caixa de ponto

donde o destino lhe soprou, desfazendo todas as indecisões alimentadas pela calúnia dos seus inimigos, a verdade é que o Marquês foi um agente da autoridade por vocação. A broa de milho de Soure era uma dieta que nunca lhe deve ter sido amarga. Porque os homens de mando gostam de sobriedade. Limitando os prazeres, concedem a si mesmos um festim de vontades. Para homens destes, a glória é precária e sempre ensombrada.

Populismo cultural.

Não neguei educação ao povo. Quem quiser viver sujeito à prática da lenda do tonel das Danaides, que o cultive. Morrerá de exaustão, e o povo organizará uma romaria sobre a sua tumba, escorropichando litradas, e desnalgando-se em saracoteios folclóricos. E fará muito bem. Desça aos povoados, em ronda de repórter. Fale e gesticule, em nome do advento da cultura. A velha avó, que rola nos dedos o terço feito de caroços de azeitona, terá um olhar indiferente. A cultura?! Que nova vigarice de cigano se aproxima? E, com um gesto brusco, atirá a porta. Como é muito velha, esquece logo a aventura. Mas um mendigo, no largo, encontrará, perdido, um maço de cigarros; se ele soubesse que tal achado era o despojo dum panfletário da cultura, aderiria logo à cultura, como ideal populista.

Porque escrevo?

Francamente – porque pensam que eu escrevo? Para incomodar o maior número possível de pessoas, com o máximo de inteligência. Por narcisismo, que é um facto civilizador. Para ganhar a vida e figurar no *Larousse* com o mesmo realismo utópico aplicado a Madame de Pompadour. Que, sendo pequenina e abonecada, ali se apresenta como «*grande, bien-faite*». A fama duma pessoa confunde o juízo, como o amor fabuloso e o erotismo pedante.

Escrevo para desiludir com mérito, que é a maneira de se fazer lembrar com virtude.

Depois disto, quero explicar porque é que os Portugueses resistem a responder a perguntas destas. Representamos um povo mui-

to velho e que não toma o dinamismo profissional como cultura. A pobreza não nos obriga a ser obtusos; nem obedientes aos padrões da sensibilidade pueril.

Escrever é isto: comover para desconvocar a angústia e aligeirar o medo, que é sempre experimentado nos povos como uma infusão de laboratório, cada vez mais sofisticada. Eu penso que o escritor com maior sucesso (não de livraria, mas de integração social profunda) é aquele que protege os homens do medo: por audácia, delírio, fantasia, piedade ou desfiguração. Mas porque se escreve, não se sabe exactamente. Porque a poética precisão dum acto humano não corresponde totalmente à sua evidência. Ama-se a palavra, usa-se a escrita, despertam-se as coisas do silêncio em que foram criadas. Depois de tudo, escrever é um pouco corrigir a fortuna, que é cega, com um júbilo da Natureza, que é precavida.

Porto.

Há no Porto, cidade fluvial, isto é, de ravinas e precipícios porque o rio corre na profundidade dos seus alicerces, há um *décor* ainda medieval; depois há ainda um espírito de trabalho como se nele se equilibrassem as paixões e não tanto pela ferocidade do lucro.

*

Rua das Flores e de Belomonte, decaídas e sonolentas, com seus casões avarandados de ferro verde, deviam chamar organizações de artes, ou mesmo ser estadia reiterada dos snobes. Em Roma há palácios nas ruelas mais fradescas e tristes, e onde se depara com apartamentos murados de pedras seculares, mas por dentro maravilhosos de conforto e de rasgo decorativo. Ali vivem diplomatas e homens de espírito, ou até estrelas de cinema. Não que eu confronte este Porto aborregado de ideias com a monumental morada dos Césares. Mas tem esta cidade uma extrema beleza, um quê de isento e descontente que a põe a par de certas paisagens da mais pura nata europeia.

*

Não sei se está agravada a tendência da cidade para ser sintética; para cuidar do essencial, como é próprio de certas comunidades, experientes, ao longo dos séculos, dos erros e das virtudes que importam à sobrevivência. O Porto não é inimigo da cultura; mas talvez não a suporte como conceito ou exibição. Além do mais, tudo o que lhe parece uma ocupação ambígua, capaz de encarnar impunemente um instrumento de subversão, é motivo de repugnância para as classes estabelecidas de todos os quadrantes. Os clubes literários, as associações culturais, as *lojas* filosóficas, são sempre jardins de especulação política, de confabulação e de polémica. O Porto é extremamente jacobino, mas pode-se dizer que se fixa assim numa esquerda teórica. Não lhe bulam com o seu socialismo de estrato superior, e podem contar com ele. Ora, o movimento das letras é sempre suspeito; colide com o fetichismo dos mercados a todo o momento, pois tende a provar as contradições da sociedade e molestar a concepção do mundo regulada e pouco disposta a invenção. A reflexão crítica, a anatomia da História, não interessa que ultrapassem certos limites. O Príncipe de Maquiavel passou pelo Porto para lhe aconselhar a rudeza como expansão voluntária; um povo que não domina a grosseria inverte o sentido da violência, e torna-se, afinal, dócil.

A cultura é, portanto, desesperante para os governantes; eles preferem proteger a música, para não se consagrarem como beócios. O Porto sempre auxiliou as filarmónicas; o país promove as bandas; o coreto é ainda uma antropologia sem riscos.

*

O Porto tem jardins completamente desconhecidos, suspensos como os da Babilónia, onde se criam aves raras, pombos de leque, alguma arara de cores tropicais, algum gaio azul em gaiola marroquina. Ninguém sabe os jardins que tem o Porto, nem que gente lá anda. Mas para lá das grinaldas de glicínias, que tocam as crinas dos cavalos da Guarda quando eles passam por baixo, há uns recintos esculpidos no esquecimento, onde moram as típicas figuras do Porto – *dandies*, poetas, colecionadores, estudiosos. Uma gente extraordinária, a quem o poder desagrada, que volta a cara quan-

do o poder lhe passa à porta. É isto que me prende ao Porto. Este sentimento de falta de consumo do poder que o Porto manifesta. Enquanto houver gente assim, o mundo será suportável.

*

Estarei a divagar ou a iluminar-me com fracas luzes descoroadas. Mas vi tantas cidades menos poderosas e menos belas, e vi-as atenciosas com o aproveitamento da cultura. É certo que o Porto teve homens de ilustração e que se empenharam em desprender a cidade do seu enfadonho ar de arrabalde e em dar-lhe um carácter menos bisonho. Mas suponho que os seus continuadores lhes herdaram mais as desilusões do que a iniciativa; e quando se afoutam a patrocinar humanidades, dão-lhes um ar oficial que proíbe a intervenção de tudo que não seja formalidade; e nisto se mostram incapazes de auxiliar as artes, à força de lhes querer ser insuspeitos. Ora as artes são, por definição, nebulosas e descompassadas; não se aprovam ou desaprovam – suportam-se com argúcia e não se entram com acordos.

*

No fundo, as leis parecem-lhes sempre avessas aos direitos, e delas tiram proveito, mas não ousam alinhá-las com o preconceito. Este é deveras aqui o primeiro-ministro da verdade.

*

O Porto é ainda um sítio cheio de certa plasticidade que tem algo de sedativo. As pessoas não estão demasiado contagiadas por um estilo de vida nem por um dramatismo cósmico. Interessam-se pelo seu vizinho, com o prazer de participar dos seus problemas, em vez de serem apenas espectadores de causas telescópicas. E neste contar canseiras, opinar razões, mover cuidados, na rua, no café, no transporte público, a balada da cidade soa nas fisionomias e na sombra das palavras. É como se cada pessoa trouxesse, na veemência do seu entendimento, o espinho de uma recordação. Pode não ser mais do que a lembrança duma tarde de vento nas pequenas praias da Luz ou de Lavadores. Ou então aquela parada dos domingos em que paira uma ligeira melancolia libertina. Ou um amigo que se encontrou de surpresa e, de repente, depois de muitos

anos, confessaram-se desilusões até aí recalçadas e secretas e mortas. As conversas dos que se casam e deixam de se ver e se reencontram num passeio da praça entre cauteleiros e música de tômbola e rajadas de asas de pombas. A balada brota dessas duras confidências ditas em voz alta, desenganada e, no entanto, que ainda sonha. Voz que parece dizer, como o poema de Ramón Jiménez, «*hoy para encontrar el amigo, / para olearse en los dos ríos*» – o da recordação e o do esquecimento.

Cidade de encontros, mas prudente no descobrimento dos outros. Cidade acerada de paixão que se contradiz no pequeno júbilo da sua mediania. O carácter dela ainda ninguém o revelou. Possui uma austeridade própria que conduz ao desdém quase guloso da sua exibição; possui uma grandeza própria que é certo silêncio que de súbito vive sobre os acontecimentos que ultrapassam o comentário. A balada desse silêncio é terrível. «De onde és?» – pergunta ao que mistifica. «Não te conheço, nem te quero» – diz ao que confundiu o tempo de luto e o tempo do riso. Pode-se errar, cair, perder; não se pode faltar à tremenda precisão do tempo do amor e do tempo da intransigência.

Eu já vivi num lugar famoso do Porto, cerca da Bandeirinha e do Monte dos Judeus. Nas calçadas batiam os pezinhos daquelas crianças douradas de malícia, como se fossem tocadas das promessas do mundo, que só a vontade dura torna submissas. Havia ainda restos de quintas sobre as pedreiras; há ainda. E nessas casas, edificadas por cima de um antigo cemitério hebreu, casas com cozinha no último andar para as defender dos fogos, velavam não sei que donas de gestos atávicos de observar a barra; e saíam a horas certas aos terraços, o rosto franzido pelo vento, como se palpitassem notícias de naus. Os gatos amarelos, descendentes de persas cambiados por adereços de infanções, corriam os muros num ras-tejar de espias. O Porto velho, nos seus escombros esboroados, nos seus repuxos de verdes atrás das cercas, abria-se ali ao sol lívido. Podia supor-se o trotinar dos galegos carregando liteiras, ou o comadrear das aias às portas dos quintais, meia basquinha dobrada sobre o cinto, a espuma azul do sabão com cinza, salpicando-lhes

a coifa. E Clara Camella, ré de usos ilícitos de sedas e passamanarias, vinha de Baião ao Porto com o seu capotim cor de pombinho, com renda de ouro entretecida de vermelho, da largura de dois dedos de mulher; e mais na saia apestanaada de tafetá amarelo, o que era crime não se tratando de cristã velha nem cidadã nesta cidade. Vinha ao convento de Monchique trazer fornadas de milho painço a uma sobrinha que era noviça que, por grande dotação, chegou a priorisa. Isto me parece, visionando o Porto do largo das Sereias, numa tarde fútil de Primavera. E lá me demoro, olhando os masmarros de pedra que velam não sei que fundação árdua de burguinhões e mouros. Depois subo lentamente a calçada da Bandeirinha. Como um profeta asmático e desprezado como Cassandra, um homem que vai vencendo também o rude caminho invectiva os lugares, a gente que lá vive. E um fio de áspera sinceridade liga-o à história dos tempos e conforta-me da fútil doçura da Primavera.

Portugal.

De repente, cada um de nós vê um território banhado de mar agitado e frio, com manhãs verdes de nevoeiro e com os campos onde os nomes das mais pequenas ervas nos fazem humedecer os olhos.

*

Evidentemente que Portugal é Europa. Mas uma Europa de refugiados, um lugar mantido em independência para servir de exílio a vencidos e enganados. Uma Suíça doutro padrão, onde nada se agita e tudo se murmura. Portugal foi mundo de mercadores, pátria para imigrados, delícia dos tímidos e calamidade para santos e perversos. Para o meio termo é boa casa, e não o digo em tom pejorativo, muito pelo contrário. E Alijó, no tempo das cerejas, tem a medida de Wall Street.

*

Os Portugueses não são pontuais nem respeitadores das praxes. Não têm espírito de corpo, em suma, e aproveitam todas as ocasiões para o demonstrar. Eu creio que Benjamin Constant nunca poderia vislumbrar nos Portugueses algo que se parecesse com

a alquimia da perseguição. Pois a unanimidade não lhes parece necessária nas opiniões; a oposição é vista como uma mania curável. Tudo a inteligência remedeia, e por isso a submissão é absolutamente fora de causa.

*

Quando nomeamos Espanha e Portugal, vemos o palco da História e nós como protagonistas. Isto diminui a nossa iniciativa, ao mesmo tempo que enriquece o nosso sentido de nação.

Eu creio que foi Dostoievski quem disse que para fazer um país é preciso a convicção de que ele, país, é o melhor do mundo; doutro modo, não se passa de constituir apenas um material etnográfico. Nós, Portugueses, sempre desenvolvemos uma vaidade expansiva frente ao orgulho caudaloso e sério do povo da Espanha. Às vezes até somos modestos por fora para melhor gozar o nosso vinculado prazer de superioridade. E quando nos louvam a humildade, não pressentem que ela é mais desdém do que caturra virtude de confessorário.

Posar.

Eu preferia retratar uma maçã que posasse como uma maçã, e não uma pessoa que não quer posar. De resto, não há modelos voluntários, e Cézanne sabia isso. Por isso disse à mulher dele que posasse «como uma maçã», quer dizer, sem deixar despertar a personalidade, inocentemente. Mas é a coisa mais difícil que há, depois de fazer castanhas em calda.

Possessão.

Estou em crer que a inteligência natural não existe mais em quantidade suficiente para que haja um acordo entre o homem e a natureza. [...] Em todo o mundo civilizado se começa a perceber que a natureza se vinga; que é preciso sacrificar-lhe muito da nossa racionalidade. Senão acontece esse fenómeno de mimetismo exacerbado que é o possesso. Um possesso nunca é um facto individual; ele reflecte as condições dum sistema que escandaliza, em que as pessoas se ofendem e escandalizam umas às outras.

Uma cidade, uma região inteira pode estar possessa e tudo parecer normal. Dança-se nas eiras o malhão, dão-se concertos mozartianos ou de *rock*. Mas o gado adocece, os rios adoecem; o vento sopra como um demónio idêntico ao demónio de Tebas. Os que sofrem não entendem de razões naturais. Por isso, no fundo da alma colectiva há sempre a vontade de encontrar o responsável. E por isso é que, salvo em épocas de manifestar uma força exemplar, como quando os sacerdotes budistas se lançam no fogo, os governantes não deveriam andar no meio da multidão.

Possibilidade.

Portugal é, e foi sempre, quer-me parecer, particularmente inclinado ao acatamento das possibilidades, o que contraria o acatamento da lei. A noção de possibilidade não admite o fim da possibilidade. A possibilidade é a sombra da realidade. Isto é o que nos define: a sombra da realidade.

Povo.

Um povo faz-se com muitas lágrimas; elas são a experiência dos seus erros e a espécie de sabedoria que se acumula sem ser nos livros. Um povo não é um poema épico, nem um homem, nem mesmo uma forma de poder. É uma súplica melancólica através dos tempos, e que custa muito esforço; uma súplica digna de respeito porque se dirige, não à internacionalização da vida, não aos planos de exportação e de produção, mas a um imperativo que ponha fim ao egoísmo de todos. Um povo não verte lágrimas pacíficas; elas são sempre revoltadas. É inútil dizer-lhe que pode negociar melhor se se converter em massa humana; um povo tem uma personalidade mítica que é indiferente à natureza das massas.

*

O povo continua abandonado, mais do que era dantes; há cem anos bastava-lhe um senhor que o protegesse, hoje precisa de todo um mecanismo social que o compreenda até na sua úlcera duodenal e na sua inclinação à droga, ao *sex-porno* e à frustração profissional ou familiar. A multidão tornou-se complexa; não lhe

basta o dispensário, os serviços de vacina contra a tuberculose, o grande hospital com câmaras de reanimação, os remédios que actuam sobre a imaginação com a sua literatura quase fraudulenta, envolvente, conselheira numa forma de passividade. O povo sofre agora de muitas mais maneiras: de angústia, de certo conhecimento de solidão, de ser ignorado no seu capricho íntimo que é ser pessoa e alma comum ao mesmo tempo.

Povo Português.

É muito especial, visto que tem conotações com todo o seu passado, com todas as travessias nómadas ou menos nómadas que os outros povos fizeram através de Portugal e que deixaram uma marca profunda. E eu não sei até que ponto esta natureza compassiva do português, profundamente compassiva (mas o compassiva aqui não tem nada que ver com caridade e com este amorzinho do próximo, este auxílio, que diminui sempre o outro; esse estado de compaixão relacionado com caridade é sempre um estado de desigualdade entre duas pessoas; há sempre um que protege e outro que é protegido), no sentido de partilhar o estado de compaixão, será um estado de desgraça ou será um estado de felicidade. Essa é, realmente, a verdadeira natureza do português. Ou o que julgo saber sobre a verdadeira natureza do português. Isso é um carácter, digamos, muito raro hoje em todo o mundo, em que não existe esse estado de compaixão, esse estado de convivência com a paixão dos outros. O que existe é um programa de auxiliar, mais ou menos, bem elaborado, com fracassos e com vitórias, mas tudo mais conduzido pela Razão. No fim de contas, os ideais do Século das Luzes continuam a conduzir o mundo, não só a Europa. Extravasaram para todos esses povos de ideais anglo-saxónicos. No fim de contas, também eles vivem essa atrofia da sua transcendência, a lesão da capacidade de ser que impede que os povos se sintam com direito à terra, digamos...

Póvoa de Varzim.

Não sei por onde começar, mas já começo, dobando as praias de linho. Já não as encontro mais, mas recomendo-as, tal como

são agora, pois têm barbaridades novas que são recordações para quem as conhece e nelas perde as idades fatais da infância.

Mas a Póvoa, cuja história segui no século, desde as conversantes senhoras de Camilo que desciam do Douro em mulas que carregavam tudo, marmelada e almofadas de penas, saiotes de lã e livros de orações; a Póvoa não muda. Nuvens, paradas, exércitos de banhistas descem todos os anos nas suas praças e passeiam à noite na rua dos casinos, e cumprimentam-se, netos doutros que já passaram ali as férias e alugaram casa no largo do Chinês. No Leonardo comia-se marisco; no Cadeco comprava-se o pão de leite; no Gomes, o anel com minas novas. Ah, rua da Junqueira, onde os rendeiros pousavam de diásporas consecutivas, vindos de Leão com rolos de *macramé* e fitilho para debruar! A rua dos livreiros, onde os estudantes tinham conta aberta e mau nome de buliçosos e até ladrões (porque há uma idade para tudo, como Salomão muito bem disse) e onde, ao domingo, se via gente estranha, vestida para sair, de chapéu e meias de seda, e um ar de conflito interno com a sociedade. A Póvoa é eterna. Mais eterna que Roma e do que Monte Carlo.

A Póvoa não muda. A praia cresceu, tem dimensões olímpicas, com prejuízo dos rochedos de bela topografia, onde havia banheiras com estrelas do mar como desenhadas nas paredes. Um dia descobrem-se os rochedos da Póvoa, e é como descobrir Cartago, com as celas das sacerdotisas de Tanit e o pé delas marcado na pedra-sabão ou algo parecido. Um dia liberta-se a Póvoa da sua camada de automóveis e bicicletas, duma cobertura de conchas de mexilhão, de lapas, de ouriços do mar vazios, de búzios ocos, de vieiras partidas, de caramujos e espinhas de peixe-espada; assim como castiçais, floreiras, loucinha de barro, cascas de melancia, a mão do Cego do Maio, em jeito de viseira, e aparece a Póvoa autêntica de há mil anos atrás, com os celtas de olhos azuis tal como os pescadores das Caxinas e, para mais, sargaceiros e místicos, como os que o são, em A-Ver-o-Mar e por aí.

Aparece uma sereia petrificada, a galera em que o ouro de Ofir era transportado, um anel que eu perdi na Vila Miosótis e que só

me servia no dedo mindinho e não sei como caiu e se perdeu. Aparece a praia, com o recorte das ondas fervendo a água salina e bordada de algas; a praia, como já não há, com ossos de albatrozes por todos os lados, e cascos de navios de pau-brasil, e cem mil voltas de ouro puro que estão enterradas até ao fim dos séculos entre o paredão e o velódromo. Quem estiver lá então escreve um grande artigo, de preferência na areia, como devem ser escritos os artigos para veraneantes. E, se quiserem, voltam no foguetão das nove para a galáxia mais próxima, levando da Póvoa a eternidade num lenço húmido de água do mar, se mar houver, tanto como uma lágrima.

Prazer de viver.

Quando Jacob foi para o Egipto, o faraó perguntou-lhe: «Quantos anos tens?» E ele respondeu: «Cento e trinta. Breve e má foi a minha vida e não chego ao tempo de duração dos meus pais.» Isto, a nós, mediterrâneos, deixa-nos estupefactos. Porque não dissimulamos o prazer de viver nem escondemos que muito se deve a azares, se eles nos poupam. Mas é mais profundo sentimento envergonharmo-nos de ser felizes, quando o número dos que choram é maior.

Precocidade.

Não acredito nas grandes determinações da juventude. Aquele rapazinho francês de catorze anos que dava em visitador de altas patentes, para se informar dos negócios do país, parece-me uma aberração. As ambições não se fazem por jogadas, como quem move pedras de xadrez. São interiorizadas e não expressas; e cada idade tem o seu signo e a sua experiência própria. Quem medita aos catorze anos é um pedante; quem brinca aos cinquenta é um devasso. Não me digam que a sisudez de menino quer dizer madurez. Não quer. Aos novos, o coração distraído e o sentimento aprimorado em tudo que é paixão e até desatino. Mais tarde velam pelas coisas graves, se têm disso capacidade e vocação.

Quem se interessa por políticos aos catorze anos inveja o mais dotado lá da turma e sente-se abaixo de merecer boa nota no *basket*.

Eu digo-lhes o que é a marca dos vencedores: uma solidão moderada e moderada procura de prazeres e de louvores. Um jovem prometedora não se preocupa de maneira nenhuma com questões de sociedade; sobretudo não escolhe as quartas-feiras para entrevistar senhores de meia-idade com cargos indecifráveis, como, por exemplo, deputados ou directores de jornais. A menos que tenha ponto de matemática.

Este jovem de que eu falo tem um projecto bem definido: o curso de direito e ciências políticas. No jornalismo inclui as ambições indefiníveis que visam «o mais alto possível». Fico sem saber, no entanto, se essa altitude presume o montanhismo.

Mas continuo a ser céptica e não creio que para se chegar ao topo do mundo seja preciso algo mais do que uma corda resistente e sapatos apropriados. Não é preciso saber a data de nascimento do presidente Theodor Roosevelt. Sou de parecer que para fazer teatro basta conhecer as réplicas e não fazer cair os cenários. Para chegar a ser um grande homem é exactamente a mesma coisa; o que deixa intactos os dias feriados.

Precocidade de experiências.

As crianças viajam desde os seis anos e aprendem a ser vadias, desproporcionadas ao que o mundo lhes pedirá e que é sempre a mesma coisa: invenção e trabalho. Fora disso, serão apenas cidadãos de segunda, com recursos que constam da Constituição e um enorme sentimento de maus tratos que não podem qualificar. Gastam demasiado, ingurgitam-se de comida, dispõem de espectáculos pornográficos que, mesmo assim, ficam muito aquém do circo romano. Basta dizer que o circo era vedado às mulheres, sujeitando-as à pena capital se fossem surpreendidas entre a multidão. O circo romano não era só composto de lutas de gladiadores e combates com feras; incluía cenas de violência sexual tão espantosa que a ralé dos nossos dias não a conseguiria conceber.

Prefácios.

Não é coisa usual eu incluir prefácio nos meus livros. Entendo que eles se recomendam como os peregrinos de Santiago, pelas conchas que têm no chapéu e que simbolizam a viagem no sentido supremo, de descoberta, testemunho e redenção. Cada livro é uma peregrinação; não precisa de passaporte e aviso que o distingua e lhe assegure hospitalidade.

Prêmios literários.

O Nobel só é importante porque se fica rico de um momento para o outro. Mas está muito desacreditado devido a grandes figuras que não o ganharam. O Tolstoi nunca ganhou o Nobel. Só de vez em quando é que se faz justiça.

*

Acho que os prêmios literários são sobretudo para gente nova, que começa, porque os novos são sempre muito desamparados. Isso aconteceu comigo. O primeiro livro que publiquei teve um grande êxito, mas, depois, as contingências da crítica, os atritos que surgem – e comigo surgiram muitos, fiquei imediatamente com um horizonte muito difícil. E nessa altura tive um prêmio literário, o «Delfim Guimarães», que me deu uma certa libertação. Portanto, o prêmio literário para a gente nova é muitíssimo importante. Depois surgem os prêmios de consagração. É mais complicado, porque o prêmio de consagração, se é mediano, não traz ao escritor um grande aval. Depende da categoria do escritor. Se é um escritor que realmente trabalha, e para quem o trabalho, a criação, está acima de tudo, não sofre qualquer influência.

Quando é um prêmio grande, enfim, que é quase uma corrida olímpica – eu considero uma espécie de Olimpíadas o Prêmio Nobel –, nessa altura há como que o embalsamar do escritor, ou porque já é velho, ou porque se deixa envolver nesse prestígio, nessa enorme propaganda que se segue ao prêmio.

Eu conheci um prêmio Nobel que praticamente quase caiu no excesso do abismo da celebridade, e as pessoas até deixaram de o ler. Passaram a citá-lo, mas não o liam mais.

Presépio.

Não é sem razão que os animais aparecem no Presépio, no século XIII, quando a sociedade agrária começa a sair da sua incerteza e a medir a sua aversão pelo perigo. O animal doméstico é posto a par da religiosidade, como indicador do comando da incerteza humana. Os Presépios com a vaca e o burro são apresentados no rito natalício franciscano e significam exactamente a prosperidade ideal, o homem num abrigo de terra batida com os seus animais, escapados à fome e às inundações que assolaram a Europa na primeira metade do século XIV. A festa do Presépio foi instituída por São Francisco, em Greggio, três anos antes da sua morte. Fez preparar uma manjedoura e trazer feno para ela; junto colocou uma vaca e um burro, e disse a Missa sobre a dita manjedoura. Foi um cavaleiro, justo e piedoso, quem contou ter visto uma criança maravilhosa que dormia no presépio. Portanto, a intenção de São Francisco não foi a de celebrar o Nascimento, mas sim a de realizar um pacto sagrado com os factores de segurança para o homem agrário, tão aterrado pelas condições climáticas que assolaram a Europa desde os Pirenéus às estepes russas.

Primeiras damas.

Estão enervadas pela responsabilidade do grande teatro que lhes é pedido. Representam, sentem-se um pouco perdidas diante das imagens culturais que lhes são impostas. Decerto choram um pouco nos intervalos e tomam calmantes, desabafam e decerto queixam-se aos maridos. Estamos longe da época da visita da rainha Vitória a França; longe da sua naturalidade um pouco fora das maneiras de corte, mas que agradava de súbito ao cidadão da rua, como algo de inteiro e sem a mutilação dos seus impulsos, controlados pelo sentido da dignidade. A rainha usava uma bolsa que tinha um cão bordado, prenda duma das filhas. Mostrava-se orgulhosa desse presente, embora as elegantes parisienses o achassem horrível e contrário a todo o bom gosto. Ela era uma mulher que não precisava de se adaptar e na qual as pressões da frustração e da competição não tinham efeito.

Primeiras impressões.

As primeiras impressões não são decisivas. Às vezes são fatais mas não decisivas.

Primrose.

Uma vez, Freud, do fundo da sua amargura que tinha em si algo de terapêutico, escrevia a Arnold Zweig: «É uma loucura acreditar que se deve ser Alemão.»

Levando este pensamento às suas mais importunas consequências, é uma loucura acreditar que se deve ser artista. Não tem nada de novo conduzir-se a gente como artista, nem usar pequenos humores crónicos de originalidade.

O mundo não precisa de originais, mas de criaturas livres para além de todas as possibilidades humanas.

A *Primrose* não é uma rosa; um artista, possivelmente, na sua definição, não é um homem. Um jogo de aparências, de perturbações, de modelos; uma causa de inútil subestimação, ou apenas um resíduo da consciência e da verdade que não me pertence.

A oração do coração dum homem dirige-se para a liberdade; a *Primrose* não é uma rosa – e dura menos. Assim o espírito dos que se experimentam no privilégio e na persuasão da Arte que nada é se não for contemplação e acção, virtude e espectro dela, coragem revestida de humildes silêncios.

É uma loucura pensar que se deve ser artista ou que se deve ser jardineiro. A alma vive no consentimento do seu poder. E a *Primrose* não é uma rosa; é uma medida de Primavera, «demasiado depressa estiolada», como disse Milton.

Processo europeu.

O processo europeu, que vai desde o síndrome infeccioso, até ao estado de choque, tornou-se tão banal que nem inspira um axioma, não alimenta o provérbio popular, não se usa nas cantigas de maldizer.

Professores.

É frequente que um ambiente de franqueza seja confundido com a atmosfera confidencial. Muitos mestres julgam aproveitar melhor da confiança dos seus alunos se se expandem em considerações fáceis a respeito do sexo, do amor, da moral. Isto excita mas não convence. Pode produzir o favoritismo, mas não tem valor pedagógico.

Profissão de escritor.

Recordo-me que quando pretendi figurar como escritora no meu passaporte, um funcionário se recusou a dar-me esse título. «Escritor não é profissão» – disse. Só a intervenção do Governador Civil mudou aquela obstinação em obediência resmungada. Ora, o escritor paga impostos, e sem lhe serem deduzidas à matéria colectável os encargos inerentes à sua actividade, como despesas de representação e viagens, livros, às vezes especialmente caros, despesas de investigação que envolvem consulta de arquivos, fotocópias, traduções, etc. O escritor não é, todavia, um profissional porque se lhe não consente uma entidade neutra, como ao advogado, ao arquitecto, ao artista plástico, ao toureiro, ao mestre de esgrima, ao vedor de águas, ao alveitar e ao castrador de gado. Ser escritor é ainda uma coisa irreal, participando do carácter do narrador, ao mesmo tempo no mundo e fora do mundo. Enquanto em toda a população existe uma espécie de ingenuidade que a faz interrogar-se sobre os seus limites, no escritor essa ingenuidade não existe. Ilusão que resiste à ilusão, o acto de narrar é cada vez mais uma denúncia da inocência impossível, consequência duma consciência que se quer cristalina, mas neutra. Só no momento da narração é que tudo é posto em jogo, moral, cívica e esteticamente, o que retira à função a dinâmica profissional que, essa, está condicionada aos limites do que é geralmente humano.

Convenhamos que escrever, de facto, não é uma profissão. [...] Não vejo assinalado isso no passaporte sem sentir uma espécie vaga de repulsa; como se, em vez duma profissão, fosse um sinal

particular, o facto de ter seis dedos ou um dente de cerval. Então ocorre-me se, na sua tacanhez, o funcionário do Governo Civil não estaria certo; e se o escritor de facto não é um profissional, mas uma situação repetida no neutro, um espaço de extravagância que significa, no fundo, a loucura da justa coerência em que todos convivem e se entendem.

Projecto nacional.

Já foi dito que o sinal que exprime a decadência dum povo é a perda dum projecto nacional. Há muitos anos que Portugal não tinha um projecto; tinha, sim, um carácter herdado e fundado numa série de comportamentos destinados a servir a dignidade visível duma cultura. Mas aquilo que faz a permanência duma nação, o que pressupõe a sua dignidade profunda, estava já reduzido a um folclore.

Promiscuidade.

A adolescente, captada para as constelações do prazer, o que é outra maneira de se ser submissa, lançou-se abertamente no grande estuário da permissividade, porque essa espécie de salto frenético e o esbanjamento da sua coragem vital tranquilizam o medo, que é o carácter de tudo o que se descaracteriza. A promiscuidade é a divagação que o medo permite; o descaro é a fantasia da cólera.

Propaganda.

Tudo é bastante desolador nestas coisas em que a propaganda toma a primeira posição, enquanto que o autêntico discurso dos princípios é mistificado. A honra dos homens não suporta muito ruído. Todavia, ao tumulto responde em geral a ideia. Estas grandes causas onde tudo passa, convicções, represálias, justiça e paixão, servem para que se pratique a reflexão, para além da simples repetição de declarações que já não nos satisfazem nem nos convencem.

Propriedade literária.

O raciocínio de Herculano para definir o que é um livro parece quase indecente, de tal modo se limita à sua fase pública e material. «O que é o livro?» – diz. «Um complexo de frases unidas entre si para representarem uma certa soma de ideias, fixadas no papel para se transmitirem à inteligência e, repetidas certo número de vezes, para aproveitarem a muitos indivíduos; mas para aproveitarem ainda mais ao autor.»

O livro, combinação de forças capitalistas e intelectuais, sem esquecer forças manipuladoras que o compõem e lançam no mercado, só muito precariamente merece o discurso em que se baseia a propriedade literária. Para Herculano, não há obra imaginativa sem obra difusora. Os irmãos Wright planeiam o avião, mas este não voa sem que uma equipa de mecânicos o construa.

Ora um autor pode imprimir um livro e arcar com as despesas da distribuição. Mas o livreiro não pode escrever; isso não é um direito, evidentemente; é um meio de expressão que não inclui partilha e troca. É um valor incontrolável pelas simples leis da permuta. Um livro pode ficar inédito durante uma vida ou um milénio e não deixa de representar propriedade para o seu autor. Ele não se destina a ser impresso, como um quadro, depois de pintado, não se destina a uma galeria de arte, ou a um museu. A obra de criação não é uma operação económica. E nisso é que Alexandre Herculano se engana. É uma operação de esgotamento de uma ilusão que implica o comprometimento das ilusões dos outros. Na realidade não se paga um livro; contribui-se para a existência do autor como se contribui para as obras da Igreja com um óbolo breve e fora de discussão. Tratando-se de fiéis. Mas Herculano é um herege, e não há maneira de entender certas coisas de religião. Como por exemplo: o significado dum livro.

Província.

As cidades não são pátrias. É na província que se encontra o carácter e a mística duma nação, e os grandes escritores deixam-se

amarrar ao espírito das terras nulas e sensatas a que extraem um brilho que a pedra polida da capital não tem.

*

Um estilo de vida tipicamente grande-provinciano tornou-se impensável. O pequeno grupo de família que arrendava as terras e vivia senhorialmente, agora está reduzido à dependência e à semi-pobreza. Os contratos não funcionam, as leis laborais são mal adaptadas às necessidades. Fazer produzir a terra continua a ser um trabalho duro e exige, não só conhecimentos, mas também saúde física e moral. Se não se construírem *robots* de aplicação rural com rapidíssima inspiração e facilidade de entrega, o problema da lavoura não se resolve mais.

O problema da lavoura, «a arte de empobrecer alegremente», lembro-me que era matéria de conversa à mesa, quando eu era criança. Nos serões das férias, a sarabanda dos preços parecia-me coisa sinistra, que atalhava o viço da imaginação.

*

A província, senhores, deixai-me contar: todas as violências do lugar-comum, todas as sevícias do sentimento que se não espelha nos interesses têm aí o seu reinado. Se sois altruísta, magnânimo, desafectado de ambições, pródigo de certas profecias do coração, não demoreis os vossos passos nessas belas vilas tão inofensivas para o forasteiro e tão inquietantes para o que projecta mudança. Na província, o costume é o soberano. Pensai alterá-lo, e tereis arcontes e beleguins, trovadores e donas contra a vossa vida. Proclamai uma inovação, e cozinheiras honestas, magas do bolinho de bacalhau e da lampreia bordalesa, hão-de ministrar-vos uma mistura ervada. A paz da província chama-se prudência. Uma prudência ataviada de simpatias e consentimentos, às vezes uma prudência chamada instinto clerical, botânico, que destila veneno e doçura da mesma planta. Se quereis viver seguro, não useis dos vossos demónios na província, ou o vosso fígado será devorado. Prometeu foi um provinciano demissionário. Podeis ser originais, mas não criadores; podeis morrer de tédio, mas não de amor.

Provincianismo.

Ajuda a viver de uma maneira despreocupada. Até o lado trágico da vida. É o que tem acontecido com os Portugueses, ao longo dos tempos. Eu, como não tenho vocação para provinciana, não o considero especialmente uma das condições mais gloriosas da natureza dos Portugueses. Esperemos que tudo tenha o seu desenvolvimento, com os seus prós e os seus contras. Mas que é uma lei, quase, digamos, fatal, da actualidade, é. Até que ponto vamos ficar profundamente afectados, ainda não sabemos. Pelo menos, esse estado de *dolce vita* que se sente tanto em Portugal, isso vai ser alterado.

*

A província tem melhores condições para dispor duma forte personalidade; para ela, todas as coisas visíveis são sinais de crença que a personalidade move. E quando o seu carácter natural se manifesta, o provinciano, melhor do que o urbano, transcende as aparências e aceita a modernidade.

Próximos.

Nunca retrato uma pessoa próxima, nunca. É melindroso. [...] Acho uma falta de cortesia. Não é pudor, é uma traição às relações humanas. As relações humanas têm as suas portas. Tem que se saber sempre até onde é que se pode ir quando se é vivo. Um romancista está sempre muito independente disso porque diz tudo nos romances. Agora, tratar a realidade como ela é, com os nomes reais e tudo, é muito perigoso.

Prudência.

Ninguém nasce ensinado, ainda que muitos o cuidem. E nisto de política, alguma coisa é faro e tudo o mais conselho. Só que em aconselhar-se vai o sermos cuidadosos. Os danos que causa a opinião de amigos e a lisonja de pequenos, o orgulho de grandes e a fúria de interesseiros são maiores do que o que se pensa.

Se eu tivesse ouvidos a que botar fala, dizia-lhes que se lesse a *Arte da Prudência* de Gracián; e lá encontrava pareceres apropriados às horas ingratas e aos momentos falsos que sobram aos homens e à política.

Psicose depressiva.

A psicose depressiva toca a toda a gente e a todas as comunidades. As reuniões sucedem-se a baixo e a alto nível, o aparelho burocrático das instituições reforça-se. Mas as decisões parecem cada vez mais difíceis de tomar, porque se perde a força da opinião; ela teria que estar assente, não na condição olímpica da chefia, mas sim na preparação dos seus funcionários. Todavia, essa tentação olímpica mais ou menos mitigada pelo cavalheirismo dos poderosos, ameaça reduzir os pequenos Estados à situação de observadores borlistas, uma espécie de personagens que não podem usar da sua autoridade crítica. Isto conduz inevitavelmente à paralisia das comunidades, à miséria da sua actividade prática, sempre atribulada no labirinto do *modus vivendi* com os acontecimentos. É um *impasse* de que sofre todo o conselho da Europa e talvez cada um dos Europeus em relação ao seu trabalho, ao seu círculo afectivo e ao seu compromisso de esperança. Ninguém conduz os factos; eles próprios, através de controvérsias e evoluções que são fruto da impaciência mas não da fé dos povos, desenrolam-se como que à margem das necessidades humanas, dos seus desejos profundos. Borlistas da vida, o espectáculo começa a ser penoso e a mexer com a alma da gente, ou algo assim, porque o Reno é mais do que a água que nele corre; é também os seus turbilhões.

Psiquiatra.

Hoje já se admite que o psiquiatra é um companheiro tão natural como o dentista. Dentro de pouco tempo, vai-se ao psiquiatra como quem vai ao dentista para fazer uma revisão, para fazer um acerto nos desgastes.

Público.

Estranho acontecimento, sempre que tenho que conhecer um público e interrogar-me sobre ele. Porque, de mim, sabem que escrevo livros e que represento conceitos de instrução e de sabedoria; mas dos que me ouvem não sei senão que estão movidos pelo interesse de verificar se vale a pena ajustarem-se à presença do literato, e sobretudo se o literato é mulher.

Público da Arte.

O público é afinal quem, por tentativas, com esforço para o qual não foi organizado, descobre o artista e o consome. Isto leva tempo, porque não se trata da preferência dos críticos nem da mercadoria dos *marchands*. É uma simbiose lenta que se vai efetuando através da maturação das gerações e da fidelidade dos contemporâneos ao seu porta-voz. Há um tratado brâmane que diz: «Qualquer carne que o homem comer neste mundo, come-a também no outro mundo.» A água devora a água, as plantas alimentam-se das plantas, e as pessoas dos seus semelhantes. Assim, o público com os artistas: só deles se sustenta, se encontra neles semelhança. Então comunga a sua palavra e o seu labirinto, o seu itinerário inteiro.

Pudor.

Eu direi que o pudor é um movimento de escusa para que os sentidos não estorvem muito. Há pudor no gênio, cuja obra tem que ter primordial figura; há provocação no talento, que se basta em beber na convivência os seus espaços. Um é tempo de cela, outro de corte; o primeiro tem o carácter terrível do carisma, do juramento, da união somática com a terra e Deus, de que ela é sinal para cancelar os nossos silêncios. O segundo não tem carácter, tem só tendências.

Punks.

Vemos um bando de *punk people*, com os cabelos em crista como os iroqueses, aparecer passivamente como vigilantes dos brandos costumes. Usam pinturas de guerra ou simplesmente copiados dos *ballets* macabros que Michael Jackson reinventa. Ninguém os observa nem se interessa por eles – o que é injusto. No fim de contas a amorável nota do imprevisto merece o amorável triunfo do sensacional e do mítico mais ou menos confortador. Mas não. O *punk people* aparece e desaparece com a sua história medita-bunda, e ninguém lhe lança um olhar atencioso; mais depressa lhe lançavam um dólar com Sua Graciosa Majestade em traje de corte.

Q

Quartos de hotéis.

Eu gostaria de escrever os meus livros em quartos de hotéis de luxo. Este mesmo comecei-o a escrever num desses hotéis, num sétimo andar alcatifado, algo tenebroso como os casinos clandestinos, com luzes abafadas em cores densas, com passos abafados, um súbito deslize dum trinco, um cartaz pendurado no fecho da porta pedindo café e torradas. O doméstico é eliminado, fuzilado às seis da tarde nos corredores quentes e silenciosos. Não pronunciam o nosso nome, a impersonalidade reina no quarto onde gela a água num frigorífico que parece um cofre, tem uma chave, como um cofre. Sobe das avenidas o ruído apagado, quase doce, e que pode ser um comício que passa, ameaçador e delirante. Mas ali, ele parece um murmúrio de velhas num templo. Não há livros à vista, só uma Bíblia bilingue e a lista dos telefones.

R

Razão.

A razão é como a mulher honestíssima e sem parentes, que em tudo está falta de auxílio e de liberdade.

Realidade.

Afinal, não sei o que será melhor: se andar no sobressalto deste mundo, amando a vulgaridade das experiências e acabando com melancólicos pensamentos, ou se, sem nunca perder de vista a realidade, ver nela a extensão do espírito, que em tudo se manifesta, e não só no ideal que foge à evidência e é engenho e arte. É inevitável que aquele que muito inventa e vagueia nas suas invenções, dá com os ossos no cepticismo e termina cansado de ter mentido, ainda que a mentira se chame inspiração. Mas quem acredita no diálogo decorrido no seio da humildade, vendo e contemplando o que é igual em todos os dias da vida, esse não morre nunca, nem é preciso até comemorá-lo.

Rebeldia.

Sendo que a vida humana é dominação organizada, e o princípio da realidade é adaptação a essa mesma dominação – há a rebeldia como actividade nobre.

Recordações.

Os tempos são ligeiros e nós pesados, porque nos sobram recordações. Quem se alimenta delas sofre e descuida as alegrias, mesmo que sejam rápidas e se escondam da nossa razão.

*

Nada se aprende das recordações; são um manjar frio que só os gulosos devoram. Mas, às vezes, desenvolvem, de maneira aparentemente negligente, uma relação profunda com as coisas deste mundo. Distingue-se um gosto que estava desencarnado da sua qualidade; o gosto intelectual do rigor hedonista, um faro para o espectro da nossa vida.

Reflexão.

É um trabalho de parto. Mas as mulheres, que do parto tiram glória e satisfação, do pensamento só tiram mais um encanto a dar-lhes prestígio da sua feminilidade. O prazer da reflexão deriva duma condição que se presume essencialmente masculina, a da interrogação. O homem interroga, a mulher escolhe. Isto estabelece a mútua dependência dos sexos.

Régio, José.

Para falar de José Régio, o momento mais adequado para fino entendedor é o da Semana Santa. Quando se observa que o desafio de Jesus não é um desafio trágico, na medida em que ele constitui um desafio prático, a obra de Régio aparece-nos subitamente esclarecida. Há nos livros de Régio, tanto de poesia como de prosa, um desafio concreto e sem nada de teológico, ao contrário do que se supõe. Trata-se de uma experiência duma acção humana exercida no homem, experiência pedida igualmente ao homem. De facto não há conflito dramático, porque o drama não se passa na esfera teológica; não há separação entre o real e o possível, não há mesmo uma informação que precede o fracasso do projecto, projecto que pode ser a salvação da humanidade; não há mesmo utopia, irrealismo mais ou menos em processo de conversão.

O que há é fascinação. A fascinação da objecção, do percalço, do impedimento feito ao perdão. Um dos mais célebres poemas de Régio assim o demonstra. Ele desmitifica o perdão, porque escolhe a honra da fidelidade humana, escolhe a absoluta liberdade de defender os homens, escolhe um desafio de amor.

Régio é um dos nossos autores pior interpretados. Mesmo os seus discípulos o interpretam mal, porque especulam sobre a pluralidade dos seus meios e dos seus fins, mas não compreendem, na verdade, o homem vitorioso. Esta necessidade de vitória, a fascinação profunda da obra de Régio, está num terror do aniquilamento pelo desafio do amor. Ele é visitado constantemente por um perigo particular: o perigo de perder toda a possibilidade de ceder à cólera e fazer a guerra. Gradualmente era isso o que Régio significava – a impossibilidade de viver uma vida biologicamente possível. Mesmo o problema religioso era parte dessa vida biologicamente possível. Régio não se incluía nesse espaço biológico, estava no seu exterior. Desafio de amor, acontecimento sem nada de subalterno. A sua ironia, por tantos tida como uma graça tímida dum tímido temperamento, na verdade era o único raio de luz sobre um sonho louco que era o de Régio; o sonho duma humanidade sem cronologia, aberta para a história que não precisa de ser imitada, mas feita de novo.

Muitas vezes eu olhava para José Régio, à minha maneira desprotegida e vazia de conceitos, e surpreendia nele uma ambição fabulosa; como se não houvesse linguagem para ele exprimir o que sabia, como se não houvesse sequer mapa do corpo humano que ele conhecia. Nos últimos tempos, teve por mim um sentimento desentendido e urbano, como se eu fosse uma pedra incômoda no seu caminho. De certa maneira ele continha a tragédia nova e perturbadora que é ignorar a psicologia do perdão e mesmo a psicologia em geral. O amor é tão independente dos seus mecanismos, entre os quais o do perdão, que ele não precisa sequer da fé nas pessoas. Talvez eu demonstrasse algo como a fé que pode ser atribuída, e desse modo destruía a vitória de desvincular o homem da fé. Talvez fosse isso. O que é inegável é que José Régio compreendeu o cristianismo duma maneira singular; compreendeu que Cristo compreendeu o facto fascinante de Deus não ser trágico e não ser um fantasma da nossa consciência tragificante. O perdão torna-se absurdo porque o ritual da tragédia se desmorona. A perversidade dos mitos renuncia a perseguir-nos, e entramos numa idade de

oiro em que o amor não tem fórmulas secretas; contenta-se do seu interlocutor humano infinitamente querido pelo Deus que não manobra mais o sacrifício e o terror, um Deus inidentificável com a tragédia.

José Régio dava-me a impressão duma pessoa feliz porque sensata. A sua relação com o divino era uma forma de consciência da identidade que não tem dúvidas a seu próprio respeito. O facto de essa identidade ser pura, isto é, sem dúvidas a respeito de si própria, produziria a desculpabilização e, portanto, um estado de favor e de gratidão, que são as condições do amor mais profundo. Os últimos tempos de Régio, em que pouco o vi, foram passados nesse idílio com a sua própria identidade. Às vezes rodeavam-no os amigos, ligeiramente agitados pela realidade que ele representava. A vida não era para ele já um dom; era alguma coisa que ele admitia ironicamente como algo de necessário porque a reciprocidade da hostilidade, que é a aventura da vida, tinha-o abandonado. Às vezes, creio que rezava. Entrava numa igreja e rezava. Era ainda a maneira de cumprir com um fragmento de matéria orgânica recitar o padre-nosso e tomar isso como uma protecção à luz que está no interior da estrutura acabada do homem.

Eu podia relembrar o Régio em inúmeros quadros da sua vida, como poeta, como professor, como mestre; mas entendi reparar na fisionomia inabordável que ele tinha, como o vazio criador que mais ou menos todos transportamos em nós. A morte dele pareceu-me extremamente consumada, como uma retirada que ele próprio deliberasse; para que chorar não fosse necessário, e só à obra do homem quisesse deixar lugar.

Regresso.

Demasiado longa, demasiado confidencial viagem é esta. Estou cansada de ter olhos e coração, de andar já friamente nas naves das igrejas, de reparar nos ciprestes negros erguidos sobre as colinas. [...]

É de noite quando Portugal, com o vento dos seus planaltos e maninhos, nos oferece a visão duma pátria onde não circula vivalma

sob o céu crivado de estrelas. Deserta e triste, esta terra nocturna onde se ouve o espaçado cantar dos grilos, o resfolegar dos gados que regressam das presas com os focinhos escorrendo água. Se durante esta vasta peregrinação dei alegria a alguém, provoquei um sentimento de aplauso ou um sorriso de satisfação, a verdade é que não houve nenhuma felicidade que eu pudesse achar coisa minha. A arte – com que alívio a deixei no interior dos museus e como me desprendi de toda essa beleza catalogada, guardando a impressão de que libertava o meu coração de mais uma praga! A vida consente-nos afinal pouco da sua farta série de espectáculos e de emoções. E, no fim duma existência que pode ser imensa e prodigiosa, em que o nosso engenho se multiplicou, em que a nossa fortuna cresceu, em que o nosso amor se estendeu por toda a terra, nós ficamos tristes. Era ver os tesouros, admirar as cidades, conhecer as civilizações, o que nós desejávamos? Não, não era. Eu penso que não. Queria, em vez de vaguear pelas capitais embandeiradas, viver num tempo limpo e sem exasperação, em que eu pudesse ler os versos de Neruda sem me ocultar dos que têm o coração alvo demais; ou que pudesse entrar numa igreja sem que me chamessem reaccionária. Porque é que uma rã, de ventre redondo e húmido, canta livremente nos arrozais e não lhe dizem: «Qual é o teu partido, o teu credo, o teu clá?» Eu não quero ser outra coisa senão esse pequeno verde, sem gramática demasiado oficial, sem copiosos sentimentos além das estações, o medo das águias imorredoiras ou das cobras meio adormecidas. Estou em Portugal, as mesetas sombrias e onde cheira a fumo parecem mover-se com o vento duro e triste. Vão-me fazer perguntas, meu Deus, vão-me fazer perguntas! Com o silêncio de pedra, os olhos baixos, vão-me fazer perguntas. Direi que encontrei amigos e coisas belas, que os países são invejáveis com o seu pão delicado, as suas gentes frias, os portos onde vemos sempre um homem esfarrapado voltando as costas ao mar. Se eu trouxesse um frasquinho azul rescendente ainda de velho veneno florentino, então como me receberiam com orgulho! Talvez me convidassem para fazer uma conferência sobre os sabores dos pêssegos da Umbria; e um auditório selecto, entre

o qual brilharia o fatal amigo da arte e o colecionador, o jovem que promete, a repariga ceramista e o poeta compilador de ritmos, haveria de experimentar uma estranha exultação. Excelente momento esse em que a bela sociedade escuta alguma coisa que a lisonjeia porque a nada a intima e a nada a pode converter! O mundo é sublime de tentação, de insignificâncias mercadejáveis, de silêncio ruidoso, atroador. É preciso ter cuidado, fechar os olhos que empalidecem de cólera, selar a boca em que formigam descréditos. E palavras, um campo de palavras que crescem e se escapam como os elos dum verme branco e mole, estilhaçado e impossível de destruir.

Estrelas dum verde irisado e claro tremem nos altos. O vento treme, tremem as sarças sobre as quais as libélulas morreram ao fim do dia. É amargo partir, é amargo voltar. Nesta treva onde se movem ventos silenciosos, eu conheço a terra mais do que nunca estranha e amada, bloco de esquecida falésia, rasto perdido onde, como dedos de sal, aponta um humanismo esperançado, porém triste. Neste planalto onde vêm morrer as vozes dos lugares, das casas fumacentas, das encruzilhadas em que lentamente passam os gados, surpreende-se de súbito uma espécie de idílio desgraçado com o tempo, o mundo, as próprias estrelas esverdeadas. Um idílio patético e interminável, um amar entre zumbidos e barafunda, um estar sozinho no coração de toda a gente. É assim a vida e a morte. Um regresso de parte nenhuma, um encontro com a contradição. Então saúdo a terra escura, o vento escuro, a solidão e o medo. São campos meus, recintos onde se podem procurar trilhos quebrados de que nos desviámos, tentativas penosas, novas lágrimas. Assim eu volto, não de acordo, não afeita à simpatia, não destinada às coisas resolvidas, não quase igual a quem quer que seja, não portadora de boas novas. Se há uma crise, é de incorruptíveis, se há uma decadência, é de criaturas que não convertam a comunicação numa burocracia; se há uma moléstia, é a de fazer da própria paz um sectarismo. Aqui está o primeiro vinho, claro e vermelho, de gotas frias escorrendo no barro. Bebo pelos embaixadores, os que inventam o outro lado do horizonte, os que

seguem incansavelmente, nos jardins de Mecenas, os passos dum tirano distraído. Se quiserdes, bebei também.

Religiões.

Não sei se são as religiões que estão a despertar, se são os povos que as professam que aparecem com algum ascendente. Não se trata da mesma coisa. Em primeiro lugar, trata-se das religiões que ordenam a circuncisão. A circuncisão é um símbolo destinado a proteger o homem contra o fantasma da castração. O que o torna mais justo, digamos, porque mais seguro. São Paulo destituiu o rito da circuncisão para atrair uma grande massa de pagãos; produziu uma religião universal, mas de certo modo «castigada» e aberta ao ressentimento. De resto, diz-se que o século XXI será o século místico, porque volta a necessidade de pôr Deus no seu lugar. Deus humanizou-se demasiado e o ser humano quer um Deus à distância, porque a perfeição tem que estar na distância. Nós não podemos organizar um mundo no paralelo com a perfeição. Temos que ser humanos, que é o que somos. De maneira que não me admiro nada que haja um recrudescer das religiões e dos mitos, inclusivamente. Faz parte de toda uma defesa em que o mundo inteiro está envolvido e tem que estar.

Retrato.

Nos retratos não há êxtase se não há coincidência entre a luz e a matéria. O duplo da pessoa só se encontra no êxtase, e é difícil que o retrato tenha outra coisa senão a máscara genética.

Revolução.

Quando as pessoas recusam demasiado (por exemplo, os modelos tradicionais da moral e do estatuto social) estão, sem o saber, a ceder à sedução da autoridade. Há um momento em que a dialéctica de força e fraqueza; de Estado vulnerável e Estado consumível a que todos vamos buscar uma parte do nosso comportamento, uma parte da nossa crítica – há um momento que é o ponto da superação. Não basta dizer: «Somos diferentes, atingimos um grau

de razão em que as perspectivas históricas estão a mais.» Há uma revolução do quotidiano que nada tem que ver com a política especializada, nem com qualquer espécie de heresia. Quem laboriosamente produz um programa dito pornográfico, está a usar de heresia como se fosse um código revolucionário. Não é. [...] O ódio do poder, o ódio duma civilização vitoriana ou outra qualquer, é ainda uma forma de reconhecer-lhe direitos. Não se empurra pelas escadas abaixo uma imagem e o seu santuário, sem estarmos a declarar-lhes a sua virtude feudal.

Revolução de Abril.

Portugal e o Futuro significou para mim a primeira lancetada no corpo social que ia ser desgarrado entre conselhos de especialistas da subversão que calçavam luvas, e legitimistas da insurreição que calçavam botas. Quanto a revolução, ainda estamos em 15 de Abril de 1974: um proletariado que ameaça, uma burguesia que conspira, ou vice-versa.

*

Está em suspenso o carácter verdadeiro desta Revolução. Ela é reivindicada por grupos e autenticada por pressões exteriores, convertida a ideais civis e militares, transformada em guerra moral e em reabilitação da salvação pública. Mas, na realidade, o que aconteceu? Observadores minuciosos, cuja frieza não é suspeita nem de baixa mentalidade, nem da grosseria de impor a sua razão, nem de hipocondria romântica, não se cansam de reflectir sobre a Revolução de Abril. Um fenómeno com bases pré-políticas, ou um acontecimento isolado, vivido por efeito duma extrema paixão e logo absorvido pelo mundano espírito demagógico e as adorações da civilização; tal como a chamada Gloriosa Revolução Inglesa, esquecido pelo *soberano menor* que é o povo?

Contudo, o delicado problema, que desde o início perturbou até aqueles que com infalível precisão agiram no 25 de Abril, continua por resolver: o que significa a Revolução Portuguesa? Dizer que foi uma opção que alterou o curso da nossa História, não explica nada.

*

Os dois principais aspectos positivos: a euforia, que no povo tem historicamente o papel dum dessensibilizante quanto a toda a espécie de apetites inumanos que a civilização lhe incute; e a medida da tragédia, que foi criando nas pessoas a ideia de que qualquer poder não sobrevive em comum com quaisquer ilusões.

Os negativos são os equívocos e o amadorismo. Quando se trata de observar a realidade, tudo tem a mesma importância – a realidade oculta, a aparente, o seu processo e a sua origem. É a vida duma nação que está em causa, e não só a sua representação em homens ou em ideias.

Revolução de Abril e liberdade.

O 25 de Abril, com todos os benefícios que trouxe, trouxe também uma enorme inibição às pessoas; a própria liberdade trouxe inibições. As pessoas, hoje, progressivamente, vão-se sentindo menos livres. Vão-se sentindo apertadas, numa espécie de colete de ideologia de que elas não podem fugir. A minha atitude, o facto de eu exigir de mim própria ficar só, perante uma atitude que se tinha admitido como a definitiva, quer dizer isso mesmo. Eu apelo para a minha liberdade e a liberdade de todos. De cada um ser aquilo que é, e pensar aquilo que quer pensar, e escolher aquilo que quer escolher. Este momento pareceu-me um momento limite para voltarmos a qualquer outra coisa que não queremos, que é uma forma de viver perfeitamente orientada. Ninguém quer, suponho eu, ser orientado. Ninguém quer o definitivo; o definitivo é totalitário. Evidentemente, temos o condicionamento que a própria sociedade, organizada, implica, mas não esse sentido que é uma escuta de todos os nossos pensamentos, das nossas ideias, que é uma espécie de tirania amável e compreensiva, mas que vai pesando sobre as pessoas.

Revolução de Abril – o dia (recordado dez anos depois).

Tínhamos operários em casa, como hoje temos, e são os mesmos ainda. Acho que abriam uma escada que depois se fechou e

que voltou a abrir-se novamente. Os argumentos do espírito de mudança são as nossas incertezas.

Mas dizia eu: os homens chegaram pela manhã, Ângelo e António, e costumavam trazer o jornal com eles. Tinham ouvido no pequeno transístor a notícia. Mandaram dizer-nos ao quarto que havia uma revolução em Lisboa. Assim, respeitosamente, como quem serve bolachas em vez de pão fresco ao pequeno almoço. As buganvílias estavam a florir como desalmadas e deitavam um perfume como se transmitissem em morse o seu cântico. Eu disse: «Uma revolução é uma revolução. Não acontece todos os dias.» E pus-me a escrever um artigo. Ainda hoje o tenho por publicar. Era tão sensato, essencial e quase um método da divisão das substâncias, que hoje me dá o riso ao lê-lo. Acho que me preocupava muito com as nossas relações com o estrangeiro, como se elas fossem a prova dum corolário que eu não acertava a definir. Se era uma revolução, como um corpo que rápido se move e assim está determinado a mover-se conforme a linha percorrida, então havia que ser breve, tomar posições com aliados, inimigos ou simples objectores de consciência. Mas se fosse um movimento lentamente amadurecido, previsto e controlado, desse modo não se podia determinar a sua direcção. Era imprevisível; a força da determinação e a força do movimento seriam instáveis e impossíveis de acertar rigorosamente. Até porque, em princípio, são coisas diferentes, segundo as leis da física.

A cidade estava em pânico; mas não se notava. Todos pronunciavam palavras acertadas e simples, forçando as palavras a fazer parte da imaginação que se pretendia simples, indolor e acertada. Mas havia dramas obscuros, outros mais visíveis; havia sobretudo um desencadear de palavras que, como se sabe, porque não provêm do entendimento mas só da imaginação, podem produzir grandes erros. Tanto o amor como as revoluções têm essa característica: usam das palavras como se elas concordassem com a inteligência. Eu, como disse, escrevi um artigo cinco minutos depois de saber que tinha havido um golpe militar em Lisboa. Ainda hoje estranho o teor desse artigo. Escrevi: «Tudo é difícil para o governo

dos homens. As pressões das alianças, a prioridade dos interesses de grupo, o orgulho da chefia, são outros tantos condutores da corrupção, mesmo quando parecem ser puros conselheiros.» Entretanto era um tumulto de notícias; o telefone, mudo, tinha um ar hipócrita. «Onde estão as vozes paralelas? Onde estão?» – disse eu. Mas o Sr. Ângelo desligou-o porque precisava de pintar a parede, por trás da papelreira. Ainda hoje não sei se o fez de propósito. Às vezes, aqui em casa, não mando nada. É só adivinharem-me as artes fantasiosas, a insídia meiga, a pequena vertigem da revolução permanente, que todos me contrariam da melhor vontade. Há dez anos já era assim comigo. Não sei se com os outros se passa a mesma coisa.

Revolucionários.

Os maiores revolucionários foram conservadores em coisas de arte, e os maiores artistas foram quietistas em assuntos políticos. Entende-se por isto que no revolucionário há uma nostalgia do consumado, e no artista há um cepticismo da realização.

Revoluções.

As revoluções só se detêm com as guerras. As nações, cada vez mais enredadas nas suas embaraçosas decisões, hão-de por fim querer sair delas através dum risco cego, duma experiência que pareça resumir a verdade conjuntural.

Ricos.

Os ricos têm algo dum deus temível destinado a salvar os seus fiéis por meio do sacrifício dos seus bens. Eles trouxeram a desordem à comunidade pela força mítica que tem a riqueza; por isso acredita-se mais na morte do homem rico, do que na de qualquer outra pessoa.

Rio de Janeiro.

Há cidades assim, como o Rio de Janeiro, e outras que eu não conheço. Desembarcamos nelas, e o seu verde idioma nos invade como água sem agressão nem onda. É um idioma em tempo certo,

que floresce, que se derrama como a bandeira da cana sobre a planície urbana. Os poetas brasileiros não precisam de imagens porque lhes basta o vento à flor do mar, e logo os versos saltam em cardumes. Falando a mesma língua, os povos são como crianças que em tudo vêem aproximação se entendem a mesma fala. Grande fortuna é não ter nuvens na voz. Dizemos pão, e casa e até cas-cavel, e sabermos do que se trata e ficarmos interessados na mesma viagem das palavras. Aonde elas vão, nós vamos; onde param, paramos, como seguindo a estrela solar e aquecendo-nos aos seus raios.

Rios.

Um rio é um valor universal e não apenas um caso de departamentos locais. Pertence à História da humanidade e ao bem-estar dos povos. Daí a necessidade da coordenação da sua vida e da sua qualidade. Deixar os rios a uma deliberação de fronteiras ou ao compadrio das nações vizinhas é ignorar o apelo da salvação e da sua missão, que é embelezar e servir. Se a Europa caminha para um destino comum, de obras e produção de bens entre todos repartidos, os rios não podem estar à parte desse sentimento que é, sobretudo, um direito. O espírito dos rios, um terço de homem, anjo e demónio, está cheio da saudade das montanhas. Daí que a sua aspiração seja secar «os olhos doces cheios de manha e de fraude». Tem de haver um tribunal para os rios, tem de haver uma lei para as correntes do mundo.

Riqueza.

Se o tempo é dinheiro, estamos ricos. Porque estes prazos que nos põem à felicidade do Mercado Comum são rios que correm a nosso favor, entre os quais o Letes, do esquecimento chamado.

Os Portugueses não são gente para acreditar no futuro, e para o viver muito menos. Toda esta longa preparação a um favor faz-nos considerar que ele nos cansa antes de o devermos. Somos demasiado banais para nos recuperarmos das esperanças violentas, as únicas que às vezes aceitamos, sem muita porfia. Estranho país de várias pobreza, que tudo abandonamos menos um jeito de solidão

que vai bem com as desgraças, mais do que com a fortuna. É como se a desgraça nos fizesse melhor companhia; ao menos não lhe pomos ferros nem ela a nós algemas.

Em vez de pedir ajudas a quem não tem tanta segurança que a reparta, melhor era que jogássemos a terra e o mar, e, em vez de propor lucros, levantar problemas. Todas as nações o podem fazer; o génio delas está, afinal, em saber causar preocupações a outros que não os seus nativos.

Risos.

O humor ilude-nos como uma faísca num campo escuro. A verve um tanto imoderada, uma corrupção do sentimento que se faz galhofa, um medo de ganhar nome de suspeita virilidade. Quem não troça é beato ou é eunuco. Rebentam, portanto, os risos, e não se sabe se é para dar ao espaço da nossa intolerância um certo valor de liberdade. É para pensar se as liberdades de que os intolerantes aproveitam os levam a rir muito e a querer que os outros se riam com eles.

Ritmo.

O que é ser estúpido ou inteligente quando se possui a qualidade do ritmo, como um direito que a vida nos confere? O ritmo é mais do que inteligência; é uma confiança cega no impossível, mas continuamente devassada pelas pequenas informações do objectivo, do necessário. A palavra serve o objectivo e, de certa maneira, protege a nossa retirada para os domínios do impossível. Quando convivemos ou amamos; quando fazemos o discurso quotidiano da inteligência ao alcance da mão, o impossível está lá, o absurdo está lá. Entre a obra de arte e a crítica há um abismo, porque a crítica é inteligência, e a obra é, mais ou menos esquivado ou completado, o impossível.

Roma.

No ano de 1670, prega o Padre António Vieira, em Roma, o Sermão de Quarta-Feira de Cinzas. Na Igreja de Santo António

dos Portugueses, ele pronuncia as enigmáticas palavras: «Tudo é pó...» Nenhum lugar como, a Cidade Eterna para sofrer a inspiração de tal dizer, e o grande pregador não era homem para ficar indiferente ao motivo extraordinário que aos olhos se lhe apresenta. Roma impressiona-o como um imenso sepulcro, e ele detém-se a recordar a exclamação de Santo Agostinho que, vindo de África, ali pergunta: «Onde estão os cônsules romanos? Que se fez dos Césares e dos Pompeus? Os Titos, os Trajanos, que é deles?» Tudo é pó, tudo é cinza. Apenas os poucos versos das suas sepulturas ainda duram, e podem ser decifrados ainda no tempo em que o santo bispo de Hipona sobre eles medita; mas quando António Vieira profere o seu sermão, do púlpito da Igreja dos Portugueses, a sua voz deve ressoar numa forma mais angustiada, ao dizer: «Também as pedras morrem...» Belo momento para um orador esse em que as palavras se revestem de sentimento e confiam a tragédia ao coração dos que o ouvem! «Também as pedras morrem!» Aí está Roma, pó levantado e pó desfeito, esboroadada e provinciana, com as suas Termas onde se exibem os artistas líricos, e o seu Palatino onde se paga a entrada para ver uma grandeza despedaçada. O letrado português não poupa a cidade, amortalha-a bem no seu manto de poeira, atribui-lhe o destino de Babilónia, muda-a numa caveira do mundo. É muito rigor, decerto – mas aquilo que se diz à multidão tem que ter o som de mil línguas e a força de mil braços; ninguém murmura um salmo num campo coberto pela turba, mas grita e agiganta a sua verdade para que os espíritos mais turvos e os ouvidos mais distantes a possam entender. Mas agora que a minha linguagem dispensa a sonoridade que é dada a um pregador, encontro-me com Roma e pergunto a mim própria: Que vultos distingo entre as ruínas, que é Roma, a que foi execrada e nomeada como uma águia nas capitais mais soberbas, desde Alexandria a Palmira? A primeira visão, ao passar no Corso, é de alegria do instinto, de simpatia frívola e sobretudo de vida fácil. Nos passeios, onde há flores, onde se improvisam terraços de verão, toda a gente conversa, bebe um copo de sumo de frutas, exhibe-se com ingenuidade. O trânsito é a única coisa

séria em Roma, a única coisa pelo menos que inspira cuidado; é tão desordenado quanto jovial e oportuno, as vitórias puxadas por cavalos pacientes entalam-se entre as filas de automóveis que sobem a Via Nazionale. Em dois dias há familiaridade com Roma; ela parece-nos conhecida há muito tempo, desde a Estação Termini até à via de Caracala, desde a Avenida de Victor Manuel até ao bairro de Sant'Ângelo. É uma cidade pequena, íntima, duma elegância um pouco duvidosa. À noite, na Praça Esedra, sentam-se os romanos na borda da fonte das Náiades e na obscuridade escutam a música que irrompe de sob as arcadas onde uma multidão mais perdulária toma gelados. Estacionam camionetas de passageiros, há um burburinho vivo, um passeio displicente, um encontro com a aventura quase a par duma sinecura. A fonte iluminada suspira, e a claridade azulada do seu véu de água destaca-se na noite sinistra de Roma. Os estabelecimentos têm cortinas de ferro, as vitrinas estão negras e a custo se distinguem os artigos expostos; ao contrário de Milão, tão generosa no seu espectáculo, aberta ao nocturno passeante como um grande cenário onde se exibem as brochuras dos livros e os manequins de longas pestanas de estopa, Roma reserva toda a sua energia eléctrica para os seus monumentos. Foca-os com projectores poderosos, sabe valorizar as suas pedras com uma espécie de arte toda teatral, e não é raro descobrirmos sob a luz duma lâmpada uma sugestão que com o clarão do sol não seríamos capazes de adivinhar; os mais grosseiros tijolos animam-se com esse esplendor lunar, e, nas proximidades do Forum, onde vagueiam rapazes solitários, assistimos à montagem dum novo efeito de luzes que incidem sobre as colunas, revelam o relevo dum arco, ressuscitam os restos do templo de Vespasiano. Julgamos ouvir os gemidos das prisões mamertinas quando um raio de claridade é experimentado sobre elas; o solo, juncado de destroços, é varrido agora por um feixe rápido de prata – parece-nos apanhar ainda a dobra duma toga ou a jónica serenidade duma colunata, ou talvez o perfil delido dum carneiro de sacrifício. Todas as ruínas estão assim pintadas, os vermelhos alicerces dumas termas ou a dança circular das colunas do templo de Vesta, resplandecem

com o pó luminoso vertido sobre eles. De dia, os restos das construções de tijolo que o tempo foi vazando apresentam-se como ossos pardos entre os caminhos de Roma. São deploráveis, e a poeira que sopra das colinas vai abrindo uma lepra cada vez mais funda nos grandes muros do Coliseu, que, aberto aos visitantes mesmo de noite, parece habitado por almas impenitentes que rebuscam na sua arena relíquias de mártires ou as ervas que crescem e secam nas escavações. Uma luz erra nas galerias, agita-se, desaparece, perde-se nos fossos ou nos corredores circulares. Ao longe vê-se o clarão expelido por outro monumento, uma torre está como que incendiada, distingue-se o São Pedro da coluna de Trajano e o pináculo de Santa Maria Maggiore. O ar é parado. A sombra dos pinheiros que coroam as Termas de Caracalla reúne-se ao céu espesso e onde não há estrelas. Um par está sentado junto ao templo de Vesta; beijam-se, enquanto a polícia verifica as causas dum choque entre um automóvel e uma motocicleta – um regato de gasolina corre no asfalto, o apito dum guarda soa avisando os motoristas; uma sebe de adelfas rosa pende sobre o passeio, e o Arco de Constantino permanece, vedado ao trânsito dos veículos, no grave silêncio dos triunfos, a gigantesca espádua recamada de medalhões, com um quê de trivial e de grosseiro, comum a todas as vitórias.

Romances.

Ao longo da minha experiência foi-me dado observar o comportamento das pessoas, e com isso fiz romances. Eles ficam, no entanto, muito aquém do que aconteceu, porque há uma coisa que se chama a timidez da alma, e o que nos é revelado pode ser-nos proibido também.

Romancistas.

Pergunto-me às vezes que espécie de criatura sou. E nesses momentos de certa impiedade encontro forças para falar de mim como se fala das coisas efémeras, com mais fatalismo do que renúncia. O que nos faz romancistas é a profunda certeza do efémero. Mas o que vos faz a vós leitores? Provavelmente a disciplina das

vossas ilusões, que nos atribuem a nós a imaginação e a mentira. Depois de ler um romance sai-se ileso das afinidades que nunca tivemos. Depois de o escrever saímos curados da experiência que nos atribuímos.

Rotina.

A morte é agora apenas a liquidação de todos os precipitados gestos que praticamos. A morte – isso educa-se. Porém, ela parece ser apenas uma estatística mais, e não alguma coisa que inculca no homem o conhecimento de si próprio. Comemos a sopa num campo de chacina e saboreamos a sobremesa em frente duma cena de execução. É impossível não difamar a dor humana ao compasso duma ignóbil rotina.

Rumo.

Um povo já não acredita nas promessas dos governantes, porque perdeu a vontade fanática que o levava a acreditar e a tecer razões para isso. Hoje pretende ser poupado a condições de pauperismo e não se dedica propriamente a uma figura carismática. Não quer dizer que seja indiferente à surpresa que às vezes acontece por efeito duma inflação sentimental, para não dizer uma libertação da energia acumulada pelas privações da imaginação e até do risco. Então produzem-se fenómenos deveras extraordinários, e uma sociedade transforma-se numa equipa em acção, o que pode ser admirável ou perigoso, ou ambas as coisas.

Mas em termos vulgares ninguém opta pelo desconhecido, excepto numa situação de descontrolo moral absoluto, esperando um desfecho em certo sentido curativo e miraculoso.

Rússia.

Um dia eu disse a um russo, que conheci na Itália, que a Rússia era para mim um campo coberto de neve espessa e nele aquelas árvores de tronco manchado de branco a que chama vidoeiros. E os olhos dele encheram-se de lágrimas. A Rússia brotara-lhe do coração inteira, só com lembrar o nome duma árvore conhecida.

S

Sabedoria.

Seduz mais do que a mulher; até porque mais depressa se atinge a sabedoria, do que se encontra uma mulher perfeita.

*

Na sabedoria há qualquer coisa de estéril.

*

Um dos temas mais difíceis de concertar é o que se refere à cultura e sociedade. E, mais ainda, à cultura e suas condições de harmonia e uso com outros povos. Tratando-se aqui do conceito de sabedoria que é possível fazer condizer com outra sabedoria, vem ao caso lembrar as palavras de Antonio Machado: «*No hay más sabiduría que la propia.*» É certo. Além de que a sabedoria está de tal maneira relacionada e confundida até com a pedantaria, que não se pode, ainda nas palavras de Antonio Machado, apedrejar o pedante sem ferir o sábio.

Isto previne as más impressões que resultam dessas escolas de sabedoria tão divulgadas em tudo o que é congressos e encontros culturais; a presunção, o virtuosismo da inteligência, a exibição e a ginástica intelectual estão aí tão evidentes que chegam a derrotar a sabedoria simples, de provada reflexão e insuspeita mística laboral. Qual a utilidade dum programa de aproximação cultural, se o mais das vezes o que se reforça é a imagem do grande hipócrita que é o pensador frente a um público físico que convoca, aplaude, inspira o histrião?

Sabedoria popular.

Um dos maiores bens que um povo pode usufruir é o da razão adquirida. As ideias ocultas no homem justo popular são como

pedras preciosas numa cultura profunda. Elas resultam dum feliz encontro de fé e experiência; mas há tempos em que o irracionalismo intelectual, os pensamentos extravagantes, a insegurança complementar aos factores económicos, levam a melhor sobre essa revelação interior que as pessoas nativas dum antigo lugar têm sobre a verdade. Acontece então que as nações pouco esclarecidas e as pessoas malvadas se introduzem no quotidiano unificado pelos costumes e na filosofia de vida. Os nossos sábios ficam sepultados sob a cinza das opiniões e formas de proceder que nos são impostas de todos os lados. A imagem do mundo, tal como a recebíamos através de exemplos magníficos e factos corajosos, é diminuída e ofuscada. Em breve a nação está invadida por um bando de engenheiros do pensamento que transplantam à nossa mente as suas doutrinas ambíguas.

Sá Carneiro, Francisco.

Foi um líder. Pode-se dizer que foi em Portugal o primeiro governante a compreender, de maneira intuitiva e envolvente, a necessidade de separar a política da filosofia crítica dos partidos; para lhe dar um impulso realista que poderia inspirar uma educação útil.

Salazar.

Não posso deixar de o citar, pois eu vivi toda uma vida nesse regime. Não se pode ignorar nem deixar de citar. Independentemente da sua governação, dos falhanços, dos erros que cometeu, desde a infância, o que predominava em mim, quando essa silhueta se desenhava, não curiosidade (não era uma pessoa que despertasse curiosidade), mas uma interrogação a respeito do que é realmente o poder, e como é que ele era dispensado aos homens. Haveria uma matemática no poder? Como é que determinadas pessoas o atingem e ele se torna o seu quotidiano e o ar em que vivem e que respiram? Essa interrogação sempre se me punha desde a infância. Não era uma fascinação, de maneira nenhuma, era um interesse que me despertava. E não como governante, com

as suas ideias. Era uma pessoa com pouca imaginação, não era fascinante nesse aspecto. Às vezes, até um tirano de grandes proporções pode ser mais fascinador. Não era. Era uma pessoa que se movia muito discretamente no mundo da imaginação.

*

Eu não posso dizer que me era imposta uma maneira de pensar a respeito de um regime político, a respeito de uma determinada personalidade e particularmente da figura de Salazar. Lembro-me ainda que o Salazar, nos anos 30, ainda suscitava grandes dúvidas. Não havia uma adesão à sua orientação política. Havia uma sociedade bem-pensante, que continuava a existir, e bem instalada na vida, que se referia ao Salazar com um grãozinho de desprezo, porque era um provinciano que vinha dar lições para a capital, e não se sabia se ele «servia» ou não. Essa era a imagem que se tinha do governante, que depois foi ampliando todo o seu poder e se foi impondo pela determinação escrupulosa.

*

A figura de Salazar, desaparecida do mundo físico, deixara de inspirar aquela confiança e admiração colectiva que fazem com que um indivíduo possa acumular a força precisa para moldar uma sociedade à sua imagem. Depois da morte, ele retomaria a natureza de simples indivíduo, e as virtudes e defeitos de que era possuído não produziam mais efeitos sociais; porque o espírito da terra não se satisfaz do imaginário.

Santidade.

Na realidade, pouco se sabe sobre os outros. Faz-se um retrato-*robot* para identificação sumária, e tudo se passa de maneira a criarmos um modelo fácil de igualar. «A quem me ireis comparar, de forma a ser imitado?» – diz o Santo. Nós não queremos exemplos demasiado altos para não humilharmos o comum das pessoas. Não é justo sermos perfeitos ou possuir dons superiores; o homem faz ídolos cobertos de ouro e prata, e, se é pobre, procura madeira durável e segura para os fazer. Mas, não aceita facilmente a gran-

deza dos seus semelhantes, e, por isso, ignora mais depressa o coração generoso do que a obra da mão engenhosa.

Santo António.

Se considerarmos os sermões apenas como obra literária, eles parecem-nos uma obra precária, carregada de erudição fastidiosa e de simbolismo desesperante. Mas, como diz o próprio Santo António, «o teu rosto, ó homem, é outro homem». É preciso encontrar nessa face construída, marchetada, encontrar a respiração, o sangue, a força da compaixão. A sua linguagem é mais como o som da trombeta e raramente significa outra coisa a não ser a esperança. O povo ouve-a, não para meditar, não para consumir a busca do próprio coração, mas para alimentar a esperança. Os filósofos procuram verdades, pensam e amadurecem as suas ideias, constroem um sistema; mas as multidões só esperam, e esse é o sentido do seu caminho e é todo o seu encontro. Para elas, Deus é a relação com a esperança. Se vemos nos textos de Santo António só a prosopopeia edificante, ou a redacção do mestre de teologia, ou o preceito do vigilante, não vemos quase nada do seu rosto. É preciso situá-lo na praça paduana, à luz das mil candeias abrigadas com a concha da mão do vento da madrugada; é preciso ver o paralítico no seu estrado de rodas e que levanta para o ar a cara ávida, cheia de dureza estranha, pois a atenção é rude e violento o movimento de quem se quer salvar. É preciso pensar numa terra dividida, num mundo que não compensa já a imaginação das pessoas que tudo usaram e que esperam a ave viva solta no campo. «A ave viva é o espírito» – diz o Santo. Assim se entende a prodigiosa fama desse homem, mas não apenas em parte dele, na cultura, na ascese, na virtude, na prudência; não no livro somente, mas no mundo inteiro de que se revestiu. Não na palavra que deixou aos copistas, mas na incondicional relação com todas as coisas.

Sátira.

A sátira é um desgoverno da verdade, uma espécie de arranque perdulário de opiniões por força radicais. Diferente da calúnia, ela

tem uma luz febril a alumia-la; não anda nas trevas, socorre-se da candeia da decepção, com o seu quê de filosofia apoucada. Nos seus momentos mais cruéis, surpreende-se um tremor – o de a sátira ser sempre um resíduo de má-experiência.

Saúde.

Direi, como disse um médico famoso: «O ser humano que mata-va com uma lança os leões treme hoje com a picada duma mosca.» Isto quer dizer alguma coisa de angustiante, e nós sabemos que a angústia nos mantém em cativeiro. O modo de vida urbano propagou-se à província, o homem levou as suas doenças até ao sertão mais impenetrável, e uma série de maldições pesa sobre a nossa saúde tornada delicada. O sabor do vinho tornou-se venenoso, o sol já não tem o mesmo efeito abrasador e doce na nossa pele; pomos o pé com precaução no solo, desinfectamo-nos antes de dormir e ao acordar.

Sebastião (Dom).

O rei era um precursor desmentido pela obra, que foi de cavalaria e imaginação. E Camões é o seu pintor. Um pintor, como o de *Simplicissimus*, com todos os seus acessórios: cinábrio para as pálpebras; laca para os lábios; amarelo cromo para os dentes; ocre para os cabelos ruivos. Sebastião-*Simplicissimus* parece um deus, capaz de derreter a infinita moirama com um só golpe do seu montante.

Sedentário.

Todo o sedentário é um aristocrata. O motivo por que se diz que todo o camponês húngaro é um nobre está relacionado com a ideia de que a profissão centenária de enraizamento num mesmo lugar produz o sentimento da colectividade de excepção. [...] A imobilidade produz o aristocrata, como o segredo das pedreiras produz o fóssil e, se quiserem, o diamante. Depois da primeira jazida, o aristocrata torna-se extravagante, depois simplesmente incoerente. O sentido prático esfuma-se, surge o encantamento da originali-

dade social, uma espécie de loucura. *Voilà* porque o Porto não é aristocrata. Isso acontece, não como se costuma dizer, porque um belo dia os comerciantes do Porto pediram à Coroa, como privilégio, que os nobres não tivessem morada prolongada dentro das muralhas da cidade. É certo que, por essa razão, não se impregnou de maneiras nem adquiriu uma pronúncia afrancesada, como a do lisboeta. Mas antes disso já o portuense era o contrário dum sedentário; era um emigrante intermitente, como é próprio dos Portugueses. O comércio, a prospecção dos mercados, que o levavam até às paragens mais distantes que Marco Polo foi decifrar com espírito de curiosidade, tinham já feito do portuense um homem das quatro partidas. Viajava, ainda como hoje faz, não para se instruir, para ganhar experiência, para gozar a vida, como o inglês, que é um aristocrata-limite, como todos os insulares.

O Porto não se define pela corrente evolutiva das suas ideias. Foi sempre concreto, equitativo, resistente a inovações. A mudança prejudica o negócio, altera as relações, perturba a letra do copista e faz errar as contas. Visitar o que resta dos antigos salões de escrita das casas de vinhos da Gaia, dá-nos a medida dessa religião titânica que era a contabilidade do grande comércio. Respira-se ali a devoção da exactidão numerária, da soma e da prova real. As escrivaninhas de esteira, monumentais, com um polido de mãos macegradas de caneta e raspador, que as abriam e fechavam pontualmente, estão ainda ali, em todo o seu imponente peso. Se vissemos sair do seu tecto a boca dum canhão ou o dardo dum míssil, não nos fariam mais impressão. Os escritórios das firmas, mais amplos do que salas de baile, deixam perceber ainda a atmosfera do sigilo, enlaçado com a alma secreta da cidade inteira. Ali conhece-se, não o homem, mas a sua escrita, a sua conta bancária, o seu nome de sociedade limitada, aquele cuja herança e propriedade é menos importante do que o seu crédito. O crédito gera legiões de combinações, de cálculos, de entendimentos. O mundo gira na ponta aguçada do crédito, e o dinheiro não é nada. Compra-se, vende-se, trata-se, tudo entre dois apertos de mão, um jantar quase em silêncio em que a palavra mais alta é para cumprimentar o criado

ta que circula em família e ganha pé na tradição local! O próprio Napoleão não escapou a esse sentimento precoce de indignidade que fere a força das paixões. Napoleão dizia: «Dai-me um homem com um bom palmo de nariz»; dizia isto porque o nariz sugere o facto de farejar, de ter o sentido do segredo, a aptidão para descobrir pistas. O segredo atrai o segredo, assim como o abismo atrai o abismo. Enquanto ouvia falar do enigma intolerável que afecta um jovem e o leva a normalizar-se face a outros enigmas circundantes, pensei se a juventude não sofre da falta de segredo. Tudo lhe é revelado, sem que seja possível garantir essa revelação que fica sempre por esclarecer. Afinal ninguém sabe bem o que é o mundo e como surgiu; nem o que é a sida, o cancro e uma simples constipação. Mas todos se comportam como grandes confidentes do segredo em que vivemos e convivemos.

*

Há escândalos de família que tiveram influência sobre nós, no nosso poder criativo. Não podemos contar, porque aquilo é realmente um descalabro, é ofensivo. Hoje as coisas mudaram, mas [isso] causa uma atmosfera de depressão tremenda nas pessoas. O segredo é indispensável numa civilização. Se se anula o segredo, a pessoa não tem defesas.

Semelhança.

Um confronto de homens cuja semelhança os hostiliza entre si. A própria diferença é um alibi da semelhança. Um homem não detesta outro porque é negro ou porque professa diverso credo, mas porque é um homem perante um igual. A semelhança produz a violência; a dissemelhança não existe entre pessoa e pessoa. Não se odeia um animal ou uma floresta; usa-se, abate-se, mas não se odeia. Só o homem contagia o homem na violência.

Senilidade.

Há na gente nova um sentimento adequado à época, à parte todos os outros que se concertam com a natureza de cada um. Hoje, trata-se dum precoce receio da senilidade; todas as institui-

ções parecem um cerco feito à liberdade que se traduz como idade da infância, com a sua coreografia própria, movimento desordenado e silvestre.

Sentido de humor.

Eu, por exemplo, só tenho por amigos aqueles que possuem senso de humor. Não importa serem ricos, pobres, doutos ou ignorantes. Interessa o espírito fantástico, o amor da pirueta, e o espírito diligente e capaz de riso. O riso, essa bênção deixada aos homens quando os anjos selaram as portas do paraíso, é o que me liga seriamente às pessoas.

Sentimento.

Os sentimentos de facto não nascem com o homem; quando muito, a sua aptidão é-lhe atavicamente transmitida. O sentimento é criação do homem e a sua glória mais invejável. As pirâmides, os templos góticos, essas obras da arte e da técnica de que se fala com pasmo e emoção, não são nada perante a capacidade de um jovem converter uma flor ou uma pedra numa ideia terna ou arrebatada. O homem munuiu-se do sentimento para iludir o fracasso. Quando a sociedade se desviriliza, o sentimento sofre um declínio; o sentido-comum do sentimento é uma condição masculina.

*

Os sentimentos são parte da loucura se não suportam o descrédito deles. São parte da precipitação. Quem resiste à rotina do sofrimento alheio senão a rotina do amor materno? Doutro modo, o homem só dispõe de instantâneos favoráveis, mas não de auxílio duradouro. A difamação circula entre esses momentos de favor e ocupa o maior espaço das relações.

Sentimento europeu.

Como acontece com os pensamentos que não são de ninguém, que se desenvolvem numa época simplesmente porque se fazem propriedade comum – e é mais fácil discutir, alimentar, estimular

uma ideia comum, do que pensar –, o «sentimento europeu» não existe: assim como a humanidade não é exactamente nenhuma coisa, o sentimento europeu parece-nos uma dessas fantasias que se divulgaram pela simples força da comunicação mais primária – a das relações. A imprensa, por exemplo, é acima de tudo um meio de relacionar os homens, mas não de os fazer comunicar. É frequente tomarmos o plano das relações, com a sua linguagem morta e que desponta das raízes do entendimento humano e que se apresentam bem pouco firmes na terra, acontece chamarmos a esse diálogo – comunicação. Não o é, no entanto. Os homens falam amplamente, fazem correr rios de razões-fantasmas, e pronunciam coisas como «sentimento europeu». Mas, no meio da sua representação, por vezes fiel, do que é útil e necessário, como não se suspendem um momento e, perante a plateia vazia, não se perturbam mortalmente? Como é possível que, entre quatrocentos milhões de guerreiros, não haja um só que pergunte: «O que é uma guerra?» E assim sucessivamente: que aquele que ensina não se surpreenda e se interrogue acerca do que ensina ele, ou aquele que usa a sua autoridade e a sua ameaça não queira ver o que é de facto a sua voz. O sentimento europeu não é nada; são duas palavras ligadas pelas circunstâncias, e conhecer estas circunstâncias é uma empresa que nos começa a preocupar. Para um emigrante que batalha quotidianamente com a ingratidão, não diremos dos homens, mas da própria atmosfera moral em que tem que permanecer, o sentimento europeu é um desacordo com todos os hábitos que se lhe impõem, e é sobretudo uma valorização apaixonada de tudo aquilo de que se privou – a pátria, os costumes que moldaram uma parte da sua natureza. Para um intelectual que vive na sua época um pouco como no exílio, pois da sua cultura ele fez um *habitat* onde escolheu simpatias dispersas pelos séculos, o sentimento europeu é algo como a exigência dum tempo onde se concentre todo o génio mental e físico do homem. É a Europa um continente suficientemente velho para ter feito surgir dos seus quatro cantos sabedoria e espírito, inteligência e vontade, mas quando se trata de tradição, vejamos que ela só é possível em relação às coisas polí-

ticas, isto é, as que se referem ao governo interior ou exterior das criaturas. Mas o espírito, por exemplo, é coisa de governo? A sabedoria é virtude que se possa ministrar no seu mais alto sentido? Não, porque ambas as coisas são, acima de tudo, individualidade. Quando dizemos «sentimento europeu», ou estamos a querer referir-nos à tradição – e nada mais impróprio de ser julgado como verdade do que a tradição, uma vez que ela é mortal –, ou queremos então falar dos valores que consentimos já como próprios do indivíduo e não duma raça em especial, duma latitude em particular. Porém, adoptemos, para nos aproximarmos da definição do «sentimento europeu», a palavra tradição. O bem, a honra, a piedade, podem até certo ponto estar na categoria de tradição, se, sob o impulso dum exemplo superior, se fizeram matéria de divulgação. Nesse caso, o bem já não é exactamente o bem, mas a instrução do bem – o que não é a mesma coisa, mas que dá origem ao fenómeno da tradição. O «sentimento europeu» não é mais do que pode ser o «sentimento asiático» ou o «sentimento americano», algo a que o indivíduo não é sensível através da virtude, mas a que pode chegar através da instrução dessa virtude; algo enfim que pode servir como política, mas não como pensamento.

Servidão.

Hoje estão em causa, não as paradas, que é tudo em que as multidões são adestradas, ou a guerra, a que se convidam; está em causa toda uma dinâmica nova para criar o *habitat* duma humanidade que atingiu a saturação da servidão, depois de há milénios ter dado o passo da reflexão. As pessoas interrogam-se em tudo quanto vivem. A saturação da servidão não é uma revolta; é um sentimento de desapego imenso quanto aos princípios que amaram, os deuses a que se curvaram, os homens que exaltaram. [...] Mas foi crescendo a saturação da servidão, porque a alma humana cresceu também, tornou-se capaz de ser amada espontaneamente; tudo o que servimos era o intermediário do nosso amor pelo que em absoluto nós somos. Serviram-se valores porque neles se representava a aparência duma qualidade, como a beleza, o saber, a força;

esses valores estão agora saturados, demolidos pela revelação da verdade de que tudo é concedido ao corpo moral da humanidade e não ao seu executor.

Um grande terror sucede à saturação da servidão. Receamos essa motivação nova que é a nossa vontade, a nossa fé sem justificação a não ser estarmos presentes num imenso espaço que não é povoado pela mitologia de coisa alguma. Somos novos na nossa velha aspiração: a liberdade é doce para os que a esperam; quando ela for um facto para toda a gente, damos-lhe outro nome.

Sibila.

Mas o que não foi dito é que a Sibila é uma experiência viva e, portanto, um mito. Ela vive a sua própria experiência, e para isso tem que romper todos os laços, excepto os que a ligam ao seu povo. Não cede à razão, ao tempo privado que significa um amigo ou um amante; que significa mesmo a majestosa e doce sombra paterna. Ela está preparada para a sua experiência, que é uma purificação através do elemento mítico; o laço com a terra.

Sidónio Pais.

A Condessa de Ficalho adoptara Sidónio como quem adopta um poupado à prisão do Temple, seja ou não aristocrata. [...] Comovia-a que ele fosse tão elegante, essa elegância militar que merece um aplauso sem, no entanto, merecer um tratamento de igual. Lembrava-se de o ver entrar no Teatro da Trindade. Alto, simples sem ser displicente, deixava cair o capote nas mãos do ajudante de campo, com uma dignidade senhorial. A condessa de Ficalho [...] quase se entristecia com a figura de Sidónio. «Um príncipe de ilustração! Infelizmente os verdadeiros príncipes não são assim.» Ela reconhecia que as mulheres o perdiam e que ele ia ter uma carreira fulgurante e breve, porque as mulheres amam os que vão morrer.

No entanto, Sidónio estava marcado para morrer, oito dias antes dera-se o primeiro atentado sem resultados dramáticos, quase sem represálias. Ele continuava, com a sua fleuma um pou-

co triste, a exhibir a sua popularidade que sabia ser-lhe fatal. Era um desses românticos cuja vida não tem saída, uma vez esgotada a paixão da aventura. Amavam-no ainda, mas depressa a desilusão ia lambe-lhe as mãos como se fosse um pedido de perdão.

Simplicidade.

As coisas simples são indissolúveis. Não havendo nelas contradição, a tendência é para serem duráveis.

Simulação.

Quando saímos do nosso país, ou dentro dele contactamos com estranhos, reunimos grande quantidade de esforços para parecer diferentes do que somos. Em geral, mais ricos e mais ilustrados, para que o nome de pobres não nos afecte e o sinal da pequena opinião, que é a amnésia da insignificância, nos possa marcar aos olhos dos que nos ignoram ou pouco sabem de nós.

*

Ele cometeu um crime imperdoável ao produzir uma obra que não excita as paixões, não comove as mulheres, não distrai as crianças, não tranquiliza os velhos, não assusta o Governo, não deprava, não corrige, não educa, não exaspera, não critica, não alerta, não ama e não odeia. Nem sequer finge nada disto. Há de que entrar em pânico; pois quando os homens não simulam é porque a sua alma está desempregada.

Sinceridade.

Há pessoas que a observação clínica define como melancólicas, e o que acontece é que são dadas a acessos de sinceridade. Dizem tudo o que lhes vai na alma e causam com isso grandes arrelias e até dissabores profundos. Qualquer analista pode verificar que pouca gente sabe o que lhe acontece ou o que está prestes a fazer. Excepto um escritor, que sabe que vai escrever um livro mais tarde ou mais cedo, os outros não percebem que vão praticar este ou aquele acto: um crime, um perjúrio, ou um acto de coragem. Em geral, as pessoas tomam uma atitude para, com essa medida enér-

gica, ficar dentro dos limites do suportável. A isto chama-se sinceridade.

Sintra.

Paisagem formosa que parece servir de quadro a uma ópera de bons vilões e de corsários desembarcados.

Sistema educativo.

Possivelmente (e digo possivelmente porque não sou perita em estudos pedagógicos, e quando muito resta-me a filosofia alquímica, a sensibilidade curativa) haverá que rever o sistema educativo. Não se tratará tanto de o integrar com os factores sociais e culturais, como de trazer à superfície as necessidades dum novo complexo carácter do indivíduo.

Soberba.

É o mais intelectual dos pecados e aquele que se liga facilmente a todos os outros. Tanto pode ser grosseiro como subtil. Grosseira, a soberba é luciferina; subtil, até Job a consente. Por isso os seus amigos desconfiaram dele, porque muita virtude é soberba oculta.

Sobriedade.

O problema da criação individual comporta uma variedade infinita na escala do entusiasmo. Mas a criação como construção que se destina a objectivar um pensamento comum e a iluminar a inteligência que procede da necessidade, essa criação está estreitamente ligada à sobriedade. «Onde a sobriedade te abandona, aí está o limite do teu entusiasmo», diz, com maravilhosa elegância ática, Hölderlin. O espírito, e o seu poder de estimular o pensamento ao mesmo tempo que impede que ele se extravie julgando ultrapassar-se, é o timoneiro da sensibilidade. Ela representa a melhor medida da reflexão. Por isso a tomamos como o conteúdo espiritual da realidade e a verdadeira intermediária entre a criação e a lógica do conjunto. A lógica do conjunto exige uma rapidez de

compreensão e, ao mesmo tempo, o prazer de abordar a ineficácia duma verdade que está prestes a converter-se num erro.

Sociedade.

O irrazoável é o reino dos impulsos primários sem o controlo da realidade. Mas isto acontece um pouco por toda a parte. A pessoa sente-se tão ameaçada psiquicamente, que surge irremediavelmente a tentação de ser-se um seguidor, alguém que pertence ao grupo por respeito a uma ideia ou a uma lei. O isolamento do grupo social, por meio do descontentamento ou da frustração, ou temor do futuro, desencadeia o impulso violento para quebrar uma interdição, para violar a lei. Quando a obediência é desonra, escolhe-se a desgraça, é mais ou menos o comportamento do homem nobre por carácter hereditário ou edificado num culto ou numa norma. A grande e imparável turbulência marginal, os roubos, os crimes, os subornos, a corrupção em geral, têm por base essa situação ingrata do homem contemporâneo. Deu-se a separação voluntária do grupo, cada indivíduo recusa o movimento afectivo da sociedade, para aceitar a pena do banimento, a extradição e, por consequência, a morte civil ou a morte no sentido amplo e absoluto. Na própria regra económica introduziu-se uma corrupção insidiosa; ela não está mais assente no ideal do eu composto na empatia, ou seja, na benevolência, naquilo que faz contrapeso às experiências da infância, que serão inevitavelmente contrariantes. O homem não recebe educação, recebe apenas estímulos. A economia é um estímulo e não parte da educação com todos os componentes da empatia, todos os discursos da tolerância, da generosidade, todas as práticas da inteligência negocial e lateral. Não se fala em prestar um serviço, mas sim obter um lucro. O cidadão sente-se esmagado entre a razão social e o ideal do eu extremamente reforçado não só pelos fantasmas todo-poderosos da infância, como pelo prolongamento desse estado infantil que a sociedade de prazer lhe promete. O que conduz ao fracasso é a persistência dum ideal pueril, como obter riquezas desmesuradas e capazes de demonstrar uma capacidade irreal para a *felicidade*; isso inclui forçosamente

a delinquência ou, pelo menos, a tomada de medidas radicais quanto à não observância da lei. [...] Apesar do 25 de Abril e os consequentes programas de bem-estar e privilégios a pedir de boca, o certo é que não se altera subitamente o carácter duma sociedade patriarcal tradicional. A prova é o relevo algo irrisório que se dá neste momento a Orwell e às suas predições; no fundo, toda a sua filosofia do «destino ameaçante» só favorece a introspecção do tipo primitivo que conduz às reacções primitivas como a agressão e o despiste da lei ou o egoísmo social em geral. Quando vemos as declarações de capitalistas-modelo que se propõem ajudar a pátria porque se acham ricos, pensamos se atitudes emocionais como essa (o financeiro é um emotivo formado na estrutura familiar típica, continuando-se em direcção aos grandes grupos autoritários) não vão contribuir para a irresponsabilidade mais acentuada do homem da multidão. Porque o cheiro da rédea neutraliza o espírito crítico. O campo social fecha-se, e as empresas audaciosas que podem ser pedidas ao indivíduo comum, a actividade esforçada, em suma, ficam restritas ao ideal estritamente egoísta e fixado nos ressentimentos. Enquanto que o ideal que dinamiza a estrutura social tem que ver com uma realidade global da nação, incluindo pequenos grupos e grandes grupos ligados por uma margem de acção bastante vasta e, em momentos de crise, extraordinariamente reforçada pelo concreto objecto que é a vitória sobre a miséria. Tão importante como salvar o homem do desespero, é evitar que ele caia na confusão. O que parece uma tarefa altamente especializada, em que o coração e o espírito andarão a par.

*

Uma sociedade perversa tende a impor-se como uma doença. Não é mais cínica do que qualquer outra; só que faz da notícia dela própria um diagnóstico. A doença é, como se sabe, um forma de evitar a expressão efectiva da hostilidade com respeito ao objecto amado. A sociedade contemporânea divide-se entre enfermos e agressivos. Começa-se a pôr em causa nos próximos tempos a possibilidade de sobrevivência de muitos povos. Uns vão perecer face ao contágio da civilização que sabem repelir; outros são absor-

vidos devido à sua fraca maturação biológica e a incapacidade para se adaptarem a um desenvolvimento específico. Nem a psicologia nem a economia podem responder aos problemas perturbadores que se levantam no nosso horizonte. Compreender e integrar o passado é louvável – mas fazer dele uma carreira de *marketing* que nos poupe as inibições. As crises não se ultrapassam opondo-lhes argumentos, mas sim convidando-as a abrir as portas dos seus enigmas.

Solidão.

A solidão, quando é vivida na infância em completa disponibilidade, sem constrangimento, como um estado semelhante ao do primeiro homem e da primeira mulher, tem tendência a tornar-se crónica. Nada mais emocionante do que recriar o tempo infantil da solidão. A biblioteca, com a sua luz vermelha, a poeira que dança num cone de luz, o ruído das madeiras que estalam; o singular prazer de ler *Os Miseráveis* ou *A Dama de Monsoreau*, comendo uma maçã ou uma fatia de presunto com pão fresco. O sabor da carne fumada mistura-se ao calor do forno; às vezes até uma brasa apagada cai no dente, como trazida no rescaldo das queimadas. Para mim, o mais belo serão com eruditas sentenças não vale um retiro com algumas iguarias, um pouco de anis com um romance de Stendhal, e um quarto aquecido com alcatifa vermelha. A solidão sem desprezo, escolha pura, hino do indivíduo, justo himeneu com a sua obra, pequeno reino de poesia de pés curtos, que não anda, não voa, não se ilude com a inspiração sequer.

*

As pessoas estão prontas a viver em bom entendimento, mas não querem ser viciadas em agradar. A condição humana assenta num pressuposto equilibrado: a vida agrada a uns e desagrada a outros. Há uma parte da solidão que não podemos compor, e é melhor que assim seja, porque é na solidão que assenta a diferença tão falada. É isso que se receia: que nos proibam a solidão, esse pequeno espinho que afinal nos faz solidários na multidão. Observem um grupo de pessoas que ri da mesma anedota: estão abertas

a esse prazer do momento, mas não se distraem da faculdade de serem sós na sua fundamental forma de orgulho que é serem únicas. A moral consta duma certa dose de cortesia para parecermos bons. «Só Deus é bom.» Se percebermos esta conclusão, percebemos que imitar o bem é tudo o que humanamente nos é permitido.

*

Sem uma onda de gente, passada e presente, não teríamos arte nem verbo. Se somos solitários, à companhia dos outros consagramos a solidão, se somos alegres de fantasias, é para os outros que o somos. Porque não temos vida sem um espelho em que nos vemos. Ninguém tira do nada a sua criação.

Solidão das personagens.

A solidão que me acusam de impor aos meus personagens como uma grilhetta é apenas a sua individualidade biológica, a exclusividade, a reivindicação superior da sua própria luta. Um homem jamais corresponde a outro homem; as suas reacções e conclusões não equivalem à vivência de outra alma, à experiência de outra alma, à experiência de outro eu. O mistério da vida cumpre-se em cada homem de uma forma única. A harmonia depende possivelmente de que deveríamos impor menos as fórmulas de felicidade, que é o bom senso de raros, e aceitar, redimindo-a pela responsabilidade própria, a incoerência de todos.

Solidão do criador.

Os novos são apressados e não olham para quem os precede com talentos que, no fundo, se desejam ultrapassar. Há na juventude uma altivez própria quando existe uma originalidade autêntica e uma força para a impor: isto estraga muitas amizades, desvia muitas relações que podiam ser de grande alcance para o íntimo enriquecimento da pessoa. Acontece-me às vezes reler as cartas de amigos das letras, gente excepcional, de cultura e grandeza excepcionais e que eu, propositadamente ou não, deixei que interrompessem a nossa correspondência. E penso: «Éramos tão próximos e eu não o sabia.» Sinto como que um roubo praticado no meu

próprio património, na minha própria alma. Mas a vida do escritor tem que ser solitária; tem que produzir os seus frutos na solidão, porque não se compadece com a partilha da inteligência e das emoções; isso seria desfalcas os direitos devidos à obra, que, ela só, tem o privilégio da totalidade do nosso ministério sobre a vontade. Assim, vivemos pobres com riquezas que não repartimos. Amor e admiração, louvor e apreço, são outros tantos diamantes por lapidar que guardamos avaramente, para que a obsessão da criação não se disperse e não sofra.

*

Quem fala de poetas solitários? Não os há. Se um operário trabalha oito horas com fios de cabelo dum relógio, e rodas dentadas, e agulhas, ponteiros, mecanismos leves como insectos, não direis que ele é um solitário. Também um poeta, um pintor, trabalham assim, e não são solitários por isso. Só que todo o trabalho precisa de concentração, de reverência, de paz. Não creio que precise de amor. O amor é uma forma de medo, se me entendeis.

Soror Mariana Alcoforado.

As *Cartas duma Religiosa Portuguesa* não são cartas de amor, e muito menos cartas de amor portuguesas. A elegância verbal duma freira de Beja não devia ser trepidante. Podia ter vista de lince para ver Mértola a cinquenta quilómetros do claustro onde se passeava, esperando a beneficente Brites, recadeira dos seus laboriosos pensamentos. Mas não tinha, de certeza, tantos bailes de linguagem, não era tão setecentista na exploração dos sentimentos, tão eloquente na graça do excesso. As *Cartas* mostram um perfeito conhecimento, não tanto da alma feminina, como do seu preconceito; é possível que fossem ditadas pela intenção de agradar a uma mulher de prestígio [...], e o seu estilo, nobre, algo solene no meio do conflito, é do género precioso. Coisa que em Portugal não houve, mas só um neoclássico de gosto menos rendado.

Sucesso.

Penso muitas vezes nos efeitos do sucesso sobre a personalidade. As pessoas célebres admitem, no seu foro íntimo, que a sociedade lhes exigiu provas muito severas; há nelas uma soma de martírio-compensação que a terra ou o céu devem confirmar. Um erro cometido pelo comum da gente e pela pessoa tocada pela celebridade não tem o mesmo significado: um procede para satisfazer um desejo, por abandono das suas faculdades de resistência e de disciplina; outro, é por orgulho que comete uma falta e até consuma um crime. A celebridade desencadeia uma série de efeitos no orgulho, na verdade tão nefastos como a simples delinquência do vulgar cidadão. Mas o orgulho, uma vez convertido em ilusão dum mérito, quase sempre tardiamente reconhecido, é capaz de grandes desacatos, pelo menos ao nível do sentimento. Nesse aspecto Vieira da Silva parece-me mais ilesa que eu própria poderei estar. Ela conserva, em relação aos artistas, uma solicitude inalterável. Solicitude feita de meditações profundas sobre a arte, o público, as pessoas. Sabe que há artistas de génio que são reconhecidos como tal, e outros não; sabe que há artistas sem génio que são famosos, e os que, finalmente, sem génio algum que ficam no anonimato.

Sucesso económico.

Portugal, em cuja costa não há petróleo, nem tubarões, só algumas tágides conselheiras de poetas pobres, aparece como o paraíso dos micro-organismos e doutros.

De facto, entre as suas misérias não se contam as dos países ricos. O subdesenvolvimento tem destas compensações: um ritmo ligeiro sem pressões da alta técnica e sem *geysers* em acção. As grandes catástrofes foram Alcácer-Quibir e o terramoto de 1755, e a terceira virá se descobirmos petróleo nas veias transmontanas ou nos lagosteiros da Póvoa. Era o fim. Sobrevive-se aos Filipes e ao Marquês de Pombal; à expulsão dos judeus e dos jesuítas, que é maneira policial de depreciar conflitos. Mas não sobrevivemos a um sucesso económico. Depois da descoberta da Índia, a descoberta do petróleo arruinava-nos definitivamente.

Superioridade.

O privilégio de se ser uma vítima do nosso sentimento de superioridade, é difícil de suportar. Assusta muita gente, parece uma heresia em tempos como os nossos. E, no entanto, é fundamental, para que uma obra seja feita.

Suspeita.

A suspeita é o tecido da maldade que envolve a hipocrisia humana; e até envolve a santidade quando ela parece pura de toda a mancha e pecado. O pecado original é a suspeita e não a desobediência. Deus só a pode retirar do coração humano submetendo-o à prova do insólito que é o amor além do amor, a perfeição absoluta.

T

Talento.

Há um fundo sentimento de seriedade em deixar o público dispensado da minha presença. A ideia que se comunica emancipa o espírito; mas há alguma coisa de pernicioso na identificação física daquele que inspira o debate e produziu a obra em questão. O talento é um meio admirável de reconciliação, como se disse já. O talento divulgado por outro talento é que vai acordar na alma comum outros graus de inventiva e de formulações novas. Mas se ele ficar dependente da atmosfera criada pela pessoa em causa, não é criador, é apenas autoritário ou é viciado pela curiosidade.

Tecnocracia.

Dissipação colectiva e social, a nível muitas vezes gigantesco e que se propaga de inúmeras maneiras: desde a febre modernizadora de mobiliário e figurino técnico, até ao empreendimento de obras inúteis, quase sempre registadas como obras artísticas. Um país de clima moderado como o nosso começa a julgar-se humilhado se não possui aquecimento central e climatização. A experiência pessoal da realidade está em causa porque o primitivismo das aspirações impede que o homem crie o encontro da pessoa com o seu próprio mistério. Todas as religiões tinham em si um conteúdo grosseiro que era o de pôr a divindade à disposição do indivíduo ou da colectividade. Há hoje uma forma de religião nesta tendência pré-lógica e primitiva, de pôr o culto da técnica acima da moral social. Por outras palavras: o selvagem actualiza-se, mas não se emenda.

*

Não se pode imaginar uma senhora Thatcher em Portugal: aquele carácter persistente de quem contempla o país como um bom assado que é preciso vigiar como um imperativo da vida quotidiana, não existe nos Portugueses. Não somos assíduos no termóstato, a margem de erro é-nos bastante indiferente. O sequestro do pensamento, que existe em toda a convicção firme, aborrece-nos de morte. Digam o que disserem, a era dos tecnocratas vai passar quase despercebida; preferimos, qualquer que seja o grau de cultura, a linguagem liberta em que se constrói o dia-a-dia.

Tecnologia.

Quando a tecnologia se torna o ideal comum duma civilização, é diferente o modo como ela é recebida. No Japão, a tecnologia não afecta a teia hierárquica, e até a reforça; nos países sul-americanos, ela passa ao lado de duas figuras representativas, uma Liberdade alegórica e um Trabalho unicamente atribuído às ditas classes laboriosas. Mas a tecnologia fica a mesma: uma soma de direitos capazes de destruir o espaço público e capazes de conter um plano de acção deveras criador de laços sociais novos.

Tédio.

Na infância é um estado de espírito que se confunde com as mudanças de humor e que, de qualquer modo, é identificável. O jovem indolente, moroso, irritável, agressivo ou apático, resiste ou obedece às recomendações afectuosas. Mas mais tarde o tédio pode tomar o aspecto da melhor das distrações. O jovem lê, dedica-se à música ou ao desporto, e isso não constitui senão variantes do aborrecimento. Na verdade, o seu potencial criador está paralisado, e a fé cívica, e intelectual, e moral, não existe.

Televisão.

O homem nasceu fera, e a beleza dele traduzia-se nessa força harmoniosa, nessa proporção conseguida. Nós estremecemos e indignamo-nos com os espectáculos de violência, sangrentos, atrozes, obscenos, continuamente oferecidos pelas cadeias de televisão.

À parte o seu efeito devastador (porque implicam a renúncia da nossa vontade nobre e de nos expandirmos no sentido duma nobre criação), esses espectáculos trazem com eles uma mensagem: falam da fera que foi banida, da vida imperiosa do instinto, da descida aos infernos com serenidade. É uma mensagem do homem livre contra o cortesão e o suplicante.

*

Eu quero frisar aqui os inconvenientes da exploração da razão em termos de *mass-media*. No fim de contas, há o fenómeno da mente humana que é tão preciosa como a integridade física. É preciso prever as consequências do emolduramento das imagens sobre o inconsciente pessoal e colectivo. Longe de se criar uma ideia de decisão da vontade disposta a dar ao conjunto da vida individual a forma de unidade numa vida universalmente auto-responsável, acontece uma coisa muito diferente. Em vez de o ego verdadeiro, possuído duma razão inata, se realizar, em correlação com as comunidades sob todas as formas de interesse, tanto de luta como de equilíbrio, aparece um infalível princípio: a Razão não admite nenhuma divisão em razão «prática», «teórica», «estética» e assim por diante. Quer dizer que o público, perante cenas perturbadoras da Razão total que é um «querer-ser-racional» na infinita capacidade de vida, opta pela filosofia caseira. E a filosofia, a caseira, como dizia um camponês, é a gente não importar-se com nada.

Tempo.

Não sei se alguma vez escrevi para me opor ao tempo. Não sei se o tenho como adversário e o que ele significa. A importância que nós damos ao tempo está radicada nas nossas tendências destrutivas. Quanto mais a expansão duma vida é reprimida, parece que o grau da sua tendência aumenta. A noção de tempo aumenta com a decomposição duma força que, inicialmente, não se dirigia à destruição mas à expansão da própria vida. Quanto mais plenamente se realiza uma vida, a função destrutiva do tempo tem menos efeito em nós. A educação das novas gerações tem que levar em

conta uma cultura moderna em que o tempo seja um factor de liberdade e não de constrangimento.

Tempos.

Porque se diz na Bíblia «um tempo e outro tempo»? Porque havia de falar assim um profeta louco de piedade e de indignação? Porque um tempo é o que se vive, outro é o que se não domina já, nem com o braço nem com o pensamento. Outro tempo é a morte.

Tempos livres.

Entre trabalho e tempos livres criou-se uma separação monstruosa. Dum lado, o estrangulamento da espontaneidade, a amortização da dívida social pelo sacrifício da honra do «bom selvagem». E, do outro lado, o fracasso do prazer pelo *stock* de liberdade incapaz de rendimento.

Terra.

Ó terra que nunca se descobre aos nossos pensamentos, para que eles não cheguem a traduzi-la como coisa a que pomos preço. Lembro-me de tudo e em tudo há uma oculta perseverança que há-de fazer a posteridade de todos nós.

Já as rãs dormem nas presas e o vento desenha nelas um frizado de água. O Inverno sopra na imperceptível agonia da tarde que eternamente há-de ressuscitar. Assim o desejamos, porque a eternidade de tudo nos toca um pouco, criaturas mortais.

*

«Voltarão as escuras andorinhas no antigo ninho a criar.» Voam rasas, ao cair da noite, e os sólidos abrigos resistem ao tempo como uma concha de barro que as tempestades não conseguiram destruir.

Lugares que me foram queridos voltam a abrir-me os braços. O mar, os pinhais, o silêncio de Inverno com o vento a dobrar os ramos dos tamarindos.

Tipo social.

Cada sociedade tem um tipo determinado que a define e que se representa no comum do indivíduo; só uma minoria recebe a influência desse tipo humano que encarna um conjunto de caracteres físicos e morais susceptíveis de prejudicar o conceito de originalidade que o homem cultivado tem de si próprio. O tipo geral duma sociedade varia muito lentamente. Por isso um povo não pode ser dirigido senão por quem corresponda a essa determinada constância caracterial que facilmente se comunica às massas. É improvável que o intelectual e o esteta, infectados da sua própria excepção – a qual funciona como uma fraude imposta ao tipo geral do indivíduo –, possam incentivar a actividade dum povo. Limita-se a contagiá-lo perversamente e a induzi-lo a um desespero cada vez mais insuportável.

Trabalho.

O trabalho não é uma vocação, é uma inspiração. Para manter essa inspiração é preciso um espaço de criação, não só para o artista profissional como para o indivíduo em geral. O desemprego não é só resultante duma asfixia socioeconómica; é sobretudo a asfixia dum espaço de criação a que os jovens respondem com a passividade, a resistência, a agressão.

*

A filosofia religiosa do trabalho. Parece belo e quase blasfemo nos tempos que vivemos. Porque, lentamente, uma parte do nosso ser regressou ao paraíso mítico onde não havia senão concórdia e onde a inteligência não fazia falta. Foi ela quem fez os lobos ladrões e fez infiel o mar; e quem deu o veneno à serpente. Secou as fontes donde brotava o vinho, espalhou a palavra como um grande jorro de fogo; foi ela, sim, que treinou os cães para guardarem os campos e ameaçarem quem se aproximasse das terras demarcadas. Essa inteligência vil, de que não sabemos já desculpar-nos e que cresce dando corpo às técnicas, tirando a alma às veias da terra.

*

Quando se dá a crise do trabalho é porque a difamação atingiu o coração da sociedade. A crise económica, a crise do espírito, derivam da crise do trabalho. É certo que ele se vai tornando insustentável, que já não se admira o operário e o cavador com a mesma sensibilidade, porque eles foram dispensados em grande parte pelas condições tecnológicas. Em grande parte dispensam-se as massas, e elas, em consequência, são o poder.

Transparência.

Hoje tudo se pretende esclarecer, tudo tem de ser divulgado. Mas a extrema claridade apaga o contorno das coisas e torna-as indecifráveis. As palavras de São Paulo devem ser constantemente entregues à memória dos séculos. São elas: «Tudo é lícito mas nem tudo convém.» Tanto os livros como os nossos passos na vida têm que resguardar-se por detrás desta sentença que tanto oprime como liberta.

Tristão e Isolda.

Morreram porque o coração deles se partiu. Partiu-se como um cristal; não era um músculo, era um vaso sagrado, aquele que chamam o Santo Graal. Quando a fibra mais íntima do Santo Graal é tocada, ele parte-se em mil pedaços.

Turismo de Verão.

Todos correm na direcção das praias, como corsários pobres, ao pilha dos mares; todos se debruçam no litoral em risco de produzirem um aluimento com as pegadas, as cadeiras e os toldos, que isto de ser banhista é uma pachorra mobiliária e um parto de mamarrachos.

A política do turismo já nasceu tolhida, febril, com esclerose antecipada. Depois inventaram-se-lhe uns emplastos de tintura internacional, transferidos de Acapulco, com diabruras hoteleiras por toda a parte. Portugal ficou desfigurado com um arraial de piscinas e discotecas mal amanhadas que deixaram atónitos os veraneantes, ainda que submissos. Na verdade, eles sabem que

não têm defensor nem amparo. Pagam caro e vivem como desgraçados durante essas magras férias de praia; bronzeados como párias à beira do Ganges, recolhem a desconsolada ideia de que armazenam calorias para o Inverno e que se destacam da rudimentar incerteza humana. Fazer férias em turismo de promoção tornou-se um ideal pequeno-burgês, um facto de importância e de auto-estima. No entanto, depois dos quarenta anos, na idade de maior rendimento para a empresa turística, as pessoas aborrecem-se de morte ao sair de casa. Despedem-se dos amigos com tremuras na voz, abandonam o gato, esquecem-se na varanda das peúgas a secar, suspiram pelo colchão de molas e o azeite de Freixo e a laranja do Douro. Em suma, são infelizes, como eu sou, nessas praias forradas de desconhecidos, seminus, caídos na areia em posturas aterradoras, como os náufragos de Sepúlveda. Às vezes falta a água, o leite azeda e, no supermercado, em horas mortas de espera à frente da caixa registadora, faz-se amizade com uma telefonista do Ministério do Plano, que foi vizinha dos Marqueses de Fronteira e lhes conhece os hábitos. Falo do Algarve, é evidente. Porque, no Norte, as coisas são diferentes. Mas não compensa sair de casa para ir à praia, costume um pouco desconcertante se o compararmos com a verdadeira estação calmosa, com refrescos e boa mesa, e a persiana a meio correr. Em Coimbra, regava-se o soalho; na Régua, bebia-se água de mina; em Amarante, faziam-se versos. Isto sim, eram férias.

U

Urbano (homem).

As sociedades urbanas estão menos defendidas do momento presente do que as sociedades rurais. Por isso parecem tão empenhadas na crítica dos mais ínfimos casos, como se vê pelos jornais. Não há uma realidade interior, como no mundo rural que ainda conhece a aliança com os sonhos e os espíritos dos mortos, por exemplo. O homem urbano serve-se de outras medidas para escapar ao seu estado de obsessão em que, em geral, sucumbe. Interpreta como meio de salvação ideologias político-sociais e até um calor jornalístico de tudo informar, que equivale a um primitivismo nada inferior às epidemias psíquicas doutras eras.

V

Vacas.

Há ainda, na paisagem rural do Alto-Minho, a partilha do espaço vital com os animais. Sobretudo a vaca situa-se ao nível do sagrado elementar, e as mulheres, que vivem numa economia tarefaira, identificam a vaca à sua própria condição laboriosa e reprodutora. Falam-lhes com modo meigo e conversador; às vezes conservam-nas até morrerem, no seu aido, dando-lhes na mão o penso cortado.

Eu conheci gente para quem comer carne de vaca era quase escandaloso, tão doméstica era, tão fiel à casa e à sua ideologia do corpo, à nutrição e ao trabalho. De certo modo ela pertence ao bestiário da Idade Média que os artistas pintavam conforme as narrativas fabulosas; a sua realidade não está em causa, o que interessa é até ignorá-la, é a ciência não-oficial que emana das coisas e dos seres.

Vaidade.

Mas o que são os vaidosos senão os que temem a sua nudez? Os que evitam o retrato da alma para não lhe descobrir tormento e debilidade?

*

Os Portugueses são profundamente vaidosos. Quando me dizem que eu sou muito vaidosa, eu, nisso, sinto-me muito portuguesa. Quando, por exemplo, os Franceses me dizem, com uma linguagem muito catedrática, «eu conheço muito bem os Portugueses através de toda essa onda de emigração, eles são muito humildes e dizem que o lugar onde gostariam de morrer seria em França»,

eu digo «tenha cuidado, o português mente sempre. É como o japonês, mente sempre.» Porque tem receio de mostrar o seu complexo de superioridade. Ele acha que é imprudente e que é até disparatado, mas que faz parte da sua natureza. Portanto, apresenta uma espécie de capa e de fisionomia de humildade, modéstia, submissão. Mas não é nada disso, é justamente o contrário. Houve épocas da nossa História em que a sua verdadeira natureza pôde expandir-se sem cair no ridículo, mas há outras em que não. E então, para se defender desse ridículo, o português parece essa pessoa modesta, cordata, que não levanta demasiados problemas, seja aos regimes seja na sua vida particular.

Van Gogh, Vincent.

Porque escreveu tanto Van Gogh? Em primeiro lugar, ele era um escritor. Gosta de contar tudo o que lhe acontece e descrever as cores da sua paleta que é a casa, as pessoas e a cidade. Os seus girassóis são humanos, as suas botas têm um desgaste dum uso banal; falam de hábitos, de encontros, de caminhadas. É um pintor realista. A realidade é-lhe tão indispensável como os números para um matemático.

Van Gogh não é um extravagante. A sua fama fez-se em parte à custa desse retrato dum louco que se construiu lentamente mas com uma segurança assustadora. Entre um homem de convicções e um louco, a linha divisória é difícil de distinguir.

Para Van Gogh a realidade decorre das inexactidões e das anomalias necessárias para atingirem a realidade. Portanto, uma soma de mentiras garante a acção brutal do espírito humano para alcançar a verdade.

Isto não tem nada de louco. Pelo contrário: é dum raciocínio frio e científico. «Eu ficaria desesperado se as minhas figuras fossem boas...» Quando pinta camponeses, Vicente é um deles e não pensa ser outra coisa. Come batatas como eles, e o prazer que sente é o dum camponês a comer batatas, alimentando-se e não a procurar escusas para não estar a comer faisão. Um camponês é feito

desses tons pardacentos, dessa grosseria sólida, sem nada de pedante, de desejos heróicos, de mistérios e transfigurações.

Vate.

Nunca Portugal teve o merecido cantor. Os poetas nascem cegos dos encantos da terra; tudo o que os inspira são transfigurações das coisas que abandonam, de paisagens que os devoram e que se sustentam do seu sangue.

*

Em tempos, o poeta entrava ao serviço da aristocracia porque, não produzindo o seu próprio sustento, tinha que viver dessa protecção e dessa condescendência; o filósofo e o prosador estimulavam o princípio da classe média, que é a liberdade de pensamento e da acção. Os Alcácer-Quibires deixavam os poetas na indigência e os letrados na oposição. Agora os príncipes já não alimentam as musas; juntam-se à classe média no espírito de protesto e usam o tom prosaico.

Velha Política.

As discussões, as intrigas sempre renovadas, as falsas relações da população com os governantes, que se promove com a decomposição da opinião, é o que se chama a *Velha Política*. As questões sociais opõem-se às questões políticas e são muito menos consideradas, uma vez que se referem à economia da sociedade, à liberdade positiva, à inteligência e às virtudes públicas. Em vez disso, dá-se prioridade absoluta às questões políticas, à natureza, forma e composição do Poder, seus actos quotidianos mesmo os mais susceptíveis de serem ridicularizados. A *Velha Política* tem a vida dura e não morre dum só suspiro. Esperamos que se torne demasiado fastidioso acompanhar a miúda farsa da verdade pública, uma vez que soubermos que a nossa imaginação não alcança sequer a verdade incógnita e perante a qual se calam as vozes assalariadas. O risco fácil é declarar tudo que não implica com a imprudência.

Veneza.

Apesar da fluidez da arquitectura, da distinção da Piazzetta onde poisam as pombas procurando na mão de todo o forasteiro os grãos de ervilha que ali mesmo se vendem em cartuchos de papel, Veneza mantém uma vaga grosseria, e o espírito não pode ser contado entre os seus predicados. Muitos homens de talento a amaram e lhe dedicaram páginas imortais; mas Veneza, com os seus crimes, as suas glórias, a pálida face das sequestradas duquesas, os seus delitos de amor e de liberdade, os brocados dos doges arrastando no vermelho pavimento da Praça de São Marcos, é apenas uma arca que se baloiça na água, perdidos os seus tesouros e vazia de toda a força mecânica que a animou. Os despojos de Bizâncio jazem ali sem outro sentido que o de satisfazer ainda a vaidade daqueles que, diante da catedral, esperam as badaladas que os mouros martelam sobre a Torre do Relógio. Faz-se um silêncio: todos olham o sino onde vão caindo as pancadas com lentidão tão fleumática que se espera a todo o momento uma interrupção. Porque olham e se calam esses mil e mil turistas que cobrem os braços com folhas de papel para entrar na igreja? Eles espiam o formalismo e a emoção com uma avidez repelente. Veneza, como nenhuma outra cidade, excita-os e promete-lhes uma sensação fácil, um gozo em que os próprios sentidos não se desligam demasiado do ser cívico e moral, que preferem fazer regressar intacto. Subitamente tudo se converte numa tristeza moribunda, e centenas de pessoas de todo o mundo não conseguem povoar Veneza; ela parece mergulhar devagar nos mares com um ralo onde se presente o cheiro das profundidades, insidioso e quase voluptuoso também.

Verão.

Havia diante de nós três meses compridos, sem praia e sem mudanças. O calor varava a ramada sobre o pátio, e o banco de jardim que lá estava só lhe faltava crepitar e arder. Acho que era por se dar ao respeito, como banco e não madeiro velho, que ele não se punha a fumegar. Vinha da mina uma água fria e saborosa,

e ela só alegrava a mesa de Verão; o seu gorgolejar na treva de xisto da mina dava uma impressão de calma e abundância.

Verdade.

Falei da verdade que seria como essa descida de Orfeu aos infernos, para ir buscar Eurídice, e que não pode haver uma dúvida, porque se se olha para trás desaparece aquele objectivo, que é trazer aquela figura que morreu; e imediatamente deixa de ser uma verdade se é sujeita à dúvida, se se olha e se se duvida que ela nos segue, imediatamente ela fica perdida como tal. E eu acho que essa obscuridade pertence à verdade, a verdade nunca há-de ser luminosa, nunca há-de ser clara, ela é sempre procurada mas nas trevas e pertence às trevas.

Versos.

Raramente leio versos; porque me escandaliza que somem palavras como se fossem explicações de dicionário e não as usem como uma «química certeza». *The chemical conviction*, como diz a Dickinson.

Vertigem demográfica.

Entre os conceitos que circulam nesta época sobre o Ano Novo, deparei com um que me deixou perplexa. Dizia assim: «Não creio que possa haver solução para nada, excepto se forem destruídos três quartos da humanidade.» Quem escrevia isto era um homem de boamente, votado à saúde pública, e até dotado duma natureza compassiva. Desempenha na sociedade um cargo de responsabilidade, mas decerto sem estar precavido contra a angústia das suas limitações, tanto técnicas como económicas. Sofre por não poder ser eficaz; e, assim, perante a vertigem demográfica que desvirtua as leis e os costumes, toma uma atitude desesperada. A imaginação, bloqueada pelo sentimento de fracasso, recorre a uma filosofia algo pedante no arrojado da opinião drástica.

Vestuário.

Sempre considerei o vestuário como uma linguagem mais expressiva do que a própria palavra. Tem a mesma importância simbólica, talvez mais ainda; realça, como a palavra, a dignidade social; corrige defeitos, cria ilusões, comporta-se, enfim, como um gestor do ideal dominante, que tanto pode ser religioso, como cortês, como patronal.

*

O exemplo de Emma Bovary, tão ardente em endividar-se por sedas, xales, fitas, faz pensar que as mulheres são muitas vezes vaidosas contra seu prazer: por arranque da desilusão, para encobrirem uma carência funesta do coração. Não há um único homem perigoso que não respeite o vestuário, seja uniforme, seja uma túnica. O vestido de Jesus devia ser raro, porque o jogaram aos dados os soldados. Impregnado de suor e sangue, teve no entanto quem o disputasse; porque o vestido duma pessoa extraordinária desafia que a devam, que a reduzam ao comum. É tudo quanto podem partilhar, um rito, não a presença.

Também José do Egito teve uma túnica de várias cores que o tornava motivo de inveja. Não era possível descobri-lo quando passava entre os vidoeiros ou se sentava no chão vermelho. Tudo via, e não o viam a ele. Os poetas e os profetas são assim, usam disfarces que os tornam semelhantes a tudo o que os cerca.

Vestuário feminino.

Em cada época, a liberdade de fazer alguma coisa necessita de ser simbolizada no quadro do acessível à sua realidade. O traje, tal como nos é apresentado, é o símbolo tanto do trabalho como do repouso, do esforço e do seu produto. O lenço significa a infinita modulação das intenções para com a comunidade e o homem em particular. Pode ser usado como uma divisa de aceitação, de convite ou de isolamento; pode querer dizer sujeição ou independência; pode falar dum estado económico e um estado de espírito, conforme ele foi escolhido, preso na nuca ou debaixo do queixo, levantado sobre a cabeça, frouxo no pescoço, cruzado no

peito. A mulher de haveres lançava indolentemente o lenço mostrando que o fácil desatar das pontas era natural ao seu ócio e vida sem freimas. Mas a que trabalhava, a assalariada, cingia o lenço como um turbante, escondendo os cabelos, abrigando-se com ele e, de certa maneira, renunciando a exprimir outra coisa que não fosse submissão.

Também o avental era um símbolo de luxo ou de sujeição. Quando diminuía de tamanho, ia sublinhando a independência do trabalho mais duro e servil. A fabricanta, a doméstica, a bordadeira, usavam pequenos aventais; no traje mais rico, o avental era enfeitado com uma fantasia sem limites; a cor tinha um significado especial. O avental, no traje feminino, é um extraordinário símbolo sexual, mais do que a chinela e o saiote vermelho.

Viagem.

Dizia eu que não se viaja senão para negociar, ou a pretexto disso. As pessoas têm medo de serem inúteis; de tomar um caminho sem destino, sem a corrupção dos interesses contratuais. Tirar fotografias é ainda uma forma de subtrair paisagens e obter algum lucro. Mas o doce conforto na memória, o amor da recordação que é a cultura mesma, em geral não acontece.

*

Os Portugueses é certo que só raramente são amigos de viagens. O carácter móbil da época feudal, em que o senhor se deslocava conforme o território era sua conquista e propriedade, ainda perdura no espírito da gente. Só que hoje os homens se movimentam para marcar terrenos onde o negócio é fértil ou provável. Isto, de resto, é uma atitude mundialmente aceite e reconhecida. O lado cultural da viagem perdeu-se. Resta só a integridade do ofício de trocas, e uma breve curiosidade crítica, superficial e distraída.

Vieira da Silva, Maria Helena.

Falava pouco. Olhava, sobretudo. Olhava com uma intensidade fria, como se estivesse a atravessar um rio e se dividisse entre

o perigo e o prazer. O fundo arenoso onde se recortavam peixes prateados dava-lhe aquela expressão suspensa e maravilhada; mas, de repente, o remoinho da água trazia a noção da forte corrente, e, um pouco mais, era a dúvida, um temor concentrado, a razão alertada. O rosto exprimia angústia, os olhos abriam-se mais e ganhavam uma cor cristalina.

Villon, François.

Sempre o imagino vestido de retalhos, servindo de modelo a Vieira da Silva; há nele uma imobilidade feroz, mesmo quando é mais irrequieto. O diálogo entre a nobreza que se estuda e a realidade que se vive, é nele levado até à alta comédia. Como as pessoas que se interessam pouco pelas matérias didáticas – honra, esperança, respeitabilidade, Villon nunca assume a tragédia. Também não é trágico, decerto porque há nele um esplêndido truão. «Um Sileno» – como diz Alcibíades. Haverá de facto muitas coisas belas dentro desse Sileno de nariz esborrachado? Talvez não. A beleza é o que resta quando um homem de sangue frio desperta para o que é mudável.

Vimioso (Conde de).

Só por si, era popular, galante e homem de grande força muscular. Não um marialva, porque esses eram os janotas que bazofiavam de brios com espanholas e de esperas de toiros na Calçada do Carriche.

O Conde de Vimioso era um fidalgo no sentido mais fino da palavra que era cultivada pela gente vulgar e significava modelo a celebrar, se não a seguir. Como Ulisses foi na antiguidade – um perfeito animador do mundo patriarcal e que, se não fosse a extravagância desses homens desconcertantes, era um mundo muitíssimo enfadonho.

Correspondia a essa ideia salutar do valente que não é brigão, do perdulário que não é insolente e do libertino que não é ordinário. Era o contraponto necessário ao frade pedinchão e à corte mesquinha. O povo gostava dele como se gosta duma figa de aze-

liche: cortava os ares toldados por um diabo saloio que percorria a cidade dando-lhe o aspecto duma horta de laranjeiras, «éden de merceeiros ricos».

Violência.

A sociedade prosseguirá em estado de violência, porque o homem não prescinde da sua enfermidade moral que é achar-se inútil num mundo que não criou.

Virgílio.

Entre os preciosos documentos reproduzidos por processos tão apurados que não deixam lugar ao papel das elasticidades caro às economias, estava o retrato de Virgílio. Parecia-se muito ao grego inventado pelos romanos. Fino, algo tímido, vestido de branco; como um escravo de estimação em cujos grandes olhos inocentes pairasse a lembrança da Tessália pródiga em encantamentos. Mas não só isso.

O artista apanhou a aura de Virgílio, que é uma espécie de impersonalidade grandiosa. A obra apagou os traços míseros ou soberbos; a boca é uma linha em que se não combinam emoções; o rosto é liso, e percebe-se a cortesia duma solidão irrecuperável. Não a solidão dos manuais da vulgaridade em detalhe, aquilo que faz a fortuna dos neurologistas, dos psiquiatras e até a dos escritores. Mas a solidão perversa, isto é, criadora. Essa que se tem por liberdade excelente; por dom, capacidade, virtude, e não defesa.

Num espaço da nave da Unesco, estava esse retrato, tão elegante quanto sem exuberância alguma. Virgílio está sentado e olha em frente, com ar dum favorito que se preocupou em parecer obediente. Tem uma espécie de arca ao pé; e do outro lado a estante que parece de ler música e que é onde desenrola os manuscritos. Tem, de facto, na mão o rolo da *Eneida*, pois é um retrato de circunstância. Os homens de génio são frugais nos sentimentos; não se ajusta a Virgílio a ideia de ele querer destruir a *Eneida* antes de morrer.

É o Virgílio ainda das *Bucólicas* que nos olha de maneira paciente; a austeridade é nele modulada pela tristeza consolidada e

que já não é triste. Não o drama do exílio que se desdobra através do conhecimento directo dos factos do seu tempo: a expropriação das terras dos simples camponeses em favor dos guerreiros veteranos. A miséria convida a uma nova aspiração de sociedade; mas nos olhos sérios de Virgílio reconhece-se um segredo espantoso. Ele sabe que a Natureza tem perigosos campos impossíveis de cultivar; se o homem tenta desbravá-los, mesmo movido duma nobre exaltação, é certo que acaba por se perder e recuar até à animalidade. O que faz o rosto impessoal do poeta mantuano é o conhecimento, intolerável quase, desse limite entre o estado de civilização e de barbárie. Não lhe resta lugar para a expressão, ao que foi ao fundo dos abismos e regressou.

Chama-se a Virgílio um enigma aberto – o que está na carneira dos tempos. Pela sua condição poética em que a anunciação do homem se verifica, ele reúne todos os predicados do amor, do génio, e da renúncia. É grande e ignora-o por singular incapacidade de corrupção. Não é um homem de doutrina; é um homem sensível que procura a harmonia das almas, tanto como a resistência do mundo pela vontade dos simples que trabalham. Ao contemplar o retrato de Virgílio, na galeria da Unesco, no caminho do bar e duma porta de saída para a cidade húmida e turbulenta, penso no luto de Orfeu que todos nós trazemos connosco, debaixo das mais ecléticas roupagens. Orfeu fracassa, pois não consegue arrancar aos abrigos tenebrosos da morte a querida Eurídice. Quem triunfa é Aristeu; triunfa pela docilidade e a paciência, contrariando o duro destino com o trabalho do seu braço.

Viver.

O Homem não se cansa de viver. E nós vemos que é mais fácil morrer em jovem, que morrer em velho. Há um livro de um escritor francês, de que não me ocorre o nome, em que há um homem distinto, um médico, que chega ao fim da vida e a quem o filho tenta convencer – quando ele já está para morrer, já moribundo – que é natural que a pessoa velha, que viveu muito, morra, que não tem de sentir pena por morrer. E o pai diz: «Pois é, por

isso mesmo; porque vivi muito e porque sei o que é viver é que tenho pena, por isso é que me custa muito mais.» Enquanto que vemos a serenidade com que um jovem desafia a morte. Senão não ia para a guerra. Os jovens consideram, de certa maneira, que a vida não tem importância.

Voadores (objectos).

Os jovens não têm mestres e os mestres não têm doutrina, a não ser velhas artes de mandar e resistir. E com isto cresce uma obscura melancolia que faz correr o cidadão para o lugar onde se diz aparecem engenhos voadores. A matéria pede socorro à matéria que a ultrapassa. Ainda há dias, tudo se alvoroçou com mais ardor do que o que manda a simples curiosidade. As pessoas iam depressa, depressa, nos seus carrinhos ligeiros, contemplar não sei que luz entre a terra e o mar, ali pelos lados de Leça.

Vocação.

A decisão é um estado singular. Hoje entendo que tão forte ânimo há em ser monge como em ser artista. Nos dois casos se economizam paixões e se merecem rigorosas advertências. Quem sabe o que são críticos sabe o que são sermões; tanto de glória como de trevas.

Nós, hoje, que mudamos ligeiramente de profissão e do espírito que lhe é preciso, não sabemos o que era dantes fazer um voto para toda a vida. Sabem-no só os que, de repente, se amarram às artes e deixam tudo para as venerar e seguir.

*

Eu tenho só uma [vocação], que é escrever. Usar a palavra, dar-lhe vida, confiar nela para que nela vejam verdades poderosas, como a de sermos destinados a coisas maravilhosas.

Falar no maravilhoso, hoje em dia, é um risco muito grande. Que digo eu? Um risco, não; uma espécie de loucura. Sejamos loucos quando os sensatos falham, e vamos pensando como encarar o maravilhoso.



DICIONÁRIO IMPERFEITO

Edição © Guimarães Editores, SA
Texto © 2008, Agustina Bessa-Luís
Desenho © 2008, Alberto Luís

Esta edição foi composta em
Adobe Garamond por Rita Lynce
e impressa em papel 80 gr. Munken Print,
por Tipografia Peres para Guimarães Editores
em Junho de 2008

Impresso em Portugal

ISBN
978-972-665-526-8

DEPÓSITO LEGAL
278641/08

GUIMARÃES EDITORES, SA
Rua da Misericórdia, 68
1200-273 LISBOA

